

Ton Martins

The background of the cover is an abstract, flowing, and swirling pattern of translucent, colorful smoke or liquid. The colors transition from a deep red at the bottom, through orange, yellow, green, and blue, to a vibrant purple at the top. The flow appears to be moving upwards and to the right, creating a sense of dynamic movement and connection.

Conexões:

perspectivas transcendentas comparadas

Ton Martins

Conexões:

perspectivas transcendentais comparadas



Wellington Martins Junior

Conexões:
perspectivas transcendentais comparadas

2ª edição

Jundiaí - SP
2020

Projeto gráfico e diagramação: Lucia Fontes

Revisão: Wanderley Carvalho e Paloma Ferraz

Capa: Lucia Fontes

Imagem de capa: Oaurea | shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

M386 Martins, Ton.

Conexões : perspectivas transcendentais comparadas
[recurso eletrônico] / Ton Martins. – 2. ed. – Jundiaí :

W. Martins Junior, 2020.

Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5854-997-0

1. Conscienciologia. 2. Consciência. 3. Filosofia e
ciência. 4. Espiritualidade e ciência. 5. Cosmovisão. I.
Título.

CDD23: 130

Todos os direitos reservados.

Proibida a cópia, reprodução ou duplicação desta obra, no todo ou em parte,
sem a autorização expressa do autor.

AGRADECIMENTOS

Cinco pessoas foram fundamentais na realização desta obra,
quatro delas, meus familiares:

Carla Nardi Martins, que manteve meus pés no chão.

Gabriel Nardi Martins, com suas reflexões contundentes.

Giulia Nardi Martins, com suas inspirações.

Adua Schiavi Martins, pelo hercúleo esforço na minha criação.

Wanderley Carvalho, maior incentivador e revisor da obra.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Wanderley Carvalho	13
--------------------	----

INTRODUÇÃO

Isso <i>versus</i> aquilo	17
---------------------------	----

PRIMEIRO BLOCO: Conceitos preliminares

1. Cosmos e kosmos	35
2. Hólon e holarquia	41
3. O método na Ciência clássica, na Filosofia Integral e na Conscienciologia	53
4. Paradigmas materialista, consciencial e integral	65
5. Os três olhos do pluralismo epistemológico integral	77

SEGUNDO BLOCO: Elementos da Filosofia Integral

6. Primeiro elemento: níveis	97
7. Segundo elemento: linhas	119
8. Terceiro elemento: estados	147
9. Quarto elemento: tipos	157
10. Quinto elemento: quadrantes	165

TERCEIRO BLOCO: Postulados da Conscienciologia

11. Multidimensionalidade e multiexistencialidade	193
12. Holossomaticidade e pensenidade	201
13. Projetabilidade e bioenergeticidade	219
14. Assistencialidade, cosmoeticidade, maxifraternidade e universalidade	231

QUARTO BLOCO: Epifanias

15. Sou, logo existo	249
16. A quarta “dessoma”	267
17. O autor modela a obra ou vice-versa?	275

POSFÁCIO: Teoria e prática

18. Estágios do desenvolvimento moral	285
---------------------------------------	-----

ÍNDICE DETALHADO	300
------------------	-----

Prefácio

Wanderley Carvalho



Tecer comentários que façam jus à robustez teórica e vivencial deste livro constitui-se em desafiadora tarefa, haja vista os vários atributos que necessitariam ser pontuados e discutidos para que tal propósito fosse atingido a contento. Afinal, a sinergia entre a temática enfocada e a abordagem utilizada pelo autor fazem com que adjetivos como “ousado”, “provocativo”, “instigante” e “contundente”, embora merecidos, estejam bastante aquém de traduzir fielmente o significado deste valioso trabalho intelectual. Além disso, não posso correr o risco de contaminar demasiadamente os leitores com meu ponto de vista, antes ainda que eles tenham tido a oportunidade de dialogar diretamente com o próprio autor. Que fazer?

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Os olhos enxergam de onde os pés pisam, diz o teólogo Leonardo Boff. Do meu lugar de educador, dirijo quase que instintivamente meu olhar para o processo que culminou com esta obra. O produto, o resultado de tal processo, está agora devidamente materializado e ao alcance do leitor que, dessa forma, fica livre para ter suas próprias impressões. Início meu exercício, que prefiro chamar de contemplação crítica, tomando de empréstimo parte das ideias de Joseph Campbell, uma das maiores autoridades do mundo em mitologia. Em suas considerações a respeito da importância dos mitos na existência humana, Campbell inclui a chamada “saga do herói”, na qual defende haver íntima semelhança entre uma jornada heroica e a vida de cada um de nós.

Dos dois tipos de proezas que, segundo Campbell, podemos realizar nessa jornada, atenho-me à que ele denomina “espiritual”. Tal proeza ocorre quando o indivíduo aprende ou encontra uma maneira de experimentar um nível da vida espiritual humana mais elevado do que aquele em que se encontra e, posteriormente, volta para comunicar sua vivência aos outros. Nesse percurso, recria-se a si mesmo e oferece condições para que ele próprio e seus semelhantes partam em busca de novas realizações e novos retornos. Trata-se, em suma, de um infindável ciclo partida – realização – retorno.

Pois bem, esse estudioso incansável e disciplinado chamado Ton Martins acaba de retornar de uma vivência para a qual partiu há mais de uma década – talvez duas ou até mais – e nos comunica, por meio desta obra, não apenas suas realizações, mas as reflexões e considerações que elas suscitam.

Uma jornada heroica, diria Campbell; uma atitude educativa, ousaria eu acrescentar. Afinal, no que mais consiste o ato de educar senão em comunicar a um grupo de pessoas – que nossa sociedade convencionou chamar de “alunos” – nossas experiências e concepções a respeito de um determinado assunto?

Concluída a leitura, a comunicação do relato terá se consumado. Aos que decidirem partir para suas próprias buscas, pautadas pela vivência aqui sintetizada, boa viagem. E um feliz retorno!

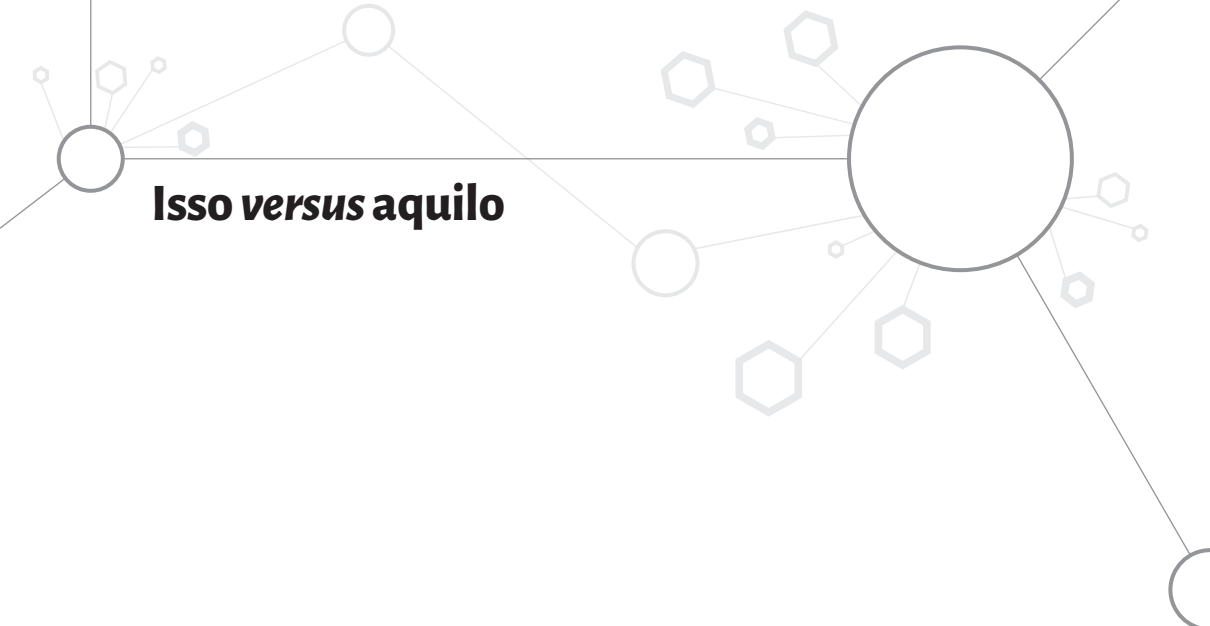
Jundiaí (SP), julho de 2014

Wanderley Carvalho

Introdução

Isso *versus* aquilo





Isso *versus* aquilo

Quem não gostaria de ter conhecimento e solidez intelectual suficiente a ponto de ser reconhecido mundialmente como *Einstein da Consciência*? Ken Wilber recebeu tal epíteto, não somente por sua precoce sagacidade e maiúscula capacidade de absorção e associação de informações supostamente desconexas, mas também por consistente mapeamento de caminhos evolutivos por cinco elementos de sua filosofia, que adjetivou de *integral*, aclarados no segundo bloco desta obra:

1. Níveis
2. Linhas
3. Estados
4. Tipos
5. Quadrantes

Nos próximos capítulos, explicarei sinteticamente os preceitos necessários à compreensão da Filosofia Integral e seu pluralismo epistemológico, além das impactantes conexões com alguns postulados do Cristianismo, da Conscienciologia, além das relações com conceitos pitagóricos, ensinamentos *holárquicos*, mandamentos filosóficos e inúmeras epifanias pessoais.

A Filosofia Integral trouxe-me clareza sobre um dos mais completos mapas da existência humana que tive a oportunidade de estudar, além de diferenciar e integrar a beleza das artes, a verdade das ciências e a moral coletiva; tudo com espetacular abrangência, conectado aos quatro cantos

de um universo multidimensional e em empolgante diálogo com grandes pensadores da história humana, enfim, uma inusitada integração de variadas teorias e autores, *de Buda a Freud*.¹

O estudo da Consciência, aqui entendida como sinônimo de alma, espírito ou ser essencial, acenou-me com a possibilidade de nossa essência assumir-se como pesquisadora de si própria, ou seja, como *sujeito* ativo e concomitantemente o próprio *objeto* ou foco da pesquisa. Dessa forma, pesquisador e pesquisado estão concentrados em um único ser, que será autodesnudado pela análise atenta de seus veículos de manifestação e respectivos produtos – pensamentos, sentimentos e ações – também avaliados no decorrer desta obra, tudo sob a égide de sete postulados estruturais explicitados no terceiro bloco através dos seguintes neologismos:

- Multidimensionalidade
- Multiexistencialidade
- Holossomaticidade
- Pensenidade
- Projetabilidade
- Bioenergeticidade
- Cosmoeticidade

Iniciei esta obra como uma jornada pessoal e anotei conceitos lado a lado, buscando convergência máxima entre tudo que lia e todos os cursos que fazia nas mais diversas áreas, da política à espiritualidade, das ideologias tirânicas às libertárias, do Direito à Psicologia. Portanto, a presente compilação não se resume ao meu estudo jurídico, psicológico, filosófico ou científico, tampouco à Filosofia Integral ou à Conscienciologia, pois utilizei essas últimas estruturas “apenas” como um polo centrípeto ou base agregadora de conhecimentos de meu interesse, inicialmente soltos em meu espaço mental e posteriormente alocados sobre um único eixo.

Os postulados em torno de temas transcendentais foram meus focos principais e outorgaram-me interessante alicerce para acolher e compreender

¹ Referência ao título de uma das obras WILBER, Ken. Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004.

os mais variados estudos, como forma eficaz de agrupar cada autor no seu respectivo *quadrante*,² além da condição de melhor interpretar suas teorias e identificar as respectivas lacunas.

Reconheço a facilidade pessoal para assimilação de informações através dos peculiares neologismos conscienciológicos, porém recuso-me a ignorar outras importantes vertentes do conhecimento humano por conta de uma certa dificuldade com a linguagem arcaica, frequentemente ligada a terminologias antigas. Em suma, as Tradições de Sabedoria (em especial a tradição cristã), as vertentes orientais, os postulados pitagóricos e de pensadores pretéritos, além da própria Filosofia Integral, a meu ver, podem e devem receber comparação e confronto com qualquer ramo da ciência, obviamente sob a égide da urbanidade, distante da competitividade excludente e bastante próximo do espírito cooperativo centrado na suplementação informacional recíproca.

O problema da ambivalência

Diante de vertentes de notável abrangência, mas aparentemente antagônicas – uma decidida a integrar arte, ciência e religião,³ outra interessada exclusivamente em estruturar-se como ciência⁴ – passei a estudar ambas e pesquisar suas ligações externas com as demais áreas e artefatos do saber humano. Objetivei a comparação entre tais vertentes e a verificação de qual delas ofereceria um campo teórico e prático adequado as minhas inquietações intelectuais e curiosidades pertinentes a todos os campos do conhecimento, em especial a esfera transcendente.

Adianto ao leitor que, desde a infância, detenho curiosidade aguçada sobre a transcendência, mas também uma tendência científica natural. Haveria uma ponte possível entre tais gostos? Surpreendi-me positivamente ao verificar a extraordinária utilidade dos conceitos e mapas wilberianos, cuja visão unia todos esses aspectos. Utilizei vários constructos⁵ da Filosofia Integral e seus cinco elementos, bem como

2 Termo wilberiano que, por ora, podemos entender como jurisdição, território ou setor.

3 Filosofia Integral: proposta integrativa da arte, religião e ciência.

4 Conscienciologia: exclui de seu aparato técnico tanto a arte quanto a religião.

5 Constructo: o “c” mudo foi suprimido pela nova ortografia, mas mantido pelo autor.

os experimentos da Conscienciologia, sem descarte da minha individualidade, juízo crítico, filtros e estilo personalíssimo. Iniciei e concluí cursos, dinâmicas e assimilei vorazmente as obras conscienciológicas,⁶ integrais⁷ e alguns clássicos científicos e filosóficos como sistemas abertos, em abandono ao dilema fechado representado pela expressão “isso *versus* aquilo”.

Passei a aplicar técnicas plurais, mas havia um grande problema, pois a Conscienciologia distanciava-se das religiões e a Filosofia Integral visava o estabelecimento de um método integrativo, aproximando-se das religiões. Existiria espaço para conciliar o que, a princípio, parecia-me inconciliável? Julguei impossível a edificação da ponte que superaria esse abismo e uniria tais perspectivas, enfim, desenhava-se um óbvio e futuro conflito: Filosofia Integral *versus* Conscienciologia.

Contudo, o que preteritamente apresentava-se como uma escolha excludente, surgiria no presente como um desafio factível, que culminou em garimpo intelectual frente às respectivas propostas e demais autores envolvidos em vários outros ramos do conhecimento humano, obviamente com suas divergências e dissonâncias, mas, acima de tudo, com seus conceitos assistenciais, saudáveis técnicas e bússolas apontadas para um horizonte coerente e evolutivo. Em apertada síntese, emergira naturalmente minha pesquisa: “isso *e* aquilo”.

O que é Consciência?

No contexto desta obra, o termo *Consciência*, quando iniciado com letra maiúscula, será utilizado no sentido conscienciológico, ou seja, para designar o princípio individualizado e organizador de nossa existência ou, em palavras mais simples, aquilo que somos em essência. Reconheço inúmeras variações de significados, a exemplo da Filosofia Integral que diferencia os termos *alma* e *espírito*; apesar disso, genericamente, podemos dizer que essa *essência individualizada* ou *Consciência* não se confunde com corpo físico, energia, emoção ou pensamento.

6 O termo conscienciológico, no contexto desta obra, se refere à Conscienciologia.

7 O termo integral, no contexto desta obra, se refere à Filosofia Integral.

A literatura considerada *transcendente* usa como sinonímia de Consciência, não raro também iniciado por letras maiúsculas, os termos *alma*, *atman*, *ego*, *espírito*, *essência*, *eu superior*, *individualidade*, *mente*, *mônada*, *self*, *ser essencial*, *testemunha*, entre outros.

Estudiosos da Consciência diferenciam essa entidade existencial de seus veículos de manifestação, a saber: *soma*,⁸ *energossoma*,⁹ *psicossoma*¹⁰ e *mentalsoma*.¹¹ Nesse diapasão, comprometo-me a justificar, até o final desta obra, porque considero a frase atribuída a Descartes, “penso, logo existo” (*cogito ergo sum*), passível de aprimoramento para designar a existência. Na esteira dessa trilha transcendente, advogarei com argumentos que considero racionais, uma expressão substitutiva e mais abrangente ao pensamento cartesiano.

A hipótese da existência além do pensamento transcenderá sua união univitelina com o corpo mental e gerará alguns questionamentos sobre as tradicionais figuras conscienciológicas representativas do veículo do discernimento e da própria Consciência. Não estou propriamente negando o postulado conscienciológico, mas sim colocando-o de uma forma que simbolize melhor minha própria visão sobre a transcendência. Assim, não somente coloco em dúvida a hipótese do pensamento como “o” agente identificador da existência, mas também proporei uma outra imagem representativa para a relação entre corpo mental e essência.

Desde logo, aceitarei eventual crítica por tangenciar a *Mateologia*, mas minha construção racional a favor da transcendência ao reducionismo materialista levou-me a postular as conclusões aqui expostas. Resta-me a esperança de positivos questionamentos, reflexões e diálogos suplementares.

8 Soma: corpo físico.

9 Energossoma: corpo energético, corpo bardo (tibetanos), corpo vital (rosacruzianos), duplo etérico (inúmeras linhas espiritualistas), veículo do prana, etc.

10 Psicossoma: corpo das emoções, carne sutil da alma (Pitágoras), carro sutil da alma (Platão), corpo astral, corpo desencarnado, corpo dos desejos (rosacruzianos), *kama-rupa* (budismo esotérico), perispírito (Allan Kardec), segundo corpo (Parapsicologia), sexta consciência (budismo) etc.

11 Mentalsoma: corpo da sabedoria, sétima consciência (budismo), paracorpo do discernimento.

A Conscienciologia

O sufixo -logia, do grego *lógos* (palavra, discurso, linguagem, estudo, teoria) é o elemento linguístico que exprime a noção ou campo de estudo, um conjunto de conhecimentos sobre tema específico. Conscienciologia, portanto, é o campo de estudo da Consciência e suas manifestações, interações, capacidades, percepções e relações materiais e imateriais.

Apesar de ter constatado rotundas falhas políticas na Conscienciologia (dissonância entre ações centralizadoras de poder e discurso descentralizador), interpreto-a como um movimento sadio que pretende “jogar apenas a água do banho”¹² (mistificações embusteiras) e preservar sadicamente o “bebê” (Consciência) como objeto de pesquisa. O paradigma¹³ consciencial (existência objetiva da consciência, alma, espírito, *self* ou outros sinônimos) trouxe uma perspectiva peculiar para a espiritualidade, com excelentes ferramentas para experimentações técnicas, a fim de transcender o materialismo grosseiro ou niilismo radical.

Do modelo científico clássico, esse ramo do conhecimento extraiu a lógica, a racionalidade, o gosto pela experimentação e repudiou o apego, o fascínio paradigmático, as “gurulatrias” e o hermetismo, muito embora eu tenha constatado tais características em muitos de seus integrantes.

A proposta *conscienciológica* difere consideravelmente do modelo *integral* no tocante à terminologia, em especial ao uso e criação de neologismos em larga escala. Mantém ainda parciais objeções sobre os limites da jurisdição científica e não integra religião em seus postulados, sempre com o contundente acréscimo da importância visceral do aspecto vivencial.

Parece-me nascer da Conscienciologia um método para alcançar informações transcendentais através de técnicas precisas e catalogadas, com valores e instrumentos que a colocam como candidata a atrair os holofotes dos buscadores de uma cosmovisão desprovida de religião, mas que também

12 Alusão jocosa à expressão idiomática “jogar o bebê com a água do banho”.

13 Paradigma: termo bastante desgastado e talvez usualmente mal compreendido por intérpretes da obra *A estrutura das Revoluções Científicas*, do físico e filósofo estadunidense Thomas Samuel Kuhn, mas que, nesse caso, exprime a perspectiva multidimensional da existência.

integre a multidimensionalidade para além do materialismo. Opostamente, a Filosofia Integral visa justificar e validar alguns pontos convergentes entre as religiões.

Esta obra mostrará perspectivas que ampliam a visão meramente materialista. Discordo de qualquer interpretação que considere tais vertentes como panaceias salvacionistas, porém admito o potencial positivamente transformador de algumas técnicas, especialmente para mitigar traços fardos e otimizar características edificantes, motivo pelo qual comparilharei com o leitor o Quadro I.1, no qual constam as principais diferenças entre a concepção que inclui a Consciência, ao menos como possibilidade, e a materialista grosseira, onde tudo que existe é mero epifenômeno material.

Quadro I.1 **Comparativo entre os exemplares materialista e consciencial**

Inclusão da Consciência (espiritualismo)	Exclusão da Consciência (materialismo)
Consciência e Holossoma ¹⁴	Soma ¹⁵
Multidimensionalidade	Intrafisicalidade
Multisserialidade ¹⁶	Unisserialidade ¹⁷
Parapsiquismo e sentidos físicos	Cinco sentidos físicos

A Filosofia Integral

No sentido usado pela filosofia wilberiana, o termo *integral* pressupõe a junção de partes, união, integração, reconciliação, conexão, enfim, algo que abraça, abarca e, como no sentido literal, integra. Wilber esclarece expressamente que o termo integral não possui o sentido de uniformidade, nem relação com a tentativa de eliminar multiplicidades ou diferenças.

Notei, com especial satisfação, que a Filosofia Integral não se harmoniza com o conceito anti-hierárquico de homem genérico, padroniza-

¹⁴ Holossoma é o conjunto de todos os corpos ou veículos de manifestação que, para a Conscienciologia, são quatro: soma, energossoma, psicossoma e mentalsoma (Capítulo 13).

¹⁵ Soma, neste contexto, significa corpo físico ou biológico.

¹⁶ Possibilidade da Consciência experimentar várias vidas ou séries existenciais.

¹⁷ Crença ou defesa da existência de apenas uma vida ou experiência corpórea.

do, previsível ou cuja condução possa ocorrer sob perspectiva exclusivamente determinista, seja ela coletivista ou individualista, socialista ou liberal, generalista ou detalhista. Entre as propostas antagônicas, como as de Karl Marx¹⁸ e Adam Smith¹⁹ ou Freud²⁰ e Gautama Buda,²¹ além de outros autores e teorias considerados contraditórios, Wilber aponta contextos específicos nos quais emergem equívocos e acertos parciais em níveis e *quadrantes*. Existe uma ideia wilberiana que me é clara: *diferenciar sim, dissociar não*.

Imagino o termo *integral* muito além das ideias pretensamente monopolizadoras da virtude ou detentoras da grande solução para todos os infortúnios cósmicos. O significado mais profundo parece combinar-se com uma forma de individualização sem desconexão e legitimação de um abrangente abraço à arte, à ciência e aos valores morais, com o propósito de desnudar suas conexões em fantástica teia multidimensional. Refratária à ilusão de uma igualdade proposta por inocentes saudosistas românticos, a Filosofia Integral advoga o respeito à diversidade, numa tentativa de harmonização consciente, onde há espaço e oxigênio para a convivência dos pronomes *eu, nós e isso*, ou seja, a pacificação entre:

1. Individualidade:²² o subjetivo, o meritório, o estético, o artístico.
2. Coletividade:²³ a ética, o justo, o comum, o social.
3. Cientificidade:²⁴ o verdadeiro, o comprovado, o demonstrado.

“O paradigma integral será inteiramente crítico com relação às abordagens que são comparativamente parciais, restritivas, superficiais, menos abrangentes e menos integrativas”.²⁵ Nessa linha de argumentação, Wilber tece críticas ao chamado *reducionismo newtoniano cartesiano*, que também será objeto de análise no decorrer desta obra, em fomento e estímulo por sua transcendência, porém insistência na sua inclusão.

18 Igualdade e engenharia social, da qual sou crítico e cético.

19 Liberdade na busca de interesses individuais, da qual sou apreciador.

20 Reforço do ego.

21 Morte do ego.

22 Na linguagem integral, condensam-se esses conceitos pelo pronome eu.

23 Na linguagem integral, condensam-se esses conceitos pelo pronome nós.

24 Neste caso, a condensação faz-se pelo significante isso.

25 WILBER, Ken. Uma teoria de tudo, Oficina do Livro: 2005, p. 14.

Os propositores

Waldo Vieira é dissidente do Espiritismo e propositor da Conscienciolgia. Provido de notável acuidade, norteia-se pela lógica e alega possuir farta experiência no estudo parapsíquico, em especial do fenômeno projetivo.²⁶ Manifesta aberta e contundente crítica a qualquer sistema religioso ou dogmático. Pessoalmente, julgo exagerada a crítica de Vieira.

Dotado de impressionante força presencial e aparência exótica, manteve em sua vida uma longa barba e costumava usar roupas brancas. Faleceu em 2015, aos 83 anos. Constatei pessoalmente, em algumas visitas ao professor Vieira, na cidade de Foz do Iguaçu (PR), sua qualidade de trabalhador incansável, tenacidade implacável e personalidade que ele próprio adjetivaria de “javalina” e que rotulo jocosamente de “testosterônica”.

Sem receio de falar o que pensa, sua intensidade impressionou-me, bem como suas opiniões firmes e pontiagudas. Proprietário de escrita peculiar e amante de neologismos, enfrenta corajosamente debates tranquilos ou acalorados. Utiliza, quando necessário, a irreverente ferramenta que denominou de “banana *technique*”.²⁷ Apesar de minhas maiúsculas divergências com Vieira no campo político,²⁸ reconheço aspectos interessantes em sua proposta, que apresentou uma perspectiva inovadora dos assuntos transcendentais.

Ken Wilber, por sua vez, passou pela linha budista e propôs a Filosofia Integral, por meio da qual aponta um sistema que integra arte, religião e ciência, com diferenciações e associações inseridas num abraço *integral*. Também mantém uma apresentação exótica, com a cabeça raspada, estilo sereno e físico atlético, apesar do enfrentamento de alguns problemas de saúde. Intelectualmente brilhante, possui uma escrita conciliadora e busca, de forma competente, a integração – como o nome de sua filosofia sugere

26 Fenômeno projetivo: conhecido como projeção astral ou desdobramento, entre outras variações.

27 “Banana *technique*” é expressão que representa a esnobação, irreverência e humor, ao modo de bordão, dirigida a pessoas não pesquisadoras ou superficiais que inundam o debate com questionamentos vazios. Consiste no gesto de dobrar o braço com a mão fechada, apoiando ou não a outra mão na dobra do cotovelo.

28 No campo político, interpreto a tendência de Vieira mais voltada para o socialismo, enquanto que minha predileção é mais conservadora e focada na autonomia individual (algo entre o Liberalismo Clássico Europeu e o Conservadorismo). Em linguagem conscienciológica, poderíamos dizer que, ao adotar tal postura, utilizo-me do princípio da admiração-discordância.

– além de preferir a análise das questões polêmicas pelo prisma do “parcialmente correto”. Dedicou sua obra *Graça e Coragem*²⁹ a sua esposa, que faleceu prematuramente.

Asseguro ao leitor tratarem-se de estilos diversos e personalidades absolutamente distintas,³⁰ porém ambas dignas de estudo para auferirmos não somente as similaridades de suas vertentes transcendentais, mas também de seus aspectos conflitantes. Um observador atento notará que as características personalíssimas acompanharam as respectivas propostas desses autores, cujo contato está no gosto pela transcendência e estudo da Consciência. A partir desse momento, algumas questões poderão invadir a mente do leitor, como ocorreu comigo:

- Estariam as respectivas propostas em irremediável conflito?
- Quais as eventuais conexões e dissonâncias?
- Existem conceitos complementares de uma teoria para outra?

Este livro pretende responder, ou pelo menos iniciar, uma reflexão franca e desapaixonada sobre tais questões, além de trazer ponderações, suposições e epifanias pessoais emergentes desse processo. Todavia, para iniciarmos essa jornada, o leitor necessitará de alguns esclarecimentos prévios sobre o estilo linguístico de cada autor e da maneira que encontrei para estabelecer uma conexão apta a viabilizar o diálogo entre ambas as teorias e também com os mais diversos autores e filosofias que estudei paralelamente.

Linguagens e bissociações³¹

A Conscienciologia utiliza neologismos que apreciei a princípio, mas atualmente julgo que os conscienciólogos ultrapassaram o limite do uso razoável dos neologismos e adentraram no abuso dos mesmos, o que poderá dificultar a compreensão e interação com outras abordagens.

29 Obra traduzida para o português pelo especialista wilberiano Ari Raynsford.

30 Vieira com expressões mais contundentes e esclarecimentos assertivos, no estilo “soco na cara e fratura exposta” para descartar o que não presta; Wilber com expressões mais doces como “transcendência e inclusão”, em verificação dos “acertos parciais” de cada teoria.

31 O termo bissociação foi proposto por KOESTLER, Arthur. *The act of creation*, 1964. Envolve criatividade, aprendizagem significativa e está além do sim e do não. Também definida como a associação simultânea de uma ideia ou objeto com assuntos que comumente não se relacionam entre si.

Reconheço a importância desse instrumental linguístico na tarefa de encontrar significantes para novos conceitos ou significados, mas não negarei minha preocupação quando percebo a cunhagem de neologismos de forma desnecessária e no mesmo ritmo que milho de pipoca estoura no micro-ondas. Dito isso, julgo importante esclarecer que farei uso dos neologismos conscienciológicos com notas explicativas para os leigos e aplicarei o uso dos sufixos “-ismo”, “-dade” e “-logia” em sua significação clássica:

- -ismo como “caminho de”.
- -dade como formador de substantivos abstratos a partir de adjetivos.
- -logia como campo de estudo.

Opostamente ao que ocorre na Conscienciologia, a linguagem wilberiana resgata termos antigos e traz interfaces com misticismo, religião, ciência, arte e toda hierarquia evolutiva em níveis crescentes de complexidade. Alguns termos específicos, a exemplo da linguagem *conscienciológica*, demandarão esforços dos leitores e trarão dificuldades, felizmente superáveis.

A *bissociação* é a técnica associativa decorrente da justaposição de uma ideia ou estrutura básica com outros diferentes campos, a fim de produzir descobertas, inovações, invenções e captação de ideias originais ou potencialização da criatividade. Trata-se de pareamento conceitual associativo ou correlação inteligente, cujo oposto seria a repetição, a monotonia, a rigidez ideológica e a prisão ou *gaiola mental*.

Haverá contundente desafio interpretativo entre a vocação conscienciológica por neologismos e a preferência wilberiana pelo linguajar milenar das grandes tradições que admitiram correlações multidimensionais. Apesar das diferenças linguísticas, a viabilização dessa conexão será um dos muitos enfrentamentos desta obra, onde o leitor necessitará de perspicácia redobrada para evitar anfibologias³² e contextualizar os *significantes* para entender os reais *significados* dos termos, pois, em muitos casos, palavras

32 Anfibologia é o estudo das construções linguísticas com duplo sentido, considerado um vício de linguagem ou duplicidade de sentido numa edificação sintática, o que permitirá mais de uma interpretação.

consideradas antagônicas por tais vertentes serão utilizadas para representar conceitos semelhantes.

O termo *místico* é típico exemplo: Wilber trata-o com prestígio de significar uma experiência direta, avançada e comprobatória de alguma verdade espiritual, em sentido diametralmente contrário ao empregado pelo linguajar conscienciológico, onde tal significante representa uma experiência marcada pela carência técnica, poluída por rituais ou simbologias confusas, não lúcida, atrasada e sem prestígio algum.

Resguardados os contextos e devidas adaptações, pode-se dizer que a Conscienciologia aproxima o significado de *místico* ao que Wilber entende por *mítico*. Nesse caso, portanto, uma única letra “s”, que diferencia as palavras, fará gigantesca diferença na compreensão contextualizada dos termos. Apesar dos significantes conflitantes, ambas as vertentes diferenciam com clareza as hipóteses de experiências de pico, parapsíquicas, avançadas e lúcidas, das menos lúcidas, mal interpretadas ou embusteiras.

Superada a questão da nomenclatura, obviamente restará a interpretação das identidades, semelhanças e oposições conceituais. Eis a função mais avançada das *bissociações*. Considerei hercúleo esse trabalho, especialmente pela necessidade de transpor tais dissonâncias terminológicas, compará-las, complementá-las, confirmá-las ou negá-las, em complexa dissecação de significados e significantes, para somente então adentrar a verificação conceitual.

Volto a destacar que as pontes edificadas nesta obra foram muito além da comparação entre Filosofia Integral e Conscienciologia, pois atuei livremente pelas mais diversas conexões mentais permitidas pelos meus limites intelectuais.

A jurisdição religiosa

Nesse território residirá o ponto nevrálgico, centro das divergências e possíveis tensões ou antagonismos entre as abordagens. Como afirmei, a Conscienciologia abandonou a postura dogmática; já a Filosofia Integral classifica o vocábulo *religião* em dois grandes grupos com hierarquia valorativa, o primeiro denominado como *translativo* e o segundo, *transformativo*, conforme elucidado pelo Quadro I.2.

Quadro I.2.**Quatro diferenciações entre religião translativa e transformativa, segundo a visão integral**

Religião Translativa	Religião Transformativa
Proselitista	Não proselitista
Focada no LOC ³³ externo ³⁴	Focada no LOC interno ³⁵
Não vivenciada	Vivenciada
Exotérica	Esotérica

Tive a oportunidade de perguntar pessoalmente a Ari Raynsford,³⁶ a quem considero a maior autoridade em Filosofia Integral do Brasil, se a religião transformativa não adentraria na jurisdição científica ou, ao menos, na filosófica, justamente por seu cunho vivencial. A resposta atingiu questões semânticas sutis, pois a apreensão da sabedoria oriunda da experiência, enfrentará possíveis equívocos interpretativos, fato que será investigado no decorrer da leitura.

A jornada do autor

Desde meu nascimento, em 25 de março de 1966, estudei vários segmentos de estudos transcendentais em busca de conceitos claros e úteis para uma análise abalizada e mapeamento da Consciência e seus aspectos existenciais. Muito embora restem desafios e lacunas em todas as vertentes, ousadamente buscarei mitigá-las por meio desta obra. As propostas conscienciológica e integral, associadas aos valores cristãos e autores clássicos da filosofia e ciência, outorgaram-me incrível bússola na aventura do

33 LOC: *locus of control* (local de controle).

34 O LOC externo é uma expressão utilizada para referenciar o comportamento daquele indivíduo que dá excessiva ênfase às influências externas, outorgando-as poderes determinantes e exagerados.

35 O LOC interno é uma expressão utilizada para referenciar o comportamento daquele indivíduo autônomo e capaz de exercer o controle e o domínio de suas manifestações, apesar das influências externas.

36 Ari Raynsford, Doutor em Engenharia Nuclear e Mestre em Engenharia Mecânica pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), e Engenheiro Naval pela Escola Politécnica da USP. Estudioso da obra de Ken Wilber, trabalha há treze anos (ano base 2013) na sua divulgação. Ministra palestras e cursos, coordena grupos de estudo, traduz livros e artigos, além de prestar consultoria a empresas.

autodescobrimento, enquanto Consciência multifacetada repleta de dúvidas, complexidades, limitações e conexões multidimensionais.

A gênese desta obra, bem como sua posterior revisão, ocorreu após apresentação de cento e trinta programas televisivos, a maioria deles sobre transcendência e política. Digno de nota meu reencontro com a proposta da Filosofia Integral, a mim apresentada magistralmente por Raynsford em dois cursos com o objetivo de esclarecer os conceitos integrais e gerar novas oportunidades para a realização pessoal, profissional, familiar e comunitária.

Minha proposta segue os mesmos objetivos, mas pretende agregar à discussão aspectos associativos e eventuais confrontos entre as visões *conscienciológica* e *integral*, além de temas emergentes, que abordarão ou, ao menos, orbitarão reflexões sobre crescimento pessoal e interpessoal, corpos, energias, emoções, mentes e Consciências. Deixo claro ao leitor que respeito tais vertentes, mas mantenho críticas pontuais que externarei no decorrer do texto.

Nesta segunda edição, acrescentarei meus estudos sobre os valores cristãos, feitos com critério investigativo, psicológico, sociológico e filosófico. Embora não os observe do prisma religioso, pois ainda mantenho um fascínio pelos aspectos científicos, julgo tais valores um verdadeiro patrimônio moral da humanidade, merecedores de conservação e do meu mais profundo respeito.

A organização dos capítulos procura uma sequência lógica dos conceitos necessários para a compreensão do modelo integral e seus elementos. Nesse caminhar organizacional, a partir da Filosofia Integral, inseri o olhar conscienciológico, quando julguei cabível, e busquei pontos convergentes e divergentes, além de transcrever conceitos emergentes e *insights* pessoais. Ao leitor, caberá a aventura de trilhar por tais vertentes do conhecimento humano e, na qualidade de autor, cabe-me auxiliar no processo e facilitar:

1. Acesso a ambas as propostas.
2. Emersões criativas.
3. Compreensão das divergências terminológicas e conceituais.

Beba na fonte

Preocupo-me em deixar transparente a separação entre:

- Proposições integrais.
- Proposições conscienciológicas.
- Proposições pessoais.
- Proposições dos inúmeros filósofos e pesquisadores citados.
- Interpretação pessoal das respectivas propostas.
- Novas proposições oriundas dessas conexões.

Insisto no esclarecimento de que as bases conceituais da Filosofia Integral, da Conscienciologia e das inúmeras correntes filosóficas por mim pesquisadas podem, obviamente, ser objeto de consulta direta nas obras de seus respectivos autores, mormente porque meus escritos estão irremediavelmente impregnados por percepções, vivências, filtros, cosmovisão e interpretações absolutamente personalíssimas. Considero vital o esclarecimento de que não escrevo como representante da Conscienciologia, da Filosofia Integral ou dos demais pensadores pesquisados, mas em meu próprio nome e por minha visão subjetiva e particular de cada assunto tratado. Esta obra, antes de mais nada, pretende honrar o título que porta e *conectar* todos os assuntos nela tratados, mas não renunciará à minha própria perspectiva.

Em nenhum momento pretendi escrever como *wilberiano ou conscienciólogo* (até mesmo porque não sou uma coisa nem outra), mas sim como livre pensador. Diante desse cenário específico, senti necessidade ética de sugerir ao leitor sérias ponderações sobre quatro questionamentos antes de adentrarmos aos conceitos integrais e conscienciais:

1. Este é um livro científico?
2. Este é um livro da Filosofia Integral?
3. Este é um livro da Conscienciologia?
4. Este livro representa os pensadores nele citados?

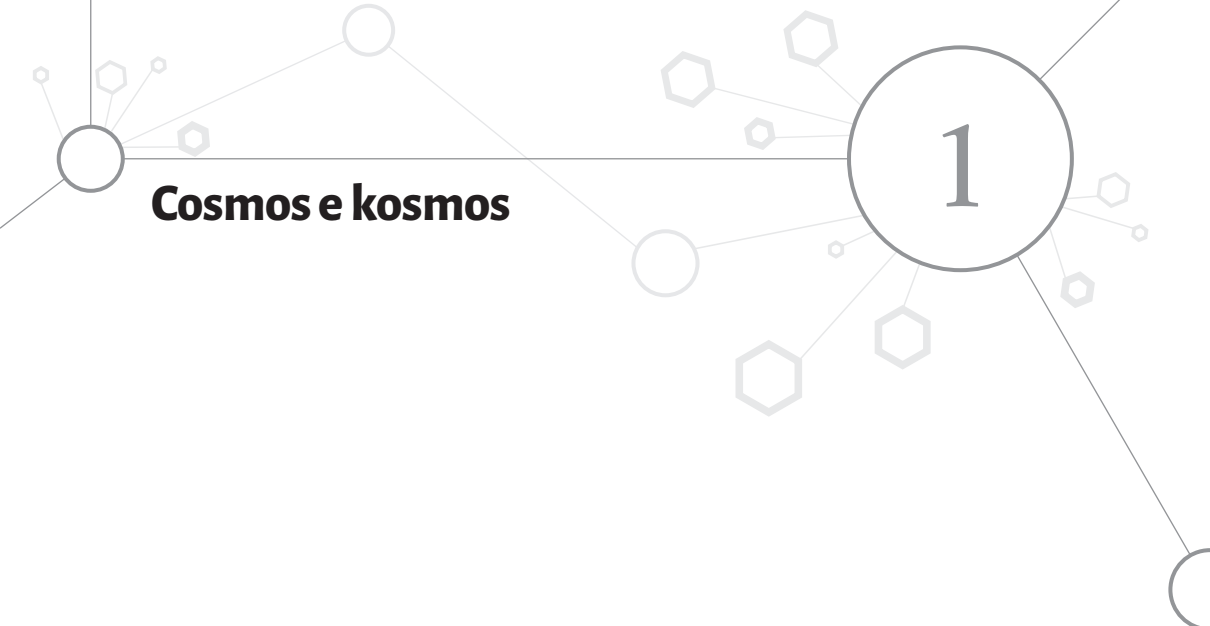
Reitero que as respostas são negativas aos quatro questionamentos, pois insisto que meus escritos têm a pretensão de relatar as ecléticas conexões existenciais sob entendimento particular. Tranquilizo a todos os conscienciólogos, wilberianos e simpatizantes dessa ou daquela vertente, pois não defendi conceitos *conscienciológicos ou integrais* mas, como destaquei, ape-

nas coloquei-os lado a lado para externar aquilo que penso serenamente. Consequentemente, desejo que esta obra auxilie no trânsito entre Filosofia Integral, Conscienciologia, vertentes filosóficas e exemplares científicos, mas, para um entendimento mais profundo sobre a essência dessas e outras propostas pelo prisma de seus propositores, deixo a frase do presente tópico: *beba na fonte*.

Primeiro bloco

Conceitos preliminares





Cosmos e kosmos

1

A informação que julgo prioritária para visualizarmos o espectro de abrangência da Filosofia Integral, da Conscienciologia e de inúmeras abordagens multidimensionais é justamente o alcance das jurisdições ou contextos dos objetos de estudo das respectivas propostas. *Afinal, quando utilizamos o signifiante “cosmos” em ambientes mais transcendentos ou além do materialismo grosseiro, sobre o que falamos?* Poderíamos afirmar que o conceito aborda todo o espaço preenchido por matéria densa e sutil ou ampliá-lo para incluir alguma dimensão que consideremos imaterial. Todavia, uma resposta simplista geraria outro problema: *onde terminaria a jurisdição material?* Feliz ou infelizmente, a resposta parece-me mais complexa e exigirá um certo aprofundamento do conceito dicionarizado.

Qual o alcance do conceito cosmos?

Cosmo ou cosmos, grafados com “c”, são conceituados basicamente como “espaço universal composto de *matéria e energia* e ordenado segundo suas próprias leis”.³⁷ Atualmente, o vocábulo é empregado para designar a totalidade das *coisas* desse universo ordenado, desde as estrelas até as partículas subatômicas. Os termos *matéria, energia, coisas, estrelas ou partículas*, incluídos em várias conceituações dicionarizadas, pelo ângulo de visão conscienciológico (ou espiritualista), integral ou holístico,³⁸ sugere a exclusão

37 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2001, p. 561.

38 Holístico: termo bastante desgastado por sua utilização indiscriminada, mas que neste contexto será utilizado para designar a necessidade de compreensão da totalidade, bem como do entendimento das partes e suas inter-relações.

conceitual das dimensões emocionais, mentais e espirituais, consideradas “não físicas” ou ao menos fisicamente mais sutis. Nessa análise gramatical e comparativa, o significante *cosmo(s)* tem abrangência restrita ao ambiente energético-material ou, na melhor das hipóteses, carece de clareza, em falha linguística ou ambiguidade conceitual.

Um segundo embasamento teórico para justificar a limitação do conceito ao universo material advém do dicionário analógico de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo,³⁹ onde o termo *universo* também está relacionado ao conjunto das *coisas* criadas, aos *corpos* celestes e outros termos indicativos do materialismo. Nesse sentido, lembro que o materialismo científico é modernamente interpretado como sendo a única verdade científica e aponta, equivocadamente no meu entender, para o uso restrito e reducionista do termo em estudo.

No universo ou cosmovisão materialista, não há espaço para as demais dimensões validadas pela Conscienciologia, Filosofia Integral, tradições de sabedoria milenarmente conhecidas e uma infinidade de parapsíquicos e pesquisadores independentes que perscrutaram aspectos que estão na fronteira da ciência convencional. Diante de tais argumentos, concluí que o termo *cosmo(s)*, na forma majoritariamente conceituada nos dicionários da língua portuguesa, representa *apenas* a grandeza do universo material, inserida, na cosmovisão planificada ou achatada, à matéria densa.

E = m.c²

Poderíamos argumentar que o termo *cosmo(s)* não seria reducionista por incluir, além da *matéria*, também o aspecto *energético*, com base nas citadas conceituações dicionarizadas. Antecipo-me a tal contestação e reafirmo o reducionismo do termo. A despeito dos meus superficiais e precaríssimos conhecimentos sobre Física e ciências exatas, não resisto a compartilhar com o leitor as ponderações associativas entre os termos *matéria* e *energia* e a famigerada formulação einsteiniana. Assim sendo, diante da confessada limitação de meus conhecimentos específicos, farei uma análise perfunctória para posterior aprofundamento e crítica de profissionais mais capa-

39 AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Dicionário analógico da língua portuguesa. 2ª ed., 2010, p. 318.

citados, deixando apenas um embrião de minha reflexão. Passarei à análise dos elementos da formulação “ $E = m.c^2$ ”, onde:

E = energia

m = massa

c^2 = velocidade da luz ao quadrado

Verifica-se, na fórmula em questão, que *velocidade da luz ao quadrado* é agente meramente multiplicador. Portanto, parece-me improvável uma radical alteração ontológica da natureza essencial ou qualitativa do elemento multiplicado. Nessa linha de raciocínio, deparei que massa e energia diferenciam-se *tão somente* pela constante⁴⁰ *velocidade da luz ao quadrado*, fato que corrobora a visão reducionista dos termos utilizados na descrição de *cosmo(s)*. Vale dizer, os referidos termos *matéria e energia* não abrangem todos os níveis cósmicos transcendentais à dimensão física.

Em outras palavras, *massa e energia*, por minha rústica interpretação da fórmula do notável Albert Einstein, ainda encontram-se encarceradas no conceito de matéria e não alcançam as dimensões transcendentais que são validadas pelos exemplares integrais, conscienciais ou espirituais. Portanto, o conceito tradicional e dicionarizado de cosmos é reducionista e está aquém da inclusão de *todas* as realidades cósmicas e não abarca, ao menos em tese, a dimensão da consciência (aqui entendida como sinônimo de alma ou espírito).

A formulação citada, salvo melhor juízo, configura interessante argumento suplementar para reforçarmos a conclusão inicial de que as conceituações dicionarizadas de *cosmo(s)* sejam, de fato, reducionistas. Todavia, se admitirmos equivocada tal linha de raciocínio, outros argumentos poderão ser avaliados e apresentados como embasamento suplementar.

Escola pitagórica (século IV a.C)

Wilber atribui aos pitagoristas⁴¹ a criação do termo *Kosmos*, iniciado com a letra “k”, cujo significado incluía outros domínios da existência, muito além da jurisdição material que adjetivo de grosseira, densa e facilmente

40 Constante: termo aplicado neste contexto no sentido matemático, como um valor fixo que pode ou não ser especificado.

41 WILBER, Ken. Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004, p. 37.

perceptível por nossos cinco sentidos conhecidos popularmente.⁴² Vejamos a classificação multidimensional da referida escola pitagórica:

1. Fisiosfera (cosmos).
2. Biosfera (*bios* ou vida).
3. Noosfera (*nóos* ou mente).
4. Teosfera (*teos* ou espírito).

Apesar de chamarmos esse *cosmos* (com “c”) de *tridimensional*, em razão dos três modos de observação da dimensão material (altura, largura e profundidade), utilizarei o termo *unidimensional* pela perspectiva de sua natureza exclusivamente material.⁴³ A representação gráfica de minha preferência sobre o tema posiciona o reduzido *cosmo(s) dicionarizado*, perante o *kosmos pitagórico tetradimensional*, em sintonia com o pensamento de Wilber e a didática de Raynsford. Na impossibilidade de reproduzir a competência das personalidades citadas, limito-me a compartilhar uma representação gráfica, devidamente adaptada para o presente contexto, onde o *Kosmos*, iniciado com a letra “k”, envolve todas as dimensões validadas pela escola pitagórica, da material à espiritual (Figura 1.1).

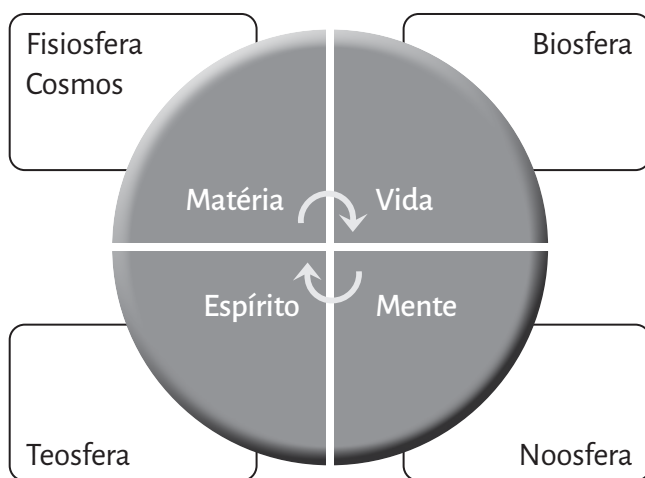


Figura 1.1 – Representação das dimensões do kosmos pela escola pitagórica do século IV a.C.

⁴² Visão, audição, tato, paladar e olfato.

⁴³ Neste caso, considerarei “energia” como sinônimo de “matéria utilizada”.

A referência à *teosfera* ou domínio espiritual, termo de origem religiosa (*teos*), distancia os textos pitagórico e wilberiano do conscienciológico, este último refratário aos termos de origem eclesiástica em seu arcabouço técnico. Imaginei facilmente uma leitura pitagórica adaptada aos postulados da Conscienciologia e concluí que o próprio Pitágoras, se estivesse entre nós, poderia observar e, porventura, classificar as dimensões *kósmicas* pelas cinco jurisdições conscienciológicas:

1. Física
2. Energética
3. Emocional
4. Mental
5. Espiritual⁴⁴

Nesse sentido, teríamos outra imprecisão no tocante ao número ou tipos de dimensões incluídas no significante *kosmos*, pois inúmeras escolas divergem na quantidade de corpos ou veículos de manifestação da Consciência e suas respectivas dimensões consideradas *imateriais*⁴⁵ ou, pelo menos, além do fisicalismo grosseiro. Como profilaxia desse novo problema e ciente da necessidade de maior precisão dos significados e especificidades terminológicas, proponho a seguinte classificação, baseada na abrangência dos termos:

- *Cosmo(s)*: dimensão energética-material.
- *Kosmos*: todas as dimensões.

Cosmologia ou “Kosmologia”?

Como visto, as cosmologias em geral reduziram o termo *cosmos* como significante do materialismo galáctico, universo intrafísico ou unidimensional. Essa concepção de cosmos moderno esmagou o *kosmos* pitagórico contra a parede e sangrou-o até a morte conceitual do universo multidimensional. Para agravar o problema, o termo *cosmo(s)* continua sendo utilizado com duplo significado. A primeira concepção, como visto, reduz o significado do termo ao universo energético-material; a segunda amplia

44 O termo técnico conscienciológico seria “consciencial”, mas preferi usar o termo “espiritual” por seu uso mais generalizado.

45 Imaterial: termo compreendido em vários sentidos, condicionado ao que entendemos como além da matéria densa. Portanto, tratarei o termo material para designar o materialismo grosseiro, onde tudo que existe é matéria ou, no máximo, seu epifenômeno.

e inclui um contexto multidimensional. Estou seguro em afirmar que a diferenciação dos significados e significantes entre *cosmos* (unidimensional) e *kosmos* (multidimensional) outorgaria maior exatidão naquilo que se pretende comunicar.

Portanto, apoio o resgate wilberiano do termo *kosmos* para abrir possibilidades de designação precisa da multidimensionalidade *kósmica*, haja vista a necessidade de ampliação e extrapolação do universo material para uma impactante visão de um universo em múltiplas dimensões e jurisdições. Essa sugerida precisão terminológica e conceitual auxiliaria, entre outras possibilidades, em duas questões fundamentais para alcançarmos aquilo que considero a nova fronteira da ciência:

1. Diálogo desprovido de imprecisões terminológicas entre cientistas materialistas e não materialistas.
2. Extrapolações transcendentais à dimensão material ou *fisiosfera*, do *intra* para o *extrafísico*, da matéria à Consciência, da Cosmologia à *Kosmologia*.⁴⁶

46 WILBER, Ken. The collected works of Ken Wilber. 7º volume. Shambhala: 1999. p. 68.



Hólon e holarquia

2

Considero vital a compreensão dos conceitos-chave deste capítulo para futura apreensão dos elementos da Filosofia Integral, em especial do primeiro componente desta fantástica aventura pelo universo wilberiano: *os níveis de consciência*. O entendimento de uma estrutura *holárquica* demandará o abandono da teratológica confusão entre as modalidades naturais⁴⁷ e dominadoras⁴⁸ de hierarquias. Compartilho minha posição sobre o tema ao afirmar que a diversidade quantitativa e qualitativa dos seres humanos prescinde da nossa concordância: *ela é um fato*. Esse contexto é adequado para introduzir significado de *hólon e holarquia*, termos cunhados por Arthur Kostler que outorgaram o título do atual objeto de estudo e também inspiraram os tópicos que serão discutidos a seguir, no âmbito do presente capítulo.

- Os conceitos-chave.
- Individualidade e coletividade.
- Autotranscendência e autoimanência.
- Emersão criativa.
- Conexões hierárquicas.
- O que está em cima está embaixo?
- Epifania mateológica.

47 Hierarquias naturais é expressão wilberiana. Para tratar especificamente dos níveis humanos, prefiro os adjetivos meritocráticas ou técnicas.

48 Hierarquia dominadora é a expressão que designa o ato de intrusão tirânica de um grupo ou indivíduo sobre outro(s), como um agente familiar controlador, um grupo etnocêntrico, ou ainda, o problemático caso de governos tirânicos, em geral com o discurso falacioso “pelo povo” ou “pelo social”.

Os conceitos-chave

Hólon vincula-se à ideia de que qualquer totalidade conhecida é também parte de um *todo* ainda maior, fato gerador da paradoxal expressão “to-do-parte”. O conjunto desses *hólons* ou “totalidades parciais” forma a *holarquia* ou conjunto de hierarquias naturais, componentes de uma ordem de totalidades crescentes que simultaneamente são partes de outras totalidades. Trata-se de um padrão de conexão da visão wilberiana, cujos estágios subseqüentes aumentam sua complexidade e demandam maior organização. Dentre os muitos exemplos possíveis, selecionei um de minha preferência e representei-o didaticamente por meio do Quadro 2.1 abaixo.

Quadro 2.1
Exemplo de hólons, do átomo ao organismo
(nesse caso, sem nenhum juízo de valor)

Aspecto “parte”	Aspecto “todo”
Partículas subatômicas	Átomo
Átomo	Molécula/Composto iônico
Molécula	Célula
Célula	Tecido
Tecido	Órgão
Órgão	Sistema
Sistema	Organismo
Organismo	População

No exemplo acima, percebe-se que um mesmo agente atua individualmente como todo, mas, simultaneamente, atua também como parte de um nível superior. Aprecio particularmente a casuística do *hólon* humano, onde o indivíduo detém sua totalidade decisória para escolhas, direitos e liberdades individuais, mas também uma contraposição repleta de compromissos e deveres pelo aspecto de fazer parte de uma família, uma sociedade e assim por diante.

Na Conscienciologia, tem-se a expressão “minipeça de um maximecanismo” que pode ser analogicamente conectada ao conceito ora apre-

sentado se observarmos que todas as peças têm sua própria individualidade, função específica, certas liberdades e características particulares, mas concomitantemente fazem parte de uma estrutura maior, numa espécie de conexão simbiótica que, não raro, sofre desvirtuamento social para patologicamente adentrar em relação parasitária.

Em suma, apesar de possíveis críticas à expressão conscienciológica, em razão da associação de seus termos com o mecanicismo, exercitarei minha criatividade e flexibilidade imaginativa, a fim de associar tais conceitos da seguinte forma:

- *Minipeça* conectada ao conceito de *hólon*.
- *Maximecanismo* conectado ao conceito de *holarquia*.

A partir da compreensão desses dois conceitos basilares da Filosofia Integral, uma série de outras conexões emergem naturalmente, aprofundadas nos *vingte princípios holárquicos* e nas possibilidades relacionais de cada hólon, que Wilber classifica em:

1. Capacidades horizontais: ação⁴⁹ e comunhão.⁵⁰
2. Capacidades verticais: autotranscendência⁵¹ e autoimanência.⁵²

Individualidade e coletividade

Contundentes embates físicos e ideológicos emergem dos defensores da comunhão ligada à coletividade em detrimento da liberdade ou ação-individual conectada ao aspecto saudável de nossa desejada autonomia evolutiva e vice-versa. Inúmeros litígios causaram mortes, polaridades e muito sofrimento. A humanidade parece girar em movimentos circulares e retornar sempre ao mesmo problema maniqueísta, tratado nesta obra como “isso *versus* aquilo”. Relembrarei os pontos cruciais dessa discussão, fazendo uso de uma lista comparativa exemplificativa (Quadro 2.2 na próxima página).

49 Ação: no sentido de manifestação da individualidade ou aspecto todo do hólon.

50 Comunhão: aqui aplicado no sentido da partição solidária para uma coletividade.

51 Autotranscendência: referente ao aspecto dinâmico, evolutivo ou progressista.

52 Autoimanência: no sentido de autopreservação, permanência ou conservador.

Quadro 2.2
Exemplos dos embates entre os ideais da individualidade e os da coletividade

Individualidade	<i>versus</i>	Coletividade
Ação	<i>versus</i>	Comunhão
Autonomia	<i>versus</i>	Dependência
Direitos individuais	<i>versus</i>	Direitos coletivos
Liberalismo	<i>versus</i>	Coletivismo
Liberdade	<i>versus</i>	Responsabilidade
Meritocracia	<i>versus</i>	Solidariedade
Particularidade	<i>versus</i>	Semelhança
Totalidade ⁵³	<i>versus</i>	Partição ⁵⁴
Transcendência	<i>versus</i>	Inclusão

Considero interessante a solução desses dilemas pela via integrativa, em repúdio ao caminho excludente, a fim de mantermos as fundamentais e legítimas manifestações enquanto totalidade portadora de identidade, autonomia e ação própria, mesmo diante das mais hostis pressões ambientais ou sociais, posição que interpreto ser compartilhada também pelo postulado wilberiano.⁵⁵ De outro lado, esse aspecto *todo* do *hólon* deve estar em sintonia com sua realidade como *parte* de uma outra totalidade, em simultânea harmonia entre a preservação de sua *identidade e ajuste funcional* como integrante assistencial desses outros “mecanismos, sistemas ou organismos”, palavras utilizadas por falta de melhores termos.

Novamente, temos conexões existenciais aparentemente paradoxais na manifestação simultânea como *todo e parte*. Por exemplo, na hipótese do *hólon* humano falhar como totalidade, restará um indivíduo subserviente, fanático, sem ação própria, mera marionete, títere robotizado ou “inocente inútil”.⁵⁶ Por outro lado, na ocorrência da falha como *parte*, será uma peça solta, desconectada, um indivíduo impróprio, inadaptado, psicopático, ti-

53 Cada indivíduo é uma totalidade, livre para contratar.

54 Cada indivíduo é apenas parte do todo social, obrigado a contratar.

55 WILBER, Ken. Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004, p. 39-40.

56 “Inocente inútil”: contraposição à popular expressão “inocente útil”.

rânico ou “socialmente cancerígeno”. Diante desses argumentos, parecem-me coerentes os ditos populares “nem oito, nem oitenta” ou “nem tanto ao mar, nem tanto à terra”, além da virtude da prudência sugerida por Tomás de Aquino, no século XIII, corporificada pelo aforismo popular de origem aristotélica:⁵⁷ *virtus in medium est*.⁵⁸

Complicado? Resta-me a franqueza de uma resposta afirmativa. Lembro-me de mais uma frase do passado religioso da humanidade, indicativa de uma solução para as relações de controle no contexto do *hólon* humano: “não me deixe ser um cordeiro perante os fortes e nem um leão diante dos fracos”.⁵⁹ Fora do contexto religioso, temos a jurisdição filosófica, território a partir do qual afirmarei que o desenvolvimento gradual do bom senso e a conjugação de valores oriundos de características *meritocráticas e assistenciais* sejam as chaves que abrirão as portas das soluções harmônicas entre as perspectivas *todo e parte* do *hólon* humano, inserido no universo mais complexo da lógica e do discernimento. Portanto, as capacidades horizontais dos *hólons* podem sintetizar-se pelo binômio “ação-comunhão”, cujas potencialidades verticais verificaremos a seguir.

Autotranscendência e autoimanência

Na hipótese do *hólon* fracassar nas suas funções horizontais (ação e comunhão), poderá ocorrer uma anomalia e até mesmo sua autodissolução em movimento destrutivo, pois um organismo pode decompor-se ou fragmentar-se em órgãos, estes em células, estas em moléculas, seguidas de átomos e assim por diante. Todavia, considero mais interessante o estudo de seus saudáveis movimentos verticais de autopreservação (autoimanência) ou de autotranscendência. Pela proposta wilberiana, o universo material proporcionará a manifestação da vida, que viabilizará a expressão da mente, em níveis sucessivos. Daí a conclusão de que a mente não pode ser reduzida à vida, e esta também não pode ser reduzida à matéria. Justamente o oposto, os níveis sucessivos aparecem na forma transcendente denominada de *emersão criativa*. Assim, diante do que foi apresentado e discutido até o momento, podemos inferir mais três princípios básicos da estrutura wilberiana proposta:

57 ARISTÓTELES. Ética a nicômaco. Martin Claret: 2016. p. 47-50.

58 “A virtude está no meio”.

59 Trecho da conhecida “oração da sabedoria”, de Sir Rabindranath Tagore.

1. O *Kosmos* é composto de *hólons*.
2. Os *hólons* possuem quatro impulsos, dois horizontais e dois verticais.
3. Os *hólons* emergem.

Emersão criativa

No contexto da Filosofia Integral, emersão criativa é o produto *autotranscendente*, que leva em consideração justamente esse surgimento e essa originalidade, onde novas entidades ganham vida e novos modelos se desenvolvem. Na hipótese de descartamos a condição randômica como principal impulso evolutivo, partiremos para a conclusão de que os *hólons* possuem uma espécie de tendência, consciência ou vocação transcendente, no sentido de ir além do previamente existente. A ideia é que essa superação ocorra por via dessa emersão, dessa criatividade, dessas novas conexões, desses crescentes desafios, para culminar justamente na criação dessas novas entidades, onde novos exemplares ganham vida e novos *hólons* são desenvolvidos. A partir dessas ponderações, comecei a encontrar um sentido lógico em frases geralmente citadas sem a devida explicação racional, a exemplo destas três:

1. O todo é maior que a soma das partes.
2. Um mais um pode ser algo maior que dois.
3. Não se conhece o todo pelas partes.

Aprecio os exemplos linguísticos, pois não se conhece um conceito ou uma palavra pela mera análise das letras. A simples observação individualizada das consoantes “r”, “s” e “c” e da vogal “a” não tem o mesmo significado, por si só, do conceito representado pelo verbo “casar”, que somente fará sentido pela apropriada conexão entre as letras, uma ordem específica, um contexto social, um intérprete alfabetizado e assim por diante. Da mesma maneira, o mero estudo isolado de palavras não transmitirá a ideia contida em frases, livros, tratados, teorias e assim sucessivamente. Em suma, você e eu poderemos analisar minuciosamente todos os componentes de um relógio isoladamente etiquetados sobre uma mesa, todavia, por maior que seja nossa especialidade nessas peças, elas não nos indicarão o horário correto nessas condições. Tornam-me óbvias as integrações sistêmicas e a mensagem que o *todo* contém um potencial e elementos de que as partes isoladas estão completamente desprovidas: *as conexões*.

Conexões hierárquicas

Particularmente, valorizo estudos em campos desafiadores e que problematizem a existência, mormente nas jurisdições políticas e relacionais, motivo pelo qual reputo, como uma das maiores contribuições wilberianas para a humanidade, a classificação que diferencia dois tipos de hierarquias:

1. Hierarquias “naturais”⁶⁰ ou meritocráticas.
2. Hierarquias dominadoras.

Compreendo uma organização de hierarquias meritocráticas como um conjunto de princípios e valores que buscam *assistência inclusiva*,⁶¹ na qual todos são beneficiados. Por exemplo, ao partir do referencial humano, verificamos que os princípios ético-sociais devem incluir os princípios ético-individuais, em processo integrativo e assistencial, jamais tirânico ou dominador, motivo pelo qual a liberdade individual passa a ser protegida e respeitada também por interesse coletivo. Nesse diapasão, interesse individual e coletivo passam a ser um só nesse ambiente assistencial baseado nos resultados práticos e não em ingênuas utopias, motivo que levou muitos liberais clássicos⁶² a diferenciar interesses individuais benéficos dos prejudiciais, baseados na polêmica distinção entre o egoísmo positivo⁶³ e o egoísmo negativo.⁶⁴

Nessa linha de raciocínio, um conjunto de indivíduos tirânicos ou um grupo coletivista dominador, sustentados pelo fenômeno social conhecido como “ditadura da maioria”⁶⁵ ou imposição pelo “politicamente correto”, poderá sufocar outros indivíduos,⁶⁶ com a consequente usurpação da legítima posição atuante do *hólon* enquanto “todo-parte” do sistema, fato que resultará inexoravelmente numa hierarquia doentia. A dominação patoló-

60 Terminologia utilizada por Wilber.

61 Expressão contraposta à assistência exclusiva, em que a ajuda pode beneficiar um parente ou amigo em detrimento de outro, como os exemplos do nepotismo e do raciocínio etnocêntrico.

62 Liberais clássicos de origem europeia defendem o Estado minimalista e as liberdades individuais (nos EUA, seriam mais próximos dos Republicanos). Opõem-se à interferência governamental na vida das famílias e dos indivíduos.

63 O padeiro faz o pão não por altruísmo, mas na busca de seus próprios interesses (egoísmo positivo).

64 Um cidadão prejudica alguém para beneficiar seus próprios interesses (egoísmo negativo).

65 Aqueles que confundem democracia com ditadura da maioria; basta relembrar os fatos históricos da eliminação de minorias pela vontade da maioria.

66 O indivíduo não é meio sacrificável pelo todo.

gica também poderá partir de baixo para cima, no momento em que um único *hólon* tenta dominar o todo, como uma célula cancerígena que ataca um organismo, um ego repressor perturba um contexto familiar ou ainda um ditador domina e manipula um sistema social.

Preocupa-me frequentemente um equívoco terrível no combate às hierarquias dominadoras, pois líderes e eleitores, ainda que de boa-fé, visualizam o problema da dominação, mas advogam ingenuamente a falácia da igualdade como meio de combater tais hierarquias, esquecendo-se que existem diferenças naturais, legítimas, meritocráticas e assistenciais nas estruturas hierárquicas.

Percebo uma tendência pós-moderna de nefasta generalização de qualquer graduação ou escala hierárquica ou valorativa, como agente dominador patológico. Dessa confusão conceitual, classificatória e universalização inoportuna, nasceram teratologias teóricas, litígios e fanáticas doutrinas polarizadas e duais, em processo de habitual demonização de um dos lados dessas moedas sociais (Quadro 2.3).

Quadro 2.3
Exemplos dos embates etnocêntricos cotidianos

Um lado	<i>versus</i>	Outro lado
Capital	<i>versus</i>	Trabalho
Elite	<i>versus</i>	Povo
Empregadores	<i>versus</i>	Empregados
Indivíduo	<i>versus</i>	Sociedade
Líderes	<i>versus</i>	Liderados
Livre-arbítrio	<i>versus</i>	Regras
País	<i>versus</i>	Filhos
Professores	<i>versus</i>	Alunos
Riqueza	<i>versus</i>	Pobreza

A problemática está em reconhecer e diferenciar as hierarquias naturais das dominadoras, motivo pelo qual valido muitas causas que considero justas e adequadas, mas mantenho séria preocupação com as aberrações

atuais no sentido de rotular ou estigmatizar as hierarquias como se fossem todas ilegítimas, além do infantil combate às hierarquias naturais, meritocráticas, técnicas, positivas e assistenciais. Retornaremos ao tema oportunamente e aprofundaremos no detalhamento e diferenciação das hierarquias assistenciais e patológicas no Capítulo 6, onde os níveis de consciência estarão no centro das atenções.

O que está em cima está embaixo?

A frase sofre variações e ficou conhecida em grupos esotéricos, maçons, teosofistas e estudiosos do princípio da correspondência, creditado a Hermes, o Trismegisto.⁶⁷ Wilber atribui a Aristóteles a frase: “tudo que está embaixo está em cima, mas nem tudo que está em cima está embaixo”.⁶⁸ As íntimas conexões desse estudo com todos os capítulos desta obra, mormen- te com o primeiro elemento da Filosofia Integral, são flagrantes e validam o pensamento wilberiano, segundo o qual as hierarquias naturais estão em processo evolutivo, em desejável transcendência e inclusão. Nessa linha de considerações e com o objetivo de manter o estilo de representação di- dática sempre que possível, elaborei o Quadro 2.4 a seguir, onde procurei facilitar a compreensão do binômio *transcendência-inclusão*.

Quadro 2.4
Demonstração das hierarquias naturais, transcendentais e inclusivas

Nível hierárquico 1	Nível hierárquico 2	Nível hierárquico 3	Nível hierárquico 4	Nível hierárquico 5
Átomos	Moléculas	Células	Órgãos	Organismos
Egocentrismo	Etnocentrismo	<i>Mundocentrismo</i>	<i>Cosmocentrismo</i>	<i>Kosmocentrismo</i>
Letras	Sílabas	Palavras	Frases	Livros
Ruas	Bairros	Cidades	Estados	Nações
Terra	Sistema solar	Galáxias	Dimensão física	<i>Multidimensões</i>

Estamos diante de uma estrutura organizacional hierárquica ou *holárquica*, sobre a qual a linguagem de Kostler vale ser lembrada: “uma organização de totalidades crescentes que são concomitantemente parte de outras to- talidades”. Seria absurdo pensar que moléculas seriam hierarquicamente

67 Trismegisto: três vezes grande.
68 WILBER, Ken. Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004, p. 50.

tirânicas em relação aos átomos⁶⁹ ou que médicos seriam autoritários por comandarem uma cirurgia⁷⁰ e por darem ordens para os instrumentadores, motivo pelo qual destaco os argumentos lançados para posicionar-me contrário tanto ao movimento do radical *sócio-igualitarismo rousseauniano ou marxista* quanto a seu disfarce consubstanciado num *capitalismo-de-compadres*, conhecido como *capitalismo de Estado*⁷¹ (uma forma de sustentar a falácia socialista).

Em suma, valido e aceito um modelo *holárquico* baseado nas nossas sadias diferenças e hierarquias sociais *meritocraticamente* emergentes das respectivas qualidades individuais, criatividade, escolhas existenciais, capacidade de assumir riscos, prever lucros e outros elementos personalíssimos.

Epifania mateológica

Experimentalmente, considerarei uma hipótese estrutural da Filosofia Integral, a de que a Consciência (nível superior) contém a matéria (nível inferior) e admitirei a suposição de que a recíproca não é verdadeira. Nesse exercício filosófico em termos *holárquicos*, levarei a proposta de *hólons* transcendentais e inclusivos às últimas consequências como exercício reflexivo em indagações *mateológicas* e aparentemente inalcançáveis:

- O que deu origem à matéria?
- Seria “algo” ainda não manifesto?
- A Consciência teria potencial para tal manifestação?
- Surgiria a própria Consciência como elemento causal da matéria?

Na hipótese de condicionarmos a existência da Consciência aos níveis inferiores, retornaríamos ao indigesto pensamento de sermos epifenômenos ou subprodutos de um processo material, a menos que admitíssemos a possibilidade da própria Consciência preceder à existência material e participar dessa *criação* para que sua manifestação possa adentrar em *processos evolutivos* que minha racionalidade é incapaz de perscrutar, para o meu lamento. Ao escrever tais linhas, senti-me como se estivesse diante de gotas de claudicantes convicções e oceanos de incertezas. Tentei sair desse

69 Hierarquia natural.

70 Hierarquia técnica.

71 Capitalismo de Estado contrapõe-se ao Capitalismo de Mercado, este defendido pelo autor e economista brasileiro Rodrigo Constantino, sob meu aplauso.

labirinto e vertigem paradoxal, numa tentativa de ruptura dessa muralha mateológica e resgate dos conceitos estudados em epifanias pretéritas, o que me levou a classificar a Consciência em:

1. Não manifesta.
2. Manifesta.

Entretanto, parece-me que “amarrar essas pontas” seja tarefa complexa que transcende minha capacidade intelectual. As antigas perguntas filosóficas, em especial o questionamento de onde viemos, ecoam com vigor, mas as respostas são demasiadamente abstratas e a clássica afirmação que *vie-mos do plano extrafísico*, embora me pareça verdadeira, é-me insatisfatória diante de outra pergunta: *e antes disso?* Sinto-me novamente com o dever ético de informar ao leitor que estou distante de conclusões definitivas, pois minha estrutura lógico-racional contorce-se para libertar-me de dois condicionamentos que julgo limitantes: *tempo e espaço*.

Resta-me o consolo de uma precária hipótese pessoal e ainda carente de qualquer validação ou negação científica: *o processo evolutivo iniciou-se pela Consciência não manifesta e esta, por sua vez, está em processo gradual, contínuo, evolutivo, conectivo⁷² e infinito, não apenas de sua manifestação e descobrimento,⁷³ mas de sua própria criação e aprimoramento em crescente integração, do inconsciente ao consciente, da sombra à luz, do não-manifesto ao manifesto, do dual à conectividade*.

72 Conectivo ou reconectivo? Deixarei em aberto por confessada ignorância.

73 Descobrimento ou redescobrimento? Fica também essa questão em aberto.

O método na Ciência clássica, na Filosofia Integral e na Conscienciologia

No presente capítulo, iniciaremos uma incursão pelas fases do método científico clássico, as três etapas metodológicas utilizadas na Filosofia Integral e, posteriormente, uma ousada comparação com o método conscienciológico, quando analisarei um exemplo pela óptica dessas duas últimas abordagens para, a seguir, outorgar meu posicionamento pessoal frente aos procedimentos particularmente adotados por cada vertente. Entendo útil para o leitor o seguinte mapa do presente capítulo para avaliação da sequência do raciocínio desenvolvido, até culminar em preferências e posicionamentos pessoais:

1. Método científico clássico:
 - Navalha de Ockham.
 - Indução e dedução.
2. Método integrativo wilberiano:
 - Primeira etapa: recuo ao abstrato.
 - Segunda etapa: incorporação sistêmica.
 - Terceira etapa: teoria crítica.
3. Método conscienciológico.
4. Posicionamento pessoal.

Método científico clássico

Aventurar-me-ei na apresentação do método científico considerado conservador, porém antecipo minha posição no sentido de desacreditar na existência de uma única metodologia para aquisição de conhecimentos confiáveis. Apesar da presente observação, o método científico

demonstrou sua fabulosa confiabilidade e habilidade para impulsionar avanços na ciência, mormente a partir da mitigação da influência dogmático-religiosa iniciada no século XVIII e incrível incremento tecnológico dos séculos XIX e XX, com a outorga à humanidade de fantásticas inovações em, praticamente, todas as áreas do conhecimento. Diante de todos esses fatores, sintetizarei o método científico clássico em três etapas distintas, a saber:

1. Instrução, procedimento ou protocolo científico.
2. Apreensão ou percepção do resultado.
3. Confirmação por replicação e comparação.

A instrução ou injunção instrumental é o protocolo garantidor de que o processo para saber alguma coisa seja o mesmo, a fim de possibilitar a comparação futura dos resultados com o menor número de distorções possíveis. Em linguagem coloquial, trata-se de uma ordem direta do tipo “faça assim” ou da “receita do bolo”, consubstanciada na expressão: *se quiseres acessar tal conhecimento, execute isso*.

A apreensão, por sua vez, é o fruto da experiência imediata do âmbito exposto pela injunção ou protocolo científico. Compreendo essa segunda etapa como a constatação do resultado produzido após a realização primorosa de todos os procedimentos da primeira fase do método científico. Se o primeiro procedimento foi comparado analogamente a uma “receita”, o segundo tratar-se-á do próprio “bolo”, com a descrição minuciosa do ocorrido, ou seja, do produto emergido pelo rígido cumprimento da instrução.

A terceira etapa da confirmação ou rejeição é consubstanciada pela comparação dos resultados com outros experimentos que tenham completado, com o citado detalhamento e rigor, os processos anteriores da injunção instrumental e apreensão. Obviamente, quão maior a replicação em laboratório com identidade de resultados, maior será a segurança do cientista para cancelar o experimento com *status* de confiabilidade científica.

Pessoalmente, aprecio a representação gráfica do método científico exposto pela Figura 3.1 que, evidentemente, não prescinde do aprofundamento do leitor em cada um dos estágios acima especificados.

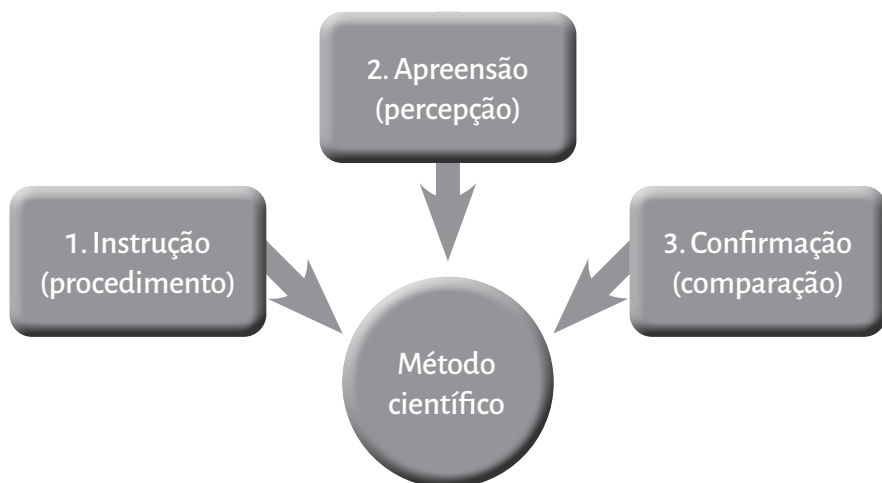


Figura 3.1 – Representação do método científico.

Portanto, poderíamos sintetizar o método científico como o caminho percorrido pelos cientistas na utilização de ideias e informações para responder perguntas. Há quem prefira observar o método científico por outro ângulo, como a definição de um problema e geração de uma pergunta, seguida da formulação de uma hipótese devidamente testada por experimentos, que levará a uma conclusão seguida ou não de uma nova hipótese. Elaborei abaixo um maior detalhamento do método científico, dessa vez por suas palavras-chave:

- Problema
- Hipótese
- Experimentação⁷⁴
- Conclusão
- Nova hipótese

Uma tentativa de ensinar a mim mesmo sobre qual seria o momento em que poderíamos afirmar que um determinado saber seja efetivamente científico foi a análise do conhecido esquema reproduzido na Figura 3.2, uma didática representação das conexões entre as hipóteses que “sobreviveram” ao método científico e aquelas ainda no território das proposições, das crenças, das possíveis verdades ainda não demonstradas.

74 Instrução, apreensão e confirmação.

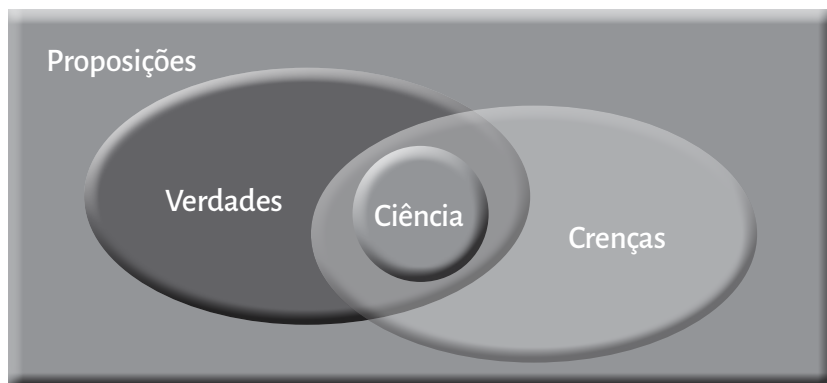


Figura 3.2 – Conexões entre proposições, verdades, crenças e ciência.

Freire-Maia adjetiva o processo científico e sua metodologia como “simples e elementar”⁷⁵ e acrescenta tratar-se de um saber cujas bases se assentam na “observação (ver os fatos como eles realmente parecem ser), experimentação (provocar o aparecimento de fatos e descrevê-los com fidelidade), comparação de amostras de acontecimentos e análise se estas deverão ser aceitas como diferentes ou iguais,, ampliação da capacidade de ver através de aparelhos especialmente delineados para isso, elaboração de conclusões, previsões, antevisões, tipos de regularidades, tentativas de explicação *et coetera*”.⁷⁶

Utilizei todo o meu poder de síntese nas explicações acima, mas compartilho que não analiso o processo científico com a mesma facilidade de Freire-Maia e encontrei sérias dificuldades na compreensão de toda a sua complexidade e magnitude, motivo pelo qual continuei minhas investigações até o encontro com o conceito da *navalha de Ockham* e os métodos indutivo e dedutivo.

Navalha de Ockham

William de Ockham foi um frade franciscano inglês do século XIV que defendeu a ideia de que as premissas não devem ser multiplicadas além da necessidade, concepção esta conhecida pela expressão *Lex Parsimoniae* ou Lei da Parcimônia, baseada na lógica de que a natureza é econômica. Esse

75 FREIRE-MAIA, Newton. Verdades da ciência e outras verdades: a visão de um cientista. Editora Unesp: 2008. p. 76.

76 Ibid. referência 75.

caminho e opção pelo mais simples ficou posteriormente conhecido, no século XX, como a *navalha de Ockham*, ou simplesmente *navalha de Occam*, e está longe de ser uma unanimidade.

Os veementes opositores, especialmente entre os religiosos, apresentaram argumentos a favor da complexidade, onde a ideia de um Deus criador desafia a *navalha* de William Ockham. A questão tornou-se polêmica e precedeu o agressivo acrônimo *KISS – Keep It Simple, Stupid*,⁷⁷ expressão pejorativa que transmite a necessidade da simplificação e valoriza o descarte das hipóteses mais complexas, pois as mais simples contém maior probabilidade de estarem corretas. Prefiro a versão mais suave: *KISS – Keep it Short & Simple*.⁷⁸

Exemplificarei a *navalha de Ockham* com a suposição aleatória de cinco níveis crescentes de complexidade para a solução de um problema, na qual percebemos uma hipótese mais simples e direta e outras mais complexas e repletas de interferências alienígenas. Trata-se de cenário interessante para cortarmos com a *navalha* em estudo as hipóteses complexas e priorizarmos a pesquisa das mais simples (Quadro 3.1).

Quadro 3.1
Níveis de complexidade das hipóteses científicas e a *navalha de Ockham*

Hipóteses	Nível de complexidade	Status na pesquisa
Hipótese 1	Nenhum	Prioridade
Hipótese 2	Pequeno	Prioridade
Hipótese 3	Médio	Zona cinzenta
Hipótese 4	Grande	Cortada pela navalha
Hipótese 5	Complexíssima	Cortada pela navalha

Mantenho certa distância dos acalorados debates nesse particular, mas aceitarei trabalhar com a *navalha* quando for necessária no caso de eventual

77 Keep it simple, stupid: mantenha isso simplificado, estúpido.

78 Keep it short & simple: mantenha isso curto e simplificado.

necessidade de focar nas possibilidades estatisticamente mais viáveis, até mesmo para a administração dos recursos disponíveis. Em suma, particularmente válido a utilização da *navalha* para seleção das hipóteses prioritárias.

Indução e dedução

O método indutivo parte do conhecimento dos fatos específicos para uma conclusão ou conhecimento generalista. Como exemplo, sugiro a hipótese de um cientista ter analisado um milhão de exemplares humanos e constatado a característica comum de que todos têm dois olhos, em validação da presunção lógica, racional e *indutiva* de que o próximo exemplar da espécie humana também possua a mesma característica ou até mesmo que todo o exemplar humano possua dois olhos. A esse processo dá-se o nome de *lógica indutiva*.

As críticas ao método indutivo concentram-se na incerteza de que no próximo evento continuará o respeito ao padrão observado. Estamos diante do óbvio problema do limite da certeza ou verdade científica que, em análise extremada, fluirá para o reconhecimento da força e da autoridade da expressão *verdade relativa de ponta*,⁷⁹ que representa a validação da verdade científica, porém refratária às posturas dogmáticas em genuflexão às *verdades absolutas*.

A dedução, por sua vez, parte do conhecimento da situação geral para uma conclusão ou conhecimento particular. Utilizarei o mesmo exemplo acima, só que adaptado ao método dedutivo: determinado cientista possui o conhecimento geral que a espécie humana possui dois olhos e que uma mulher espera um bebê da mesma espécie, motivo pelo qual *deduz* que o nascituro possuirá dois olhos.

Esse método também possui evidentes limitações, pois poderá haver exceções à regra, aberrações, premissas equivocadas e uma série de eventos que nos levarão à mesma conclusão de que a incômoda dúvida sempre acompanhará o cientista legítimo que aplicar tais métodos. *Entretanto, diante de tantas dificuldades, teríamos, como prêmio de consolação, ao menos a certeza de que*

⁷⁹ Verdade relativa de ponta é a expressão antidogmática que indica o cume das pesquisas mais avançadas e, portanto, prioritárias para o estudo e refutação.

a ciência está baseada em fatos, correto? Sinto noticiar outra incerteza, pois, segundo Newton Freire-Maia, nem mesmo essa premissa podemos anunciar, eis que abundam casos de postulados que se mostraram científicos sem nenhum embasamento fático. O mencionado autor citou em sua obra o exemplo de Einstein, que postulou, por pura criação mental, que a luz deveria se encurvar em direção a uma grande massa de matéria. Frise-se: *sem os fatos*.⁸⁰

Face ao exposto, caro leitor, surgiram-me três questões:

1. Como emergem as cosmovisões da realidade?
2. Talvez a pergunta correta seja: como surgem novas realidades?
3. E finalmente, qual a nova fronteira da ciência?

No decorrer desta obra, imprimi esforços pessoais na obtenção dessas respostas e, desde logo, intuo que a bússola da pesquisa sobre novas realidades apontará para um processo criativo intimamente relacionado a inovadoras conexões entre as Consciências. Todavia, até o presente momento e diante das desafiadoras indagações, resta-me a utilização da jocosa expressão coloquial “durmamos com esse barulho”, mas, apesar do chiste, explorarei, no decorrer dos capítulos futuros, a possibilidade de que a nova fronteira não esteja num novo produto *Apple*, na descoberta de um planeta distante ou algum insólito sítio cósmico, mas na comprovação da existência objetiva da Consciência como um fato científico, não mais como mero delírio místico ou produto da imaginação fértil de desacreditados parapsíquicos.

Método integrativo wilberiano

Por meio da literatura wilberiana, em especial das obras *Uma Breve História do Universo*⁸¹ e *O Olho do Espírito*,⁸² compreendi que o método integrativo não descarta abordagens aparentemente conflitantes. Contrariamente ao senso comum, Wilber procura visualizar um modo de encaixar e integrar as verdades parciais de cada teoria. O exemplo wilberiano clássico, nesse contexto, é a integração das abordagens aparentemente antagônicas entre Freud e Buda, em que o pai da psicanálise advoga o *reforço do ego* e o propo-

80 FREIRE-MAIA, Newton. Verdades da ciência e outras verdades: a visão de um cientista. Editora Unesp: 2008. p. 97.

81 WILBER, Ken. Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004, p. 35-37.

82 WILBER, Ken. O olho do espírito. Cultrix: 2001, p. 8.

sitor do Budismo, sua *morte*. Entre Freud *versus* Zen, existencialistas *versus* comportamentalistas, materialistas *versus* espiritualistas e demais conflitos filosóficos nesse estilo, remeto-nos ao velho problema excludente representado pela expressão “isso *versus* aquilo”, dilema que o método desenvolvido por Wilber pretende solucionar. Diante disso, vejo-me comprometido com dois questionamentos:

1. Como resolver a questão pelo método integrativo?
2. Afinal, quais as etapas desse método?

Primeira etapa: recuo ao abstrato

A primeira fase do método integrativo consiste na identificação do nível abstrato da teoria e respectivo recuo, onde diferentes abordagens alinham-se. Ken Wilber chama essa técnica de *generalizações orientadoras*, fundamenta pela qual reúne as verdades que cada campo oferece à humanidade, desprovido da preocupação com tal aceitação por outras vertentes. O próprio Wilber explica: “se observarmos os vários campos do conhecimento humano – da física à biologia, à psicologia, à sociologia, à teologia e à religião –, surgem determinados temas gerais e abrangentes sobre os quais existem, na verdade, poucas divergências”.⁸³

Utilizarei alguns exemplos do método wilberiano, contidos na já citada obra *O Olho do Espírito*, sobre desafiadores temas ligados ao conceito religioso de Deus. A Filosofia Integral considera que as fontes de estudo sobre os temas em foco estão nas grandes tradições religiosas do mundo e estipula o desafio de responder duas questões pelo método integrativo wilberiano:

1. Jesus é Deus?
2. O que é Deus?

A primeira questão e sua eventual resposta positiva não encontra guarida no conhecimento generalizado entre as grandes tradições religiosas do planeta. Portanto, descarta-se essa possibilidade pelo método wilberiano e responde-se negativamente à pergunta. *Entretanto, qual seria a generalização orientadora referente à segunda pergunta?* O significado de Deus, segundo o método wilberiano, estaria em conformidade com a abstração geral das grandes tradições religiosas do mundo, ou seja, “um Espírito inqualificável

83 WILBER, Ken. Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004, p. 35.

de diversas maneiras, do Vazio dos budistas ao mistério judeu do Divino”.⁸⁴ Se isso funcionar como generalização diretiva, poderemos avançar para as outras fases do método.

Outro exemplo de *generalização orientadora* com temática menos polêmica, mas também desafiadora, refere-se aos estágios do desenvolvimento moral ou axiologia de valores, que apesar das inúmeras discordâncias, são genericamente reconhecidos pela hierarquia que se segue e validados pelo método wilberiano:

1. Pré-convencional: indivíduo não socializado.
2. Convencional: aderente aos valores sociais básicos.
3. Pós-convencional: reflexivo e propositor de ressignificações.

Segunda etapa: incorporação sistêmica

O segundo passo do método integrativo envolve a tarefa de identificar um sistema que abarque as *generalizações orientadoras* das áreas pertinentes ao objeto de pesquisa, ou seja, mesmo após o trabalho árduo e centrípeto de coleta de dados em todas as fontes disponíveis, Wilber ainda proporá a seguinte questão: *qual o sistema coerente que incorporaria o maior número possível dessas generalizações?*

Essa segunda etapa distancia-se do mero ecletismo e propõe a inserção dessas generalizações numa organização sistêmica. Por exemplo, mesmo sem concordar totalmente com a generalização dos freudianos sobre a recomendação de *reforçar o ego* ou, opostamente, a dos budistas no sentido de *descartar o ego*, Wilber elaborou um sistema para integrar ambas as vertentes em algum nível de sua estrutura organizacional e compreendeu-as como válidas em determinadas camadas ou contextos dessa mesma estrutura, justamente por diferenciar momentos evolutivos mais precoces ou imaturos⁸⁵ de outros mais avançados⁸⁶ do desenvolvimento humano. Nesse diapasão, ambas as teorias tiveram seu lugar ou, em uma única palavra: *encaixaram*.

84 WILBER, Ken. O olho do espírito. Cultrix: 2001, p. 8.

85 Período imaturo da personalidade: validação do reforço freudiano do ego.

86 Período da maturidade: o ego já não é importante e pode ser descartado.

Terceira etapa: teoria crítica

A terceira e última etapa do método global wilberiano é a aplicação da teoria crítica, que consiste na verificação da parcialidade das abordagens, com o objetivo de extirpar a estreiteza de seu alcance ou eventual reducionismo da vertente analisada. Mantereí nesse contexto o exemplo citado na segunda etapa, onde verificaremos que o fortalecimento freudiano do ego procede em jurisdição específica (infância ou imaturidade evolutiva), enquanto o descarte do ego de Sidarta Gautama, conhecido como Buda, possuiria jurisdição transcendente. Pela visão integral, portanto, ambos estariam parcialmente certos em suas respectivas áreas de atuação e podem ser integrados. Nessa hipótese, a etapa da teoria crítica refutaria qualquer solução excludente, baseada na possibilidade de apenas um desses ramos do conhecimento humano estar com *toda* a verdade.

Em síntese, Wilber não critica a verdade contextualizada da teoria, mas sim eventual pretensão narcísica de representar uma espécie de panaceia universal. Em palavras mais simples, se a teoria for eficaz dentro de certas jurisdições, o método wilberiano confirmará tal solução, mas apontará suas fronteiras, ou seja, seus limites dentro de um sistema integral e libertador, no sentido de liberar os simpatizantes de determinada teoria da busca inglória de justificá-la fora de seus limites.

Método conscienciológico

Interpreto a questão do método de pesquisa como a mais significativa diferença entre Filosofia Integral, Conscienciologia e ciência clássica. Enquanto o cientista clássico vale-se da tríade instrução, apreensão e comparação, Wilber utiliza-se de *generalizações orientadoras* e Vieira afirma que “toda generalização é limitada”⁸⁷ e lança argumentos nesse sentido: “quanto mais evoluímos, maiores são os detalhes da vida universal que distinguimos. Daí porque a generalização pode criar problemas”.⁸⁸

O método conscienciológico valoriza, prioriza e foca na autopesquisa, na experimentação interdimensional pela projeção lúcida da Consciência para além do corpo físico, na introspecção e na autopercepção, onde a vi-

87 VIEIRA, Waldo. 700 experimentos da Conscienciologia. Instituto: 1994, p. 70.

88 Ibid., referência 87.

vência pessoal surge como o grande orientador metodológico, corolário do *Princípio da Descrença* assim simplificado: *não acredite em nada, vivencie*.

Particularmente, penso que o saber oriundo da experiência pessoal seja inigualável, mas também vejo um paradoxo na frase “toda generalização é limitada”, já que ela própria é uma generalização e, como tal, atrai para si o efeito bumerangue de sua crítica. Apesar das rotundas dificuldades no avanço do conhecimento, parece-me que a Conscienciologia optou pela segurança da vivência pessoal para validação do experimento, em flagrante outorga de maior credibilidade para o experimentador. Nesse sentido, percebo uma afinidade do método conscienciológico com uma exótica e inovadora espécie de “empirismo interior”, no sentido de recorrer à *experiência e percepções pessoais* para fundamentar suas proposições.

Aplicarei o método conscienciológico ao mesmo exemplo utilizado no método integral, ou seja, analisaremos também nesse contexto questões sobre a conceituação de Deus. Na Conscienciologia, a temática torna-se marginal, no sentido de estar deslocada e periférica aos objetivos prioritários da jurisdição conscienciológica. Ao invés de respostas, o tema traria outras perguntas para o pesquisador interessado nessa questão:

1. Você vivenciou Deus?
2. De que forma?
3. Quais as comprovações?
4. E suas reciclagens pessoais, como estão?⁸⁹

Essas seriam perguntas que, ao fechar os olhos, consigo imaginar saindo dos lábios de meus colegas conscienciólogos e até mesmo dos meus próprios. No ambiente conscienciológico, a pergunta “o que é Deus?” não é priorizada e, para indivíduos que insistirem nessa legítima curiosidade, provavelmente surgirão respostas tais como:

- Não sei, pois não possuo tal vivência.
- Trata-se de tema mateológico e fora da minha compreensão.
- Não é minha prioridade, pois essa se concentra na correção de meus traços imaturos.

⁸⁹ Pergunta com finalidade de retomar a prioridade evolutiva pessoal pelo ângulo conscienciológico.

Posicionamento pessoal

Particularmente, julgo-me identificado com o pensamento lógico, filosófico ou racional. Ao mesmo tempo, reconheço-me como um amante dos assuntos transcendentais e considero o método integral de uma riqueza ímpar, mormente para jurisdições onde meu conhecimento está mais capacitado para entender e validar. Acredito que a maioria dos leitores esteja mais confortável junto à segurança científica ou ao lado do ceticismo. Porém, devo admitir que os paradigmas espiritualista e integral foram de marcante utilidade prática no meu processo evolutivo, auxiliaram-me no desenvolvimento intelectual, ampliaram minha forma de ver o mundo e facilitaram a identificação dos limites jurisdicionais das respectivas teorias e autores, motivo pelo qual deleigo meu respeito à muitas vertentes espiritualistas, apesar de manter intimamente minhas predileções personalíssimas.

Antecipo-me à possível crítica da dubiedade para afirmar, sem tibiez, que apliquei ambos os métodos em inúmeras pesquisas pessoais, não por indefinição, mas sim por interesse deliberado e postura de pesquisador. Por fim, reitero o argumento lançado na introdução desta obra, no sentido de abandonar a expressão “isso *versus* aquilo”, para um caminhar consciente e autônomo, por meio do qual encontrei liberdade e gratidão pela possibilidade de experimentar ambos os métodos de pesquisa (integral e consciencial), além de incorporar e aplaudir todo o avanço oriundo da metodologia clássica da ortodoxia científica.

Paradigmas materialista, consciencial e integral

Neste capítulo, adaptarei um texto de minha autoria, apresentado em artigo e palestras públicas pretéritas, mas que no contexto atual será imprescindível, a fim de possibilitar a compreensão dos postulados da Filosofia Integral, da Conscienciologia e do materialismo, muito embora o termo *paradigma* esteja deveras desgastado – talvez de forma irremediável – face ao seu uso indiscriminado e equivocadas interpretações. Na intenção de melhor cumprir a tarefa didática e esclarecedora deste capítulo, optei por dividi-lo em seis partes distintas:

- Limites paradigmáticos e interpretação kuhniana.
- Desgaste ou desvirtuamento do exemplar newtoniano-cartesiano?
- Um ponto de contato.
- Darwin: a nota dissonante?
- Casuísticas cartesianas, newtonianas e darwinianas.
- Paradigmas: materialista, consciencial e integral.

Limites paradigmáticos e interpretação kuhniana

Thomas Kuhn, em sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas*,⁹⁰ publicada em 1962, tratou, entre outros temas, dos efeitos paradigmáticos e considerou “paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.⁹¹ Kuhn e seus paradigmas

90 KUH, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva: 2010, p. 13; 15; 25; 64; 65; 77; 105; 127.

91 KUH, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Perspectiva: 2010, p. 13.

são citados por Wilber como um dos maiores mal-entendidos do século XX⁹² e também objeto de estudo de inúmeros conscienciólogos com quem mantenho contato, todos interessados em estudar seriamente a questão.

Joel Barker, por sua vez, pesquisou o assunto por um dos prismas possíveis e conceituou paradigma como todo e qualquer conjunto de regras e regulamentos que atendam a dois quesitos essenciais, a saber:

1. Estabeleçam limites, delimitem fronteiras.
2. Forneçam meios para resolução de problemas dentro desses limites.

Considero paradigma um tema neutro, passível de gerar duas consequências principais, a que Barker chamou de “efeito paradigma”,⁹³ a primeira delas altamente positiva e utilizada para decifrar enigmas, facilitar novas descobertas e melhorar a qualidade de vida dos cidadãos; a segunda defluência, lamentavelmente, é negativa e gera uma espécie perniciosa de filtragem dos dados, o que gosto de nominar de *condicionamento paradigmático*, pois impede a emergência criativa de novas descobertas para além de seus limites, não apenas no meio científico, mas também no social, no ideológico, no familiar e, principalmente, no político, como veremos na sequência deste capítulo e no decorrer desta obra.

Importante reflexão mereceu a advertência de Ken Wilber, no sentido de que a ideia kuhniana sofreu distorções narcísicas da “geração *eu*” dos anos sessenta,⁹⁴ para uma espécie de “vale tudo” interpretativo. Valorizo sobremaneira a observação wilberiana e preocupam-me as falácias e estandartes da nova era, quando novos paradigmas estouram como milho de pipoca no micro-ondas. Da visão romantizada do paradigma *transpessoal* onde “tudo é amor” ao paradigma quântico pós-moderno onde “tudo é relativo”, pondero existir certa miopia na generalização de tais exemplares, pois ambos flertam com o exagero ao ambicionarem representar o novo paradigma *espiritual* ou o representante *holístico* dos novos tempos. Diante desses “tempos interessantes”,⁹⁵ vale relembrar o que a mim soa como óbvio: *nem tudo é amor e nem tudo é relativo*. Costumo exemplificar que a indi-

92 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001, p. 28-38.

93 BARKER, Joel. Discovering the future: the business of paradigms. ILI Press: 1985.

94 WILBER, Ken. O olho do espírito. Cultrix: 2001, p. 83.

95 Alusão ao provérbio chinês: “que você viva em tempos interessantes”.

ferença psicopática não é amor e nenhuma relatividade pós-moderna fará com que o abacateiro que plantei em meu quintal produza maçãs ou que os seres humanos do sexo masculino passem a amamentar após gestação e parto. Portanto, questiono a panaceia “vale tudo” do relativismo paradigmático e não subestimo a força empírica da ciência, tampouco os eventos históricos e o pragmatismo.

Paralelamente a tudo isso, constatei uma consequência psíquica ao observar o mundo por apenas uma vertente paradigmática: *a emergência de paradoxal conflito entre a curiosidade humana na busca de verdades relativas de ponta e o apego às verdades pré-estabelecidas*. Compartilho com o leitor que somente vivenciei avanços “cosmovisionários”⁹⁶ quando desenvolvi traços de desapego da autoimagem, arrisquei-me ao ridículo e ao desprezo dos meus pares, questionei as teses e as “verdades” da moda, interiorizei coragem libertadora do padrão social coletivista e do nauseante “politicamente correto” imposto por grupos, instituições, indivíduos e entidades governamentais que se arvoram como detentores do monopólio da virtude e pretensamente acreditam saber como o mundo deve funcionar, o que nos remete diretamente ao conceito de paradigma. Contudo, essa desejada liberdade de pensamento não deve negar o óbvio e suas evidências científicas, nem validar qualquer interpretação. Em outras palavras, compreendo e ecoo a repulsa às incômodas “camisas-de-força coletivistas”, mas também rechaço o excesso individualista do culto narcísico em achar que qualquer opinião estará igualmente correta e qualquer cultura será igualmente ética.

Também convém esclarecer que aprecio alguns argumentos de dedicados estudiosos do movimento *new age* ou transpessoal, apesar de basicamente identificar-me como um crítico de muitos de seus postulados, que considero parcialmente desprovidos de um padrão de razoabilidade. Assim, finalizarei essa ponderação sobre a perspectiva khuniana e seus exemplares científicos ou *paradigmas* com cinco precauções profiláticas que, a meu ver, deveriam estruturar qualquer segmento que ostente a pretensão de ser o novo modelo científico ou estandarte holístico da nova era.

1. Imprescindibilidade de fatos ou sérias evidências.
2. Prioridade khuniana aos exemplares e provas, além da mera teoria.

96 Expressão utilizada no sentido de nossa visão mais abrangente de universo.

3. Existência de limites interpretativos, apesar da subjetividade.⁹⁷
4. Vínculo da teoria ao objeto.
5. Cautela nas generalizações.

Desgaste ou desvirtuamento do exemplar newtoniano-cartesiano?

Preliminarmente, ousarei afirmar que o problema não está nas proposições cartesianas, newtonianas, einsteinianas, quântica ou ainda na teoria sistêmica, mas sim na tentativa de transformá-las em cosmovisões, reduzindo o *kosmos* ou a desconcertante imensidão do universo a meros exemplares laboratoriais, pois a cosmovisão multidimensional, seja pitagórica, holística, integral, consciencial ou outra com nomenclatura conhecida pelo leitor, não pode ser compartimentada nas respectivas jurisdições onde funcionaram alguns específicos experimentos. Vejamos quatro modelos aparentemente bem sucedidos em determinados setores, mas inaptos a representarem uma perspectiva mais ampla que envolva múltiplas dimensões e a própria Consciência:

1. Descartes e Newton: jurisdição *material ordinária*.
2. Einstein: jurisdição *material macro*.
3. Teoria quântica: jurisdição *material micro*.
4. Teoria sistêmica: jurisdição das *conexões materiais*.

Não obstante minha condição de leigo nesses ramos do saber, julgo coerente vincular tais exemplares apenas às correspondentes áreas de atuação, onde são perfeitamente validados e eficazes, ou seja, legítimos em determinados setores específicos do universo material. O problema ocorreu justamente quando alguma comunidade defendeu soluções setorizadas limitadas a um contexto, como a grande cosmovisão supostamente capaz de englobar todos os aspectos e dimensões da existência, o que denomino de *reducionismo grosseiro*. Mantenho uma convicção íntima no sentido de que os agrupamentos humanos, quando estão diante de uma nova descoberta, seja por excesso de entusiasmo, arrogância ou autoritarismo, tendem a supervalorizá-la e impeli-la como a panaceia universal para solucionar ab-

⁹⁷ Exemplo: como veremos no Capítulo 5 (Os três olhos do pluralismo epistemológico integral), Hamlet não trata de uma divertida caçada na floresta amazônica. Essa é uma interpretação falsa.

solamente tudo. Notei essa característica “demasiadamente humana”⁹⁸ não apenas nos ambientes científico, *new age*, transpessoal, institucional, familiar, religioso e acadêmico, mas também e principalmente ao observar indivíduos articulados, mas fanatizados por ideologias políticas, especialmente⁹⁹ as que se autodenominam *igualitárias, sociais, coletivistas ou altruístas*,¹⁰⁰ nas quais seus seguidores cultuam postulados materialistas, socialistas e de engenharia social, como totens mágicos ou pílulas salvacionistas, sempre em detrimento das liberdades e direitos individuais *meritocráticos*.

Na contramão de muitos autores, não direciono minhas críticas para os notáveis cientistas René Descartes e Isaac Newton ou seus exemplares, mas apenas para a exacerbação materialista desses *paradigmas* como o único olhar científico possível para todas as áreas do conhecimento humano, em flagrante e rotunda deturpação das demarcações limitadoras de um exemplar científico, inclusive aqueles com traços transcendentais, que implacavelmente obrigam-nos a admitir modestamente nossa ignorância.

Outro aspecto digno de comentário no cenário *mecanicista* em que todo o universo poderia ser determinado, previsível e comparado a um grande relógio, foi a migração do foco humano em Deus para o indivíduo – movimento conhecido como antropocentrismo – do LOC externo para o interno, em que a intitulada *Modernidade* trouxe-nos indiscutíveis facilidades, conforto e maravilhas tecnológicas, mas seu exagero gerou isolamento individual e “coisificação” da Consciência, esquecendo-se das fundamentais interações e valores humanísticos. Banalizou-se o amor, a honradez, a ética e, posteriormente, eliminou-se a própria *Essência, o Self, o Espírito*, enfim, a *Consciência* que age por meio de seus veículos de manifestação. O momento demonstra-se oportuno para o resgate desses valores e conceitos transcendentais, sentido para o qual tanto a Filosofia Integral quanto a Conscienciologia e várias vertentes do saber humano, religiosas ou não, apontam veementemente.

98 Alusão à expressão “humano, demasiadamente humano”, que outorgou o título da primeira obra de Friedrich Nietzsche, após o rompimento com o romantismo.

99 Especialmente, não exclusivamente.

100 Em geral baseado num pseudo altruísmo, onde o bônus é reivindicado e o ônus socializado.

Um ponto de contato

Podemos considerar as postulações transcendentais ao chamado *materialismo* como um primeiro ponto de contato entre Filosofia Integral e Conscienciologia. Isaac Newton e René Descartes são vistos atualmente como os ícones do paradigma moderno, também conhecido como materialista,¹⁰¹ fisicalista,¹⁰² determinista,¹⁰³ dualista,¹⁰⁴ reducionista,¹⁰⁵ mecanicista¹⁰⁶ ou, em homenagem aos dois grandes cientistas citados, *paradigma newtoniano-cartesiano*. Apesar dos termos citados terem nuances e diferenciações específicas, aqui são utilizados pelo resultado comum: *desconsideração da Consciência*.

Essa limitação, anomalia, desconexão sistêmica, atomização do indivíduo, foi magistralmente demonstrada por Charles Chaplin no filme *Tempos Modernos*¹⁰⁷ e aponta para nova demanda evolutiva, fato de fácil assimilação por estudiosos tanto da Filosofia Integral quanto da Conscienciologia. Eis outro maiúsculo ponto de contato, ou seja, considerar indevida a redução de *todo o kosmos*¹⁰⁸ ou *universo multidimensional*¹⁰⁹ aos exemplares científicos de:

- René Descartes e respectiva fragmentação ou dualidade.
- Isaac Newton e respectivo mecanicismo.

Darwin: a nota dissonante?

Em minha vivência nos meios conscienciológico e integral, estudei, ouvi e concordei frequentemente com o combate ao reducionismo conhecido como *newtoniano-cartesiano*, que será objeto de reflexão mais profunda no Capítulo 16. Todavia, o combate à teoria darwiniana não possuiu a mesma ênfase; ao contrário, notei posição neutra e até mesmo algum prestígio *evolucionista* entre alguns colegas de estudo e, para o leitor interessado, su-

101 Materialista: tudo é matéria.

102 Fisicalista: baseado na verificação empírica e formalismo lógico.

103 Determinista: nega o livre-arbítrio e entende que tudo no universo, inclusive a vontade humana, é regido pela necessidade. Tudo está determinado ou é determinável.

104 Dualista: admite a Consciência, mas como ente isolado e mera testemunha sem participação ativa no experimento material.

105 Reducionista: reduzem-se fenômenos naturais às ações corpusculares regidas por leis materiais. Em outra acepção, o todo poderia ser explicado pelo estudo das partes.

106 Mecanicista: universo enquanto máquina e utilização análoga da imagem do relógio, a grande novidade para a medição do tempo da época.

107 CHAPLIN, Charlie. *Tempos modernos* (Modern times), 1936.

108 Linguagem integral.

109 Linguagem conscienciológica.

giro um memorável filme sobre a biografia de Charles Darwin, sob o feliz título *Criação*, que obviamente envolve a história da revolucionária obra *A Origem das Espécies* e uma série de dramas e dilemas pessoais que orbitaram entre a fé e a razão, donde emergiu o vigor da polémica entre *criacionismo* e *evolucionismo*.

No tocante à Filosofia Integral, notadamente pelo que compreendi de primorosa explicação cedida pelo especialista wilberiano Raynsford, o pensamento chamado de *evolucionismo darwiniano*, baseado no conceito de seleção natural das espécies, seria também reducionista. Reluto a aceitar facilmente tal proposição, pois o próprio Darwin afirmou: “... estou convencido de que a seleção natural foi o meio mais importante, *mas não o único*, de modificação”.¹¹⁰

Assim sendo, admito a hipótese de considerarmos uma rotunda exacerbação da luta pela sobrevivência e citada seleção natural, com demasiado foco competitivo, onde não há espaço para valores cooperativos ou criações mentais e tecnológicas tipicamente humanas, o que obviamente reduz e limita a esfera de atuação evolucionista pela leitura hodierna da visão darwiniana. A crítica wilberiana questiona inicialmente a própria limitação do contexto primário para o termo *evolutivo*, pois este estaria restrito à sobrevivência das espécies “subumanas”¹¹¹ que melhor se adaptaram ao meio ambiente, como consequência de uma competitividade predatória pelos recursos naturais.

A dedução de que o conceito de *evolução darwiniana* não inclui processos colaborativos e racionais pareceu-me viável, tal qual a redução das possibilidades de sobrevivência pela seleção natural estarem mais concentradas na força bruta e aspectos instintuais do que propriamente nos diferenciais e capacitações características da espécie pensante. Obviamente, esse raciocínio não pode ser aplicado em termos absolutos, pois sempre haverá aspectos de inteligência evolutiva em todas as espécies, mas, evidentemente, refiro-me a uma ética valorativa mais elaborada, em associação da inteligência do *Homo sapiens* às características da bondade, da fraternidade e da solidariedade, or-

110 DARWIN, Charles. *A origem das espécies*. Martin Claret: 2009. p. 17.

111 No sentido de que são desprovidas da razão ou inteligência típica da espécie humana.

ganizadas em sistemas e estruturas construídos pela lógica e racionalidade da nossa espécie supostamente mais evoluída. Em suma, Wilber outorga-nos a visão de um *sistema operacional*, baseado na crítica aos limites das modernas perspectivas *newtoniana, cartesiana e darwiniana*, assim simplificadas:

- René Descartes: redução pela fragmentação ou dualidade.
- Isaac Newton: redução pelo mecanicismo.
- Charles Darwin: redução pelo competitivo.

A partir dessa interessante ponderação wilberiana, a Filosofia Integral aponta para uma estimulante cosmovisão merecedora do meu aplauso e baseada nas três características listadas a seguir, cuja reflexão profunda parece tangenciar os novos desafios desse nosso empolgante período evolutivo, que muitos adjetivam de *pós-moderno*:

1. Evolucionista (transcendente ao mecanicismo).
2. Integrativo (transcendente ao dualismo).
3. Cooperativo (transcendente ao competitivo).

Casuísticas cartesianas, newtonianas e darwinianas

Em sua clássica e mencionada obra, Thomas Khun afirma que René Descartes, com o reconhecimento de suas obras após 1630, obteve a aceitação da maioria dos físicos. Estes assumiram como verdadeiro que *todo* o Universo era composto por corpúsculos microscópicos e que *todos* os acontecimentos da natureza poderiam ser explicados em termos de forma, tamanho, movimento e interação desses corpos (reducionismo). Decorrencia: a explicação deveria *reduzir* qualquer fenômeno natural a uma ação corpuscular regida pelas leis estabelecidas.

O filme Descartes (*Cartesius*), de Roberto Rossellini,¹¹² posiciona a recusa cartesiana em explicar os fenômenos físicos desprovidos de conexões materiais, ou seja, não haveria possibilidade da matéria ser influenciada pelas qualidades que pertencem à mente. Apontou, com isso, a ruptura ou dicotomia cartesiana entre espírito e matéria. O documentário sob o título *Isaac Newton: A Gravidade do Gênio*,¹¹³ por sua vez, deixa claro que o texto intitulado *Principia*, publicado em 1687, baseia a ciência moderna e é con-

112 ROSSELLINI, Roberto. Descartes (*Cartesius*), 2009.

113 The Biography Channel. Isaac Newton: a gravidade do gênio.

siderado uma das obras mais importantes já publicadas, com a descrição da estrutura do Universo. Newton traz o paradigma do tempo absoluto, sendo possível determinar todos os eventos. Isso deu origem ao chamado *paradigma determinista* no mundo ocidental.

O médico brasileiro Alírio Cerqueira Filho também coloca Descartes entre os maiores filósofos franceses e aponta que sua colaboração para o atual paradigma foi o “dualismo absoluto entre mente (*res cogitans*) e matéria (*res extensa*), que resultou na crença de que o mundo material pode ser descrito sem referência ao observador humano”.¹¹⁴ As anomalias da chamada *nova física* apontaram para padrões de incertezas, abalando conceitos anteriormente sedimentados, do absoluto para o relativo. Nesse momento, convém destacar a crítica wilberiana sobre as físicas quântica e einsteiniana como candidatas a estruturar uma visão de mundo abrangente, pois níveis superiores de complexidade transcendentais à dimensão material não podem ser descritos por exemplares *fisicalistas*.

Famigerada casuística encontra-se exposta na obra *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin (1809-1882), por meio da qual o autor ficou conhecido por abalar a visão eclesiástica-criacionista. Vejamos a afirmação do autor: “estou completamente convencido de que as espécies não são imutáveis e de que as que pertencem ao que se chama mesmo gênero são descendentes diretos de alguma outra espécie”.¹¹⁵ Admiro a coragem do autor, mormente diante de seu difícil contexto existencial.

Marco Callegaro, em sua moderna obra *O Novo Inconsciente*,¹¹⁶ trouxe-nos amostras de revoluções paradigmáticas promovidas por pensamentos conectados a Darwin e Freud, com ataques ao narcisismo humano pela derubada de três conceitos:

1. Geocentrismo
2. Antropocentrismo
3. Domínio do consciente

¹¹⁴ CERQUEIRA FILHO, Alírio. Curso de aperfeiçoamento em Psicologia transpessoal, módulo 2, p. 17.

¹¹⁵ DARWIN, Charles. A origem das espécies. Martin Claret: 2009. p. 17

¹¹⁶ CALLEGARO, Marco. O novo inconsciente. Artmed: 2011. p. 22.

A queda do Geocentrismo retirou o hábitat humano do centro do universo; o antropocentrismo, após Darwin, rendeu-se ao fato de que nossa espécie não é o único e último objetivo da evolução; por fim, a descoberta do inconsciente removeu a vida mental consciente do centro da atividade psíquica e desferiu o terceiro golpe ao narcisismo. Diante das reflexões gentilmente compartilhadas pelos vários autores ora citados, restou-me ponderar sobre uma frase jocosa que pudesse nortear a espécie humana rumo a autoevolução lúcida e mitigar os estragos que fazemos aos nossos pares nessa desafiadora caminhada: *desculpem-nos pelo transtorno, estamos em obras*.

Paradigmas: materialista, consciencial e integral

O leitor deve lembrar-se do Quadro 1.1, exposto de forma sintética no Capítulo 1, cuja reapresentação neste momento entendo pertinente, mas acrescido de outros comparativos entre o exemplar materialista e o consciencial, que inclui a Consciência como elemento indispensável e prioritário para as pesquisas. Seguem, portanto, sete paralelos básicos e meramente informativos no Quadro 4.1 abaixo, que auxiliarão na compreensão de cada abordagem, independentemente daquela mais confortável para o leitor.

Quadro 4.1
Comparativo entre os exemplares consciencial e materialista

Consciencial: inclusão da Consciência	Materialista: exclusão da Consciência
Consciência e Holossoma ¹¹⁷	Soma ¹¹⁸
Multidimensionalidade	“Intrafiscalidade”
“Multiserialidade”	“Unisserialidade”
Além dos cinco sentidos	Cinco sentidos
Laboratório consciencial	Laboratório físico
Sentido: subjetividade-objetividade	Sentido: objetividade-subjetividade
Validação: vivência individual	Validação: replicabilidade em laboratório

Na sequência, disponibilizo uma representação gráfica (Figura 4.1) do paradigma integral referido nos subtítulos pretéritos, uma microscópica

117 Holossoma é o conjunto de todos os corpos ou veículos de manifestação que, para a Conscienciologia, são quatro: soma, energossoma, psicossoma e mentalsoma (Capítulo 13).
118 Soma, neste contexto, significa corpo físico ou biológico.

síntese dos pilares do *Sistema Operacional Integral*, que será explicitado com maior profundidade nos capítulos vindouros, e cuja compreensão pelo leitor acredito e desejo que será mais fácil do que no início destes escritos.

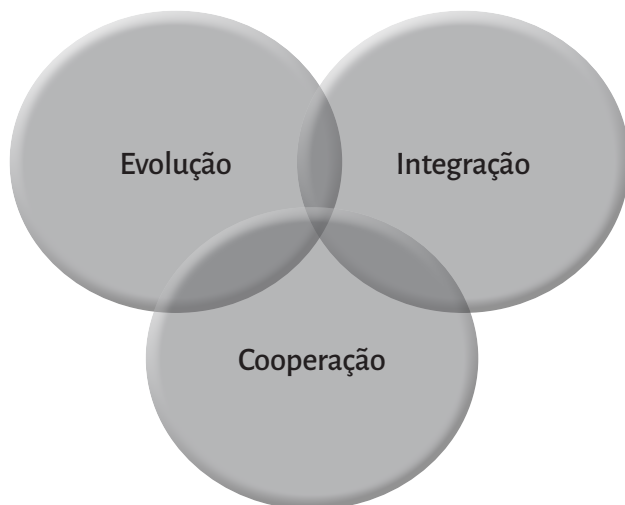


Figura 4.1— Representação esquemática sintética da cosmovisão integral.

Relativamente à tormentosa dicotomia entre mente e corpo, constatei que tanto a Filosofia Integral quanto a Conscienciologia declaram-se manifestamente contrárias ao isolamento cartesiano e estabelecem construtos transcendentais, coerentes e dignos de estudo pelos cientistas de ponta. Todavia, a questão do vetor evolutivo, seja a hipótese da matéria para a Consciência (vetor objetivo-subjetivo) ou vice-versa (vetor subjetivo-objetivo), ainda é ponto polêmico, talvez uma mesma realidade observada por diferentes perspectivas. Voltaremos aos temas cartesianos no Capítulo 16, mas, neste instante, julgo prioritário apresentar a posição wilberiana sobre as raízes da fragmentação moderna e redução de todo o conhecimento à epistemologia empírico-monológica, cuja explicitação demandará capítulo específico e compreensão dos três olhos do saber:

1. Olho da carne.
2. Olho da mente.
3. Olho do espírito.

Os três olhos do pluralismo epistemológico integral

Gostaria de cumprimentar o leitor por chegar até o último capítulo desta parte introdutória, reconhecidamente densa e repleta de conceitos que demandam atenção e eventualmente uma certa dificuldade na assimilação do conteúdo. Penso que o esforço pretérito do leitor será recompensado a partir deste momento e os obstáculos assimilativos mitigados, o que certamente atuará em favor de uma leitura mais leve e fluida.

Nos vinte e cinco anos em que atuei no mundo jurídico, meus textos foram considerados longos e excessivamente combativos. Todavia, após cursos de pós-graduação dentro do universo jurídico, da psicologia transpessoal, da política, da filosofia e posteriores estudos transcendentais, em especial uma década de leitura conscienciológica, deixei a escrita barroca para um estilo sintético, sempre em busca da máxima concisão. Nesse sentido, agradeço ao revisor desta obra por lembrar-me do caminho intermediário e por incentivar-me a recuperar a fluidez que sempre foi minha característica, apenas com atenção e evitando exageros. Também aqui farei uma tentativa no sentido de abandonar a escolha dicotômica entre clareza *versus* fluidez, para a opção da integração harmônica entre *clareza e fluidez*.

No tocante ao título do presente capítulo, mister seu reconhecimento como, no mínimo, assustador. Cabe-me tranquilizar o leitor e assumir o compromisso no sentido de elaborar um texto inteligível para interiorizarmos esse conhecimento que será o alicerce estrutural para a compreensão de futuros postulados. Portanto, outorgo minha tentativa nesse senti-

do e submeto-a ao público, dividindo-o nos seguintes tópicos:

- O que é “isso”? Como conheço “isso”?
- Os três olhos de São Boaventura.
- Do passado ao moderno método científico.
- John Locke, Tomas Kuhn e Karl Popper.
- Epifania wilberiana.
- O olho “abelhudo” da razão.
- Os erros de categoria.
- Bissociação integral-conscienciológica.
- Conclusões.

O que é “isso”? Como conheço “isso”?

Esclareço que não me aprofundarei nos conceitos de ontologia e epistemologia, mas apenas apresentarei uma noção resumida para entendermos os termos em foco e a pluralidade em que a Filosofia Integral foi concebida. Assim, simplificarei os significados dos termos em estudo em duas perguntas centrais e auxiliares na respectiva compreensão, o que evidentemente não dispensará o leitor de um estudo mais detalhado:

1. Ontologia: *o que é “isso”?*
2. Epistemologia: *como conheço “isso”?*

Epistemologia, portanto, é o ramo da Filosofia que estuda a origem, a estrutura, os métodos, os limites e a validação do conhecimento humano. Opõe-se à crença meramente subjetiva para focar no conhecimento como verdade *justificada*. Segundo o dicionário Houaiss: “reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano, especialmente nas relações que se estabelecem entre o sujeito indagativo e o objeto inerte”.¹¹⁹ Resta-nos perguntar: *porque a epistemologia integral é plural?*

As vias de acesso ao conhecimento adotadas por Wilber estão baseadas no que ele chamou de “três olhos do saber”, que passaremos a estudar detalhadamente a partir de seu histórico, surgimento e desenvolvimento com São Boaventura. Na sequência, analisaremos aquilo que o filósofo estadunidense chamou de “erros de categoria”, ou seja, os resultados e consequências de avaliarmos um conhecimento específico pela via equivocada.

¹¹⁹ HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2001, p. 783.

Os três olhos do conhecimento de São Boaventura

Wilber citou em sua obra os místicos cristãos Hugo de São Vitor (1096-1141) e São Boaventura (1221-1274) como precursores do pluralismo epistemológico integral, sendo o segundo, o responsável pela proposição de que o ser humano tem três olhos do saber:¹²⁰

1. Olho da carne.
2. Olho da mente.
3. Olho do espírito.

O primeiro “olho” representa a capacidade de percepção dos acontecimentos físicos; o segundo, o “olho da mente”, bastante conhecido pela espécie humana, percebe imagens, desejos, conceitos e ideias; finalmente, o “olho do espírito” seria aquele veículo de contemplação das experiências e “estados espirituais”.¹²¹ As três possibilidades epistemológicas em estudo devem considerar outros três elementos para acesso à informação, ou seja, o olhar de quem vê, a luz capaz de iluminar o objeto visto e o próprio objeto observado. Elaborei o Quadro 5.1 a seguir com a intenção de representar as possibilidades epistemológicas de São Boaventura e seus elementos, procurando retratar fielmente o contexto, o linguajar e a finalidade religiosa da época de seu precursor.

Quadro 5.1

Possibilidades epistemológicas de São Boaventura e seus elementos

Olho	Luz	Visão
Olho da carne Cinco sentidos <i>sensibilia</i> (sensorial)	Luz inferior (exterior) Empirismo Observação	Vestígio de Deus ¹²²
Olho da mente Razão <i>intelligibilia</i> (inteligência)	Luz interior (racionalidade) Racionalismo Interpretação	Imagem de Deus
Olho do espírito Consciência <i>transcendelia</i> (transcendência)	Luz superior (transcendência) Misticismo ¹²³ Contemplação	Deus

120 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001, p. 22.

121 WILBER, Ken. O olho do espírito. Cultrix: 2001, p. 41.

122 Face ao contexto religioso da época, o método era aplicado para temas sacralizados.

123 Aqui utilizado no significado wilberiano, que é oposto ao consciencial.

Do passado ao moderno método científico

No Capítulo 4 desta obra, quando estudamos os métodos científico, integral e conscienciológico, tivemos a oportunidade de verificar o problema da limitação pertinente à ciência clássica, em razão de sua fronteira objetiva. Em consequência desse estudo, considerei exagerada a negação peremptória da realidade subjetiva do ente humano, ou seja, pelo fato de não termos capacidade probatória para demonstrar cientificamente que Maria sonha com João várias vezes por semana, não devemos presumir *juris et de jure*¹²⁴ a inocorrência do fenômeno, pois todos sabemos que tal fato é possível, embora não demonstrável cientificamente. O mesmo pode ser dito a respeito de eventos transcendentais, como alguns estados incomuns de consciência ou a própria projeção lúcida para além do corpo físico.

A problemática da inclusão, no universo da ciência, de fenômenos de existência possível e até provável, mas cuja validação não resiste aos rigorosos critérios científicos, é muito antiga. Freud enfrentou tal dificuldade em sua carreira, em especial em 1900, quando publicou sua famigerada obra *A Interpretação dos Sonhos*. Entrementes, a despeito de não conseguirmos provar alguns fenômenos transcendentais, não observo motivos relevantes para negá-los radicalmente, atitude que adjetivo jocosamente de “fanatismo do não”. A partir dessas ponderações, outras reflexões emergiram e desafiaram-me na busca por novas soluções:

- Existiria uma via científica para confirmar fenômenos transcendentais?
- Poderíamos articular conhecimentos do passado ao moderno método científico?
- Há possibilidade de um novo método científico, mais afinado com esses tempos ditos *pós-modernos*?

São perguntas provocativas, cujas respostas tiveram sua busca auxiliada pela genialidade de Wilber e pelo pragmatismo conscienciológico. Para tanto, mantive em mente uma estrutura básica e absolutamente resumida do método científico clássico, aqui representado pelas três etapas já tratadas e explicitadas no capítulo anterior:

¹²⁴ *Juris et de jure* é uma expressão que significa o fato estabelecido por lei como verdadeiro ou presunção legal tida com expressão da verdade, que não admite prova em contrário.

1. Instrução, procedimento ou protocolo científico.
2. Apreensão ou percepção do resultado.
3. Confirmação por comparação.

A partir desses parâmetros metodológicos, faremos conexões com o empirismo, as influências paradigmáticas e a importância da refutação, com intenção de solucionar o problema da conjugação de quatro pressupostos importantes para a possibilidade científica, por mim adjetivada de ortodoxa: a racionalidade,¹²⁵ a evidência experimental,¹²⁶ a objetividade¹²⁷ e o realismo.¹²⁸

Os dois últimos pressupostos causarão sérios problemas por considerarem o fenômeno observado independente do sujeito (objetividade), em flagrante descon sideração dos aspectos considerados subjetivos (vontade, intenção, etc.), além de reforçar a visão cartesiana da separação entre o chamado “mundo exterior” e a mente humana. Diante dessa complexidade, aprecio as palavras-chave de cada etapa, ou seja, entre outras características, a ciência *experimental, contextualiza e compara*, obviamente sempre acompanhada dos respectivos registros.

John Locke, Thomas Kuhn e Karl Popper

Escolhi essas três grandes personalidades históricas para auxiliar-me a entender determinados trechos da obra *O Olho do Espírito*,¹²⁹ sob a égide do subtítulo *O Problema da Prova*, no qual Wilber considera a filosofia da ciência dividida em três abordagens principais e aparentemente excludentes, que classificarei de:

1. Empírica, representada por John Locke.
2. Paradigmática, de Thomas Kuhn.
3. Refutável, liderada por Karl Popper.

O empirismo exige que todo conhecimento genuíno esteja fundamentado na evidência experiencial. Parece-me bastante razoável tal exigência,

125 Racionalidade: qualquer crença deve submeter-se ao teste da realidade.

126 Evidência experimental: necessária à admissão como hipótese científica.

127 Objetividade: o fenômeno observado não depende do sujeito, ou seja, pode ser replicado por qualquer indivíduo.

128 Realismo: mundo exterior independente da mente humana e passível de compreensão.

129 WILBER, Ken. *O olho do espírito*. Cultrix: 2001, p. 82-84.

principalmente considerando a primeira etapa do método científico, mas seu excesso negará equivocadamente as ideias inatas e defenderá o conceito de *tabula rasa* ou “quadro em branco”, defendido por Locke no século XVII, segundo o qual a mente seria gravada *exclusivamente* pelas experiências sensoriais. Alguns filósofos reconhecidamente notáveis são comumente associados ao empirismo: Aristóteles, Tomás de Aquino, Francis Bacon, Thomas Hobbes, o próprio John Locke, George Berkeley, David Hume e John Stuart Mill.

No tocante à abordagem paradigmática ou vertente kuhniana, as evidências e os dados não estariam estáticos ou no aguardo paciente de sua observação, em flagrante identificação com a segunda fase do clássico método científico. Eles são revelados e avançam por meio de paradigmas ou exemplares. A ideia de Kuhn parece considerar não apenas os filtros interpretativos e paradigmáticos, mas também uma forma contextualizada de acesso ao conhecimento, *revelando dados através de injunções ou exemplares*.

Finalmente, Karl Popper entra em cena com sua abordagem e enfatiza a *refutabilidade*, em absoluta sintonia com a terceira etapa do método científico, ou seja, o conhecimento genuíno deve estar aberto aos juízos críticos mais aguçados e ser validado apenas após enfrentamento de comparações e rigorosas refutações, sob pena de ser considerado um dogma travestido de conteúdo científico. Particularmente, considero Popper um dos mais influentes filósofos a problematizar a ciência e um dos expoentes liberais implacáveis em oposição ao totalitarismo, mormente com sua obra *A sociedade aberta e seus inimigos*.

Epifania wilberiana

O que fez Ken Wilber ao estudar o método científico, suas vertentes filosóficas e os antigos métodos epistemológicos de São Boaventura no contexto religioso? A resposta a essa pergunta passa pela contextualização dos métodos e adaptação para as necessidades hodiernas, que caminham muito além das crendices míticas e termina sua jornada na brilhante integração das etapas contidas no método científico clássico com as respectivas jurisdições dos três olhos do conhecimento, conforme elucidado pelo Quadro 5.2 a seguir.

Quadro 5.2**Integração do pluralismo epistemológico de São Boaventura ao método científico**

Veículo do saber	Método científico
Olho da carne <i>sensibilia</i>	Instrução ou procedimento Apreensão ou percepção Confirmação ou comparação
Olho da razão <i>intelligibilia</i>	Instrução ou procedimento Apreensão ou percepção Confirmação ou comparação
Olho do espírito <i>transcendelia</i>	Instrução ou procedimento Apreensão ou percepção Confirmação ou comparação

A cada via de acesso ao conhecimento (*sensibilia*, *intelligibilia* e *transcendelia*), a epifania wilberiana e seu pluralismo epistemológico incorporam o método científico e a busca humana pelo conhecimento em suas três vertentes – representadas por Locke, Kuhn e Popper – em flagrante *conexão*, respectivamente, com a instrução, a percepção e a comparação. A grande novidade metodológica e compreensão que depreendo de Wilber, até o presente momento, segue em direção à possibilidade de implementação do método científico para além do mundo sensorial, *sensibilia* ou “olho da carne”.

Sob a minha óptica, a Filosofia Integral parece considerar legítimas as principais vertentes científicas; em contrapartida, Wilber revela e critica um escorregão reducionista da ciência materialista ortodoxa, quando esta restringe seu método à jurisdição limitada à experiência sensorial. Particularmente, penso que a situação do reducionismo científico moderno seja ainda mais grave, pois não somente adquiriu uma miopia em relação aos conceitos transcendentais, mas preferiu negá-los taxativamente e fechou as portas do ambiente acadêmico para uma discussão séria sobre os temas respectivos.

Os empíricos focam em demasia nas experiências sensoriais, negando as possibilidades mentais e espirituais;¹³⁰ os kuhnianos não percebem que as

¹³⁰ Espirituais: equivalente a conscienciais, no linguajar conscienciológico.

injunções podem aplicar-se a todas as formas de conhecimento válido, não apenas à ciência sócio-motora; finalmente, os popperianos equivocam-se pela excessiva concentração da “refutabilidade” ao mesmo mundo sensorial. Em outras palavras, a limitação dessas vertentes à percepção sensorio-motora impõe cruel reducionismo silencioso, pois impede o sadio policiamento metodológico às jurisdições da *intelligibilia* – “olho da mente” – e da *transcendelia* – “olho do espírito” – condenando-as a todo tipo de engodo parapsíquico em razão dessa exclusão ou negação científica.

Na esteira da modernidade e seu marco iluminista do século XVIII, vieram os exageros empírico-positivistas que, apesar de inúmeros acertos, consideram *todos* os aspetos transcendentos ou religiosos como remanescentes infantis e imaturos da humanidade. Não contesto os parciais e assistenciais acertos modernos, mas aponto limites e distorções das supostas cosmovisões, cujos principais representantes são Auguste Comte, Bertrand Russell, Karl Marx e Sigmund Freud, aos quais conservo respeitosa distância ideológica e mordaz posição crítica em muitas proposições.

Mantenho a linha de raciocínio para considerar razoável a posição de muitos autores em relação às extremas imaturidades de um grande contingente humano ainda ingênuo, inclusive de alguns integrantes dos grupos de estudos supostamente transcendentos, que originaram a expressão: “religião é o ópio do povo”. Todavia, ao considerar *toda* a transcendência e *todos* os estudiosos desse domínio como crianças imaturas que ainda acreditam em “Papai Noel”, a modernidade atingiu um exagero também merecedor de minha objeção.

Antes de concluir a temática ligada ao excesso materialista que restringe a área de atuação do conceito moderno de ciência, devo confessar minha própria limitação para comentar a *transcendelia* ou “olho do espírito”. Contudo, para facilitar a compreensão de cada “olho” ou “veículo” da epistemologia wilberiana, utilizarei novamente a didática de Raynsford, conjugada com eficazes exemplos da obra wilberiana *The eye of spirit* e sua versão traduzida para língua portuguesa¹³¹ (Quadro 5.3).

131 WILBER, Ken. O olho do espírito. Cultrix: 2001.

Quadro 5.3

Exemplo de aplicação do método científico aos três olhos de São Boaventura e habilitação técnica para as respectivas validações

“Olho da carne”	
Conhecimento	Desejamos saber se está chovendo
Instrução	Usar os sentidos físicos e verificar ¹³²
Apreensão	Informação se está chovendo ou não
Confirmação	Comparação com outros resultados
Comunicação	Monológica ¹³³
Quem está habilitado?	Em geral, qualquer pessoa

“Olho da mente”	
Conhecimento	Interpretação de Hamlet no original
Instrução	Ler Hamlet ¹³⁴
Apreensão	Interpretar o texto (subjetividade) ¹³⁵
Confirmação	Comparação com outros resultados
Comunicação	Dialógica ¹³⁶
Quem está habilitado?	Círculo específico de literatos

“Olho do espírito”	
Conhecimento	Atingir um estado chamado transpessoal
Instrução	Fazer uma prática dita espiritual ou transpessoal
Apreensão	<i>Samadhi, satori</i> , êxtase, epifania
Confirmação	Comparação com outros resultados
Comunicação	<i>Translógica</i> ¹³⁷
Quem está habilitado?	Círculo de praticantes da técnica específica

132 Ver, tocar, ouvir ou sentir o cheiro da chuva.

133 Monológico deriva de monólogo. Observar pedras, rios, corpos, planetas, células ou qualquer objeto visível aos olhos da carne, que dispensa, ao menos numa primeira análise perfunctória, um diálogo mental com estes elementos.

134 Além de outros pré-requisitos: aprender a ler e conhecer o inglês clássico.

135 Apreender seus significados.

136 Dialógico decorre do vocábulo diálogo. Ao ler este livro, não basta sua observação, mas também sua interpretação, hermenêutica e uma certa interação entre autor e leitor. Você não observará o autor como uma pedra, mas como um sujeito ao qual tenta compreender dialogicamente.

137 Translógico significa além do lógico. Como a comunicação está no nível espiritual (além do mental), a interpretação racional dar-se-á por paradoxos.

Portanto, na hipótese de selecionarmos os grupos de indivíduos habilitados para aplicar o método científico nas diversas e respectivas jurisdições específicas, abrir-se-ão novas possibilidade de avaliações ou modalidades de ciência, muito além do foco materialista atual, fato que poderia outorgar para a humanidade uma inédita classificação: Ciências naturais, Ciências racionais e Ciências espirituais.

O olho “abelhudo” da razão

A característica marcante do “olho da mente” é a curiosidade. A espécie humana destaca-se justamente por tal característica pensante e capacidade lógica, em contundente obstinação pela investigação racional de todas as dimensões epistemológicas. De fato, o olho da razão não se contenta em analisar somente sua própria jurisdição, mas também insere sua racionalidade nos demais domínios da *sensibilia* e da *transcendelia*. Vejamos, no Quadro 5.4 abaixo, a visão wilberiana sobre o momento em que o olho da mente adentra e estuda seu próprio domínio e os demais.

Quadro 5.4
Análise dos resultados do olhar da razão para os três domínios

Olho da mente	Domínio	Resultado
Olhar interpretativo-empírico Olhar analítico-empírico	<i>Sensibilia</i> Mundo “grosseiro” Mundo “objetivo”	Ciências naturais
Olhar interpretativo Olhar analítico	<i>Intelligibilia</i> Mundo “sutil” Mundo “subjetivo”	Conhecimento racional Linguagem (conceituação) Matemática Filosofia (pura) Hermenêutica
Olhar interpretativo-transcendente Olhar analítico-transcendente	<i>Transcendelia</i> Mundo “causal” Mundo “espiritual” Mundo “conscencial”	Conhecimento espiritual Religiões exotéricas Conhecimento consciencial

Tudo parecia caminhar bem para o “olho da razão” na observação dos domínios objetivos e subjetivos. Todavia, entendendo a mensagem wilberiana como uma advertência no sentido de que o olhar racional para o domínio do espírito carecerá de ferramental próprio e gerará imprecisões descritti-

vas e indigestos *erros de categoria* merecedores de considerações suplementares em tópico próprio.

Os erros de categoria

Na visão wilberiana, os erros de categoria são as distorções e os embotamentos oriundos da observação com o “olho” inadequado, no domínio transcendente do espírito. Nessa linha de raciocínio, pode-se concluir que a transmissão dos conhecimentos de máxima transcendência espiritual, pelos indivíduos que passaram por uma legítima experiência espiritual direta ou experiência de pico, dependeria de uma comunicação que driblasse ou superasse a linguagem racional,¹³⁸ considerada limitada para descrever a *transcendelia*. Assim, a visão do olho do espírito somente poderia ser *traduzida* para a razão através de alegorias, símbolos, poesia, arte ou paradoxos.

Na hipótese de validarmos a reflexão wilberiana, estaremos diante de um sério e contundente problema de comunicação. Não é demais lembrar que essa deficiência, ao longo da história, levou a humanidade a hediondas hostilizações contra os indivíduos que ousaram comunicar as ocorrências transcendentais a outros que ainda não abriram esse canal, fatos seguidos de ignorância e horror consubstanciado em sangrentas guerras religiosas, crucificações, fogueiras humanas e outras tristes e lamentáveis atrocidades.

A metáfora da caverna,¹³⁹ inserida na obra *A República*,¹⁴⁰ de Platão, é considerada uma das mais importantes alegorias da história da Filosofia e pode ser analisada também pela perspectiva da multidimensionalidade e transcendência, consoante particular observação e interpretação de seus elementos, o que faço no Quadro 5.5. Tal iniciativa, que caracterizo como didática, faz-se à luz da minha leitura pessoal e tentativa conectiva entre os postulados integral

138 Na Concienciologia, fala-se em “conscienciês”.

139 O mito fala sobre prisioneiros nativos que conhecem somente a caverna em que nasceram, todos acorrentados, e onde é possível verificar apenas uma parede no fundo, em que são projetadas sombras de estátuas representando pessoas, animais, plantas e objetos. Os prisioneiros nomeiam tais imagens sombrias, analisam e julgam as situações dentro dos limites de suas reduzidas possibilidades. Na hipótese de um detento abandonar a caverna e entrar em contato com a realidade exterior, perceberia obviamente outras perspectivas e voltaria para contar aos seus colegas; contudo, seria ridicularizado ao contar tudo que viu e sentiu, pois seus companheiros de caverna estariam condicionados a acreditar na realidade que enxergam e produziriam zombarias, imputar-lhe-iam a condição da loucura e ameaçar-lhe-iam de morte caso não parasse de pronunciar sandices ou ideias interpretadas como heresia, blasfêmia ou absurdo.

140 PLATÃO. *A República*. Edipro: 2018, p. 210-213.

e conscienciológico, onde admito a possibilidade da existência de dimensões *intra*¹⁴¹ e *extrafísicas*,¹⁴² e lanço mão de uma associação analógica da teoria platônica para percepção do mundo sensível¹⁴³ e do mundo inteligível.¹⁴⁴

Quadro 5.5
Interpretação pessoal dos elementos da metáfora da caverna

Elementos da metáfora da caverna	Interpretação pessoal
Prisioneiros	A humanidade
Caverna	Dimensão material ou mundo sensível
Grilhões e cadeias	Influências sociais ou paradigmáticas
Sombras	<i>Sensibilia</i> ou mundo material
Caminho ascendente	Acesso libertário às perspectivas superiores
Endireitar-se com dor	Enfrentamento da nossa imaturidade
Olhar para os objetos iluminados	Enfrentamento da nossa ignorância
Câmara intermediária e seus objetos	Olho da mente ou mundo racional
Olhar para a própria luz do Sol	Contemplação pelos olhos do espírito
Descida do homem que viu a luz do Sol	Retorno de um estado transcendente
Hostilidade dos demais habitantes da caverna	Fobia do novo e arrogância humana ¹⁴⁵

Obviamente, trata-se de apenas uma perspectiva e mera interpretação individual dentre muitas outras realizadas por filósofos e especialistas mais capacitados. Todavia, resta-me a intuição de que perdemos algo nesse caminhar evolutivo, da pré-modernidade à modernidade e desta à pós-modernidade. Parece-me que os possíveis erros de categoria foram os responsáveis por terríveis litígios fundamentalistas, atualmente agravados pela força tecnológica, onde a carência de uma visão fraterna transformou-se no epicentro de muitos dissabores sociais.¹⁴⁶ Vejamos uma síntese de possíveis reflexos desses equívocos ao longo da história humana.

141 Intrafísico: referência ao mundo material denso ou *sensibilia*.
142 Extrafísico: postulado conscienciológico de dimensões além da material.
143 Mundo sensível: conhecido pelos sentidos, pelo olho da carne ou *sensibilia*.
144 Mundo inteligível: conhecido pela razão, pelo olho da mente ou *intelligibilia*.
145 O mito fala de agressão mortal: crucificações e ataques fundamentalistas, mais comuns na pré-modernidade ou Idade Média. Já o riso, associo à chacota moderna aos assuntos transcendentais.
146 Relembro o marcante episódio do ataque às torres gêmeas, na triste data de 11 de setembro de 2001, além de tantos outros incidentes de difícil interpretação, mas tendo sempre como pano de fundo uma causa fundamentalista ou ideal monopolizador da verdade e da virtude.

Quadro 5.6

Exemplos de hipotéticas consequências por erros de categoria e a tentativa atual para solução dessa problemática

Período	Metodologia	Consequências
Da Antiguidade à Idade Média	Revelações do <i>olho do espírito</i> e interpretações por <i>erros de categorias</i>	Interpretação literal de textos sagrados Movimentos tirânicos-coletivistas Exemplos: Giordano Bruno e Galileu ¹⁴⁷
Do Renascimento ao Iluminismo	1. Empirismo: todo conhecimento vem do <i>olho da carne</i> 2. Racionalismo: todo conhecimento vem do <i>olho da mente</i>	1.1. Método indutivo de Bacon e Locke 2.1. Método dedutivo de Descartes 2.2. Desconstrução da transcendência
Do Iluminismo aos dias atuais	1. Método integral 2. Método consciencial	Integração do kosmos à ciência Integração da <i>multidimensionalidade</i> à ciência

Bissociação integral-conscienciológica

Estou consciente de que inúmeros estudiosos da Conscienciologia encontrarão significativos pontos de divergência ao pensamento wilberiano e vice-versa, o que vejo com positividade. Este espaço será destinado a compilar tais discordâncias para as próximas edições deste trabalho, mas, nesse primeiro momento, julgo prioritário concentrar-me nas indagações que ainda turvam minhas reflexões. *Seria possível uma adaptação dos três olhos do conhecimento e respectiva epifania wilberiana à visão conscienciológica?* Farei um ensaio nesse sentido em adaptação epistemológica para os requisitos que me parecem imprescindíveis para a Conscienciologia:

- Eliminação da terminologia religiosa.
- Aplicação do princípio da descrença.
- Vivência sobre tema de pesquisa.
- Respeito à lógica e à racionalidade.

Entretanto, deparei-me com um sério problema nessa adaptação específica, pois não ostento vivência em todas as propostas que constam no Quadro 5.7, onde explicito minha tentativa de integrar as epistemologias da Filosofia Integral e da Conscienciologia. Tal intento poderá ser compreendido com a ressal-

¹⁴⁷ Personagens historicamente vitimados pelo que chamo de tirania coletivista, que Wilber nomina genericamente de “absolutismo de quadrante”.

va de que nossa espécie, a humana, está muito identificada com a visão mental e, diante disso, inexoravelmente buscará analisar com o “olho *abelhudo*¹⁴⁸ da razão” todas as informações acessadas pelos demais “olhos”. Diante de minha carência vivencial, definitivamente perderei o prestigiado *status* de uma proposta científica à luz das exigências conscienciológicas, mas insistirei na apresentação de minhas epifanias pessoais no campo das possibilidades filosóficas.

Quadro 5.7
Integração da visão wilberiana ao postulado conscienciológico e veículos de manifestação da Consciência

Ferramenta epistemológica Por qual instrumento olha?	Atributo epistemológico Modo: como olha?	Objeto de estudo Domínio: onde olha?	Resultado racional Mente: porque olha? Finalidade do olhar
Soma Sentidos físicos “Olhos” físicos	Sensorial físico Cinco sentidos somáticos	Dimensão física	1. Ciências naturais 2. Psicologia comportamental
Energossoma Corpo energético e chacras “Olhos” energéticos	Sensorial energético Percepções energéticas	Dimensão energética	1. Homeopatia ¹⁴⁹ 2. Acupuntura 3. <i>Shiatzu</i>
Psicossoma “Olhos” do psicossoma	Sentimentos Emoções	Dimensão psicossomática ¹⁵⁰	1. Psicologia junguiana 2. Vertentes religiosas ¹⁵¹ 3. Projeciologia ¹⁵²
Mentalsoma “Olhos” do mentalsoma	Razão Discernimento Pensamento Reflexão	Dimensão mental Fenomenologia mental	1. Matemática 2. Filosofia 3. Linguagem 4. Hermenêutica 5. Parapsicologia 6. Projeciologia ¹⁵³
Consciência “Olhos” <i>conscienciais</i>	Atributos conscienciais	Consciência Dimensão respectiva	1. Linguagem não verbal 2. Apreensão direta

148 O termo “abelhudo” foi empregado no sentido jocoso e bem-humorado.
149 Homeopatia, acupuntura e *shiatzu*: possuo vivência nos três exemplos citados com mais de uma década de utilização dessas ferramentas e com a constatação de resultados efetivos.
150 Dimensão psicossomática: conhecida popularmente como dimensão emocional ou astral.
151 Vertentes religiosas: 1) Racionalismo Cristão, que particularmente conheço e respeito; 2) Espiritismo e demais segmentos voltados à compreensão da realidade conhecida como extrafísica, entre outras.
152 Projeciologia: vertente científica no campo da projeção do psicossoma para além do corpo físico.
153 Projeciologia: neste contexto, refere-se à projeção do mentalsoma.

Ressalto que a anatomização apresentada é meramente didática e distante do isolamento cartesiano, especialmente por considerar e validar as profundas interconexões e interpenetrações complexas em todas as dimensões expostas, mormente pela nossa habitual perspectiva de tudo interpretar pelo “olho da razão”. Nessa linha de raciocínio, poderíamos adentrar ao campo de estudo da Projeciologia e adaptar as três etapas científicas ao processo de validação das informações captadas pelos “olhos do psicossoma”, consoante linguagem tipicamente conscienciológica (Quadro 5.8).

Quadro 5.8

Exemplo de adaptação metodológica à Projeciologia

Conhecimento	Veracidade da projeção lúcida
Instrução	Aplicação da técnica projetiva escolhida
Apreensão	Realização da projeção lúcida
Confirmação	Testes repetitivos e comparações dos resultados
Comunicação	Lógica
Quem está habilitado?	Círculo de projetores veteranos

Conclusões

Segundo o pensamento wilberiano, o Ocidente tentou explicar, pelos “olhos da mente”, assuntos que somente seriam explicáveis pelos “olhos do espírito” e, no momento em que Immanuel Kant exigiu uma evidência da verdade empírica ou racional, a transcendência metafísica naufragou, pois “nem o empirismo, nem a razão pura, nem a razão prática, nem qualquer combinação delas pode ver o que está por dentro da esfera do Espírito”.¹⁵⁴

Diante disso, reitero minhas dificuldades na prática da compreensão wilberiana a partir da jurisdição da *transcendelia*, talvez pela minha excessiva identificação racional, *mentalsomática* e lógica. Nesse diapasão, lamentavelmente, distancio-me do entendimento absoluto da visão integral por admitida incompetência funcional oriunda da dormência temporária (espero que breve) de alguns “olhos espirituais”, o que não me impede de aplaudir a inteligência de suas proposições.

¹⁵⁴ WILBER, Ken. O olho do espírito: Cultrix: 2001, p. 88.

Deixarei uma questão para resposta futura: *o experimento conhecido como iluminação – na linguagem integral – seja uma experiência de pico, kensho, satori ou visão transcendente diretamente da jurisdição da transcendelia ou pelo olho do Espírito, equivaleria à projeção do corpo mental ou mentalsoma, no linguajar da Conscienciologia?*

Antes de encerrar meus comentários, transcrevo, com pouquíssimas adaptações para o presente contexto, um trecho da obra *O Olho do Espírito* sobre as objeções kantianas e repúdio moderno à possibilidade de uma ciência transcendente ao domínio material grosseiro: “a possibilidade de experiência direta da *sensibilia*, da *intelligibilia* e da *transcendelia* desarma de forma radical as objeções kantianas e coloca a busca pelo conhecimento firmemente no caminho da evidência, com cada um de seus atestados de validade (verdade, veracidade, imparcialidade e encaixe funcional), guiado pelas três etapas da genuína acumulação de conhecimento (injunção, apreensão, confirmação) em cada nível (sensorial, mental e espiritual – cruzando todo o espectro da consciência).

Em suma, as três etapas da genuína acumulação de conhecimento funcionam para todos os níveis. A aplicação das três etapas (com sua exigência inerente de evidência, exemplares e refutabilidade) de fato ajudam-nos em nossa busca de separar o ‘trigo do joio’, o verdadeiro do falso, o demonstrável do dogmático, o confiável do espúrio”.¹⁵⁵

A “moeda” integral disso tudo será a evidência experiencial das três jurisdições:

1. Sensorial
2. Mental
3. Espiritual

Em linguagem conscienciológica e postulados da Conscienciologia, pode-se dizer que esse “pedágio” demandará vivência pessoal como corolário lógico do princípio da descrença e passará pela experimentação dos níveis a seguir elencados:

¹⁵⁵ WILBER, Ken. *O olho do espírito*. Cultrix: 2001, p. 88.

- Físico
- Energético
- Psicossomático
- Mentalsomático
- Consciencial

Desse relato histórico, integral e algumas correlações conscienciológicas, estou incomodamente distante de satisfazer minhas próprias e inquietantes curiosidades. Portanto, reitero a solicitação de indagações inteligentes e até mesmo novas soluções ou ponderações para o estabelecimento de uma *ciência transcendente*, para que o “olho *abelhudo* da razão” possa, ao menos, continuar um crescente mapeamento da trajetória multidimensional humana, com menor imprecisão e maior credibilidade.

Segundo bloco

Elementos da Filosofia Integral





Primeiro elemento: níveis

Reitero minhas congratulações ao leitor pela superação e conclusão dos estudos preliminares contidos no bloco introdutório. Adentrarei empolgadamente neste segundo bloco, que julgo visceralmente conectado aos conceitos de *hólon e holarquia* e cujo foco estará na investigação do primeiro componente da Filosofia Integral e suas insólitas conexões, iniciando a sequência abaixo, uma listagem didática dos cinco elementos do modelo wilberiano:

1. Níveis
2. Linhas
3. Estados
4. Tipos
5. Quadrantes

Subdividi esse estudo em nove itens listados abaixo em ordem lógica, o que auxiliará o leitor não somente na compreensão desta primeira estrutura da Filosofia Integral, como também na fluidez da leitura, especialmente até o Capítulo 11, quando finalizarei meus comentários sobre cada componente.

- Filosofia perene.
- Grande ninho do ser.
- Impacto da modernidade.
- Grande ninho e três olhos.
- Como percorrer o caminho?
- Patologias “ascendentes”.
- Reação “descendente”.
- Solução integrativa.
- A falácia *pré-trans*.

O objeto da presente reflexão recai sobre os *níveis de consciência*, que são facilmente vivenciados por todos nós, principalmente quando lembramos de nossa condição no passado remoto. A maioria das pessoas certamente dirá que aprendeu com as experiências pretéritas e está mais apta em razão disso, em processo crescente de maturidade ou evolução gradual em etapas progressivas de lucidez. Essas diferenças qualitativas em direção evolutiva passam por *estágios* que foram competentemente identificados por muitos estudiosos e também pela Filosofia Perene, tema em torno do qual orbitaremos nas próximas ponderações.

A Filosofia Perene

Em linguagem wilberiana, pode-se dizer que a Filosofia Perene é a essência esotérica das tradições religiosas, majoritariamente averiguada por Wilber segundo seu método já apresentado, ou seja, em suas três fases, desde o recuo ao abstrato pela técnica das *generalizações orientadoras*, posterior *incorporação sistêmica* e, finalmente, a aplicação da *teoria crítica*. As filosofias perenes das grandes tradições encontram-se representadas na Figura 6.1.

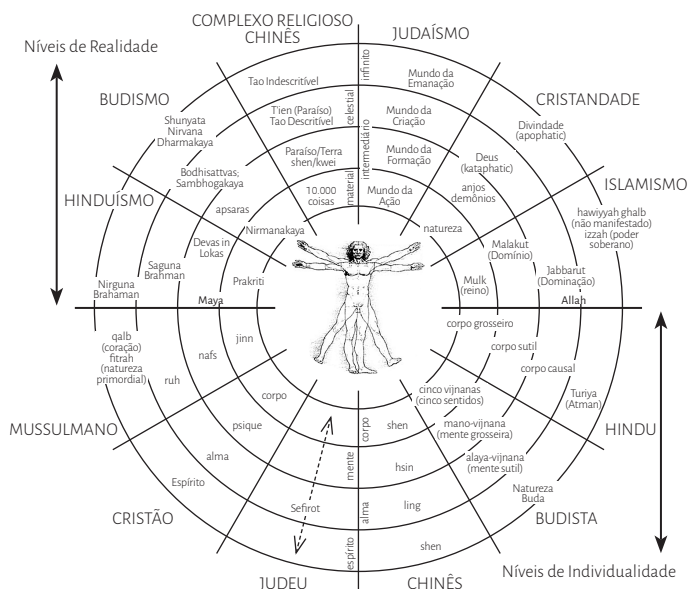


Figura 6.1 – As diversas filosofias perenes das grandes tradições¹⁵⁶

156 WILBER, Ken. Uma teoria de tudo. Oficina do Livro: 2005, p. 75.

As perguntas de muitos estudiosos e interessados nessa temática de cunho comparativo seriam: *qual tradição estaria correta? Estariam todas incorretas?* Nesse ponto, entra em cena a genialidade de Wilber, que foi além da ortodoxia mental para, ao invés de responder às questões formuladas, alterar a pergunta e desafiar-se: *como todas as teorias poderiam estar corretas ou ao menos parcialmente corretas?* Como visto, ao aplicar o método integral, em especial pela técnica das *generalizações orientadoras*, o propositore da Filosofia Integral desembocou nos diversos níveis de consciência ou desenvolvimento evolutivo por etapas graduais de discernimento e chegou na base comum das grandes tradições que validam, cada qual à sua maneira, a nominada *Grande Cadeia do Ser*.

O Grande Ninho do Ser

Huston Smith, citado por Wilber¹⁵⁷ e considerado uma das maiores autoridades em religião comparada, concluiu que praticamente todas as grandes tradições de sabedoria concordam com a ideia da *Grande Cadeia do Ser*, que prefiro tratar pela nomenclatura de *Grande Ninho do Ser*. Os diversos estágios desse *ninho* oscilam, nas grandes tradições, entre dois a doze níveis e subníveis; porém, a aceitação desses níveis é praticamente unânime, desde as primeiras tradições xamânicas, representadas de forma rudimentar por “terra, homem e céu”, até as noções hinduístas e budistas de três grandes estados ou estruturas do ser:

1. Grosseiro (matéria ou corpo).
2. Sutil (mente ou alma).
3. Causal (espírito).

Algumas tradições preferem apresentar o *Grande Ninho* com apenas dois grandes e abrangentes níveis: *matéria e espírito*.¹⁵⁸ Outros autores optaram por maior detalhamento dos estágios ou níveis de consciência, a exemplo de figuras como Plotino e Aurobindo, cujas respectivas propostas possuem incrível similaridade, as quais procurei representar na adaptação¹⁵⁹ comparativa do Quadro 6.1, também bastante comum na obra integral, rede mundial de computadores e outras fontes e estudiosos dessas interessantes personalidades.

157 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001, p. 31.

158 Sinônima: Força, Consciência ou Essência.

159 Ken WILBER, Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004, p. 288.

Quadro 6.1
O Grande Ninho do Ser, conforme Plotino e Aurobindo

Plotino	Aurobindo
Matéria	Matéria (físico)
Função de vida vegetativa	Vegetativo
Sensação	Sensação
Percepção	Percepção
Prazer e dor (emoções)	Vital-emocional (impulsos)
Imagens	Mente inferior
Conceitos e opiniões	Mente concreta
Faculdade lógica	Mente lógica
Raciocínio criativo (visão lógica)	Mente superior (informatizada)
Alma do mundo	Mente do mundo iluminado
Bom senso (mente intuitiva)	Mente superior dominante (intuitiva)
O absoluto (Ente supremo)	Supermente (Ente supremo)

Cada nível mais abrangente envolve ou abarca as dimensões menores, o que culmina numa figura que remete a um *ninho*, ou uma série de *ninhos*, uns dentro dos outros. O modelo wilberiano ficou entre o exemplar mais detalhado de Plotino ou Aurobindo e os mais simplificados, a fim de consagrar a imagem reproduzida na Figura 6.2 que, em seu aspecto mais abrangente, baseia-se na consciência da unidade. Na perspectiva da Filosofia Integral, a formação do Grande Ninho passa pelos níveis de consciência da *matéria*, da *vida*, da *mente*, da *alma* e do *espírito*, além das jurisdições da Física, da Biologia, da Psicologia e, mantendo a linguagem wilberiana, da Teologia e do misticismo.

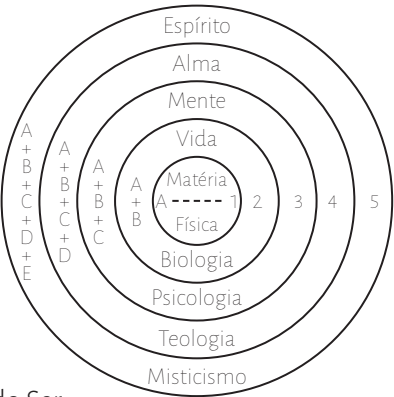


Figura 6.2 – Grande Ninho do Ser

Esse conhecimento predominou na história pré-moderna¹⁶⁰ humana, obviamente com variações, desentendimentos e sérios litígios, mas, em seu conjunto, é considerado por muitos autores como a maior contribuição da pré-modernidade para a humanidade. Aqui, os conceitos de *alma e espírito* correspondem a níveis de consciência, o que Wilber representou em muitas de suas obras – desde 1977¹⁶¹ – por gradações com estruturas básicas do desenvolvimento da consciência, cujas conexões com outras vertentes do conhecimento humano procurei sintetizar didaticamente no Quadro 6.2.

Quadro 6.2

Estágios wilberianos do desenvolvimento humano, suas conexões e respectivas percepções

Estágios wilberianos	Conexões	Percepções
Sensório-físico	Piaget: sensório-motor Aurobindo: físico-sensorial Budismo: 1º, 2º e 3º <i>skandhas</i> Nível pré-pessoal	Material Sensitiva Perceptiva Somática
Fantasmagórico ¹⁶² emocional	Freud: libido Aurobindo: mente inferior Budismo: 4º <i>skandhas</i> Nível pré-pessoal	Libidinal Imagística ¹⁶³ Prânica
Mente-representativa	Piaget: pensamento pré-ocidental Aurobindo: mente concreta Psicologia yogue Nível pré-pessoal	Simbólica ¹⁶⁴ (2-4 anos) Conceitual ¹⁶⁵ (4-7 anos) Chakra umbilical
Mente-regra-papel	Piaget: pensamento operacional concreto Aurobindo: mente lógica Nível pessoal	Operações matemáticas Inclusão de categorias Hierarquização

160 Considero a pré-modernidade o período anterior ao marco iluminista situado entre os séculos XVII e XVIII ou, como preferem alguns, antes do impacto do pensamento de René Descartes (1596-1650).

161 WILBER, Ken. Transformações da consciência. Cultrix: 2005, p. 17-25.

162 Fantasmagórico: termo cunhado por Arieti, em 1967, que indica a mente inferior (emocional-sexual) ou a forma mais simples de visualização de imagens, desprovida da capacidade simbólica, conceitual ou de distanciar-se da reação imediata das pulsões ou impulsos mais básicos (WILBER, Ken. Transformações da consciência. Cultrix: 2005, p. 17).

163 A imagem transcende e inclui a consciência material.

164 O símbolo transcende e inclui a consciência de uma imagem (nível fantasmagórico).

165 O conceito transcende e inclui uma imagem e um símbolo.

Formal-reflexivo	Piaget: pensamento operacional formal Nível pessoal	Autorreflexão Introspectiva Hipotético-dedutivo
Visão-lógica	Aurobindo: mente superior Nível pessoal	Bissociações Conexões Dialética Integrativa Lógica-associativa Rede de ideias Sintética-criativa Sintetizações
Psíquico	Aurobindo: mente iluminada Terceiro olho Contemplação Budismo: "estágios preliminares" Nível transpessoal	Visão interior Chakra frontal Contemplativo Iluminação Inspiração interior direta
Sutil	Platão: mundo das formas Aurobindo <i>Shabad</i> Induísmo Mahayana Gnose Meditação <i>vipassana</i>	Arquétipos Mente intuitiva Iluminação audível Absorção transcendente <i>Ishtadeva</i> <i>Yidam</i> <i>Demiurgo</i> <i>Pseudo nirvana</i>
Causal	Aurobindo Gnose Vedanta Mahayana Hinduísmo Vipassana	Supermente Abismo Sem forma Vazio <i>Nirvikalpa samadhi</i> <i>Nirvana</i>
Último	Zen Wilber: mais do que um estágio, é uma integração, a essência de todos os níveis	Mente única Estado de cessação Absorção causal ¹⁶⁶ Espírito absoluto

¹⁶⁶ "Integração e identidade entre a forma manifesta e a ausência de forma não-manifesta" (WILBER, Ken. Transformações da consciência. Cultrix: 2005, p. 23).

Essa é a essência ou espinha dorsal da chamada *filosofia perene* e constructo wilberiano que embasa o estudo desse primeiro elemento integral ou *níveis de consciência*, que foi prestigiado por inúmeros estudiosos e intelectuais pretéritos, até o surgimento da modernidade no Ocidente e seu impacto cultural, causador de profundas alterações socioculturais e maiúscula influência na forma de pensar e observar o universo em que vivemos.

Impacto da modernidade

O marco do movimento iluminista do século XVIII representa o início do que chamamos de *modernidade*, com o triunfo de uma ciência “palpável” e vista pelos “olhos da carne”. Houve um gradual distanciamento da multidimensionalidade do *Grande Ninho* e aproximação de uma concepção *plana*¹⁶⁷ de universo, composto basicamente de *matéria* ou, como visto pela analogia a formulação einsteiniana e conceitos dicionarizados: *matéria e energia*.

O colapso do *Grande Ninho* pela modernidade foi verificado por vários pensadores e caracterizado por várias frases que se tornaram famosas, por exemplo: “desencanto do mundo”, de Max Weber ou “Deus está morto”, de Nietzsche. Os níveis hierárquicos planificaram-se, ou seja, ficaram sem profundidade, com o descarte sumário dos estágios superiores, supramentais, “transracionais”, espirituais ou conscienciais, fato que outorgou uma coloração preta e branca e um sabor insosso a um mundo igualitariamente “rochoso”¹⁶⁸ e reduzido a um amontoado de átomos randomicamente relacionados.

O ataque moderno ao *Grande Ninho do Ser* pode ser visto por sua face sombria, quando esmaga a diversidade multidimensional contra a parede, sobrando apenas um universo unidimensional¹⁶⁹ e sem significado transcendente que, particularmente, considero desinteressante. A despeito do prisma negativo da modernidade, reconheço e enalteço inúmeros aspectos solares e edificantes deste período marcado pelo surgimento e fortalecimento das linhas de produção industriais e até certo ponto ideo-

¹⁶⁷ Wilber utiliza a expressão *flatland* (terra plana ou “planura”), de difícil tradução que representa a amplitude de seu significado.

¹⁶⁸ Rochoso: no sentido de material.

¹⁶⁹ No sentido de conceber apenas a dimensão material.

logicamente libertário, com bandeiras que Wilber lista de forma competente e satisfatória em sua obra,¹⁷⁰ a saber: democracia liberal; ideias contrárias à discriminação; liberdade como valor; justiça como meta; fim da escravidão; emancipação da mulher e direitos universais da humanidade, além de incríveis avanços em todos os setores, oriundos dos fantásticos incrementos tecnológicos.

O grande marco assistencial moderno foi a distinção entre *arte, religião e ciência* e consequente ruptura da nefasta fusão pré-moderna, onde a esfera da moral religiosa tudo comandava tiranicamente, o que liberou os futuros *Galileus* para olharem livremente por seus telescópios, independente das “verdades” impostas por pretensos representantes divinos, com seus dogmas bizarros em que *o Sol giraria em torno da Terra*. Esta diferenciação simples rompeu os grilhões ilegalmente impostos aos cientistas, poupou a humanidade de muito sofrimento, salvou vidas e permitiu avanços que seriam impensáveis na Idade Média. *Mas será que podemos brindar a modernidade?* Bem... temos um problema moderno. A *planura* ou achatamento “científico” das dimensões do *Grande Ninho* ao plano material, sem a possibilidade de observá-lo com os três “olhos” do conhecimento, desviou a visão dos cientistas, que passaram a ignorar os desafios associativos multidimensionais.

Grande Ninho e os três olhos

Antes da apresentação das conexões entre o Grande Ninho (Quadro 6.3) e os três olhos do saber, exporei uma fundamental classificação wilberiana, cujo referencial está na atual predominância humana do nível de consciência racional e típico do *olho da mente*. Na esteira de outros autores que assim fizeram, Wilber nominou o nível lógico-racional como “pessoal” e classificou tudo que está abaixo e acima pelos termos “pré-pessoal” e “transpessoal”. Nesta abordagem, considero interessante a associação, pelo prisma da Filosofia Integral, entre os elementos clássicos do Grande Ninho do Ser, os três olhos do saber e a classificação que partirá do referencial humano (pessoal) para seus estágios “pré” e “transpessoal”.

170 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001, p. 17.

Quadro 6.3

Conexões entre o Grande Ninho do Ser, a classificação wilberiana e os três olhos do saber de São Boaventura

Grande Ninho do Ser	Classificação wilberiana	Olhos do saber
Matéria	Pré-pessoal	Olho da carne ¹⁷¹
Vida	Pré-pessoal	Olho da carne
Mente	Pessoal	Olho da mente
Alma	Transpessoal	Olho do espírito ¹⁷²
Espírito	Transpessoal	Olho do espírito ¹⁷³

Parece que todos os níveis apontados têm consciência de algo, do átomo – que mantém sua unidade – aos demais processos dos reinos mineral e vegetal, até os estágios mentais e espirituais mais complexos. Nessa apertadíssima síntese da integração dos conceitos, expus as conexões entre os *três olhos* do saber propostos por São Boaventura e o *Grande Ninho* das tradições milenares, em níveis crescentes de expansão da consciência, o que nos indica um caminho espiritual a seguir, da visão mais restrita à cosmovisão, com diversas gradações dessa crescente amplitude. Em suma, endosso que a *hierarquia* evolutiva inserida no *Grande Ninho do Ser* foi a grande contribuição da pré-modernidade em termos de conhecimentos transcendentais e, se validarmos tal proposição hierárquica como verdadeira, restar-nos-á a pergunta: *como transitar pelos caminhos desse Ninho?*

Como percorrer o caminho?

Depreendi das obras wilberianas que, ao longo da história, as grandes e milenares tradições religiosas propuseram duas possibilidades para transitar pelo Grande Ninho:¹⁷⁴ *os caminhos ascendente e descendente*. Analisei e resumi essa proposta no Quadro 6.4, no qual transcrevi e acrescentei diversas representações das respectivas jornadas que não pertencem à jurisdição conscienciológica. Esta preferirá abordagem própria que investigaremos oportunamente.

171 Olho da carne no nível da matéria: restringe-se à interação material, aumentando significativamente na jurisdição da vida, conforme as características específicas de cada espécie.

172 Equivaleria aos “olhos” do psicossoma, no linguajar conscienciológico?

173 Equivaleria aos “olhos” do mentalsoma ou da própria Consciência, no linguajar conscienciológico?

174 WILBER, Ken. Uma breve história do Universo. Via Optima: 2004, p. 29-32; 290-301.

Quadro 6.4
Síntese comparativa entre os caminhos ascendente e descendente

Caminho ascendente	Caminho descendente
Abstrato	Concreto
Busca do Deus transcendente	Busca do Deus imanente
Conectado ao "outro" mundo	Conectado a "este" mundo
Conectado ao masculino	Conectado ao feminino
Divindade invisível	Divindade visível e sensível (Terra, Natureza)
Eros (transcendência)	Ágape (imanência)
Glorifica o "todo"	Glorifica a "parte"
Imaterial	Material
Monástico e casto	Celebra os sentidos e a sexualidade
Representações: dia, sol, luz	Representações: noite, lua, escuridão
Senda da sabedoria (<i>Prajna</i>)	Senda da compaixão (<i>Karuna</i>)
Teórico	Prático
Transcendência pela renúncia ao prazer	Transcendência pelo prazer
Vazio	Forma
Yang	Yin

Prescinde de esforços hercúleos, mormente após insistente crítica à expressão excludente “isso *versus* aquilo”, que a integração harmônica destes caminhos é a solução proposta por Wilber que, entre estudos de Platão, Plotino e Whitehead, concluiu pela direção “não dual”, proporcionando-me cinco elucubrações:

1. Todo e parte são “não duais”.
2. Vazio e forma são “não duais”.
3. Yin e Yang são “não duais”.
4. O hermetismo dimensional é ilusório.
5. “Este” e o “outro” mundo são experiências “não duais”.

Patologias “ascendentes”

O trânsito religioso pelo *Grande Ninho*, classificado como “ascendente e descendente”, poderá tornar-se patológico, como demonstra toda a história humana, que adotou uma flagrante visão maniqueísta ao considerar “o outro” como nefasto e ameaçador. Pode-se apontar a Idade Média como o

período emblemático das virtudes e patologias ascendentes, onde o mundo seria impuro e o êxtase apenas possível na dimensão espiritual. Wilber aponta certos exageros que culminaram no puritanismo monástico e ascético, além de considerar pecaminosos o corpo, a carne e o sexo. Foram tempos de grandes virtudes filosóficas, mas também de severas restrições às mulheres, impregnando-as de culpa. Outro aspecto comumente lembrado como negativo foram as torturas e eliminação de seres humanos e animais considerados, respectivamente, praticantes e objetos de bruxaria.¹⁷⁵

A origem do “pecado”, no caminho ascendente, de alguma forma foi conectado à mulher, à sensualidade, à feminilidade e ao corpo, além de trazer como consequência a formação de tabus e perversos costumes. Para a espiritualidade “ascendente”, os “descensos” são considerados “o mal” e a salvação estaria em algum lugar distante do mundo das formas. Impressionante depoimento e compilação de textos reveladores da dominação masculina do caminho religioso ascendente pode ser extraído da obra de Jackeline Bittencourt de Lima,¹⁷⁶ em capítulo intitulado *Domínio e Poder*, no qual analisa o simbolismo da virgindade de Maria, entre outras passagens que a autora considerou problemática. Após a constatação dos ataques à espiritualidade “ascendente”, restou-me verificar se o caminho “descendente” também sofrera críticas.

Reação “descendente”

O movimento renascentista¹⁷⁷ e seus valores humanistas e naturalistas resgataram uma espécie de reação ao caminho *ascendente* pela ideia da natureza como única realidade, a dimensão material como um local a ser desfrutado e o retorno do homem aos holofotes. Alguns desses postulados

175 Perseguição e morte de gatos na baixa Idade Média por credices religiosas que adjetivo, na melhor das hipóteses, de infames. O resultado foi o aumento da população de ratos e disseminação da chamada “peste negra”, no século XIV, e mortes humanas em escala epidêmica.

176 Jackeline Bittencourt LIMA, Maternidade e antimaternidade lúcida: a escolha é sua, 2009, pp. 53-63.

177 Renascimento, Renascença ou Renascentismo são termos usados para significar o período europeu entre os séculos XIV e XVI, que representa o desgaste e final da Idade Média e início da Idade Moderna. O período foi caracterizado pela transição do feudalismo para o capitalismo e ruptura com a espiritualidade ascendente medieval. O termo renascimento, neste contexto, refere-se a redescoberta e revalorização das referências culturais da antiguidade clássica e baseia-se em uma série de intrincados valores: neoplatonismo, antropocentrismo, hedonismo, racionalismo, otimismo e individualismo. Digno de nota seu precursor Petrarca e escritos de Pico della Mirandola e Thomas More.

foram posteriormente adaptados ao Iluminismo,¹⁷⁸ como o caso da visão antropocentrista e racionalista de mundo, que também contribuiu para o distanciamento ideológico do Grande Ninho, via materialismo científico, vertentes e pressupostos que geraram o “domínio do ego” através de marcante individualismo refratário a qualquer modalidade de autoritarismo proveniente da Igreja e do Estado.

O Romantismo¹⁷⁹ e seu “domínio do eco”,¹⁸⁰ por sua vez, atribuiria uma característica de “pureza e nobreza” da natureza, traduzido no mito do selvagem nobre, além da celebração dos sentidos, da sexualidade e do conceito de Gaia como a “mãe Terra”, que extirparia cirurgicamente a *espiritualidade ascendente* de seus postulados ideológicos para, atrapalhadamente, outorgar à humanidade algumas tentativas inconsistentes e frustradas de estabelecimento de um *altruísmo descendente* através de simulacros de “divindades laicas”, como o marxismo, o estadismo, o materialismo, o intervencionismo e as “ecofilosofias”, sempre em busca da perfeição do mundo das formas, das relações humanas, do planeta Terra ou da imanência da mãe natureza. O grande inimigo, considerado agora como “o mal”, passou a ser a “ascensão” e toda sua estrutura hierarquizada, fato que desembocou na expressão wilberiana *flatland* ou na planície material e consequente falácia romântica de que “todos somos iguais” e merecedores do mesmo quinhão dos bens da vida.

Abandonou-se a frase “Deus proverá”,¹⁸¹ mas o *romantismo descendente* parece ter edificado altares aos novos provedores governamentais e pronunciamento dos novos mantras “o Estado proverá” ou “mãe Gaia proverá”,

178 Iluminismo foi um movimento amplo, filosófico, político, social, econômico e cultural, que edificou sólidos valores em torno da razão, da liberdade, da autonomia e da emancipação do indivíduo. A despeito de algumas divergências, boa parte dos acadêmicos considera seu início no século XVIII e sua conhecida denominação de “século das luzes” e pode ser identificado pela recomendação de Immanuel Kant: “*sapere aude*” ou ouse saber, a fim de alforriar a humanidade de uma pernicioso tutela estagnadora.

179 Romantismo foi um movimento artístico, político e filosófico iniciado nas décadas finais do século XVIII, favorável a um nacionalismo que consolidou os estados nacionais europeus. Considerado por alguns como uma reação ao racionalismo iluminista, o que culminou numa visão de mundo idealista, lírica, poética, ligada ao sonho, à fantasia, à valorização da criatividade do indivíduo, ao subjetivo, à saudade de um passado perdido, ao sentimentalismo exacerbado, aos ideais utópicos e desejos de escapismos. Considero Jean-Jacques Rousseau e suas premissas românticas como precursores de muitos equívocos ideológicos em movimentos que foram posteriormente chamados de “progressistas”.

180 “Eco”, em referência a ecologia ou ecológico.

181 Reduccionismo oriundo da exclusão da responsabilidade individual neste processo.

em ramificações de um mesmo tronco comum, em flagrante carência atitudinal que desemboca numa indesejada dependência externa,¹⁸² ao invés do foco na autonomia ou *local de controle interno*¹⁸³ da personalidade, onde o meio é *um* dos fatores e não *o único*.

Do velho ao novo *sagrado* e suas conexões políticas¹⁸⁴ e culturais,¹⁸⁵ Wilber verificou incompletudes de ambos os lados, de um abuso hierárquico “ascendente” para uma nefasta e irreal *uniformidade* da senda “descendente”, ambas autoritárias. Toda a contracultura e falácias do retorno romântico ao primitivo estado natural de “pureza” cultuou uma espécie de imposição forjada de uma falsa equiparação entre seres desiguais, em flagrante achatamento da multiplicidade dos níveis de consciência.

Em resumo, ambas as trilhas parecem-me desequilibradas, em alternância do culto excessivo da hierarquia individual ao ainda mais problemático nivelamento social anti-hierárquico e coletivista, que apenas desestimulou iniciativas, empobreceu nações em nome do social e transformou a riqueza das diferenças personalíssimas numa massa genuflexória impensante e fanatizada pelas novas divindades laicas, motivo pelo qual ousarei antever que enquanto não houver flexibilidade para a compreensão que *social e individual (todo e parte)* são igualmente relevantes,¹⁸⁶ continuaremos nessa claudicante oscilação entre uma selvageria individualista no estilo “salve-se quem puder” e uma injustiça tirânica e coletivista sob a ingênua e falaciosa bandeira do “tudo pelo social”.

Diante de tais argumentos e apesar de minha predileção pelo caminho ascendente, pondero a hipótese de certas sincronicidades entre os caminhos espirituais descendente e ascendente – ambos regidos por leis transcendentais, universais, naturais e imutáveis que regem nosso imenso universo e suas dimensões (lei da atração, causa e efeito etc.) – influenciarem aspec-

182 Desde a dependência externa ascendente (Deus) até a descendente (Estado ou Natureza).

183 Característica do indivíduo maduro, que não reivindica suas demandas de alguma entidade externa (Deus, governo, classe social ou qualquer figura associada a um grande “pai protetor”), nem delega seu destino ao sabor aleatório de uma sorte determinista, mas se concentra em seu esforço pessoal, competência, criatividade, perseverança e autoevolução.

184 Da chamada “direita” para a “esquerda”.

185 Da frase “Deus proverá” para sua substituta laica e igualmente imatura “o Estado proverá”, versão que em linguagem liberal é chamada, a meu ver corretamente, de “Estado-Babá”.

186 O indivíduo não é meio sacrificável pelo todo e vice-versa. Meritocracia como valor social.

tos sociais e individuais por uma miríade de conexões atitudinais, energéticas, emocionais, mentais e espirituais.

Solução integrativa

Abundam críticas da Conscienciologia e de muitos indivíduos às religiões, a maioria de fácil alinhamento com as restrições que acabo de registrar, depreendidas da obra wilberiana. Apesar de alguns pontos de contato no tocante às críticas à determinados aspectos religiosos, a vertente integral difere da conscienciológica em relação ao tratamento dos problemas identificados, consoante o Quadro 6.5, que sintetiza afinidades e dissonâncias entre os postulados integral e conscienciológico em relação ao problema religioso.

Quadro 6.5

Identificação do problema religioso pela Conscienciologia e pela Filosofia Integral e respectivas soluções

Identificação do problema religioso	Soluções
Conscienciologia: • religião como dogma • sectarismo religioso • terceirização das escolhas existenciais • verdades religiosas absolutas	Caminho pelo método <i>vivencial</i> Ruptura com qualquer caminho religioso Generalização do contexto religioso como imaturo Uma nova alternativa transcendente pela ciência Descrença nos caminhos religiosos <i>Ampliar a ciência para os aspectos transcendentos</i>
Filosofia Integral: • patologias do caminho ascendente • patologias do caminho descendente	Caminho por outro nível religioso (<i>vivencial</i>) ¹⁸⁷ Integração pelo caminho “não dual” Diferenciação de estágios imaturos e avançados ¹⁸⁸ Um nova alternativa transcendente pela religião Proposta de união pelos valores sádios <i>Ampliar a ciência para aspectos transcendentos</i> ¹⁸⁹

187 O caminho vivencial, em linguagem wilberiana, é chamado de religião esotérica (com “s”), diferentemente da Conscienciologia, para quem o termo vem de esoterismo, que representa “doutrina antiga ou atitude de espírito antiquada que preconizava reservar-se o ensinamento da verdade (científica, filosófica ou religiosa) a número restrito e fechado de pessoas escolhidas, em geral através de iniciações limitadas e secretas” (VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Editares: 2019, p. 59).

188 Wilber diferencia religião exotérica (não vivencial) da esotérica (vivencial). Também classifica em: 1. Religiões “Translativas”, repletas de mitos, histórias, rituais e dogmas, e 2. Religiões “Transformativas”, que visam transcender o ego pelo “olho do Espírito”, a partir da vivência de estados transpessoais.

189 Neste item há interessante conexão.

O foco conceitual de aparente divergência ente Filosofia Integral e Conscienciologia concentra-se no momento em que a primeira integra as religiões em níveis qualitativos e a segunda abandona o contexto religioso por completo. Interpreto a visão integral pelo prisma inovador ao estabelecer quatro fases absolutamente distintas para o processo religioso:

1. Crença: certeza, dogma e proselitismo.
2. Razão: dúvidas, hipóteses, racionalidade e não-proselitismo.
3. Experiência: vivências de estados transpessoais.¹⁹⁰
4. Adaptação estrutural: domínio ou permanência de um estado transpessoal.

A Conscienciologia propõe que, a partir da etapa vivencial, a jurisdição religiosa perca sua legitimidade ou exclusividade. Dessa forma, o portador da vivência estará credenciado ao descarte de qualquer crença religiosa para adentrar ou, ao menos, tangenciar o universo científico. Neste diapa-são, considere as várias possibilidades classificatórias e proponho uma via mais rigorosa para o enquadramento científico, com estruturas demons-tradas pelo Quadro 6.6.

Quadro 6.6
Análise comparativa dos níveis de consciência, componente atitudinal e enquadramento

Níveis	Postura	Enquadramento
Crença	Dogmática	Religião
Razão	Lógica-racional-analítica	Hipótese racional
Experiência	Vivencial	Hipótese filosófica
Adaptação estrutural	Replicação exaustiva	Hipótese científica
Análise crítica por comparação	Replicação exaustiva e comparativa	Ciência

O expoente conscienciológico que combate o dogmatismo religioso, além da inclusão da transcendência humana na esfera da ciência, chama-se Marcelo da Luz, ex-sacerdote católico e autor da polêmica obra *“Onde a religião termina?”*. Marcelo é crítico das *terceirizações das escolhas existenciais*,¹⁹¹ que considera típico de muitos ambientes religiosos. De minha par-

190 Maslow classificou tais vivências em: 1. Experiências de Pico; 2. Experiências de Platô.
191 Entrevistas, lançamento e palestra disponibilizadas no sítio: www.youtube.com/tvcomplexis.

te, eu prefiro direcionar a mesma crítica do autor Marcelo da Luz para o nefasto pensamento político estatizante.

O citado autor Marcelo da Luz apontou uma série de problemas religiosos e guerras existentes ao longo da história. Baseando-me na obra citada,¹⁹² elaborei o Quadro 6.7, onde são apontados sete conflitos com envolvimento religioso (não iniciado pelos níveis religiosos mais elevados, acrescentaria Wilber), e algumas de suas consequências.

Quadro 6.7
Marcantes eventos bélicos-religiosos: breve resumo e suma das consequências principais

Evento	Breve resumo	Consequências
Primeira Cruzada (1095-1099)	Primeira de um total de oito grandes expedições militares da Igreja Católica	Guerra santa contra o Islã ¹⁹³ Emergência do orgulho cristão-europeu ¹⁹⁴ Retomada de Jerusalém pelos cristãos Massacre de 30 mil muçulmanos e judeus Incentivo à intolerância islâmica
Quarta Cruzada (1202-1204)	Escolhido o Egito como primeiro alvo	Ataque a Constantinopla Pilhagem e destruição de obras históricas Derramamento de sangue "Vitória" islâmica Agravamento da intolerância religiosa
Cruzada das Crianças (1212)	Enquanto o papa Inocêncio III planejava uma nova cruzada para o Oriente e trabalhava simultaneamente na cruzada contra os cátaros e em outra na Espanha, ocorreu, na França e na Alemanha, o movimento popular conhecido como "Cruzada das Crianças", promovido por infantes	Informações imprecisas Suposta escravização das crianças Supostos naufrágios com vítimas

192 LUZ, Marcelo. Onde a religião termina? Editares: 2011, p. 357-372..

193 No final do século XI, o papa Alexandre II incentivou os príncipes cristãos a unirem-se contra os "infieis" espanhóis.

194 Instigado pelo fato de santuários cristãos na "Terra Santa", especialmente a Igreja do Santo Sepulcro em Jerusalém, estarem sob jurisdição islâmica.

Guerras religiosas francesas (1562-1598)	Conflitos armados protagonizados por protestantes católicos	Morte de 2 mil protestantes em Paris Massacre da “Noite de São Bartolomeu” Multiplicação das chacinas Milhares de vítimas
Guerra dos 30 anos (1618 e 1648)	Conflitos político-religiosos ocorridos em solo alemão, por hostilidades entre católicos e protestantes, além de interesses políticos de Suécia e França, posteriormente envolvendo outros países	Invasão do Palácio de Praga ¹⁹⁵ Ampliação internacional do combate Milhares de mortos Incalculável sofrimento
Revolta chinesa de Taiping (1850-1864)	Sucessão de trágicos eventos na China, culminando com o desencadeamento do movimento religioso liderado por Hung Hsiu-ch’üan (1813-1864)	Confronto na Província de Guangxi Ofensiva à capital sulista Nanjing Morte de 30 mil soldados (1853) Massacre de milhares de civis 20 milhões de mortes contabilizadas
Queda das Torres Gêmeas (11 de setembro de 2001)	Um grupo de terroristas afiliados à rede Al-Qaeda sequestrou quatro aviões, rendeu as tripulações e desviou suas rotas, atingindo os alvos World Trade Center e o Pentágono, símbolos do poder econômico, militar e político estadunidense	Festejo de grupos islâmicos Milhares de mortos Reação de George W. Bush Reação de Barack Obama Anúncio da morte de Osama Bin Laden Reiteração do perigo fundamentalista

O quadro acima está longe de ser conclusivo e retrata apenas parte do problema, motivo pelo qual compreendo as duas tentativas para evitar derramamento de sangue, tanto a wilberiana como a conscienciológica. Minha dúvida está em saber se alguma delas seria eficiente. *E mais, como evitar uma reação proporcional e contrária se a agressão vier de terceiro e contra nossa vontade?*

Como visto, a solução de Wilber aponta no sentido do acolhimento e integração harmônica dos caminhos “ascendente” e “descendente”. A Conscienciologia, por sua vez, advoga uma extirpação cirúrgica das posturas religiosas e ingresso do caminho transcendente pelo mundo científico.

¹⁹⁵ No dia 23 de maio de 1618, a revoltada população invadiu o Palácio de Praga e atirou três representantes do monarca pela janela. O fato foi apelidado de “Defenestração de Praga”, estopim à eclosão da guerra (LUZ, Marcelo. Onde a religião termina? Editares: 2011, p. 367).

No Quadro 6.8, transcrevo alguns pontos de divergência entre Cons-cienciologia e religião, majoritariamente mencionados na citada obra de Marcelo da Luz:¹⁹⁶

Quadro 6.8
Diferenças entre religião e Conscienciologia: aspectos apontados por Marcelo da Luz

Religião ¹⁹⁷	Conscienciologia
Apontamentos externos ¹⁹⁸	Apontamentos internos ¹⁹⁹
Consolação	Esclarecimento
Crenças injustificadas	Hipóteses justificadas
Dogmas, verdades absolutas e infalibilidade	Verdades relativas de ponta
Investimento na emoção	Investimento na razão
Manutenção da mitologia	Aplicação da lógica
Neofobia ²⁰⁰	Neofilia ²⁰¹
Oração, devoção, amuletos	Domínio bioenergético
Pecados e acentuação da culpa	Análise sistemática da consciência
Postura acusatória	Autopesquisa
Prêmios ou castigos como motivação	Autorresponsabilidade
Proselitismo	Estímulo à pesquisa
Rituais	Técnicas
Submissão à autoridade	Afirmação da autonomia consciencial
Teocracia, totalitarismo e inquisições	Afirmação da democracia plena
Vivência do sectarismo	Afirmação do universalismo

196 LUZ, Marcelo. Onde a religião termina? Editares: 2011, p. 332.

197 Religião exotérica (no contexto integral).

198 Posso imaginar as ponderações wilberianas sobre este item, a fim de lembrar que os apontamentos externos, na sua interpretação conceitual, consistem apenas na religião exotérica, com “x”, pois a religião esotérica, com “s”, detém apontamentos internos.

199 Aqui reside uma diferença terminológica marcante entre Conscienciologia e Filosofia Integral, pois Wilber interpreta tais apontamentos internos como típicos da religião esotérica, enquanto o posicionamento conscienciológico os exclui da jurisdição religiosa.

200 Medo do novo.

201 Apreciação do novo.

De minha parte, reconheço a postura individual de religiosos absolutamente abnegados, assistenciais e voltados ao bem, que reputo como exemplos vivos do pensamento wilberiano no sentido de apontar níveis elevados de seres que galgaram patamares evolutivos dignos de aplauso pelo caminho religioso.²⁰²

Obviamente, o autor Marcelo da Luz possui pontos e críticas interessantes, mas eu penso que não devemos generalizar. Vale dizer, da mesma forma que temos valores maravilhosos de nascedouro religioso, temos problemas com alguns níveis mais primitivos de consciência, que se utilizam do fanatismo como instrumento de hostilidades, como retratado na biografia de Ayaan Hirsi Ali.²⁰³

Falácia pré-trans

Trata-se de conceito fundamental para a compreensão de toda a estrutura da Filosofia Integral, cuja explicação didática pela linguagem escrita partirá da compreensão dos três níveis básicos já abordados neste capítulo: *pré-pessoal*, *pessoal* e *transpessoal*. O nível pessoal situa-se no comportamento racional do ser humano ordinário, considerado o padrão *Homo sapiens* pela concepção tradicional. Objetivarei facilitar o entendimento do conceito pelo Quadro 6.9, por meio do qual relembro a associação do nível pré-pessoal de consciência com a existência da matéria e da vida; o pessoal relaciona-se com os atributos mentais mais avançados, enquanto o transpessoal vincula-se às vivências geradoras de padrões transcendentais de consciência, para além da mente, e compreensão de que, em essência, somos consciências.²⁰⁴

202 Possibilidade de passagens religiosas na holobiografia de Consciências em estágios avançados.

203 Ayaan Hirsi Ali é uma política holandesa conhecida por suas críticas em relação ao Islã. Foi deputada na Câmara Baixa do parlamento holandês pelo Partido Liberal. Em 1976, seus pais tiveram que fugir do país por oposição ao regime socialista local, sofreu infibulação do clitóris aos cinco anos, em ultrajante cerimônia organizada pela avó, apesar da oposição de seu pai à hedionda prática, além de outros tristes episódios "culturais" que vivenciou. Foi prestigiada com o Prêmio Liberdade do Partido Liberal da Dinamarca por seu trabalho a favor da liberdade de expressão e dos direitos das mulheres, mas não recebeu pessoalmente o prêmio diante de ameaças de fundamentalistas; foi também galardoada em 2005 com o prêmio Democracia do Partido Liberal da Suécia.

204 Consciência: aqui empregada no sentido utilizado pela Conscienciologia, como sinônimo de *self*, espírito, alma e demais termos, dependendo do segmento em questão.

Quadro 6.9
Simplificação dos níveis de consciência e suas relações na visão wilberiana

Níveis de consciência	Lucidez sobre	Ferramenta utilizada
Pré-pessoal	Matéria	Olho da carne
Pessoal	Mente	Olho da mente
Transpessoal	Espírito	Olho do espírito

Isso posto, lembraremos os dois tipos de falácias chamadas *pré-trans*, já citados na introdução desta obra: a primeira, que nega a existência do nível transpessoal, típica do materialismo ou de alguns freudianos que consideram qualquer legítima experiência *transpessoal ou parapsíquica* como credices infantis ou mistificações embusteiras, lamentavelmente existentes, mas sem que possamos generalizá-las; a segunda falácia, típica de muitos integrantes de movimentos *transpessoais, new age, românticos ou sócio-rousseauianos*, que suprimem os níveis pré-pessoais, ao confundir alguns arquétipos, mitos, experiências ou fenômenos flagrantemente rústicos com as situações de real transcendência em alto nível de desenvolvimento, dentro e fora das religiões (Quadro 6.10).

Quadro 6.10
Representação das falácias pré-trans 1 e 2, ambas reducionistas por indevida exclusão de um nível de consciência

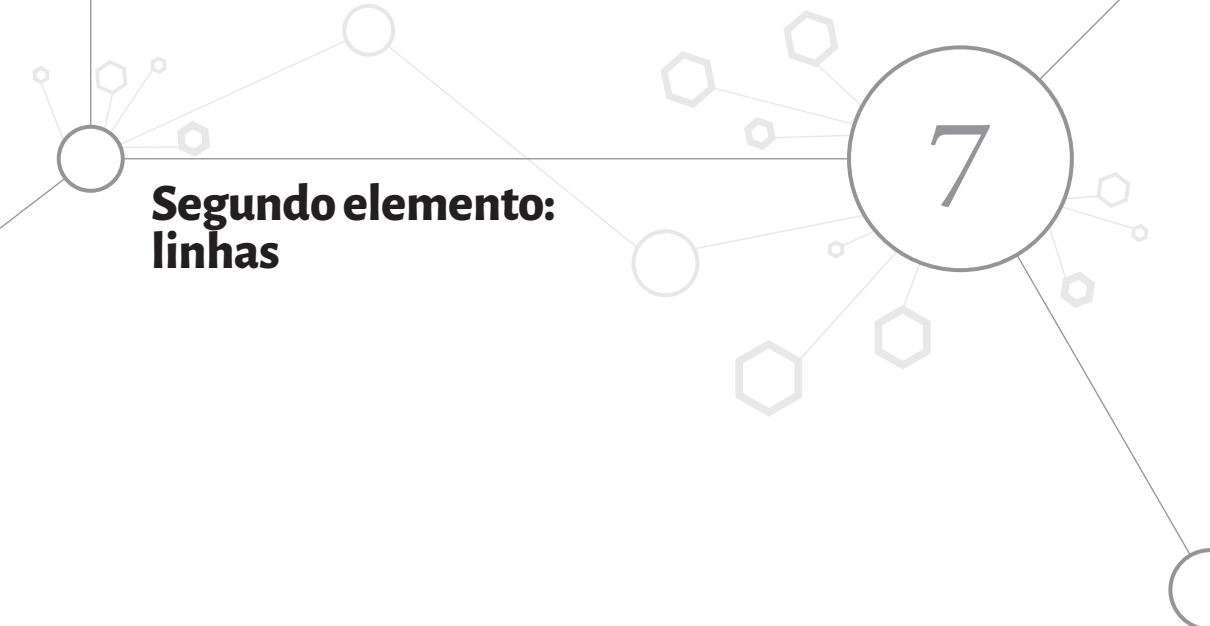
Níveis de consciência	Falácia pré-trans n. 1	Falácia pré-trans n. 2
Pré-pessoal	Aceitação	<i>Negação</i>
Pessoal	Aceitação	Aceitação
Transpessoal	<i>Negação</i>	Aceitação

Como exemplo da falácia *pré-trans 1*, aprecio o próprio materialismo predominante na ciência ortodoxa que, majoritariamente, recusa a transcendência, sequer como uma possibilidade a ser pesquisada, consubstanciada numa negação peremptória de qualquer hipótese *transpessoal*.

Os exemplos da falácia *pré-trans 2* abundam em alguns movimentos *new age*, onde impera a inocente máxima de que “tudo é amor”, além do postu-

lado romântico atribuído a Jean-Jacques Rousseau, segundo o qual a volta às origens seria um bom trajeto, em inocente validação da figura do nobre selvagem, ou que o homem nasce puro e a sociedade o corrompe. Tal falácia figura como geradora do inoportuno repúdio à hierarquia evolutiva e reduz todas as mazelas humanas aos aspectos mesológicos, em flagrante descarte dos componentes tipicamente individuais.

Como muitos sabem, feliz ou infelizmente, nem tudo é amor, bom ou saudável, pois existem problemas sociais *e individuais* nestas intrigantes etapas evolutivas, algumas características em patamares mais evoluídos, outras menos, em constante ligação com determinados talentos. Somos bons com algumas coisas, excelentes em certos aspectos e menos hábeis em outros, fato gerador do segundo elemento da Filosofia Integral: *as linhas de desenvolvimento*.



Segundo elemento: linhas

Continuaremos nossa jornada pelos cinco componentes da Filosofia Integral, agora com foco específico no segundo elemento: linhas. Assim, no presente capítulo, concentraremos nossos esforços na explicitação das linhas ou correntes de desenvolvimento no universo wilberiano.

Importa destacar, a exemplo do que fiz anteriormente, que ampliarei a mera análise do elemento em questão para aventurar-me nas eventuais conexões entre conceitos wilberianos e os de outras vertentes do conhecimento humano, seguindo uma ordem lógica de exposição, que abrangerá os seguintes subitens:

- Espirais do desenvolvimento.
- Conexões entre níveis e linhas.
- Conexões entre níveis, linhas e contextos.
- A linha de valores de Clare W. Graves.
- As cores dos conflitos.
- Processo 1-2-3.
- Gerações e contextos.

O aspecto vivencial deste elemento foi bem exemplificado na obra wilberiana pela frase: “sou ótimo em algumas coisas e nem tanto em outras...”.²⁰⁵ Os talentos individuais e predileções absolutamente personalíssimas são os maiores exemplos em oposição ao nascimento de alguém na condição de

²⁰⁵ WILBER, Ken. A Visão Integral. Cultrix: 2010, p. 37.

tabula rasa e representarão nossas escolhas e futuras vivências das diversas linhas de desenvolvimento, seja pela inata habilidade em alguns aspectos, seja pela dificuldade em outros.

O melhor quadro-resumo sobre o tema, após longa pesquisa, encontrei em magistral curso ministrado por Raynsford, cuja síntese pode ser demonstrada e relacionada com algumas linhas do desenvolvimento humano, acrescidas das perguntas fundamentais para cada corrente e dos pesquisadores que mais se destacaram nos respectivos estudos (Quadro 7.1).

Quadro 7.1
Conexão entre diversas linhas de desenvolvimento, a pergunta-chave e o pesquisador respectivo

Linha	Pergunta	Pesquisador(es)
Identidade	Quem sou eu?	Loevinger
Cinestésica	Como executar fisicamente?	Gardner
Cognitiva	Do que estou consciente?	Piaget; Kegan
Emocional	Como sinto isso?	Daniel Goleman
Espiritual	Qual a preocupação suprema?	Fowler
Estética	O que é atraente?	Housen
Interpessoal	Como devo interagir?	Selman; Perry
Moral	O que devo fazer?	Kohlberg; Gilligan
Necessidades	Do que necessito?	Maslow

Espirais do desenvolvimento

Howard Gardner, nascido em 1943, é considerado um dos expoentes hodiernos das linhas de desenvolvimento da Consciência por sua teoria das *Inteligências Múltiplas*, por meio da qual propôs nove dimensões ou linhas de inteligência: linguística, musical, lógico-matemática, visual (espacial), corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista e existencialista.

Em quase meio século após meu nascimento, jamais conheci indivíduos com identidade absoluta frente às linhas de desenvolvimento humano. Embora tenhamos características comuns, somos diferentes e ímpares quando o assunto são nossos talentos e dificuldades em cada nível ou ativi-

dade específica. Evidentemente, podemos identificar nossas particularidades de inúmeras maneiras, desde a inteligência cinestésica de fenômenos do esporte como Pelé²⁰⁶ ou Roger Federer,²⁰⁷ até a facilidade linguística dos políglotas, a racionalidade e lógica de notáveis matemáticos ou a habilidade interpessoal e carisma de grandes comunicadores.

A Conscienciologia ofereceu-me excelente ferramenta na identificação das linhas ou inteligências mais bem trabalhadas e de outras mais imaturas, através da listagem de traços força ou talentos da personalidade pesquisada, de um lado, e de traços fardos ou evolutivamente infantis da mesma, de outro. Acrescentei a este trabalho uma técnica que desenvolvi a partir do mapeamento dessas características em conexão com os diversos contextos existenciais.

Apresentei-me como cobaia humana e exemplar de estudo em palestra pública,²⁰⁸ para os que estiverem interessados na singularidade individual demonstrada pela técnica da *Autopesquisa Contextualizada*, por mim desenvolvida através da adaptação da listagem das avaliações dos traços da personalidade em determinados contextos. Constatei que tais características podem oscilar entre diferentes ambientes e considere incrível como diferentes indivíduos podem avaliar-nos de forma tão distante, pois nossa *persona*, pode ser lida – ou apresentar-se – com certa assimetria nos diversos momentos e ambientes de nosso convívio, seja uma jurisdição profissional, familiar, institucional, política, estudantil ou qualquer outra. Comprometo-me, ainda neste capítulo, a esclarecer esse tema com maior didática.

Conexões entre níveis e linhas

Haveria como integrar o primeiro elemento estudado no capítulo anterior (níveis) com este segundo elemento (linhas), ora em evidência? Definitivamente, opto pela resposta positiva. Os estágios ou níveis de desenvolvimento representam marcos importantes no constructo evolutivo e originam-se não somente da consciência de um nível, mas também da *perspectiva* de sua observação, justamente onde as linhas de desenvolvimento entram em cena.

206 Edson Arantes do Nascimento, considerado o atleta do século XX, ícone futebolístico e tricampeão mundial pela seleção brasileira.

207 Notável tenista suíço e um dos maiores recordistas de seu esporte.

208 Vide sítio eletrônico: www.youtube.com/tvcomplexis

Existem inúmeras maneiras possíveis para a apresentação de uma crescente evolução em níveis de consciência, algumas com três, outras com doze etapas, dependendo do prisma abordado. A obra *Espiritualidade Integral* contém ótimos exemplos,²⁰⁹ entre os quais figura a conexão com o centrismo ético e com o sistema de *chakras*²¹⁰ ou *chacras*²¹¹ e seus respectivos níveis principais de consciência. O Quadro 7.2 é uma tentativa de facilitar a minha própria compreensão e a do leitor, de uma possível integração entre as linhas de desenvolvimento e seus diferentes sistemas de aferição e os estágios crescentes de consciência.

Quadro 7.2
Sistemas de medição desenvolvidos pela espécie humana, com diferentes níveis de consciência

Linhas de desenvolvimento	Níveis de consciência
Alcance assistencial ²¹²	Indivíduo Família Bairro Cidade Estado Nação Continente Planeta Galáxia Multidimensões Universalismo
Carol Gilligan ²¹³ (convenções)	Pré-convencional Convencional Pós-convencional Integral

209 WILBER, Ken. *Espiritualidade Integral*. Aleph: 2006, p. 17-21.

210 Chakras (com "k"): escrita tradicional.

211 Chacras (com "c"): escrita conscienciológica. Chakra é considerado um vórtice energético ou um centro polarizador do intercâmbio bioenergético da Consciência com a própria dimensão energética e o ponto de conexão "interveicular" para a energização dos corpos físico, energético, emocional e mental. Aprofundarei este estudo no capítulo 12.

212 Considero impressionante a semelhança com o conceito da "Cidadania Multidimensional", estudado pela Associação Internacional de Pesquisas da Conscienciológica (Assipec).

213 WILBER, Ken. *Espiritualidade Integral*. Aleph: 2006, p. 46.

Centrismo ético	Egocêntrico Etnocêntrico Globocêntrico Cosmocêntrico Kosmocêntrico																
Teoria dos chacras	<table> <tr> <td>Modelo Conscienciológico</td><td>Modelo oriental clássico</td></tr> <tr> <td><i>Sexochakra</i></td><td>Cásico</td></tr> <tr> <td><i>Umbilicochakra</i></td><td>Sexual</td></tr> <tr> <td><i>Esplenichakra</i></td><td>Umbilical</td></tr> <tr> <td><i>Cardiochakra</i></td><td>Cardíaco</td></tr> <tr> <td><i>Laringochakra</i></td><td>Laríngeo</td></tr> <tr> <td><i>Frontochakra</i></td><td>Frontal</td></tr> <tr> <td><i>Coronochakra</i></td><td>Coronário</td></tr> </table>	Modelo Conscienciológico	Modelo oriental clássico	<i>Sexochakra</i>	Cásico	<i>Umbilicochakra</i>	Sexual	<i>Esplenichakra</i>	Umbilical	<i>Cardiochakra</i>	Cardíaco	<i>Laringochakra</i>	Laríngeo	<i>Frontochakra</i>	Frontal	<i>Coronochakra</i>	Coronário
Modelo Conscienciológico	Modelo oriental clássico																
<i>Sexochakra</i>	Cásico																
<i>Umbilicochakra</i>	Sexual																
<i>Esplenichakra</i>	Umbilical																
<i>Cardiochakra</i>	Cardíaco																
<i>Laringochakra</i>	Laríngeo																
<i>Frontochakra</i>	Frontal																
<i>Coronochakra</i>	Coronário																
Espiritualidade	Corpo Mente Espírito																
Jean Gebser (cosmovisão)	Arcaico Mágico Mítico Racional Integrado																
Lucidez sobre os VMC ²¹⁴ (Conscienciologia)	Soma Energossoma Psicossoma Mentalsoma Consciência ²¹⁵																
Organização ou complexidade	Átomos Moléculas Células Tecidos Órgãos Sistemas Organismos																
Referência	Eu Nós Todos nós																

214 VMC: veículos de manifestação da Consciência. Utilizei a proposta da Conscienciologia na transcrição dos respectivos veículos.

215 Tecnicamente, Consciência não é mero “veículo”, mas sim seu condutor.

O Quadro 7.2 poderia ser enriquecido com inúmeras outras linhas de desenvolvimento e respectivos níveis ou gradações crescentes, em infinitas conexões, mas como profilaxia da minha tendência excessivamente detalhista e com receio da prolixidade, optei por reduzi-lo a ponto de apenas apresentar alguns exemplos.

Com o objetivo de mais bem elucidar o tema e dirimir eventuais dúvidas porventura ainda existentes, gostaria de acrescentar outros modelos comparativos entre os níveis e as linhas do desenvolvimento, o que faço com o endosso de renomados pesquisadores (Quadro 7.3).

Quadro 7.3
Propositores, perspectivas e estruturas básicas

Propositor	Perspectivas (linhas)	Estruturas (níveis)
Kohlberg	Respostas morais	Desejo mágico Punição-obediência Hedonismo ingênuo Aprovação dos outros Lei e ordem Direitos individuais Consciência individual Universal-espiritual
Loevinger	Identities	Autista Simbólico Impulsivo inicial Impulsivo Autoprotetor Conformista Conformista consciente Consciente Individualista Autônomo Integrado

Maslow	Necessidades	Fisiológica Segurança Pertencimento Autoestima Autorealização Autotranscendência
Vieira ²¹⁶	Multidimensionalidade	Material Energética Psicossomática Mentalsomática Conscencial

Wilber também concebe as estruturas básicas da consciência como níveis de *metabolismos específicos*,²¹⁷ cujo propósito seria o de digerir informações, argumentação que, a meu ver, aponta para uma consistente conexão com o postulado conscienciológico dos quatro veículos de manifestação da Consciência. O Quadro 7.4 procura explicitar essa fantástica similaridade.

Quadro 7.4
Metabolismos informacionais wilberianos e veículos de manifestação da Consciência

Metabolismos informacionais wilberianos	Postulado conscienciológico
Físico	Soma
(englobado pelo anterior)	Energossoma
Emocional	Psicossoma
Mental	Mentalsoma
Espiritual	Consciência

Conexões entre níveis, linhas e contextos

A integração do primeiro elemento da Filosofia Integral (níveis) com este segundo componente (linhas), desembocou no *psicógrafo integral*, devidamente representado na obra wilberiana.²¹⁸ Tive a ousadia de incrementá-lo

216 Waldo Vieira: autor não tratado na obra wilberiana, até onde conheço (ano base 2014).

217 WILBER, Ken. Transformações da consciência. Cultrix: 2005, p. 29..

218 WILBER, Ken. A visão integral. Cultrix: 2010, p. 42.

e acrescentei subdivisões *contextuais* ao modelo original, como poderá verificar o leitor no Gráfico 7.1. Nele, cada grupo de colunas coloridas representa um nível de inteligência aplicado a três contextos diferentes, por exemplo, o azul ao contexto familiar, o vermelho ao profissional e verde ao desportivo.

Elaborei ainda, uma divisão gráfica em três níveis de consciência representadas pelos números “1, 2 e 3”, que poderão abranger da imaturidade à maturidade plena, cabendo ao pesquisador estabelecer seus próprios critérios de avaliação em cada nível de cada contexto. Uma das possibilidades de formulação desses critérios ou parâmetros de avaliação foi demonstrada pelos conceitos de “pré-pessoal, pessoal e transpessoal” e também por classificações com referência no contexto social convencional, sob as denominações “1. pré-convencional, 2. convencional e 3. pós-convencional”:

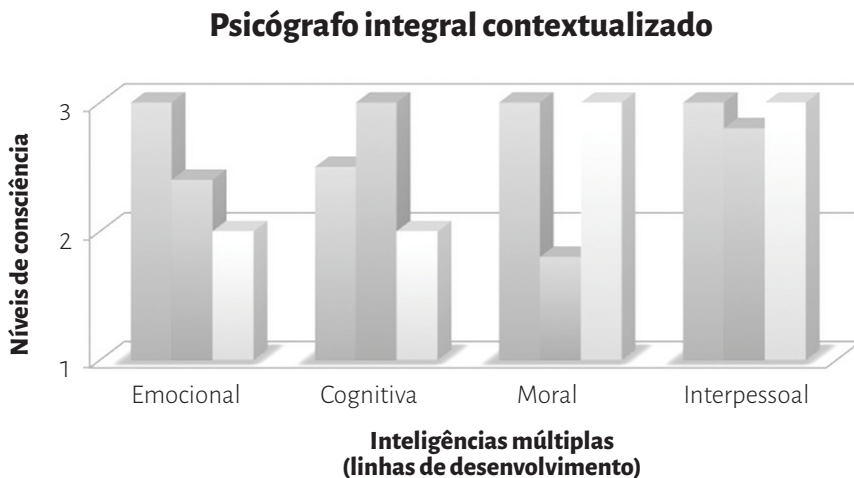


Gráfico 7.1 – Conexão entre os *níveis* de Consciência e as *linhas* de desenvolvimento (cada cor representa um contexto diferente para o mesmo traço de personalidade)

A linha de valores de Graves

Como visto, abundam linhas de desenvolvimento humano e muitas delas foram satisfatoriamente estudadas e objeto de inúmeras pesquisas. Desnecessário justificar que esta obra não tem condão de aprofundar-se em todas as linhas, mas tenho uma preferência pessoal por uma delas, justamente a escala de valores proposta na década de 1960 pelo emérito professor es-

tadunidense de psicologia Clare W. Graves, posteriormente desenvolvida por Don Edward Beck e Christopher C. Cowan²¹⁹ sob o título *Dinâmica da Espiral*. Nesse trabalho, foram incorporadas importantes pesquisas, como a do biólogo britânico Richard Dawkins e do psicólogo polaco-americano Mihaly Csikszentmihalyi. Portanto, se inviável aprofundar-me em todas as linhas de desenvolvimento, julgo oportuno explorar mais detalhadamente os estágios progressivos dentro de, pelo menos, esta linha de valores por mim escolhida para integrar a presente obra.

Uma configuração baseada em valores deverá levar em conta as condições de vida frente a, pelo menos, quatro variáveis: *tempo*, seja com referência à idade do indivíduo ou sua inserção em determinada época histórica; *geografia*, no sentido de verificação das condições físicas e climáticas; *prioridades humanas*, no tocante às necessidades, recursos e tecnologias disponíveis; e *cultura*, frente às hierarquias sociais, posicionamento do indivíduo e do grupo, etnia, linhagem, gênero e demais condições.

Beck e Cowan resgataram o conceito de “Meme”,²²⁰ de Dawkins e Csikszentmihaly, além de agregarem a letra “v”, de “valores” ao vocábulo, ou seja, “^vmeme”, cujo resultado representa um estágio de desenvolvimento e significa um princípio organizador da existência humana que catalisa agentes culturais, linguagem, crenças, arte, expressões religiosas e modelos econômicos e atuam nas jurisdições individuais, organizacionais e sociais. *Confuso?* Penso que tudo ficará mais claro ao adentrarmos definitivamente nas etapas desta empolgante caminhada que nos levará a sucessivos descobrimentos e novos despertares.

Após esta curta introdução, apresentarei a *Dinâmica da Espiral ou Espiral do Desenvolvimento* da maneira clássica, ou seja, associando comportamentos humanos distintos a determinadas cores, a saber: bege, púrpura, vermelho, azul, laranja, verde, amarelo e turquesa. Todas elas representam características associadas ao comportamento típico, além do interessante e sedutor postulado de que a humanidade, seja no plano individual ou coletivo, trilha tais cores em ordem sequencial, inexistindo saltos de um nível para

219 Baseado em intenso trabalho de pesquisa na América do Norte e na África do Sul.

220 Meme: neologismo que define um elemento de uma cultura ou um sistema de comportamento transmitido por processos não genéticos.

dois ou três acima, o que vale dizer que existe uma lógica evolutiva em camadas sobrepostas. As informações deste item, em particular, possuem três fontes principais: a obra *Dinâmica da Espiral*, de Beck e Cowan; *Uma Teoria de Tudo*, de Wilber; e o referido curso de Raynsford.

Iniciaremos nossa fantástica jornada pelo nível bege, que representa a cor das pradarias das savanas africanas, onde o instinto de sobrevivência é imperativo e as prioridades concentram-se na busca pelo alimento, água, abrigo, sexo e segurança, sendo a principal demanda a alimentação. Assim surgiram as primeiras sociedades humanas, com formação de bandos há cem mil anos, cujas características ainda se fazem presentes em nossa sociedade, como nos exemplos a seguir: bebês recém-nascidos; povos primitivos;²²¹ portadores de Alzheimer avançado; pessoas mentalmente perturbadas; massas famintas; traumatizados de guerra; catástrofes como o caso de Ruanda;²²² estresse extremado e limites das condições de sobrevivência.

Superada a questão da sobrevivência, outras necessidades emergem e são devidamente detectadas pela *Dinâmica da Espiral*, que estipula o próximo nível na cor púrpura ou roxo, em simbolização dos chefes tribais. Neste nível, a prioridade é a segurança e a harmonia, num mundo repleto de mistério, bênçãos, maldições, feitiços e ancestrais bons e ruins, onde o temor concentra-se em não despertar a ira de espíritos com poderes mágicos. Existe a formação de tribos étnicas, pensamento animista, com foco nos vínculos de parentesco e característica marcante de ser altamente influenciável por lideranças carismáticas e entidades místicas.²²³

Bons exemplos desse nível abundam no mundo como: inocentes histórias infantis contadas ao redor de uma fogueira; lindas lições do Ubuntu²²⁴ ancestral das tribos africanas; festividade *haloween*; mitos de origem estudados

221 Povos primitivos: romantizados pelo mito do bom selvagem.

222 O genocídio de Ruanda foi o assassinato em massa, em 1994, de centenas de milhares de tutsis e políticos hutus moderados, por parte do governo Hutu, dominado sob a ideologia Hutu Power, que dizimou aproximadamente 20% da população total do país.

223 Místico e Misticismo: aqui mencionados pelo significado de Beck e Cowan, também usado na Conscienciologia. A Filosofia Integral utiliza o mesmo significante com outro significado.

224 Ubuntu: "sou quem sou, porque somos todos nós".

por Joseph Campbell; infantis superstições;²²⁵ eliminação dos pecados pela água batismal; etnocentrismo familiar; lendas ou fábulas; gangues ou torcidas organizadas e crenças em poderes fantásticos de tótemes, amuletos, talismãs ou objetos.²²⁶ Certa vez vivenciei prazerosamente o ambiente lúdico da fértil imaginação roxa ao visitar a cidade de Orlando-EUA e seus incríveis parques temáticos. Certa noite, olhei para cima e parecia nevar, fato gerador de estranheza e certa confusão, pois estava no estado da Flórida.²²⁷ Perguntei a um dos gentis policiais do parque se a neve era verdadeira ou produzida artificialmente. A resposta foi fantasticamente roxa: *você decide*.

A fase de saída da jurisdição púrpura ou roxa nem sempre é tranquila. O indivíduo mais maduro identifica as fraquezas existentes na liderança, seja política, espiritual ou familiar. O descobrimento que papai e mamãe são falíveis e que governantes e deuses do trovão não parecem tão poderosos como antes, motivam um rotundo grito de independência contestatória, tipicamente adolescente: *eu existo!*

Na sequência evolutiva dos níveis de consciência pela linha do desenvolvimento dos valores pós-púrpura, encontramos a cor vermelha, que representa o aspecto sanguíneo das emoções “quentes” de um agente impulsivo, forte, desbravador, heroico, conquistador, poderoso, imediatista e explorador. Note o leitor que não há juízo de valor nessas características, pois todas elas podem apresentar-se pelo aspecto saudável ou patológico. Aliás, o indivíduo vermelho saudável é divertido, criativo e suficientemente livre para explorar e apreciar a vida ao máximo. O ^Vmeme vermelho despreza a fraqueza e seu mundo assemelha-se a uma selva com seus predadores, onde o melhor vencerá e desfrutará o aqui-e-agora da glória e do poder. Facilmente encontrado em admiráveis ídolos do esporte, mas também na carência ética de personalidades populistas, na violência doméstica e urbana, no terrorismo, nos jogos de vídeo em geral, no trote escolar, nas guerras, nos filmes com heróis épicos ou imposição pela força,²²⁸ nos movimentos políticos anárquicos

225 Pular sete ondas, bater na madeira, fazer o sinal da cruz antes da partida, apertos de mãos secretos, espetáculos ritualizados, cerimônias de casamento ou acasalamento, trajes simbólicos, consulta a horóscopos etc.

226 Estátuas santificadas, biscoitos da sorte, cruzeiros, cálices sagrados, anéis de casamento, medalhas religiosas, pés de coelho, figas, ferraduras, o sino da liberdade etc.

227 Estado norte americano em que não ocorre a incidência de neve.

228 Estrelados por ícones vermelhos como Arnold Schwarzenegger, Sylvester Stallone e Bruce Lee.

do MST,²²⁹ nos vilões do cinema²³⁰ e dos filmes de James Bond, nas estrelas selvagens do rock e, historicamente, no feudalismo e nos governos tirânicos.

Obviamente, todo esse ímpeto vermelho demanda por uma saudável ordem com hierarquia piramidal e força externa suficiente para bem canalizá-lo e, não raro, aplacá-lo. Portanto, surge o determinado nível azul, cor representante do firmamento, da ordem, da tradição, dos regramentos e códigos de conduta que diferenciam o certo do errado, o legal do ilegal e o legítimo do ilegítimo. A vida segue numa direção e para um propósito no nível azul, com estabilidade social rígida, construção do caráter, uniformidade de pensamento, onde os valores podem e devem ter uma utilidade positiva, como a obediência, o respeito, a honra, a fibra moral, a civilidade, o sistema legislativo, a ética, a lealdade e a disciplina. Todavia, seu lado sombrio está na excessiva preocupação com a cultura coletivista, mesmo à custa de sacrifícios pessoais, cujo cume patológico poderá gerar fanatismo ideológico, fundamentalismo, submissão irreflexiva, dogmatismo ou qualquer outro raciocínio maniqueísta e manipulador.

Nesse contexto, a liberdade para criar, enriquecer, agir, pensar e emergir como diferente é restringida pela repressão política, culpa, medo ou castigo. A jurisdição azul é fértil para o aparecimento de mártires, com os representantes do “mal” sendo castigados pelo sistema ou pelo agente opressor e sua interpretação do “politicamente correto”. Tal atitude tem o intuito de coibir a entidade combatida pela nova moda “político-espiritual”, seja ela a elite, o povo judeu, a classe empresarial, a burguesia ou algum outro grupo eleito emblemática e demagogicamente como “o vilão” a ser culpado. Encontram-se regimes e cidadãos azuis em sistemas diferentes e, não raro, considerados opostos, como nos impérios, nas monarquias, nas aristocracias, nos regimes fascistas, socialistas, comunistas e demais regimes totalitários;²³¹ na América puritana; nos códigos de conduta, nas relações parentais, nas forças armadas e também entre policiais, juízes em geral, sindicalistas, escoteiros, maçons e sistemas sustentados por religiosos ou partidos políticos, onde a questão básica concentra-se na pergunta: é companheiro?²³²

229 MST: movimento dos trabalhadores sem terra.

230 O Poderoso Chefão (The Godfather).

231 Estrutura azul, que pode ser agravada por influências vermelhas.

232 Alusão ao linguajar político-brasileiro, mas a questão pode envolver outros contextos: pertence à irmandade? É do nosso time?

Neste momento, imagine o extremo azul com seu lema “tudo no devido lugar” e repleto de carga emocional em torno de seus “-ismos”,²³³ com imposições enfadonhas para a glória do único “Caminho verdadeiro”, regras sociais moralistas ou prescrições rígidas e inflexíveis, em que: os progenitores decidem que profissão seus filhos devem seguir; supostos representantes divinos decidem que prazeres podemos aceitar e o “Papai-Estado”,²³⁴ patologicamente azul, decide que seguro devemos fazer,²³⁵ qual tomada ou adaptador devemos usar,²³⁶ quem deverá eventualmente julgar a nós e a si mesmo,²³⁷ qual notícia devemos acessar na televisão ou no rádio²³⁸ e qual o nível de melanina necessário para facilitar a entrada na universidade.²³⁹ *Desagradável, injusto, monótono e tirânico?* A resposta afirmativa demandará um estágio superior que possa libertar o cidadão e a sociedade da mentalidade de rebanho e sua genuflexão ideológica à teocracia religiosa ou à *neodivindade* laica estatal, que são faces opostas da mesma moeda azul.

Superada a patologia azul, estaremos diante da liberdade realizadora do nível laranja, cor que representa o aço fundido numa fornalha industrial, com posturas estrategistas, empreendedoras, arriscadas e focadas no indivíduo. O cidadão laranja é otimista, autoconfiante, independente, analítico, racional, impaciente, ambicioso, competitivo, brilhante e joga para ganhar, devidamente orientado por resultados. Definitivamente, busca conhecimento, autonomia, independência, sucesso e libertação a qualquer preço; sua cosmovisão direciona-se para um mundo governado por leis naturais que podem e devem ser investigadas, dominadas e controladas pelo saber humano, além de possuir afeição pelo desenvolvimento industrial, científico e tecnológico. Esse nível trouxe-nos situações altamente assistenciais como os regimes democráticos, a abolição da escravidão e os incríveis avanços eletrônicos. Pode ser encontrado em *Wall Street*, Avenida Paulista, nas obras

233 Fanatismos político-ideológicos: encontrados em vários segmentos com manuais rígidos, como o comunismo, fascismo, nazismo, marxismo, estadismo, socialismo, coronelismo, monarquismo e sistemas paternalistas em geral, que geralmente consideram “o outro” como inimigo a ser combatido e palavras como “liberdade” e “meritocracia” como demônios laicos.

234 “Papai-Estado” ou “intervencionismo estatal”: expressão de cunho crítico à falta de autonomia individual e sua dependência da esfera governamental como um grande pai protetor.

235 Seguro obrigatório para automóveis.

236 Norma 14.136 e portaria nº 19/2004 do INMETRO.

237 Nomeação dos ministros do Supremo Tribunal Federal pelo Presidente da República.

238 Sistema de concessão estatal.

239 Sistema de cotas raciais.

de Adam Smith²⁴⁰ e Ayn Rand,²⁴¹ na economia competitiva de mercado, no método científico positivista, na popularização da tecnologia, na nova classe média, na emergência positiva do indivíduo, nos direitos e garantias individuais, nos vendedores recordistas, no capitalismo,²⁴² nos maníacos por tecnologia, na moda, em ambientes estressantes de fervor competitivo e onde houver consumo desenfreado, mesmo à custa de divórcios, úlceras e ataques cardíacos. Afinal de contas, *negócios são negócios*.

O lado elogiável do próspero nível laranja prefere investir nas pessoas ao invés de ofertar caridade e, como os demais, é extremamente assistencial e resolve muitos problemas no nível antecessor, mas também cria novos desafios e patologias facilmente identificadas, como sua tendência consumista, materialista, vaidosa e excessivamente individualista, em padrões não sustentáveis do ponto de vista ecológico e ambiental. Diante das tonalidades sombrias do laranja, houve necessidade de desabrochar o nível verde há 150 anos, com a preocupação planetária, sensibilidade pluralista e ecológica.

Os indivíduos e posturas verdes são igualitários, simpáticos, criativos, cooperativos, amistosos, comunitários, humanistas, relativistas e mantêm repulsa às hierarquias, rotulações e julgamentos. Seu lado sadio está na conscientização do prazer da partilha espontânea (não mais pela imposição azul), pois existem valores superiores e princípios morais muito além do sucesso material alaranjado. Todavia, a faceta verde mais sombria está na excessiva submissão ao “politicamente correto”, na falta de praticidade, nos intermináveis diálogos sem objetividade e nas tentativas de decisões baseadas num consenso utópico que, na maioria das vezes, inexistente. Costumo dizer, em jocosa combinação de cores, que numa reunião verde, as pessoas laranjas saem vermelhas. As virtudes e as patologias verdes são facilmente encontradas em movimentos como *Green Peace*, Ecovilas, instituições assistenciais e indivíduos ligados à preservação da natureza e proteção ambiental.

A politização verde parece estar ligada a uma espécie de “socialismo *light*” ou “capitalismo humanitário”, ao vegetarianismo, à utopia da bela canção *Imagine*, de John Lennon, e no apoio sensível às causas justas e filantrópicas,

240 A Riqueza das Nações.

241 A Revolta de Atlas.

242 Capitalismo de livre mercado, iniciativa privada e *laissez-faire*.

tudo para o bem da comunidade e consciência do respeito à diversidade cultural, desde que essa liberdade para ser diferente atenda aos interesses verdes e de sua cosmovisão específica. Todavia, a crise verde inicia-se pelo questionamento sobre os limites da tolerância e aceitação, onde tais virtudes passam a tangenciar a permissividade nada educativa e uma confusão onde a vítima iguala-se ao delinquente. *Se todos formos iguais, Gandhi poderia ser igualado a Hitler? A diferença entre eles poderia ser creditada apenas ao meio ambiente? Será que todos os problemas podem ser reduzidos ao mal-encaminhamento social?* Parece-me evidente que agentes externos têm expressiva influência comportamental, mas considero imaturo o romântico mito do selvagem nobre e crédito boa parte – *mérito ou demérito, ônus ou bônus* – ao componente interior, subjetivo, particular e personalíssimo do próprio indivíduo. A ingênua igualdade verde começa a ruir face à crueza da realidade apresentada pelo cotidiano e seus noticiários, onde as certezas esverdeadas começam a “amarelar”, não para distribuir estereótipos, mas sim para compreender e identificar as necessidades assistenciais de cada cidadão, a partir do que haverá um fluxo que auxilie a todos indistintamente. Nas palavras de Beck e Cowan: “aqueles que experimentaram o socialismo na sua versão verde descobrem que também não é a resposta”.²⁴³

Na sequência de nossa escala evolutiva de valores e apesar do reconhecimento de muitos ao carinhoso ^vmeme ligado ao verde das matas e florestas, urge reconhecer sua romântica limitação anti-hierárquica, que nada decide porque tem que partilhar sensivelmente todas as opiniões de todos os seres, lembrando o *slogan hippie* “paz e amor” do final da década de 1960. Assim, com o objetivo de solucionar a indefinição verde e iniciar uma nova ordem integrativa baseada no conhecimento e reconhecimento das hierarquias que Beck e Cowan chamaram de “naturais” (prefiro o termo *meritocráticas*), surge o “salto monumental”²⁴⁴ para o nível amarelo, que lembra a abrangência solar, resgata o aspecto sadio da individualidade sufocada pelo grupo, harmoniza e sintoniza sistemas, mantém a solidariedade, espontaneidade e flexibilidade, sem genuflexão patológica às opiniões majoritárias, impróprias ou inoportunas, em flagrante priorização da competência e *funcionalidade*. A individualidade amarela é respeitosa

243 BECK, Don Edward; COWAN, Christopher. Dinâmica da Espiral. Instituto Piaget: 1996, p. 333.

244 Salto monumental: expressão usada por Claire Graves para designar a passagem dos níveis mais primários, chamados de “primeira ordem”, para os níveis integrais de “segunda ordem”.

ao coletivismo roxo, azul e verde e também ao individualismo vermelho ou laranja, mas vai além deles, pois compreende, coopera e aprende com os diferentes graus de maturidade e excelência personalíssima dos indivíduos, dos *hólons*, das gradações multidimensionais e da *holarquia* como um todo, onde ocorre o resgate do Grande Ninho do Ser.

A autoridade amarela não é pleiteada pelo indivíduo que alcançou este nível, mas emerge natural e contextualmente, baseada em seus valores, mérito e maior vivência. Aqui, o “ganha-ganha” otimizado e sua liberdade prescindem dos convencionalismos ou festividades sociais; não prejudicam nem agredem o meio ambiente e conseguem discernir entre as verdades parciais e equívocos de cada cosmovisão de primeiro nível, com as escolhas do tipo “isso *versus* aquilo” dando lugar para ricos *e* pobres, mercado *e* estado, público *e* privado, masculino *e* feminino e assim por diante; tudo muito além da ingenuidade igualitária verde, do “perde-ganha” interesseiro laranja ou do “altruísmo com dinheiro alheio” de boa parte do pensamento político-ideológico atual, baseado na imposição patológica do azul.

Tentarei ousadamente ofertar um exemplo do fluxo amarelo para o turquesa com alguns lampejos de inspirações desta própria obra, que pretende demonstrar, até onde minha cosmovisão conseguiu alcançar e apesar das confessadas limitações pessoais, as conexões entre os vários sistemas, ciências, filosofias, pensamentos e padrões de comportamento, entrelaçando-os em jurisdições nas quais possam emergir produtos reciprocamente assistenciais de todas as cores. Considero outro autor nestas condições: Mihaly Csikszentmihalyi e sua obra com o “amarelado” título *A descoberta do fluxo – a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana*.

Se a funcionalidade é a tônica do ^v meme amarelo, a visão global integrativa e sinérgica em busca da causalidade universal emerge no nível seguinte sob a cor turquesa,²⁴⁵ onde as conexões entre os níveis são compreendidas em sua profundidade e vivências comunitárias, com identificações de padrões assistenciais. O maestro turquesa produz acordes e não apenas notas musicais, ou seja, mistura harmonicamente as diferenças sistêmicas numa rede global universalista, na qual os elementos transformam-se em vibran-

245 Cor escolhida em alusão aos oceanos vistos do espaço.

tes conexões muito além das excentricidades laranja, da ingenuidade verde ou qualquer etapa pretérita. Os níveis pós-turquesa, seja o *coral* ou outra cor que mais bem represente a próxima etapa desta dinâmica teia multi-dimensional de interligações, certamente surgirá entre poucos habitantes terrenos, talvez fadados à incompreensão em seu tempo. Todavia, para entendermos melhor os elos evolutivos de valores até então estudados pela humanidade, elaborei o Quadro 7.5, portador da minha interpretação das conexões da *Dinâmica da Espiral*.

Quadro 7.5

Conexões entre os níveis, cores, palavras-chave, cosmovisões, virtudes, deficiências e justificativas bélicas na Dinâmica da Espiral

Nível	Cor	Palavra-chave	Cosmovisão	Virtudes	Fardo	Justificativa bélica
1	Bege	Sobrevivência	Instintiva	Instintos aguçados	Precariedade	Subsistência
2	Púrpura	Ancestralidade	Tribal	Grupal	Superstição	Tradição ritualística
3	Vermelho	Poder	Egocêntrica	Força	Impulsividade	Conquista
4	Azul	Ordem	Autoritária	Organização	Rigidez	Nacionalismo heroico ²⁴⁶
5	Laranja	Racionalidade	Estratégica	Realização	Ganância	Novos mercados
6	Verde	Fraternidade	Consensual	Comunitário	Indecisão	Proteção dos oprimidos
7	Amarelo	Fluidez	Integrativa	Flexibilidade	Macro-sinergia	Não belicista
8	Turquesa	Conectividade	Sinérgica	Identifica padrões	Em estudo	Não belicista

Inúmeros outros quadros possíveis abundam na obra de Beck e Cowan²⁴⁷ para uma infinidade de conexões entre os elementos dessa extraordinária espiral. Selecionei correlações de minha preferência e adaptei ao meu pensamento nos Quadros 7.6 e 7.7, focados na motivação para o trabalho, no comprometimento entre os cidadãos e na interpretação política de seus valores.

246 Divisão sadia entre “certo e errado”, porém seu desvio patológico poderá apresentar um etnocentrismo marcado pela divisão entre nós e eles (ricos *versus* pobres, capital *versus* trabalho, classe trabalhadora *versus* elite, nacional *versus* estrangeiro, enfim, “isso *versus* aquilo”).

247 BECK, Don Edward; COWAN, Christopher. *Dinâmica da Espiral*. Instituto Piaget: 1996.

Quadro 7.6
Conexões entre os níveis, cores, motivação laboral e laços pessoais

Cor	Motivação laboral	Laços interpessoais
Bege	Evitar a fome	Ligações em prol da sobrevivência
Púrpura	Manter a família e organização tribal	Casamento intergrupar e nepotismo como naturais
Vermelho	Aumentar sua força	Domínio pela liderança forte
Azul	O labor é um valor em si e um dever a cumprir	União pelo correto a fazer, consoante as regras
Laranja	O labor objetiva competição, crescimento e resultados	Elo como atingimento de recompensas pessoais
Verde	O labor para partilhar voluntariamente o fruto social	Respeito, aceitação e sentimento de uniformidade
Amarelo	Liberdade informacional, funcionalidade e competência	Adaptações <i>meritocráticas</i> personalíssimas
Turquesa	O labor como significado da vida	Laços espirituais e <i>aproximação</i> das Consciências

Quadro 7.7
Conexões entre os níveis, cores, interpretação política e respectivos valores

Cor	Política	Valores políticos
Bege	Não há conceito de governo	Formação de bandos
Púrpura	Ditada pelos mais velhos e espíritos ancestrais	Formação de tribos e conselhos de clãs
Vermelho	O poder do povo é ditado pelo “grande chefe”	Impérios armados, ditatoriais e autocráticos
Azul	Justiça e lealdade para quem segue as regras	Autoritário e aversão à tripartição do Poder ²⁴⁸
Laranja	Políticas pluralistas num jogo econômico	Iniciativa de livre mercado e direitos individuais
Verde	Compartilhamento de decisões em democracia direta	Comunitária, com foco nos direitos coletivos
Amarelo	Alinhamento dos fluxos meritocráticos ²⁴⁹	Integração dos direitos individuais e coletivos
Turquesa	Macroadministração de todas as formas de vida	Redes mundiais conectadas

248 Casuística emblemática: condenação da cúpula petista pelo crime conhecido popularmente como “mensalão”, consistente na corrupção ativa dos agentes públicos do Poder Executivo para a compra de votos de integrantes do Poder Legislativo.

249 A compreensão da meritocracia como ferramenta do “ganha-ganha” cooperativo, assistencial e voluntário é, a meu ver, a chave para diferenciar os níveis superiores e de segunda ordem dos que ainda não conseguiram alcançar esse nível de consciência.

Outra classificação importante na Dinâmica da Espiral é a que se refere às estruturas de primeira e segunda ordem. Os ^Vmemes ou estágios de primeiro nível abrangem a subsistência bege, os rituais púrpuras, os heroicos conquistadores vermelhos, a lealdade às tradições azuis, o sucesso realizador laranja e a sensibilidade comunitária verde. Entretanto, existe um marcante diferencial nos chamados estágios de segunda ordem, a partir do ^Vmeme amarelo, justamente o momento da quebra paradigmática dualista, segregada, bairrista ou separatista das camadas anteriores, onde as conexões verdadeiramente tornam-se acessíveis à compreensão consciente, num abraço integral, pacifista, magno e funcional de toda a cadeia assistencial, do mais primitivo ao mais evoluído. Emerge a cosmovisão multidimensional de que tudo importa e todos são relevantes, mas sem a ingênua padronização dos indivíduos, que cede espaço para as diferentes perspectivas e valoração do alcance ético de cada cidadão. Nos sistemas de segundo nível, ocorre um fluxo aberto, sistemático, flexível, rico em informação e interativo, com o foco na competência, na funcionalidade e na qualidade de cada ser.

Tudo bem até aqui? Espero que sim. Todavia, o leitor poderia questionar-me: *qual a utilidade e vantagem de uma visão de segundo nível?* Estamos diante de uma bela pergunta, cuja resposta retrata uma entusiástica capacidade assistencial, pois, ao quebrar a barreira separatista de um nível para outro, emerge a visão de que o nível seguinte contém justamente os componentes amparadores, assistenciais e complementares do nível anterior ou de cosmovisão mais restrita. Analogamente, poderíamos dizer que os elos dessa corrente evolutiva estão todos, sem exceção, conectados numa gigantesca teia cósmica multidimensional ou simplesmente *kósmica*, para utilizar o linguajar pitagórico resgatado por Wilber.

Beck e Cowan outorgam-nos ainda um exemplo do que chamaram de “^Vmeme entrincheirado”,²⁵⁰ repleto de guardiões²⁵¹ e mecanismos de defesa do ego que defendem sua respectiva “univisão” como se fosse a cosmovisão máxima e última “verdade suprema”. Essa situação poderá exigir um desenraizamento doloroso, como a transição de um azul burocrático, es-

250 BECK, Don Edward; COWAN, Christopher. Dinâmica da Espiral. Instituto Piaget: 1996, p. 58.

251 Guardiões: síndrome do justiceiro, que pretensamente pensa que sabe o que é melhor para mim e para você e deseja impor-se “para o nosso bem”.

tatizante e repleto de regras para a democracia de livre mercado laranja, em continuidade evolutiva para uma responsabilidade verde, além do salto amarelo para uma visualização da importância meritocrática de todos os níveis em seus contextos evolutivos, onde a etapa seguinte, ao invés de destruir, transcende e integra a anterior.

Os estágios expressam-se por suas qualidades saudáveis ou patológicas. Por exemplo, o mesmo ^Vmeme púrpura pode produzir maravilhosas histórias de Júlio Verne e Walt Disney ou incitar um terror coletivo por maldições; um ^Vmeme azul regrador poderá outorgar um edificante propósito espiritual e ordenado para muitas vidas, mas também poderá escravizá-las por fanatismo ideológico; a elogiada autonomia, independência e estratégia do ^Vmeme laranja também poderá adoecer para a ganância a qualquer preço; finalmente, a capacidade empática e comunitária verde poderá contaminar-se pela ingênua miopia igualitária, anti-hierárquica e incapacidade decisória.

No tocante aos ^Vmemes mais autoritários e mais libertários, Beck e Cowan identificaram um padrão que Wilber julga questionável, mas que particularmente considero interessante: “... as cores frescas são, regra geral, mais autoritárias; as cores quentes mais flexíveis. A rigidez é alta no azul e no verde. O dogmatismo passa do seu ponto mais alto no azul ao seu ponto mais baixo no amarelo. A culpa vem à superfície no azul, desaparece no laranja, volta a aparecer no verde e sumir no amarelo. As exigências de liberdade estão no seu ponto mais elevado no vermelho, um tanto suavizadas na autonomia laranja e tornam-se uma individualidade imperturbável e sadia no amarelo”.²⁵²

O ponto culminante de minha absoluta preferência está justamente no nível turquesa, onde a consciência de todas as entidades como sistemas com padrões integrados é a tônica, mas o que realmente faz toda a diferença para mim está na noção das ligações da inteligência humana coletiva, sem abrir mão ou sacrificar as individualidades e genialidades personalíssimas. Nesse nível de consciência, a individualidade não guerreia com a coletividade, a responsabilidade acompanha a liberdade e as escolhas pessoais estão

252 BECK, Don Edward; COWAN, Christopher. *Dinâmica da Espiral*. Instituto Piaget: 1996, p. 97-98.

em harmonia com o todo. A expressão “isso *versus* aquilo” resta totalmente superada, para a emergência de um vultoso “isso *e* aquilo, eu *e* você, nós *e* vós”, na mais colossal conexão de “tudo-com-tudo e todos-com-todos”, sem a nefasta supressão da maior riqueza humana: *a particularidade individual*.

Da teoria ao aspecto prático, Beck e Cowan parecem orientar-nos no sentido de que cidadãos púrpuras e vermelhos demandam uma autoridade azul, cuja ordem será um solo fértil para empresas e empresários laranjas nascerem, que necessitarão de uma consciência verde para equilíbrio, onde emergirá o indispensável maestro com sua batuta amarela para gerir essa eclética e colorida orquestra, na qual será necessário identificar padrões assistenciais turquesas. Todo esse caleidoscópio fará parte da minha tentativa de simplificação didática no Quadro 7.8, onde procurei máxima sintetização e exemplificação com filmes e músicas característicos.

Quadro 7.8

Conexões entre a síntese máxima de pensamentos, estruturas e processos com filmes e músicas respectivas

Cor	Pensamento	Estrutura	Processo	Filme	Música
Bege	Automático	Faixas soltas	Sobrevivência	O Náufrago	Wake up and live, de Bob Marley
Púrpura	Animista	Tribal	Ancestral	Avatar	Pisca-pisca estrelinha ²⁵³
Vermelho	Egocêntrico	Explorador	Imperialista	Átila, o Huno	O Fortuna, de Carmina Burana
Azul	Absolutista	Piramidal	Autoritário	A Lista de Schindler	America First, marcha militar
Laranja	Racional	Empreendedor	Estratégico	O Dia Antes do Fim	You Can Get It If You Really Want ²⁵⁴
Verde	Relativista	Comunitária	Consensual	Uma Verdade Inconveniente ²⁵⁵	Imagine, de John Lennon
Amarelo	Sistemático	Interativa	Integrativo	Gandhi	O Peregrino, de Enya
Turquesa	Holístico	Universal	Fluido	Dinâmica da Espiral ²⁵⁶	Orinoco Flow, de Enya

253 Canção popular.

254 Canção de Jimmy Cliff, onde o laranja poderá ser verificado a partir do título: Você pode obtê-lo se você realmente quiser.

255 Dança com Lobos, estrelado por Kevin Costner, também contém uma moral verde.

256 Vídeo educativo disponível no portal Youtube.

Em conclusão, terminaremos nossa jornada por essas fantásticas conexões espiraladas com a lembrança dos autores Beck e Cowan,²⁵⁷ no sentido da classificação das cosmovisões de primeiro nível – do bege ao verde – em que impera a limitação do pensamento setorizado, no estilo “*nós versus eles*”. A partir do ^vmeme amarelo, este ranço belicista acaba e tudo passa a ser mais claro, integral e reciprocamente assistencial, situação em que os cidadãos, ainda que conectados fraternamente com tudo e todos, são respeitados em sua individualidade e, portanto, dotados de livre-arbítrio para assumir ônus e bônus de suas escolhas, ou seja: arcam com as consequências dos seus atos; atuam como fornecedores de informação e não como supervisores do conteúdo; honram suas relações contratuais, independentemente de coerção; articulam propostas que ultrapassam os interesses apenas do “seu” grupo; entendem que as diferenças humanas são positivas; descartam o infantil argumento de que todos seríamos igualmente puros ou angelicais; respeitam a meritocracia individual, que cumula os benefícios da *Justiça*²⁵⁸ e da *funcionalidade social*;²⁵⁹ renunciam às falácias que simplificam os problemas sociais em torno de raça, classe social, diferenças econômicas ou gênero; além de conectarem construtivamente as pessoas, a tecnologia e os procedimentos para, finalmente, reconhecerem padrões e colocarem ordem no caos, em ambiente onde as pessoas possam exercer livremente suas aptidões em busca do florescimento e excelência de suas manifestações.

As cores dos conflitos

Farei uma enxuta análise de históricos litígios entre os valores da espiral do desenvolvimento de primeiro nível, cuja ênfase hodierna está na transição do azul para o nível laranja e, em alguns grupos, do verde para o amarelo. Iniciarei pela Inglaterra, em seu momento histórico de caos econômico de um azul patológico, repleto de máfias sindicais estagnadoras e travamento do país, que foi impactado (positivamente, sob minha perspectiva) por Margaret Hilda Thatcher e sua política econômica de valores laranja.

257 BECK, Don Edward; COWAN, Christopher. Dinâmica da Espiral. Instituto Piaget: 1996, p. 161.

258 Grafei o termo “Justiça” com “J” maiúsculo para representar um significado muito além do confronto “justiça individual versus justiça social”. A ideia é a de que temos apenas uma Justiça, aquela que aponta para a emergência positiva da expressão harmônica “justiça individual e social”. Sob esta ótica, uma pequena diferença na escrita trará gigantescas consequências evolutivas.

259 Vale dizer, onde não há meritocracia, a sociedade simplesmente não funciona. Convido qualquer indivíduo a trazer-me exemplos concretos que provem o oposto.

Entre naturais erros e acertos de qualquer liderança, houve contundentes ataques ao *thatcherismo*, inclusive com deselegantes manifestações de repúdio à Dama de Ferro após sua morte, fartamente noticiada pela imprensa (ano base 2013). Penso que, acima de qualquer embate pessoal, as aquecidas dissonâncias políticas representam descompassos clássicos entre uma tendência controladora azul e um movimento industrial laranja, ambos com suas virtudes e patologias específicas.

Outra conjuntura de enorme interesse mundial envolve o gigante chamado China, uma nação de tradições milenares, economia com tendências laranja e sistema político comunista azul, inclusive com tendências que, no ocidente, chamaríamos de antidemocráticas, fatos merecedores de observação detalhada por sua complexidade e magnitude. Ouso desejar que nossos parceiros chineses, no futuro, avancem evolutivamente da desgastada tradição política azul para as eficazes estruturas laranjas, cooperações verdes e, posteriormente, um sistema político fluido e meritocrático tipicamente amarelo.

Ao reler esses modelos históricos – o inglês e o chinês – o leitor poderia pensar que o nível azul seja “o” grande vilão da evolução planetária. Nada mais equivocado. Analisemos o caso do grave problema da violência provocada por lideranças vermelhas sombrias, que, convém frisar, não escolhe classe social. Pois bem, a patologia vermelha demanda assistência justamente dos valores azuis, que são incrivelmente úteis no contexto avermelhado. Encontramos princípios azuis entre religiosos, militares, sistema judiciário, regras esportivas, patrióticas ou quaisquer outras atividades de características homeostáticas em penitenciárias ou locais sujeitos a uma violência descontrolada, onde o contexto azul representará positivo agente de equilíbrio para toda a dinâmica da espiral.

O Brasil e a maioria dos países da América do Sul, vistos por minha óptica política, sofrem historicamente de lideranças vermelhas e azuis extremamente tirânicas, autoritárias e intenção nitidamente centralizadora, com uma economia oscilante entre bandeiras azuis de um segregacionismo sindical oriundo de um falido socialismo até um *Capitalismo de Estado* oportunista e condenável, principalmente quando o comparamos ao seu primo alaranjado mais evoluído chamado *Capitalismo de Mercado*, que também está longe de ser uma panaceia salvacionista, mas apresenta-se historica-

mente como a opção menos condenável e que apresentou melhores resultados. Na condição de apreciador do liberalismo responsável e pragmático, mantenho esperança na consolidação de uma estrutura de livre mercado amarela,²⁶⁰ cuja saúde seja suficiente para manter boas instituições azuis (ao invés de destruí-las) e consolidar parques industriais laranjas e uma sólida consciência ecológica verde em direção a novas lideranças turquesas.

Neste sobrevoo através dos momentos de transição azul para o laranja, a Revolução Francesa também merece coloridas pinceladas. Uma população com impulsos de uma revolta vermelha, sob a liderança de valores iluministas laranjas e embriões verdes, derrubou o governo monárquico patologicamente azul do rei Luís XVI. Todavia, com a queda da Bastilha (símbolo azul da patologia monárquica), em 1789, a massa enfurecida, com sangue vermelho nos olhos, guilhotinou representantes azuis integrantes da monarquia, entre eles o próprio Luís XVI e sua esposa Maria Antonieta, inclusive com o confisco dos bens da igreja, outro forte mecanismo azul de contenção vermelha. Ao invés da transmutação da patologia azul para seus aspectos sadios, optou-se por sua total extirpação e, diante disso, a espiral desequilibrou-se com excessos avermelhados, contexto propício para o aparecimento de uma outra liderança azulada ainda mais forte e, frequentemente, com patologia agravada. O restante conta a história sobre a ascensão ditatorial e militarista do general francês Napoleão Bonaparte.

Termino com a análise da nação mais poderosa do planeta, que desperta polêmicas, admiradores, paixões e furiosos desafetos. Os Estados Unidos da América possuem uma estrutura de valores políticos dividida em republicanos e democratas, ambos de economia laranja sedimentada em fortíssimas instituições azuis (forças armadas, polícia, religião, cultura patriótica e esportes coletivos) e insipientes gotículas verdes.

Todavia, as abordagens republicana (chamada de conservadora) e democrata (chamada de liberal,²⁶¹ nos EUA) são diferentes nas propostas de soluções para os problemas. Tive contato com pensadores que enfrentaram tal

260 Onde “não importa a cor do gato, desde que ele cace o rato” (provérbio chinês).

261 Liberal: termo com duplo significado. Nos EUA, os valores liberais estão à esquerda dos republicanos. Na Europa e Brasil, o termo liberal está à direita dos partidos que governaram o país nas últimas décadas.

questão e vivenciaram a cultura estadunidense, especialmente Raynsford, que, em meados de 2013, ofertou-me um exemplo que nunca mais esqueci diante da polêmica postura em relação a um indivíduo desempregado, seja por estar desprovido de ambiente que otimize a oferta de trabalho, seja simplesmente por sua opção pessoal.

A política democrata, com maior afinidade para o que é conhecido no Brasil como “esquerda progressista”, atuará neste caso outorgando-lhe benefícios²⁶² à custa do aumento da carga tributária pela oneração do gasto público, obviamente pago pelo cidadão contribuinte; por outro lado, a política republicana, alinhada com a visão chamada de “direita conservadora”, optará pela priorização da massa contribuinte em detrimento do indivíduo. *Qual é a mais “eficaz, moral ou justa”?* São antagônicas perspectivas de um mesmo problema, oriundas de diferenças sutis nas tonalidades de uma mesma coloração, o que torna o problema da resolução de conflitos carente de um desprendimento da arrogância dos detentores da grande panaceia ideológica que resolverá todos os problemas. Muito embora adote postura pessoal conservadora no caso específico, reconheço que a dicotomia oriunda de valores convencionalmente identificados com a desgastada expressão “direita *versus* esquerda” deva ser objeto de análises desapaixonadas e com critérios lógicos e objetivos de avaliação. Aliás, fica a provocação: *quem tem medo da objetividade?*

Processo 1-2-3

Inexiste melhor contexto para introduzir a observação sobre a dinâmica da evolução ou como ocorre o processo evolutivo. Wilber simplificou magistralmente a questão pela nomenclatura “processo 1-2-3”, pois detectou três etapas distintas e recorrentes nas interseções entre as diversas linhas e os níveis de consciência, às quais chamou de “fulcros”. Em síntese, são necessários três passos bastante definidos para o surgimento da cosmovisão transcendente: *fusão, diferenciação e integração*.

Esmiuçarei o “processo 1-2-3” e suas etapas diante da classificação entre *sadio e patológico*. O processo sadio atravessará a primeira fase (fusão) pela *identificação* e abertura mental para a ideia mais avançada que antes des-

²⁶² No Brasil: seguro desemprego, saúde pública, bolsa família, sistema fundiário etc.

conhecia ou resistia, obviamente seguido de curiosidades, estudo e descobertas de novas possibilidades; a segunda fase (diferenciação), quando o indivíduo compreende o funcionamento do nível em que atua, mas *transcende* o padrão daquela suposta cosmovisão; finalmente, na terceira etapa (integração), o navegante do *Grande Ninho do Ser* e seus níveis ou da espiral de desenvolvimento de Claire W. Graves, procederá a *inclusão* daquele pensamento que transcendeu. Portanto, o “processo 1-2-3” saudável implicará em: *identificação, transcendência e inclusão*.

O processo patológico apresenta-se de forma diferente: ao invés de *identificação* poderá haver nefasta *fixação* aos valores ou à cosmovisão daquele nível, fator estagnador e preocupante quando tendente ao discurso ideológico monotemático, típico da submissão clássica aos representantes religiosos ou às divindades laicas, como o deus “Estado-provedor” com tendências tirânicas azuladas; o deus “dinheiro e poder” como um alaranjado fim em si mesmo; finalmente, o esverdeado deus “natureza”. Gosto de lembrar, quanto toco nestes temas polêmicos, que não sou contra o Estado, o dinheiro ou a natureza, muito menos avesso ao livre mercado capitalista, mas deixo claro que transformá-los em divindades ou panaceias cósmicas encontra a patologia aqui denominada de fixação.²⁶³ Na segunda etapa (diferenciação), enquanto o indivíduo saudável *transcende*, o patológico *dissocia*, muitas vezes com veemente repúdio revolucionário, intensidade que apenas evidencia o maior grau da sua patologia. Por fim, na terceira fase (integração), o indivíduo troca a saudável *inclusão* pela dolorida *repressão*. *Difícil?* Penso que sim. Todavia, elaborei o Quadro 7.9 com todos os elementos acima discutidos, medida que, espero, possa facilitar a compreensão do leitor.

Quadro 7.9
Síntese do “Processo 1-2-3” da evolução em suas versões saudável e patológica

Dinâmica 1-2-3 da evolução	Processo saudável	Processo patológico
1. Fusão	Identificação	Fixação
2. Diferenciação	Transcendência	Dissociação
3. Integração	Inclusão	Repressão

²⁶³ Faço tal observação, mas destaco minha preferência pelo Mercado, em relação ao Estado.

Gerações e contextos

A esta altura, o leitor deve ter notado que tentei simplificar, por meio de quadros, as mais diversas conexões existentes entre os prismas da Filosofia Integral, Dinâmica da Espiral e demais correntes/autores, medida que entendo como facilitadora. Apesar das sínteses apresentadas, tais conexões são complexas e merecem estudo também sob a óptica das influências mesológicas, sustentadas principalmente pelo contingente majoritário de uma sociedade em determinado nível da escala de valores de Clare Graves, também influenciada pelas diferentes condições da vida humana conforme a época histórica, o lugar geográfico e os agentes climáticos e sociais. Lembremos que tudo está conectado a tudo e um modelo dessas influências²⁶⁴ foi popularizado e por mim retratado no Quadro 7.10.

Quadro 7.10

Gerações: síntese conceitual e principais características

Geração	Síntese conceitual	Características
<i>Baby Boom</i> ²⁶⁵ ou <i>Baby Boomers</i> Nascidos na década de 1960 (alguns consideram a partir da década de 1950) Viram as mudanças culturais de 1970 a 1980, por exemplo: a música “disco”	Paridos no ambiente das décadas de 1960-1970, entre rupturas educacionais tradicionalistas, movimentos pelo amor livre e emancipação feminina No Brasil, vivenciaram a ditadura militar; a constituição de 1988; abertura das importações, sequestro das poupanças e <i>impeachment</i> da era Collor; privatizações e controle inflacionário da era Fernando Henrique Cardoso e condenação do mensalão, crescimento econômico mundial e escândalos de corrupção generalizada (era Lula)	Idealistas Receberam educação rígida Outorgam educação flexível Trabalho precoce
Geração “X” Nascidos entre 1966-1985	Paridos com a popularização da televisão, instalação da cultura consumista e posterior crise econômica	Educação dialogada Superproteção
Geração “Y” Nascidos entre 1985-1995	São os chamados “nativos digitais” pela explosão tecnológica e extremamente hábeis com tais ferramentas. Os relativamente abastados desfrutaram de facilidades materiais	Apego tecnológico Foco mercadológico Imediatismo Alto nível cognitivo

264 Influências mesológicas: reforçadas por convenções sociais, tradições, costumes.

265 Explosão de bebês: referente ao aumento de natalidade pós-segunda Guerra Mundial.

Geração "Z" Nascidos após 1995	Paridos num mundo conectado à rede mundial de computadores e altamente influenciados por este veículo informacional. Considerados superficiais, avaliação que julgo precipitada	Rapidez Impaciência Multitarefas "Antenados"
-----------------------------------	---	---

Relutei intimamente para inserir o quadro acima neste capítulo, mas decidi pela inclusão ao relembrar como as dificuldades culturais de uma época podem turvar a visão dos guetos sociais e dos espaços mentais entrincheirados ou, na terminologia de José Ortega y Gasset, do *homem-massa*. A intenção desse quadro é convidar a todos para uma reflexão de nossos contextos e sobre aquilo que nele representamos com nossas posturas, acrescidas de todos os agravantes e atenuantes sociais que apenas o próprio autopesquisador terá conhecimento suficiente para avaliar em toda a sua grandeza e complexidade. Os contextos não devem sofrer a supervalorização atual, mas também não podem ser ignorados na avaliação de nosso componente atitudinal (ações e reações) nos diversos níveis desta fantástica aventura evolutiva da Consciência.

Em audaciosa adaptação desses conceitos, permiti-me desenvolver, no Capítulo 18, uma impactante técnica de mapeamento e avaliação contextualizada do nosso nível de moralidade, sob o título *Estágios do Desenvolvimento Moral*. Por ora, convidarei o leitor a outra empolgante aventura pelo terceiro elemento da Filosofia Integral: *os estados da consciência*.

Terceiro elemento: estados

Caro leitor, compartilho minha satisfação pelas reflexões anteriores e suas empolgantes conexões, motivo pelo qual passaremos ao estudo atual com essa contagiante energia. Destacarei e tecerei comentários sobre o curioso terceiro elemento da Filosofia Integral, exposto como *estado de consciência*, desde logo lançando uma primeira questão: *como observamos a “realidade”*? Note que a resposta dependerá justamente do seu estado.

A orientação didática ora adotada seguirá a classificação tradicional em inúmeros segmentos entre “estado natural” e “incomum”, no linguajar integral, ou “estados alterados”, na terminologia conscienciológica. Opto pela linguagem integral neste contexto e distribuí as colunas de sustentabilidade desse estudo em quatro subtópicos:

1. Estados naturais.
2. Estados incomuns.
3. Matriz Wilber-Combs.
4. A visão conscienciológica.

Como ocorre com todos os elementos da Filosofia Integral, o aspecto vivencial dos estados pode ser observado neste exato momento. Ao escrever estas linhas, manifesto-me no estado de vigília física²⁶⁶ e espero que o leitor assim esteja. Todavia, se a leitura estiver exaustiva ou o indivíduo cansado

²⁶⁶ Vigília é o estado desperto ou “acordado”. Presumo e espero que seja o estado atual do leitor.

após um dia de trabalho intenso, haverá certa tendência ao devaneio²⁶⁷ ou até ao sono, o que modificará radicalmente nossa percepção da realidade ou, em digressão ainda mais contundente e transcendente, acessaremos outras realidades, em possibilidades que oscilarão da vigília física ao sono profundo, do misticismo à ciência, do patológico ao saudável, em macro classificação bipolar: *estados naturais* ou *incomuns*.

Estados naturais de consciência

O primeiro esclarecimento sobre este terceiro componente do modelo integral (*estados*) vincula-se a sua característica *transitória*, independentemente do *nível* de consciência no qual esteja o indivíduo em sua *linha* de desenvolvimento. Os estados naturais são aqueles obtidos através da vigília física ordinária e também durante o sono, além dos chamados estados meditativos, que são variações dos estados naturais que nos possibilitam acessar domínios diversos, conhecidos na Filosofia Integral pelos seguintes significantes: *psíquico*, *sutil* e *causal* (Quadro 8.1).

Quadro 8.1
Representação dos estados naturais

Estados naturais	Domínios
Vigília	Psíquico
Sonho	Sutil
Sono profundo	Causal

A tradição espiritual Vedanta, por exemplo, inclui mais dois estados citados por Wilber:²⁶⁸ “observação”²⁶⁹ (*turiya*) e “não dual”²⁷⁰ (*turiyatita*) para um domínio também “não dual”, ou seja, de consciência da “unidade”, que prefiro tratar como “conectividade”. Particularmente, encontro dificuldade em validar todas essas informações ou descrever o significado de cada domínio, por sentida e confessada carência experimental dessas ricas e

267 Devaneio é o estado mental furtivo da realidade, geralmente por cansaço.
268 WILBER, Ken. Espiritualidade Integral. Aleph: 2006, p. 101..
269 Estado de observação: capacidade de observar ou presenciar todos os outros estados, por exemplo, a capacidade de atenção ininterrupta no estado de vigília e a capacidade de ter um sonho lúcido ou vívido (Ibid.).
270 Percepção “não dual”: onipresente, que vai além dos estados, para percebê-los como “to-dos” os estados.

intrigantes informações. O que posso refletir com segurança vivencial é que o estado de consciência altera nossa realidade ou, pelo menos, nossa percepção dessa realidade, além de ponderar sobre a lógica de grandes pesquisadores como Abraham Harold Maslow, que estudou, entre outras situações, as vias de acesso – voluntárias e involuntárias – aos domínios psíquico, sutil e causal pelas chamadas *experiências de pico*.

Estados incomuns (ou alterados) de consciência

Os inúmeros estados ordinários e extraordinários de consciência estão fartamente tratados por inúmeros segmentos das grandes tradições místicas e religiosas (misticismo cristão, hinduísmo Vedanta, budismo Vajrayana e cabala judaica, entre outras). Primeiramente, abordarei o tema pela visão integral para, posteriormente, tecer comentários sob a perspectiva conscienciológica, tratando a mesma questão pelo prisma técnico, não ritualístico, vivencial e pragmático. Seguem tipos de estados incomuns (alterados) de consciência pela óptica wilberiana, sejam eles ocasionais, induzidos ou desenvolvidos, cujo aprofundamento extrapola os objetivos desta obra:²⁷¹

- Estados meditativos.
- Experiências de pico.
- Experiências de quase-morte.²⁷²
- Experiências fora do corpo.²⁷³
- Experiências perinatais (estado puerperal).²⁷⁴
- Hipnóticos.
- Induzidos por drogas.
- Induzidos por excessos físicos.²⁷⁵
- Induzidos por respiração.²⁷⁶
- Mediúnicos.
- Percepções extra-sensoriais.
- Retrocognições.²⁷⁷
- Sonambúlicos.
- Viagens xamânicas.

271 Indicação para aprofundamento: WILBER, Ken. *Espiritualidade Integral*. Aleph: 2006.

272 PARNIA, Sam. *O que acontece quando morremos*. Larousse: 2008.

273 Waldo VIEIRA, *Projeciologia*, 1999.

274 Pelas leis brasileiras, este estado chega a excluir a ilicitude de alguns atos.

275 Exemplo: superação do cansaço após um extremo esforço físico.

276 Exemplo: respiração holotrópica, proposta por Stanislav Grof.

277 ALEGRETTI, Wagner. *Retrocognições*. Ipic: 2000.

No Quadro 8.2 explicito, em integração com a visão wilberiana, as conexões entre algumas classificações de estados de consciência, seus fatores indutivos e avaliação qualitativa dos resultados sob meu prisma pessoal, obviamente em caráter meramente exemplificativo, face à infinidade de subclasses e derivações.

Quadro 8.2
Comparação didática entre tipos, fatores indutivos e resultados dos estados da consciência na visão wilberiana

Classificações dos estados ²⁷⁸ pela origem do fenômeno	Fatores indutivos ²⁷⁹	Qualificação dos resultados
Fatores exógenos	Álcool Alucinógenos ²⁸⁰ Anestésicos Calmantes Cocaína Danças Esforço extremo	Devastador, quando utilizado por viciados incautos Raramente benéficos Desaconselhável, sem a assistência técnica de um médico especializado
Fatores endógenos (técnicas meditativas ou oriundas de antigas tradições)	loga Prece Contemplação Meditações diversas	Positivos, se houver compreensão, contexto e nível adequados para tais práticas Negativos, se não houver preparo intelectual adequado e correta interpretação das ocorrências
Experiências de pico	Prática sexual Caminhar Ouvir boa música	Positivo, como regra Saudável, no equilíbrio
Injunções específicas	OLVE ²⁸¹ Respiração <i>holotrópica</i> Técnicas projetivas Clarividência ²⁸² Técnicas respiratórias	Positivo, majoritariamente Saudável, como regra

278 WILBER, Ken. A Visão Integral. Cultrix: 2010, p. 28.

279 Listagem exemplificativa.

280 Exemplos: Ayahuasca e LSD.

281 OLVE: oscilação longitudinal voluntária das energias (TRIVELLATO, Nanci. Atributos Mensuráveis da Técnica do Estado Vibracional. Journal of Conscientiology, IAC - International Academy of Consciousness. v. 11, n. 42, p.163, 2008).

282 MEDEIROS, Rodrigo. Clarividência: teoria e prática. Editares: 2012.

Matriz Wilber-Combs

Essa matriz expôs uma fundamental diferença entre o desenvolvimento dos *estados de consciência* (terceiro componente) e os *estágios ou níveis* de desenvolvimento (primeiro componente). Vale mencionar que as tradições antigas, mormente as linhas orientais, são focadas justamente no desenvolvimento de técnicas para o atingimento dos citados *estados* incomuns de consciência, fato que não é tão prestigiado pela modernidade ocidental, mais ligada aos *estágios* de desenvolvimento, particularmente no campo tecnológico. Diante disso, Ken Wilber e Allan Combs propuseram uma matriz com desenvolvimento horizontal para identificar os *estados* de consciência e vertical para simbolizar os diferentes *níveis ou estágios* (Figura 8.1).

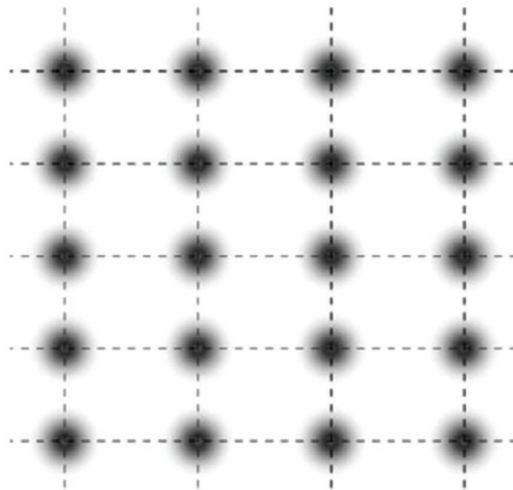


Figura 8.1 – Representação da matriz Wilber-Combs, onde as linhas horizontais representam os *estados* e as verticais, os *níveis*.

Pareceu-me confuso, no início, mas quando compreendi a profundidade da matriz Wilber-Combs, percebi que indivíduos podem possuir grande facilidade para atingir legítimas e fantásticas experiências em *estados* transcendentais e dignos de pesquisa, porém essas pessoas interpretarão tais fenômenos consoante seus respectivos *níveis de consciência*.

Essas possíveis diferenças interpretativas não somente dificultam as pesquisas, como também criam obstáculos para uma solidez científica sobre episódios humanos dessa categoria. Observei que interpretações equivocadas dos *estados de consciência* geraram guerras, mortes, sofrimento e outras barbáries em torno dos desentendimentos conceituais ou ideológicos.²⁸³ Certamente não foi por acaso que, a partir de experiência vivencial, o pesquisador Marcelo da Luz propôs o termo “engano parapsíquico”, expressão cunhada em seu coração e citado livro intitulado “*Onde a religião termina?*”

Urge uma compreensão coerente e profundo debate científico dos fenômenos ainda desconhecidos da ciência dita convencional, sejam eles oriundos das experiências de pico (na terminologia de Maslow), de estados incomuns (Stanislav Grof), viagens astrais (linhas esotéricas), desdobramentos (Racionalismo Cristão) ou de projeções da consciência (Projecciologia). Em suma, independentemente do *estágio ou nível* do indivíduo nas diversas *linhas* do saber humano, os *estados* avançados poderão ocorrer, mas a *interpretação* de um mesmo fenômeno poderá alterar significativamente, dependendo da sua cosmovisão, tudo ligado a inúmeros fatores culturais, históricos e geográficos, entre outros.

De maneira mais simples e em linguajar familiarizado com a Conscienciologia: as experiências transcendentais, anímicas ou parapsíquicas, em função das infinitas possibilidades oriundas de projeções da consciência ou de estados alterados, carecem de correta interpretação, que está condicionada obviamente com o *nível* cognitivo, intelectual, paradigmático e, visceralmente, ligada à “cosmovisão” do experimentador.

Um fervoroso cidadão que tenha vivenciado um fenômeno de clarividência e observado uma imagem humana ou uma suposta consciência extrafísica qualquer, poderá acreditar que teve uma experiência com um ser altamente iluminado e, ao comunicar essa mistura de fenômeno legítimo

283 “Neodivindades laicas”: marxismo, estadismo, comunismo, socialismo, fascismo, nazismo, stalinismo e vários “ismos” ligados a determinada ideologia tida como a panaceia salvacionista, comparadas ao paradigma dogmático em vertente laica, com “neodeuses” corporificados em códigos ideológicos, com seus fanáticos seguidores. No aspecto prático e pessoal, mesmo reconhecendo minhas tendências liberais e, em alguns casos, conservadoras, não vejo o livre mercado como uma panaceia salvacionista, mas apenas e tão somente como a opção mais adequada ou menos nefasta, como queiram.

e possível interpretação equivocada, poderá confundir outras pessoas que acreditarem nesse erro interpretativo. Note-se que, nessa hipótese, não há má-fé, mas mero e inocente equívoco.

No Quadro 8.3 farei uma conexão entre a Dinâmica da Espiral, analisada no capítulo anterior e as possibilidades interpretativas de uma vivência transcendente, considerando a informação básica, ou seja, que as experiências incomuns podem ser vivenciadas não apenas por pessoas especiais ou iluminadas,²⁸⁴ mas sim por qualquer indivíduo em qualquer estágio de consciência. Trata-se, portanto, de outra conexão destacada nesta obra, justamente a espiral de Claire Graves, com o segundo e o terceiro componentes do modelo integral, ou seja, as ligações entre *espiral, linhas e estados*. O fato curioso é que, para cada estágio de desenvolvimento, a experiência transcendente será interpretada diferentemente.

Quadro 8.3
Conexão entre diferentes interpretações de uma experiência transcendente, com as respectivas perspectivas da Espiral do desenvolvimento de Graves

Cor	Cosmovisão	Interpretação de vivência transcendente
Bege	Instintiva	Insipiente
Púrpura	Tribal, ligado à ancestralidade e tradição ritualística	Contato com espíritos ancestrais
Vermelho	Egocêntrica, ligado à força e ao poder	Deus escolheu-me para salvar o mundo
Azul	Autoritária, ligada à ordem e etnocentrismo	Deus escolheu o meu povo para salvar o mundo
Laranja	Racional, ligado à lógica materialista	Emersão de arquétipo inconsciente ²⁸⁵
Verde	Consensual, ligado à fraternidade	Seres de luz emanaram amor universal
Amarelo	Integrativa	Verificação flexível do nível da informação
Turquesa	Sinérgica	Identificação do padrão e sua união a tudo e todos

284 Vale a pergunta: o que é iluminação? Isso nos remete ao capítulo 8 e ao segundo elemento da Filosofia Integral, ou seja, as linhas de desenvolvimento.

285 Laranja: busca-se uma explicação racional de algum ramo científico aceito como tal.

Não bastasse a complexidade até aqui apresentada, em razão do entrelaçamento e integração dos diversos *níveis* (primeiro componente) passíveis de interpretação de uma vivência dos *estados* (terceiro componente) avançados, temos a considerar ainda a infinidade de *linhas* (segundo componente) de desenvolvimento, fato gerador de uma multiplicidade de interpretações que tende ao infinito, o que nos levará à questão: *qual interpretação aproxima-se da realidade?* A pergunta poderia ser ainda mais profunda: *o que é real?* Talvez todos estejam “parcialmente certos”, para usar uma expressão wilberiana; porém, acredito que a aproximação das respostas minimamente satisfatórias sobre o conceito de “verdade ou realidade” esteja mais bem interpretada pela conjugação de estágios superiores²⁸⁶ e estados transcendentais, devidamente contextualizados e integrados ao maior número de *linhas* possíveis, com a aplicação prática de seu aspecto “todo e parte”, que revisaremos no próximo capítulo sob o título *tipos*. *A contrario sensu*, indivíduos com “cosmovisões” limitadas, reduzidas e de níveis inferiores que vivenciaram fenômenos avançados poderão apresentar interpretação ecotópica e gerar entropia e caos informacional.

A visão conscienciológica

O tratado *Projeciologia*, de autoria de Waldo Vieira, possui capítulo específico sob o título *Estados Alterados da Consciência*,²⁸⁷ ou seja, utiliza o adjetivo “alterado”, que a nomenclatura wilberiana substitui por “incomum”. A referida obra, na minha visão pessoal e respeitadas as opiniões adversas, atenderá muitas demandas técnicas dos mais rigorosos e exigentes pesquisadores. Divergências terminológicas à parte, trata-se do estudo da *Xenofrenia*, termo de origem grega (*xenos*, estranho; *phrem*, mente), exposto no referido tratado como os estados da consciência humana fora do padrão normal da vigília física ordinária, induzido por agentes físicos, fisiológicos, psicológicos, farmacológicos ou parapsíquicos.

O autor Vieira extrapola os objetivos deste capítulo e aprofunda-se nas diferenças entre diversos estados alterados de consciência e, principalmente, do fenômeno da projeção lúcida ou consciente. Por dedução lógica, concluo que o médico de origem mineira não apenas diferencia, mas também

286 Níveis amarelo e turquesa.

287 VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*. Editares: 2019, p. 202-203.

qualifica o fenômeno projetivo lúcido em termos utilitários, relativamente aos seguintes estados: alucinação, auto-hipnose ou autosugestão, autoasédio, catalepsia, consciência dupla, devaneio, sonho lúcido ou dirigido, experiência psicodélica, hipnagogia ou estado semidesperto, hipnopompia, meditação,²⁸⁸ pesadelo, sonambulismo e transe hipnótico ou parapsíquico.

Vale destacar que muitos autores reconhecem a importância dos estados alterados (incomuns) de consciência, mas apontam como fenômeno central a projeção consciente como forma de aquisição de conhecimento multidimensional para a transcendência de paradigmas ou cosmovisões materialistas. Considero o tratado *Projeciologia* uma interessante e vasta catalogação do fenômeno projetivo, notadamente pelo seu diferencial técnico. Na hipótese de parecer exagerado, convido todos à leitura e ao estudo detalhado dessa obra, onde o leitor poderá realizar aprofundamento pormenorizado de cada estado e suas derivações. No momento, passaremos para a análise atenta do quarto elemento da Filosofia Integral: *os tipos*.

288 Meditação: mais valorizada pela Filosofia Integral.



Quarto elemento: tipos

Considero o presente componente especialmente mais simples que os demais, mas não menos intrigante e repleto de particularidades jocosas entre as diferenças da famigerada classificação dual entre masculino e feminino. A análise deste quarto elemento será feita pelos subitens abaixo:

1. Carol Gilligan: masculino e feminino.
2. Patologia e saúde dos gêneros.
3. Outras tipologias.

A vivência desse elemento, a meu ver, pode ser considerada a mais óbvia de todos os cinco componentes da Filosofia Integral, além de facilmente ilustrada pela tipologia masculina e feminina. Adjetivo tal diferença como contundente, não apenas pelo aspecto mesológico como também sob o prisma eminentemente individual, pois a feminilidade induz naturalmente para algumas facilidades e dificuldades específicas, ligadas à flexibilidade, ao compartilhamento e à contextualização; já os seres da testosterona apresentam maior explosão muscular, robustez, autonomia e valores conectados ao ambiente da lógica matemática e das regras claras. O exemplo utilizado em sala de aula por Raynsford advém da sabedoria popular, que identificou dois tipos de reações diante da situação hipotética de um motorista encontrar-se perdido no trânsito: a primeira inclinação será a de compartilhar o problema, pedir ajuda ou perguntar para os transeuntes a direção correta para seu destino; a segunda tendência será a de resolver o problema sozinho, seja pela consulta ao mapa ou ao GPS. *Responda você mesmo, leitor, qual das tendências acima é mais feminina ou masculina?*

Embora esses estereótipos sejam perigosos e, não raro, levados para o aspecto negativo e geradores de tolos preconceitos, pude validar por mim mesmo e pelas pessoas do meu convívio a ocorrência de características ligadas ao gênero. Importante finalizar essas observações com o repúdio às ingênuas e infantis competições “machistas *versus* feministas”, mas também destacar a obviedade das flagrantes diferenças comportamentais, cada qual adequada, oportuna e assistencial em contextos específicos.

Carol Gilligan: masculino e feminino

O leitor poderá aumentar o nível de complexidade em interessante conexão das diversas tipologias com os outros elementos estudados. A psicóloga estadunidense Carol Gilligan, conhecida por observar os tipos masculinos e femininos, estabeleceu contundentes diferenças entre os gêneros, que procurei ampliar didaticamente por meio do Quadro 9.1.

Quadro 9.1
Caracterização comparativa dos tipos masculino e feminino

Elementos masculinos	Elementos femininos
Ação	Comunhão
Autogestão	Gestão compartilhada
Autonomia	União
Direito	Dever
Independência	Dependência
Indivíduo	Contexto
Introspecção	Comunicação
Justiça	Perdão
Liberalismo	Assistencialismo
Liberdade	Solidariedade
Lógica	Intuição
Olhar	Toque
Particularidade	Coletividade
Razão	Emoção
Regras acima dos sentimentos	Sentimentos acima das regras
Rigidez (regras são cumpridas)	Flexibilidade (regras são flexíveis)
Sabedoria	Compaixão
Totalidades	Partes

Reputo como característica fantástica do quadro anterior a constatação de que as diferenças existem, mas não há juízo valorativo absoluto do que seja melhor ou pior; o contexto definirá a melhor ferramenta a ser utilizada.

Neste momento, ressalto que os tipos não se confundem com os níveis, linhas ou estados, pois, independentemente do *tipo* (quarto elemento), este poderá evoluir em *níveis* de consciência (primeiro elemento), em diversas *linhas* de desenvolvimento (segundo elemento) e vivenciar diferentes *estados* naturais ou incomuns (terceiro elemento). A partir dessas digressões, consegui entender que cada elemento da Filosofia Integral está conectado com os demais, mas deles se diferencia por manter suas características próprias, únicas e exclusivas.

Patologia e saúde dos gêneros

Os gêneros masculino e feminino podem desviar-se dos caminhos saudáveis e sucumbirem à condição patológica, cada qual com suas características majoritárias, que abordaremos com horizontalidade de nível. Enquanto a força desbravadora, a autonomia e a independência são valores legítimos e *majoritários* (porém, não exclusivos) do gênero masculino, o seu exagero ou subutilização podem levar a sérios problemas como a horrenda tirania individualista (no excesso) ou a perda da virilidade (na escassez). O mesmo pode-se dizer do saudável e maravilhoso aspecto relacional feminino que, no desequilíbrio, partirá para a verborragia, submissão ou chantagens emocionais, além da perda de seu maior encanto: a própria feminilidade.

Diante disso, procurei elaborar, com a habitual intenção didática e sintética, o Quadro 9.2 (na página seguinte) com foco na exposição da patologia de gênero, apenas acrescentando uma coluna com um componente excludente e dominador.

Quadro 9.2
Representação comparativa das patologias masculina e feminina pela inclusão do agente desagregador “*versus*”

Elementos masculinos	Elemento desagregador	Elementos femininos
Ação	<i>versus</i>	Comunhão ²⁸⁹
Autogestão	<i>versus</i>	Gestão compartilhada
Autonomia	<i>versus</i>	União
Direito	<i>versus</i>	Dever
Independência	<i>versus</i>	Dependência
Indivíduo	<i>versus</i>	Contexto
Introspecção	<i>versus</i>	Comunicação
Justiça	<i>versus</i>	Perdão
Liberalismo	<i>versus</i>	Assistencialismo
Liberdade	<i>versus</i>	Solidariedade
Lógica	<i>versus</i>	Intuição
Olhar	<i>versus</i>	Toque
Particularidade	<i>versus</i>	Coletividade
Razão	<i>versus</i>	Emoção
Regras acima dos sentimentos	<i>versus</i>	Sentimentos acima das regras
Rigidez (regras são cumpridas)	<i>versus</i>	Flexibilidade (regras são flexíveis)
Sabedoria	<i>versus</i>	Compaixão
Totalidades	<i>versus</i>	Partes

Alguém poderia perguntar o que seria pior: *sabedoria sem amor ou vice-versa*? Recuso-me a responder esta pergunta, pois estaríamos diante do problema maniqueísta e retorno à introdução desta obra: “isso *versus* aquilo”. Assim sendo, terminarei este subtítulo com serenidade, alegria e solução *contextualizada* para este conflito e espero contribuir com o leitor nesta saída conciliatória e facilitar sua compreensão por meio do Quadro 9.3, no qual o elemento excludente do quadro anterior foi substituído por um elemento integrativo.

289 Ação e comunhão são tendências horizontais do hólón. Embora não possuam propriamente uma relação de oposição, participam do elenco no terreno das prioridades masculinas e femininas.

Quadro 9.3**Representação comparativa da integração entre masculino e feminino pela inclusão do agente conectivo “e”**

Elementos masculinos	Elemento conectivo	Elementos femininos
Ação	<i>e</i>	Comunhão
Autogestão	<i>e</i>	Gestão compartilhada
Autonomia	<i>e</i>	União
Direito	<i>e</i>	Dever
Independência	<i>e</i>	Dependência
Indivíduo	<i>e</i>	Contexto
Introspecção	<i>e</i>	Comunicação
Justiça	<i>e</i>	Perdão
Liberalismo	<i>e</i>	Assistencialismo
Liberdade	<i>e</i>	Solidariedade
Lógica	<i>e</i>	Intuição
Olhar	<i>e</i>	Toque
Particularidade	<i>e</i>	Coletividade
Razão	<i>e</i>	Emoção
Regras acima dos sentimentos	<i>e</i>	Sentimentos acima das regras
Rigidez (regras são cumpridas)	<i>e</i>	Flexibilidade (regras são flexíveis)
Sabedoria	<i>e</i>	Compaixão
Totalidades	<i>e</i>	Partes

Portanto, temos a existência de dois gêneros: masculino e feminino. Cada qual com suas particularidades, mas não para o fomento de uma ridícula disputa egocêntrica, mas sim para uma linda comunhão de amor e complementariedade.

Outras tipologias

Wilber trabalhou com inúmeras tipologias em várias obras, entre elas a recente *A Visão Integral*,²⁹⁰ a ponto de identificar, validar e reiterar o elemento *tipo* como um dos componentes de sua filosofia. No Quadro 9.4, sintetizo

²⁹⁰ WILBER, Ken. *A Visão Integral*. Cultrix: 2010.

alguns exemplos, como os oriundos de Myers-Briggs²⁹¹ e Carl Gustav Jung, além da intrigante listagem tipológica do Eneagrama. Deixei de incluir a classificação por gênero por entender que o tratamento dado nos subitens precedentes atendeu às pretensões deste capítulo.

Quadro 9.4
Três exemplos de tipologias

Jung	Introvertido Extrovertido Sensação-intuição Pensamento-sentimento
Myers-Briggs	Sensação Intuição Pensamento Sentimento
Eneagrama	Perfeccionista Doador Executor Trágico-romântico Observador Temeroso Diletante Combativo Moderador

A franqueza obriga-me a confessar que não possuo conhecimento suficiente para um aprofundamento contudente e rigoroso em cada tipologia e respectivos detalhamentos. A boa notícia é que, para os objetivos desta obra, a apresentação deste quarto elemento da Filosofia Integral cumpriu o seu papel, motivo pelo qual passarei empolgadamente para a conclusão da apresentação condensada deste poderoso modelo wilberiano e seu quinto e último elemento que, particularmente, conquistou minha preferência

291 Katharine Cook Briggs e Isabel Briggs Myers.

justamente por elucidar as jurisdições de atuação de cada pensamento ou, em linguagem coloquial, coloca cada um no seu quadrado. Adentraremos agora, caro leitor, na maior aventura intelectual que enfrentei com minha voraz curiosidade, situação na qual o *insight* wilberiano conquistou meritoriamente minha atenção. Assim, tenho a honra de apresentar e recomendar veementemente o estudo e o aprofundamento dos *quatro quadrantes*.

Quinto elemento: quadrantes

Concluiremos a insólita aventura para a compreensão da Filosofia Integral com o estudo do quinto e último componente, que objetiva localizar, setorizar e, principalmente, conectar os demais, motivo pelo qual manifesto especial interesse pelas quatro perspectivas *kósmicas* representadas pelos *quadrantes*, que considero o grande marco do “holo-abraço” wilberiano. Esse impactante mapa tetra-angulado, inserido no que Wilber chamou *Sistema Operacional Integral*, impressiona por sua abrangência e é digno do meu aplauso. Se bem compreendido, otimizará a cosmovisão de qualquer cidadão interessado em ampliar sua consciência para diferentes perspectivas, distante do jargão popular: “a verdade é uma só”.

Dividirei o estudo nos importantes subitens a seguir listados, a fim de encaminhar uma sequência lógica proporcionando a autoderrogação das amarras doutrinárias seculares impostas por limitações reducionistas do que nominarei de *poli-genuflexão sócio*²⁹²-*político*²⁹³-*ideológico*²⁹⁴-*dogmática*²⁹⁵ da atualidade.

292 Genuflexão ao “politicamente correto”, criticado pelo filósofo contemporâneo Luiz Felipe Pondé. Exemplos: a ditadura da moda e de opiniões impostas como verdades absolutas para assuntos polêmicos, entre eles, a homofobia, o machismo, o preconceito social ou racial.

293 Genuflexões ao socialismo-da-moda, às falácias sócio-populistas-eleitoreiras e ao fanatismo partidário. Exemplos: a cegueira e o “vale-tudo” da militância política; a utilização do jargão “tudo pelo social” para encobrir injustiças meritocráticas; o uso popular da bandeira altruísta em que os outros devem fazer alguma coisa, além da panaceia salvacionista de algum agente exógeno.

294 Genuflexão à neo-divindade laica (Estado) sob o jargão “o Estado proverá” (em substituição ao jargão religioso “Deus proverá”), majoritariamente encontradas nos gramscistas, marxistas, comunistas e esquerdistas de base rousseauiana.

295 Genuflexão ao fundamentalismo. Exemplo: disputa de qual mártir seria melhor, mais legítimo ou mais “verdadeiro”.

1. Como conectar tudo?
2. Como vivenciar os quadrantes?
3. Os três grandes.
4. A dignidade da diferenciação dos três grandes.
5. O desastre da dissociação dos três grandes.
6. O absolutismo político-ideológico de quadrante.
7. Os elementos integrais nos quadrantes.
8. As conexões entre os quadrantes.

Como conectar tudo?

Obviamente, as obras wilberianas são as mais indicadas para explicar os “quatro quadrantes *kósmicos*”, desde as leituras mais desafiadoras, como *Uma Breve História do Universo*, até as mais simplificadas e didáticas, no estilo da *Visão Integral*, onde encontramos de forma sintética as “quatro dimensões ou perspectivas profundas que mantêm seu universo coeso”.²⁹⁶ Exibirei este tetra-mapeamento supostamente simples, mas cujas profundidade, transcendência e genial capacidade integrativa estimularão nossas habilidades para sofisticadas analogias, em constantes interações multidimensionais.

Sem maiores delongas, apresento as possibilidades basilares de observação do *kosmos* wilberiano:

- Interior e exterior.
- Individual e coletiva.

Da conjugação desses elementos, emergiram os quatro quadrantes que evidenciam o fato de que praticamente todas as divergências entre os autores, teorias ou ideologias decorrem da parcialidade de uma verdade reduzida e isolada em apenas um deles, assunto em que nos aprofundaremos no tópico *Absolutismo político-ideológico de quadrante*. Mantenho a esperança de que o Quadro 10.1 a seguir – no qual os números acinzentados representam os quatro quadrantes – possa iniciar o esclarecimento da questão.

²⁹⁶ WILBER, Ken. *A Visão Integral*. Cultrix: 2010, p. 62.

Quadro 10.1

Representação dos quatro quadrantes e suas respectivas características

	Interior ²⁹⁷	Exterior ²⁹⁸
Individual²⁹⁹	Quadrante superior direito 1 Interior-individual Subjetivo Intencional Exemplos de prioridades: • Psicologia • Tradições de sabedoria • Análises de consciência	Quadrante superior esquerdo 2 Exterior-individual Objetivo Comportamental Exemplos de prioridades: • Behaviorismo • Neurologia • Materialismo científico
Coletivo³⁰⁰	Quadrante inferior direito 3 Interior-coletivo Intersubjetivo Cultural Exemplos de prioridades: • Hermenêutica • Filosofia da ciência	Quadrante inferior esquerdo 4 Exterior-coletivo Interobjetivo Social Exemplos de prioridades: • Sociologia • Economia

Como vivenciar os quadrantes?

O lado direito ou exterior, que Wilber considera empírico, quantitativo e monológico, ou seja, observável sem necessidade de diálogo com o “objeto” de observação, terá percepção mais mensurável ou epidérmica, na falta de melhores termos. Neste exato momento, o leitor poderá focar suas percepções na respiração, na maneira que está sentado, no posicionamento de seu corpo físico ou simplesmente observar a manipulação de algum objeto, em vivência individualizada e exterior do quadrante superior direito; em

297 Aspecto “consciencial”.

298 Aspecto “material”.

299 Aspecto “singular”.

300 Aspecto “comum”.

outra experiência, poderá simplesmente redirecionar sua atenção para o clima, o meio ambiente ou a teoria de sistemas, quando estará diante das condições *interobjetivas*, típicas do quadrante inferior direito.

As experiências do lado esquerdo do mapa *tetra-dimensional* wilberiano são interpretativas, qualitativas e dialógicas, ou seja, se eu quiser saber as informações que sua Consciência trabalha neste momento (quadrante superior esquerdo), terei que perguntar a você e confiar na veracidade das suas informações. Finalmente, na hipótese do diálogo em determinado idioma, ocorrerá uma troca intersubjetiva pela ferramenta da linguagem, em interpretação consoante valores culturais e costumes característicos, possivelmente influenciados pela intersubjetividade familiar, profissional ou social, típicas do quadrante inferior esquerdo.

Um exemplo surgido em grupo de estudos do qual participei abordou o caótico trânsito paulistano (quadrante inferior direito – *interobjetivo*), que poderá despertar irritação e consequente intenção (quadrante superior esquerdo – *subjetivo*) de buzinar, xingar ou acelerar seu veículo (componente atitudinal do quadrante superior direito – *objetivo*), momento em que o nosso cidadão hipotético refreia tal impulso (ou não) por aspectos de uma cultura familiar baseada na cortesia, tolerância, compreensão e amor ao próximo (ou vice-versa - quadrante inferior esquerdo – *intersubjetivo*), motivo pelo qual este sujeito apenas respira fundo, relaxa e coloca uma boa música para acalmar-se (novamente, o quadrante superior direito – *objetivo*). Importante perceber que podemos analisar uma mesma situação por várias perspectivas (intencional,³⁰¹ comportamental,³⁰² cultural³⁰³ e social³⁰⁴) e nenhuma delas necessariamente será a mais verdadeira ou a panaceia salvacionista da situação, mas tampouco podemos abandoná-la sob a alegação de ser uma vertente desprezível ou absolutamente inócua para a resolução da problemática em foco. Elaborei o Quadro 10.2, concentrado nas perguntas típicas de cada quadrante, cujas vinculações são íntimas e portadoras de intrincada relação de causa e efeito.

301 Subjetivo.

302 Objetivo.

303 Intersubjetivo.

304 Interobjetivo.

Quadro 10.2

Perguntas típicas de cada quadrante

	Interior	Exterior
Individual	O que significa para mim? O que sinto ou penso? Qual minha intenção? Como interpreto? Isso é belo?	O que isso faz? Qual o comportamento? Como observo isso? Como funciona?
Coletivo	O que significa para nós? Qual nossa cultura? Quais nossos valores? Isso é bom?	Como isso interage com outros “issos”? Qual o nosso comportamento social? Quais nossas instituições? Qual o fluxo burocrático disso?

Trarei mais dois exemplos adaptados da obra *A Visão Integral*,³⁰⁵ um deles aplicado à área médica (Quadro 10.3) e o outro, à área empresarial (Quadro 10.4), na tentativa de esclarecer eventuais dúvidas conceituais ainda pendentes a respeito do tema.

Vale lembrar que, na sociedade ocidental, a Medicina ortodoxa recebe um tratamento majoritariamente destinado ao quadrante superior direito, direcionado para o organismo físico e intervenções diretas sobre ele por meio de drogas e cirurgias. No campo empresarial, onde tive a oportunidade de atuar profissionalmente desde o ano de 1988, estou seguro para afirmar que o grande objetivo está no lucro, o que traz aspectos positivos e de importância econômica crucial, mas torna-se incompleto e até mesmo sombrio, se for essa sua única meta.

305 WILBER, Ken. *A Visão Integral*. Cultrix: 2010, p. 95.

Quadro 10.3
Visão integral para a Medicina

	Interior	Exterior
Individual	Tratamento do doente: • Emoções • Pensamentos • Fantasias • Visualizações Intencional	Tratamento da doença: • Cirurgia • Drogas • Remédios • Mudança de hábitos Comportamental
Coletivo	Tratamento cultural: • Valores grupais • Significado da doença • Grupos de apoio • A cultura do <i>fast food</i> Cultural	Tratamento social: • Influência econômica • Sistema previdenciário • Políticas de assistência à saúde • Sistema de assistência social Social

Quadro 10.4
Exemplo do *tetra-foco* de uma empresa integral

	Interior	Exterior
Individual	Suporte psicológico Satisfação individual Motivação íntima Méritos individuais Intencional	Verificação comportamental Componente atitudinal Adequação postural Medições individuais Comportamental
Coletivo	Suporte cultural Valores institucionais Cultura organizacional Gestão cultural meritocrática Cultural	Regras sistêmicas Ambiente de trabalho Sistema social Igualdade de oportunidades Social

Outro modelo didático mais genérico, com palavras-chave facilitadoras da compreensão e identificação da proposta dos quatro quadrantes, encontra-se expresso no Quadro 10.5, onde objetivo demonstrar que, qualquer que seja o quadrante pelo qual iniciemos nossa pesquisa, poderemos estendê-la para outras jurisdições ou perspectivas com o propósito de complementá-la e ampliá-la. Entre a *veracidade e a verdade*, a *sinceridade e seu correspondente objetivo* ou a *justiça e seu ajuste funcional*, podemos ficar com tudo, em *cosmovisão* que honra a abrangência deste termo. A conduta lançará seu laço integral e alcançará todos os contextos, numa análise completa, dentro e fora, individual e coletiva.

Quadro 10.5

Palavras-chave de cada quadrante e suas perspectivas independentes e interligadas

Individual – Interior - Subjetivo	Individual - Exterior - Objetivo
<i>Veracidade</i>	Verdade
Sinceridade	Correspondência
Integridade	Representação
Coletivo – Interior – Intersubjetivo	Coletivo – Exterior - Interobjetivo
Justiça	Ajuste funcional
Ajuste cultural	Rede de teoria de sistemas
Retidão	Malha de sistemas sociais

Empenhei-me no sentido de clarear a ideia básica dos quadrantes, pois ingressaremos em nova aventura e desafio associativo que demandará essa compreensão. Bem-vindo, leitor, aos três grandes da obra wilberina, cuja importância para a condensação da ideia dos quatro cantos do *kosmos* considero vital e envolve desde pronomes pessoais até a estética, a moral e a ciência, num abraço integral *ao (1) belo, ao (2) bom e ao (3) verdadeiro*.

Os três grandes

A Filosofia Integral postula que alguns *fatores* podem ser considerados universais, independentemente de raça, cor, credo, gênero, contexto ou qualquer outra condição. O presente tópico oferta-nos o número desses elementos (três) e também sua magnitude (grandes) e, de fato, cogito a difi-

culdade em negar uma certa *universalidade difusa*³⁰⁶ dos conceitos de *beleza, bondade e verdade*.

Iniciarei minhas ponderações pela analogia com a linguagem, vital no contexto da Filosofia Integral. A esmagadora maioria dos idiomas possui uma estrutura baseada em três pronomes pessoais ou três perspectivas básicas: uma primeira pessoa – “eu” ou quem fala; uma segunda pessoa – “tu”, com quem falo e, neste momento, surge o “nós” ou o diálogo; e uma terceira pessoa “ele” ou “isso”, de quem ou do que falo. O Quadro 10.6 pretende inserir essa estrutura idiomática de praticamente toda a espécie humana nos quatro quadrantes, apenas com uma adaptação, chamada de *prestidigitação linguística*, relativa ao quadrante inferior direito, diante da dificuldade para significar o plural de “isso” na língua portuguesa. Aproveitarei o mesmo quadro para inserir os três ideais platônicos acima mencionados – *a beleza, a bondade e a verdade* – em outras palavras, *a arte (estética), a moral e a ciência*.

Quadro 10.6
Integração entre os três grandes e os quatro quadrantes

	Interior	Exterior
Individual	Eu	Isso
	Belo (subjetividade)	Verdadeiro (perspectiva individual)
	Arte	Ciência (materialista objetiva)
Coletivo	Nós (“eu” e “tu”)	“Issos” (inexistente em português)
	Bom (intersubjetividade)	Verdadeiro (perspectiva relacional)
	Moral ou ética	Ciência (sistêmica e interobjetiva)

Externarei algumas digressões sobre os argumentos lançados até o presente momento, cuja compreensão auxiliou-me no posicionamento mais seguro em relação aos assuntos que são exclusivamente individuais, em flagrante emancipação da ordinária confusão entre egoísmo patológico e individualidade sadia.³⁰⁷ O típico exemplo está no caráter eminentemente personalíssimo do conceito de *beleza*, identificado com a subjetividade in-

306 No sentido de serem objeto de reflexão, consciente ou inconscientemente, de praticamente todos os seres genuinamente pensantes.

307 Jurisdição do “eu”, do subjetivo, das artes, da estética, das legítimas preferências individuais, do conceito de beleza, da liberdade sadia, em suma, do quadrante superior esquerdo.

tuitiva do pronome “eu”; nossa preferência individual por uma cor, estilo de vida, vestimenta, estética ou opinião sobre qualquer tema da jurisdição do quadrante superior direito poderá ir contra tudo e todos, sem que ninguém possa legitimamente acusar-nos de egoístas ou antissociais.

No momento em que adentrarmos no território cultural do “nós”, urge a necessidade de incluirmos “o outro” nas nossas ponderações, situação em que a liberdade individual sofre mitigação e o componente atitudinal deverá respeitar um padrão ético-moral de conduta do quadrante intersubjetivo.

Finalmente, no momento em que observamos o que uma máquina ou sistema faz ou deixa de fazer, estaremos em busca da apreciação monológica e desprovida de interpretações ou valores, retratada pela popular expressão “verdade nua e crua”, circunstância na qual a prioridade concentra-se na precisão técnica da informação *duela a quien duela*,³⁰⁸ independentemente do que faremos com o dado específico, para, somente num segundo momento, elaborarmos a pergunta ética: *isso seria bom?*

A maravilha da diferenciação dos três grandes

A obra wilberiana de minha preferência sobre a importância histórica da diferenciação dos três grandes, ou seja, entre os domínios do “eu” (subjetividade), do “nós” (intersubjetividade) e do(s) “isso(s)” (objetividade + interobjetividade) possui o título *A União da Alma e dos Sentidos*. Nela, o autor detectou a histórica problemática da fusão e da invasão religiosa (jurisdição do “nós”) na ciência (jurisdição do “isso”), fato que impediu gigantescos avanços tecnológicos e informacionais, considerados heresia, além de impor-nos séculos de irreparáveis mortes e sofrimentos. Ao ápice e símbolo dessa tirania dogmática convencionou-se chamar de *santa inquisição*, hediondo rastro de atrocidades “em direção ao céu”, cujos horrores e detalhes solicito licença para omitir deste capítulo, principalmente por terem sido suficientemente esclarecidos pela história e por obras modernas.³⁰⁹

O que Wilber chama de *dignidade da modernidade*³¹⁰ está justamente relacionada à diferenciação dos três grandes e, principalmente, à redução da

308 Doa a quem doer.

309 Entre tais obras, figura a já referida *Onde a religião termina?*, de Marcelo da Luz.

310 WILBER, Ken. *A união da alma e dos sentidos*. Cultrix: 2001, p. 39-46.

inconveniente dominação e controle religioso da ciência, mormente pela imposição de míopes valores pretensamente morais³¹¹ ao território científico,³¹² às artes ou às preferências legitimamente individuais.³¹³ Estou ciente da dificuldade em alcançarmos o que seja o exato conceito de modernidade, mas a autonomia e separação das jurisdições das artes, ética e ciência (eu, nós e isso) parece-me um bom começo para compreendermos a descrição da era moderna como a “idade da razão e da revolução”, termo creditado a Will e Ariel Durant.³¹⁴ Os valores do “iluminismo ocidental liberal” estão visceralmente conectados à independência dos três grandes e abrangem a liberdade, a justiça, os direitos civis, a meritocracia e a igualdade perante as leis, o que as sociedades e os valores pré-modernos estavam muito distantes de aceitar com facilidade.

A maravilha da diferenciação dos três grandes pela modernidade, como visto, alforriou a arte e a ciência da escravidão dogmática, representante épica do rústico nível ético eclesiástico da época, que, felizmente, galgou avanços até os dias atuais, ainda que claudicantes em alguns setores.³¹⁵ Mesmo sob a crítica do reducionismo, sou grato aos hercúleos indivíduos que nos outorgaram a condição social para a gloriosa *ousadia do saber*³¹⁶ e libertaram mentes pensantes como a de René Descartes, que lançou sua visão “representativa” do mundo, também chamada de “espelho da natureza”; de artistas como Monet ou van Gogh, que pintaram a natureza em primeiro plano, emancipados da mítica dogmática; finalmente, de cientistas como Newton, que observaram e registraram os dados empíricos e sensoriais com um pouco mais de autonomia. Os tempos modernos definiram e delimitaram claramente as jurisdições da arte, da ciência e da moral, possibilitando aos cientistas a utilização de *telescópios*³¹⁷ sem denúncias inquisitórias, fatos que delegaram à espécie humana o direito de flamular as bandeiras dos direitos individuais e universais. *Diante de tantas glórias, devemos erguer altares à modernidade?*

311 Quadrante inferior esquerdo, intersubjetivo ou ético.

312 Quadrantes direitos, objetivo e interobjetivo.

313 Quadrante superior esquerdo, subjetivo ou individual.

314 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001, p. 40.

315 Não queimam pessoas nas fogueiras da Idade Média, mas ainda extirpam a saúde e a vida das mesmas ao condenar o uso de preservativos e limitar a ciência em vários aspectos, entre outras posturas que considero ultrapassadas.

316 Ousadia ou atrevimento do saber: alusão à expressão *sapere aude*, atribuída a Kant.

317 Telescópio: alusão ao caso histórico de Galileu.

O desastre da dissociação dos três grandes

Qualquer perspectiva restrita ou aprisionada a apenas um elemento dos três grandes ou que pretenda que um único quadrante adquira o *status* holístico, posicionar-se-á equivocadamente como panaceia salvacionista e portará o indesejado absolutismo de quadrante.³¹⁸ Ótimo exemplo moderno está no que chamamos de *materialismo científico* ou *paradigma newtoniano-cartesiano*³¹⁹ (absolutismo do “isso”), que passou a colonizar as demais dimensões, vilificar indevidamente *todas* as religiões e eliminar a própria Consciência, pois esta não pode ser vista por um microscópio ou provada por qualquer aparelho. O Grande Ninho do Ser e sua multidimensionalidade ficaram achatados pelo materialismo, que esmagou a Consciência com seu poderoso rolo compressor e caminhou para um desencanto frio e “coisificante” de um mundo inodoro, incolor e sem profundidade, imortalizado por Charles Chaplin em sua prestigiada obra *Tempos Modernos* e sintetizada pela frase wilberiana: “arte, moral, contemplação e espírito, tudo foi arrasado pelo touro científico na loja de porcelanas da consciência. E foi esse o desastre da modernidade”.³²⁰

Urgem soluções pela via integrativa, ou seja, uma saída honrosa para os males modernos, sem as enfadonhas teorias e panaceias sócio-ideológicas (novo absolutismo do “nós”) ligadas ao fracassado passado político *testado e reprovado*, sob a enganosa cortina de fumaça do “politicamente correto”, do “tudo pelo social” ou do que chamo de “Coletivismo sócio-consolatório de Estado”.³²¹ Carecemos de um olhar futurista que conserve o ceticismo político, mas visualize uma oportunidade de aproximar os três grandes para um diálogo pacífico, desprovidos de intenções tirânicas e situações rancorosas. Wilber sugere que a cura para esse desastre moderno esteja justamente na manutenção da *diferenciação* e eliminação da *dissociação* entre a grande trinca “eu, nós e isso”, “arte, ética e ciência” ou “belo, bom e verdadeiro”.

Os elementos dos três grandes ou dos *quatro quadrantes* encontram suas particularidades e perspectivas assistenciais e positivas, ainda que analisados isoladamente. Contudo, a visão exclusivista, intramuros ou por um

318 Absolutismo de quadrante: noção equivocada de que a ação isolada em uma única perspectiva será a panaceia salvacionista de todos os quatro quadrantes.

319 Expressão que julgo equivocada, consoante explicitado no capítulo 16.

320 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001, p. 51.

321 “Coletivismo sócio-consolatório de Estado”: expressão de uso pessoal para designar a busca do coletivo por benesses estatais consolatórias e não pelo autonomia meritocrática individual.

único prisma isolacionista, que chamarei de “univisão”,³²² merecerá a pecha de reducionista. Em outros termos, estudos focados em determinado quadrante obviamente proporcionarão avanços fantásticos oriundos de sua especificidade, mas sua observação excessivamente segmentada poderá adoecer e arrogar-se no detentor da paternidade assistencial cósmica e distanciar-se da saudável dose de ceticismo pragmático para considerar o alcance e as fronteiras de seus próprios postulados.

O Quadro 10.7 é uma boa oportunidade para dirimir eventuais dúvidas suplementares, já que nele dou sequência à estilística desta obra com exemplos didáticos acerca dos conceitos trabalhados, mas sob a ótica exclusivista e desconectada dos demais quadrantes. O reducionismo pode ser satisfatoriamente explicado pelo aprisionamento de uma teoria em um dos quadrantes wilberianos, bem como seu absolutismo ao afirmar seu ângulo de visão como “a única verdade”, um enganoso paradigma “holístico” que, na verdade, não passa de perspectivas diferentes na proposta, mas similares na limitação.

Quadro 10.7
Visões reducionistas pretensamente holísticas

	Interior	Exterior
Individual	Quadrante intencional Idealismo reducionista: • A mente³²³ é a <i>única</i> realidade • Reduccionismo “espiritual”	Quadrante comportamental Cientificismo reducionista: • A matéria é a <i>única</i> realidade • Reduccionismo materialista grosseiro
Coletivo	Quadrante cultural Pós-modernismo reducionista: • Significado cultural é a <i>única</i> realidade • Reduccionismo cultural	Quadrante social Reduccionismo sistêmico: • A teia da vida é a <i>única</i> realidade • Reduccionismo materialista sutil

Como visto, o estudo específico de um único exemplar ou com foco prioritário no que classificarei como *reduccionismo de quadrante*, poderá ser positivo e assistencial e, particularmente, reconheço os notáveis esforços de dedicados autores e cientistas na construção de teorias e especialidades

322 “Univisão”: neologismo proposto para contrapor-se ao termo “cosmovisão”.

323 Mente: no sentido de Espírito, Consciência, Alma ou Essência.

facilitadoras de nossa existência. Todavia, apesar de reconhecer tal contri-
buição, não compactuo que seus exemplares teóricos comprimam todas as
perspectivas em um único prisma monológico-materialista,³²⁴ social-cole-
tivistista³²⁵ ou narcísico-individualista,³²⁶ pois tal visão pelo prisma exclusi-
vista gerará o *absolutismo de quadrante*, impondo verdades de uma perspec-
tiva para as demais, sem levar em conta a interação entre elas.

A realidade pode ser infinitamente mais ampla do que o limitado alcance
de nossos olhos e até mesmo de nossas mentes. O Quadro 10.8 explicita o
foco majoritário de cada autor, tomando-se por base a tendência à “univi-
são” de quadrante em seus respectivos postulados.

Quadro 10.8
Foco de autores conhecidos por suas teorias e seguidores

	Interior Dialógico Interpretativo Subjetividade/intersubjetividade	Exterior Monológico ³²⁷ Empírico Objetividade/interobjetividade
Individual	Sigmund Freud Carl Gustav Jung Jean Piaget Aurobindo Platão Gautama Buda Eu	B. F. Skinner John Watson John Locke Empíricos Behavioristas Isso
Coletivo	Thomas Kuhn Wilhelm Dilthey Jean Gebser Max Weber Hans-Georg Gadamer Nós	Talcott Parsons Auguste Comte Karl Marx Gerhard Lenski Teoristas sistêmicos “Issos”

324 Reduccionismo do “isso”.
325 Reduccionismo do “nós”: coletivismo, marxismo, socialismo ou comunismo.
326 Reduccionismo do “eu”: capitalismo “de Estado”, “de compadres” ou “selvagem”.
327 Monológico: Podem ser vistos em um monólogo. O pesquisador observa seu comporta-
mento objetivo e não precisa “falar” com eles. Podemos notar o comportamento de átomos,
células, populações, indivíduos, sociedades ou ecossistemas.

Considero espantosa a capacidade centrípeta desses pesquisadores que, reconhecidamente, formaram legiões de seguidores, mas estou convencido de que muitas teorias foram superestimadas como panaceias holísticas, fato que gerou ideologias absolutistas sob uma aura mística de pílula evolucionista para qualquer situação. Nesse âmbito, os exemplos de minha preferência estão relacionados às ideologias políticas ligadas ao que se convencionou chamar de “sociais”. Permitam-me, leitores, a franqueza ao afirmar que estas frentes coletivistas obviamente enriquecem a discussão, mas se analisadas sem as devidas patologias e conexões externas, serão tão reducionistas e nefastas quanto qualquer outra vertente menos abrangente que, evidentemente, também merece uma série de outras críticas.

Absolutismo político-ideológico de quadrante

Finalmente, poderei apresentar o tema de minha predileção: *o absolutismo de quadrante no delicado campo político-ideológico*. Boa parte desse tema foi antecipado no tópico anterior, focado no desastre da modernidade pela dissociação dos três grandes, mas estou seguro ao afirmar que outros campos reflexivos surgirão e despertarão paixões belicistas, temática à qual a expressão idiomática “campo minado” ajustar-se-á perfeitamente, motivo pelo qual comunico profilaticamente que haverá lugar para todos nessa arca³²⁸ universalista, na qual *pacificação* será a palavra de ordem. Bom início foi a colocação de cada autor “no seu quadrado”³²⁹ e focaremos a seguir na questão da sangrenta batalha político-ideológica que aflige praticamente todo o planeta.

Interpreto como positiva a migração do *coletivismo moralista ditatorial*³³⁰ para o moderno *individualismo egocêntrico*,³³¹ mormente no mundo ocidental, que nos libertou da teratológica fusão dos três grandes wilberianos. Porém, vimos que os altares à modernidade ruíram, pois esta mantém patologias ligadas a uma espécie de competição darwiniana, no estilo “cada um por si” ou “salve-se quem puder”, na qual a dissociação completa dos

328 Alusão ao mito da arca de Noé, onde animais de várias espécies foram preservados e ali conviveram apesar da turbulência.

329 Alusão jocosa à música popular “Dança do Quadrado”.

330 Tirania do “nós”.

331 Tirania do “eu”.

valores éticos da jurisdição do “nós” trouxe-nos uma individualidade desequilibrada e vitimada por imaturidades.

Todavia, as reações ao exagero individualista cometeram o equívoco romântico e, ignorantemente, “jogaram o bebê com a água do banho”, ou seja, ao invés de extirparem apenas o excesso, também arremessaram para longe o aspecto saudável. Ao combater o lado sombrio de uma individualidade justificadamente traumatizada com as tiranias dos coletivistas do passado (jurisdição do “nós”), os *neo-coletivistas pós-modernos* voltaram a invadir e atacar todo o espaço individual e não somente seu exagero, numa espécie de eliminação do doente para matar a doença. Tudo fartamente regado pelo fanatismo ideológico onde o “social” ou o *Estado-Interventor* reencarnam como novas divindades laicas e seus seguidores consideram-se como os novos messias que conduzirão nossa sociedade para um “mundo melhor”,³³² ainda que seja necessário queimar os infiéis “retrógrados e reacionários conservadores” na fogueira purificadora “canhota”.³³³ Substituiu-se a expressão “Deus proverá” pelo novo mantra “o Estado proverá” e uma legião de inocentes úteis clama inadvertidamente por benesses, “avanços” e direitos cada vez maiores, através de sistemas comprovadamente insustentáveis,³³⁴ demandas estas que passam distantes das responsabilidades meritocráticas.

Eis minha crítica e sugestão por uma política mais equilibrada entre os lados positivos de cada perspectiva: *a cooperação sociocultural e os valores liberais-meritocráticos*.

Considero correto o pensamento wilberiano de que a desgraça da modernidade deu-se pela dissociação entre a ética³³⁵ e os valores individuais³³⁶ e científicos.³³⁷ Contudo, mantenho veemente discordância ideológica da

332 Alusão à obra *Contra um Mundo Melhor*, de Luiz Felipe Pondé.

333 Alusão aos movimentos igualitaristas conhecidos como “esquerda”, que extirparam indevidamente os aspectos individuais, meritocráticos ou subjetivos, tornando-se patologicamente reducionistas.

334 Crença infantil na infinidade dos recursos estatais.

335 Jurisdição do “nós” (coletivismo).

336 Jurisdição do “eu” (individualismo).

337 Jurisdição do “isso” (materialismo).

queles que se arvoram nos detentores da verdade,³³⁸ monopolizadores da boa intenção³³⁹ e dos novos messias do “politicamente correto”.³⁴⁰

Temo um retrocesso do individualismo obviamente deficitário (mas superior ao que havia antes dele) para situação ainda mais agravada por uma ditadura oculta sob o “casaco de cordeiro”³⁴¹ representada pela expressão “tudo pelo social” ou “vontade da maioria”,³⁴² sempre presente nos discursos de líderes demagogos. Parece-me evidente que a espécie humana esbarra em mazelas resultantes de tais posturas nos mais variados sistemas políticos, motivo pelo qual constatamos uma legião de críticos do individualismo narcísico moderno³⁴³ (dissociação dos três grandes) e outros que, como eu, abominam o pensamento tirânico-coletivista³⁴⁴ (fusão dos três grandes).

Quem está com a razão? Evoco uma resposta tipicamente wilberiana para a questão formulada: talvez ambas as críticas estejam parcialmente corretas. Ninguém com bom senso e racionalidade mediana suporta o autoritarismo narcísico de um lado (tirania do “eu”), e o avanço da cultura *coletivista* no espaço individual de outro (tirania do “nós”), situação em que um grupo de burocratas “santificados” pelo voto da maioria ditam normas morais absurdas e usurpam direitos individuais legítimos em nome da “justiça social”.

338 Estandartes do fundamentalismo religioso e panaceias em torno de crenças sócio-políticas e em paradigmas salvacionistas da nova era.

339 Ordinariamente encontrados em fanáticos segmentos políticos polarizados entre esquerdistas e direitistas, onde os maniqueístas detentores da “boa intenção” poderão “vestir a carapuça”.

340 Tipicamente encontrados nos críticos sociais dos chamados, justificada e pejorativamente, de “esquerдинhas festivos”, desprovidos do ceticismo pragmático e meritocrático; ou da não menos indigesta ação de religiosos de uma pseudo “direita”, que impede a aplicação prática do Estado Laico e mantém símbolos religiosos em repartições públicas.

341 Alusão à expressão popular “lobo em pele de cordeiro”.

342 Norberto Bobbio, um dos mais respeitados cientistas políticos do século XX, diferencia “vontade da maioria” de “tirania da maioria” (BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. Edipro: 2005, p. 55).

343 Narcisismo individualista: abuso patológico dos interesses individuais sobre ética. Absolutismo do quadrante superior esquerdo. Como profilaxia, os valores liberais defendem a individualidade agregada à responsabilidade.

344 Tirania coletivista: prevalência patológica dos interesses coletivistas sobre os direitos individuais meritocráticos. Absolutismo do quadrante inferior esquerdo.

A aludida tirania se vê corporificada na espoliativa carga tributária brasileira, no flagrante ataque ao legítimo direito de individual propriedade através do hediondo IPTU,³⁴⁵ nas tentativas de implementação da nova CPMF,³⁴⁶ na escravização cultural pelo sistema de concessões de rádio e televisão,³⁴⁷ nas reservas de mercado,³⁴⁸ nas falácias do “Estado-empresário”,³⁴⁹ “Estado-Babá”³⁵⁰ ou “Estado-de-bem-estar-social”³⁵¹ e nos incontáveis exemplos secularmente distantes do pragmatismo e lógica meritocrática.³⁵² Apesar dessas pesadas críticas à tirania coletivista, espero ter deixado suficientemente esclarecido que não defendo o individualismo moderno, pois este desencaminhou-se para a insensibilidade humanista,³⁵³ o hedonismo superficial³⁵⁴ e o culto ecologicamente insustentável do consumo³⁵⁵ (dissociação dos três grandes).

Infelizmente, abundam exemplos de ambas as mazelas oriundas da fusão e da dissociação dos três grandes, quando a carência de valores levou interesses sectários a apossarem-se da aura da citada *divindade laica* para curvar e dominar o público e o privado. Nesse cenário, segmentos político-ideológicos ostentam suas logomarcas nos jardins da residência oficial do Presidente da República,³⁵⁶ os atos de vandalismo perpetrados nas vias públicas, em flagrante desconhecimento do que significarei por *urbanidade razoável*,³⁵⁷ tudo sob os olhos de policiais com poucos recur-

345 IPTU: imposto predial territorial urbano, por meio do qual pagamos “aluguel” daquilo que já nos pertence.

346 CPMF: contribuição por movimentação financeira.

347 Existente desde os governos militares e mantido por seus sucessores supostamente democráticos.

348 O Estado administra deficitariamente e o indivíduo paga os prejuízos através do erário público.

349 O Estado deve cumprir e respeitar os limites de sua jurisdição estatal, à qual não pertence a função empresarial, tipicamente privada.

350 Expressão utilizada por David Harsanyi.

351 Tema competentemente abordado pelo economista e autor brasileiro Rodrigo Constantino.

352 Onde a “justiça social” é bem vinda desde que não camufle uma “injustiça individual”.

353 Banalização das condições mínimas de salubridade.

354 Culto ao corpo ou ao jargão *forever young*.

355 Prática desmedida de compras-tampão, com a finalidade de encobrir a falta de conteúdo existencial pelo brilho fugaz das embalagens egóicas.

356 Lamentável fato histórico registrado no primeiro ano do governo petista de Luis Inácio Lula da Silva, em teratológica confusão entre partido, governo e Estado, que é a base de qualquer estrutura pública ditatorial.

357 Desde atos mais graves àqueles considerados “pecadilhos veniais”, como jogar lixo na rua, impor a fumaça do seu cigarro aos demais, pichar muros alheios etc.

sos tecnológicos, mal treinados, pessimamente remunerados e temerosos das reprimendas dos “críticos de gabinete”,³⁵⁸ que não compreendem o amargor dos remédios nada populistas para correção da rota de implosão social que vivemos.

Fomos do uso humano do *teocentrismo* como agente tirânico ao *antropocentrismo* narcísico e chegamos no *autoritarismo coletivista*, da pré-modernidade à pós-modernidade, para culminarmos numa disputa maniqueísta entre a morte de valores culturalmente validados³⁵⁹ e a eliminação da autonomia individual,³⁶⁰ litígio que nos levou para o campo do jargão adotado e criticado nesta obra, ou seja, “isso *versus* aquilo”, dessa vez em sua forma tríplice: “individualidade *versus* moralidade *versus* cientificidade”, “autonomia *versus* bondade *versus* verdade”, “subjetividade *versus* intersubjetividade *versus* objetividade” e finalmente “eu *versus* nós *versus* isso”.

Concluo e constato uma considerável reação à autonomia individual (individualismo) pelo movimento genuflexório aos sedutores e enganosos argumentos românticos, no âmbito do qual ocorre o reinado das utópicas ideologias de base rousseauniana (coletivismo), em que o homem nasceria bom (*tabula rasa*) e a sociedade seria a grande responsável por corrompê-lo.

Esse absurdo reducionista impôs a toda a sociedade que suportasse todo o ônus pelas patologias individuais, em flagrante estímulo à manutenção da infantilidade humana, análogo ao pai superprotetor que, na verdade, é o próprio causador da imaturidade pelo mimo excessivo. Em outras palavras, o *zeitgeist*³⁶¹ moderno extrapolou, mas a solução parece-me estar na contramão dos insanos exageros das falácias coletivistas.

Nesse momento, como profilaxia de que minha crítica seja deveras generalizada, aplaudirei o mérito das conquistas modernas e as tentativas de inserção social de maior solidariedade e cooperação, mas advogo aber-

358 Alusão aos críticos meramente teóricos ou “do ar condicionado”.

359 Solidariedade, bondade, ética, altruísmo, fraternidade etc.

360 Autonomia, merecimento, criatividade e desvalorização a tudo que é legitimamente individual, meritocrático, artístico ou personalíssimo.

361 “*Zeitgeist*”: espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. Significa o conjunto cultural e intelectual em determinado período, por suas características genéricas.

tamente a introdução de uma oportuna dose de liberalismo, como antídoto ao entorpecimento do enfrentamento individual das consequências de nossas respectivas escolhas, obviamente com a inclusão e reconhecimento das demandas sociais para as correções graduais das imperfeições que Wilber chamou de “desastre da modernidade” ou dissociação dos três grandes.

Em suma, demandamos justiça social *e* individual (com especial atenção para o elemento “*e*”, grafado em itálico), desprovidas do nefasto *absolutismo de quadrante* para o correto encaminhamento da questão para uma interação e fluidez assistencial que evite a constatação de Clive Staples Lewis, citado por David Harsanyi, que tristemente valido: “Entre todas as tiranias, a exercida para o bem de suas vítimas é a mais opressiva. Talvez seja melhor viver sob o olhar de ‘nobres’ usurpadores do que intrometidos moralistas onipotentes. A crueldade do ‘nobre’ usurpador às vezes descansa, sua cupidez por vezes é saciada. Mas aqueles que nos atormentam para o ‘nosso próprio bem’ o farão sem descanso, pois o fazem com a aprovação de suas consciências”.³⁶²

Os elementos integrais nos quadrantes

Antes de aprofundarmos e inserirmos os quatro primeiros elementos da Filosofia Integral (níveis, linhas, estados e tipos) nos quatro quadrantes, numa desafiadora conexão conceitual, proponho um resumo para, ao menos, reforçarmos a compreensão das perspectivas focadas na subjetividade e intersubjetividade dos indivíduos mais relacionadas aos aspectos objetivos ou interobjetivos.

Tal resumo encontra-se no Quadro 10.9 a seguir, baseado na obra wilberiana, e tem finalidade exclusivamente didática, pois a análise mais aprofundada não suportará interpretação em termos absolutos e poderá estabelecer saudáveis conexões entre os quadrantes, além de permitir questionamentos a respeito do modelo apresentado.

³⁶² HARSANYI, David. O Estado babá. Litteris: 2011.

Quadro 10.9
Exemplos didáticos das tendências interiores e exteriores

Proposta	Lado esquerdo ³⁶³	Lado direito ³⁶⁴
Tendência histórica	Oriente	Ocidente
Psicologia	Freud ³⁶⁵	Watson ³⁶⁶
Sociologia	Weber	Comte
Filosofia	Heidegger	Locke
Antropologia	Taylor	Lenski
Linguística	Hermenêutica	Estruturalismo
Teologia	Agostinho	Aquino
Espiritualidade	Espírito	Energia
Materialismo	Exclusão	Validação
Cartografia	Cartógrafo	Mapa
Paradigmas	Consciencial	Material
Foco	Veracidade	Verdade
Palavras-chave	Interpretação	Fato
Perguntas-chave	O que isso significa?	O que isso faz?

Colocarei uma última proposta didática (Quadro 10.10), que apresenta exemplos que julgo facilitadores para a compreensão desses conceitos e das principais diferenças entre os lados direito e esquerdo dos quadrantes. Nela, exploro componentes relacionais entre os quadrantes superiores, com a primeira coluna focada na perspectiva interior-individual e a segunda, na contraparte exterior.

363 Interior, dialógico e interpretativo.

364 Exterior, monológico e empírico.

365 Obviamente, não se limita à psicanálise (citada apenas como referência histórica), mas estende-se a todas as terapias “falantes” ou focadas na cura interpretativa das palavras, seja ela cognitiva, interpessoal, junguiana, Gestalt ou análise transacional.

366 Abordagens empíricas, relacionadas à coleta e mapeamento de dados.

Quadro 10.10

Comparativo didático entre elementos dos quadrantes superiores, esquerdo e direito

Quadrante superior esquerdo ³⁶⁷	Quadrante superior direito ³⁶⁸
Apreensão	Átomos
Irritabilidade ³⁶⁹	Células ³⁷⁰
Sensação rudimentar	Organismos metabólicos ³⁷¹
Sensação	Organismos protoneurônicos ³⁷²
Percepção	Organismos neuronais ³⁷³
Percepção / impulso	Cordão neural ³⁷⁴
Impulso / emoção	Tronco cerebral ³⁷⁵
Emoção / imagem	Sistema límbico ³⁷⁶
Símbolos	Neocórtex ³⁷⁷
Conceitos	Neocórtex complexo ³⁷⁸

Resta-me integrar o primeiro elemento integral (níveis), bem representado pelo conceito de hierarquias naturais (Capítulo 6), aos quatro quadrantes, o que farei pela Figura 10.1, onde, em um mesmo quadrante, poderemos observar estágios suficientes para validar teorias aparentemente contraditórias como a de Buda³⁷⁹ e Freud,³⁸⁰ ambas do quadrante superior direito, mas em patamares evolutivos distintos.

367 Capacidade consciencial; subjetividade.

368 Reflexo exterior, material; considerado mais empírico, objetivo. É o quadrante da ciência convencional ou padrão.

369 Capacidade de responder ativamente ao estímulo ambiental.

370 Exemplo: genética.

371 Exemplo: plantas.

372 Coelenterata. Exemplo: anêmonas.

373 Anelídeos. Exemplos: minhocas.

374 Exemplos: peixes e anfíbios.

375 Répteis.

376 Paleomamíferos.

377 Primatas.

378 Humanos.

379 Sidarta Gautama: morte do ego.

380 Sigmund Freud: reforço do ego.

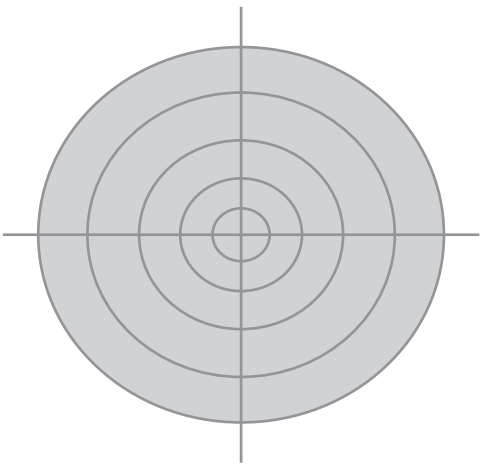


Figura 10.1 – Sobreposição dos níveis (Grande Ninho) nos quatro quadrantes.

Receio que esteja demasiadamente acelerada a apresentação destes intrinsecos conceitos e respectiva integração, mas ousarei avançar para inserção do segundo elemento da Filosofia Integral (linhas)³⁸¹ nos quatro quadrantes, a partir de exemplos retirados diretamente das obras wilberianas e dos ensinamentos de seu principal intérprete brasileiro, Raynsford (Quadro 10.11).

Quadro 10.11
Inserção do elemento “linhas” nos quatro quadrantes

	Interior	Exterior
Individual	Linhas com foco intencional: • Cognitiva • Emocional • Espiritual Intencional	Linhas com foco comportamental: • Motora • Cerebral • Cinestésica Comportamental
Coletivo	Linhas com foco cultural: • Interpessoal • Moral • Valorativas Cultural	Linhas com foco social: • Produtiva • Econômica • Político-sistêmica Social

³⁸¹ Capítulo oitavo desta obra.

Pretendo manter o estilo didático, desta vez integrando o terceiro elemento da Filosofia Integral (Estados)³⁸² nas perspectivas dos quadrantes (Quadro 10.12). O intuito é o de que os aspectos intencional, comportamental, cultural e social emergam intuitivamente no leitor e que as diversas associações com fenômenos adjetivados de *espirituais* possam ser investigadas e interpretadas sob novos e empolgantes aspectos.

Quadro 10.12

Inserção do elemento “Estados” nos quatro quadrantes

	Interior	Exterior
Individual	Naturais Incomuns Fenômênicos	Desempenho Cerebrais Biológicos
Coletivo	Interpessoais Emoções coletivas Comunicativos	Econômicos Políticos Climáticos

Por meio dessas conexões, concluí que muitos conflitos podem ser dirimidos pela compreensão de que nossas diferenças podem ser quantitativas ou qualitativas. O leitor notará que os valores individuais setorizados em diferentes estados e identificados pelas inúmeras linhas³⁸³ de desenvolvimento podem cooperar com o todo, sem a necessidade do nivelamento rasteiro da *tabula rasa* e da mítica expressa pela frase “todos somos iguais”. Isso posto, apresento a integração do quarto componente integral (tipos) na tetra-óptica wilberiana (Quadro 10.13).

³⁸² Capítulo 9.

³⁸³ Segundo componente da Filosofia Integral.

Quadro 10.13
Inserção do elemento “tipos” nos quatro quadrantes

	Interior	Exterior
Individual	Personalidade Gênero (sentimentos) ³⁸⁴ Intencional	Corporais Sanguíneos Comportamentais Comportamental
Coletivo	Relacionais Culturais Cultural	Democracias Transportes Linguísticos Social

Após este longo exercício mental na identificação e setorização das diversas perspectivas, teorias, autores e exemplares ideológicos, restam-nos duas opções, digamos, metodológicas: a escolha de uma abordagem em detrimento de outra ou a possibilidade integral para o aproveitamento de tudo e todos. No que diz respeito a esta última opção, o “segredo” deste universalismo acolhedor está na palavra que outorgou o título desta obra: *conexões*.

As conexões entre os quadrantes

O presente tópico responde ao questionamento sobre a evitação do reducionismo de quadrante, pois, quando reconhecemos as conexões entre os quadrantes, identificamos suas múltiplas dimensões em níveis complementares e não excludentes, o que Wilber denominou de *all quadrants in all levels*.³⁸⁵ Qualquer evolução, seja ela “apenas” intencional, comportamental, cultural ou social, ficaria restrita à “univisão” respectiva. Todavia, insistirei perseverantemente na inexistência de hermetismo absoluto, cuja restri-

384 Os trabalhos da notável Carol Gilligan demonstram que os homens tendem a ferir os sentimentos para salvar as regras, enquanto as mulheres tendem a ferir as regras para salvar os sentimentos.

385 Todos os quadrantes em todos os níveis.

ção meramente ilusória interagirá no caleidoscópio holístico, onde o gosto final da “salada mista” possui a colaboração de cada ingrediente. Somos mais que meros atores e fazemos parte do próprio palco, do público e deste gigantesco teatro cósmico multidimensional.

Aprecio a imagem do oceano com suas várias ondas interpenetrando-se, mas não podemos permitir que a beleza de tais pensamentos usurpem aquilo que temos de único e precioso: *a nossa própria individualidade*. Finalizam-se as disputas entre a *influência da mesologia e a personalidade individual*, para encontrarmos uma jurisdição onde ambas as realidades e seus valores sejam reciprocamente relevantes, numa apoteótica conexão entre totalidades, perspectivas, autores, teorias, ideologias e posicionamentos.

Terceiro bloco

Postulados da Conscienciologia



Multidimensionalidade e multiexistencialidade

Reitero meus cumprimentos ao leitor pelo atrevimento intelectual e enfrentamento desta empolgante aventura pelo universo da Filosofia Integral e seus cinco elementos. Todavia, esta viagem repleta de componentes e reflexões transcendentais está apenas no início, pois, neste terceiro bloco, apresentarei os postulados e valores que considero basilares na Conscienciologia.

Seguindo o padrão adotado até o momento, os referidos postulados seguem listados abaixo, sendo o primeiro o foco central do presente capítulo. Aqui, o leitor poderá vasculhar as diversas conexões entre conceitos, ciências, filosofias e ideias polêmicas repletas de inovações, tanto conscienciológicas quanto de outros segmentos.

- Multidimensionalidade e Multiexistencialidade.
- Holossomaticidade e Pensividade.
- Projetabilidade e Bioenergética.
- Assistencialidade, Cosmoeticidade, Maxifraternidade e Universalidade.

Preliminarmente ao estudo mais aprofundado, tranquilizo o leitor no tocante ao excesso de prefixos e sufixos que, no início, parecem aberrantes mutações linguísticas, mas cujos significados e importância serão paulatinamente compreendidos. Os neologismos são necessários para designar novos postulados, pois os novos significantes pontuam a que veio a Conscienciologia e sua firme proposta de fincar sua bandeira na jurisdição vivencial, em flagrante abandono aos termos antigos ligados aos assuntos transcendentais.

Outra peculiaridade também poderá incomodar, relativamente ao uso excessivo do sufixo “-dade”. *Porque ao invés de “multidimensionalidade”,³⁸⁶ não utilizei apenas a expressão “várias dimensões”?³⁸⁷* Esse pequeno detalhe faz diferença para minha concepção da Conscienciologia, pois, enquanto proposta edificada em vivências pessoais, não bastaria a crença na multiplicidade dimensional, mas sim nossa efetiva qualidade ou capacidade de experimentar tais dimensões através de inúmeras ferramentas, em especial a *projeção lúcida*, cuja importância outorgou-a capítulo específico.³⁸⁸ As múltiplas dimensões são as jurisdições específicas de atuação da consciência e multidimensionalidade, no sentido empregado nesta obra, representa a faculdade das consciências manifestarem-se em tais dimensões.

As presentes afirmações seriam menos inquietantes se a Conscienciologia estivesse inserida em algum movimento *new age* ou vertente *transpessoal*, porém, diante da proposta enquanto ciência e sob a égide da *descrença*, em ambiente antidogmático, onde a refutação é bem-vinda, uma primeira dificuldade surge em relação à hipótese multidimensional: *como prová-la?* Ao cumprir o objetivo de responder a tal pergunta, teremos que adentrar a uma questão anterior: *quantas e quais dimensões são estas?* A partir dessa pergunta, farei o mapa deste capítulo, contendo suas subdivisões didáticas:

- Dimensões da Conscienciologia.
- Imortalidade da Consciência.
- Multiexistencialidade.
- As ferramentas vivenciais.

Dimensões da Conscienciologia

Diferentemente da escola pitagórica e suas quatro dimensões (matéria, vida, mente, espírito) estudadas no bloco introdutório da presente obra, especificamente no Capítulo 2, sob o título *Cosmos e Kosmos*, a Conscienciologia valida cinco dimensões, cujas particularidades exploraremos a seguir: material, energética, emocional, mental e consciencial.

386 Além do mero estado ou condição multidimensional, incluindo a vivência destas dimensões.

387 Mero estado ou condição multidimensional.

388 Capítulo 14: Projetabilidade e Bioenergeticidade.

A dimensão material, bem como a energética, são as mais perceptíveis do ponto de vista dos sentidos físicos e podem ser exemplificadas pelo simples ato de caminhar, correr, brincar, gesticular, praticar algum esporte ou até mesmo verificar os polêmicos fenômenos de *ectoplasmia*,³⁸⁹ em suma, situações predominantes do conceito ordinário de *ação* e correspondente verbo *agir*.

As dimensões emocional e mental, respectivamente, podem ser significadas pelas jurisdições pertinentes aos verbos *sentir* e *pensar*, onde gostar, entusiasmar, apaixonar ou odiar não representam apenas emoções que dizem respeito ao seu emissor, mas também a todos os demais que, na qualidade de receptores conectados, receberão uma certa influência pelo efetivo impacto oriundo de pensamentos e sentimentos alheios. Destacarei a dimensão mental ou do discernimento, na qual *pensare paga gabela*,³⁹⁰ já que a sociedade hodierna está carente de autoenfrentamento sincero quanto ao simples, mas importante, questionamento: *qual a qualidade de nossos sentimentos e pensamentos?* Eis uma apertada síntese das quatro primeiras dimensões conscienciológicas.

A dimensão consciencial requer explicação mais interpretativa e consideravelmente mais polêmica, pois arranharei a Mateologia para tratar do tema. Não possuo expressivas percepções para afirmar a existência deste universo existencial desprovido da faculdade de pensar, muito embora, no campo das hipóteses, defenda sua independência em relação ao pensamento, mormente pelo raciocínio dedutivo. Utilizo-me da capacidade de reflexão e patrocino, como constructo lógico, a proposição conscienciológica de que *somos* Consciências e *participamos* de múltiplas dimensões em existências contínuas e sucessivas, em empolgante crescendo evolutivo em vários níveis, linhas e atributos conscienciais.

O pesquisador e autor Wagner Alegretti, em sua obra *Retrocognições*, propõe a classificação dos estados conscienciais pelo prisma da multidimensionalidade: “intrafísico, extrafísico, projetado e livre”.³⁹¹ Farei uma breve

389 Ectoplasmia: termo conhecido na Parapsicologia, introduzido por Charles Richet, para designar uma substância esbranquiçada, fluídica, que pode ser exteriorizada para fora do corpo de algumas pessoas, mais frequentemente pela boca ou ouvidos.

390 Pensare paga gabela: pensar paga imposto. Contraposição ao dito italiano que escutava na minha família: *pensare non paga gabela* ou *pensar não paga imposto*.

391 ALEGRETTI, Wagner. *Retrocognições*. Ipic: 2000, p. 64.

explicação de cada um deles e sugiro ao leitor a manutenção de seu juízo crítico, mas, de outro lado, que se dispa dos excessos e exerça livres reflexões no campo das possibilidades.

- *Intrafísico*. Refere-se à manifestação corpórea, ou seja, através do nosso conhecido corpo físico. A linguagem consciencial utiliza-se do significante *ressomado* para designar a Consciência “detentora” ou conectada ao veículo físico; na orientação vinda do Espiritismo e também nos postulados do Racionalismo Cristão, prefere-se o termo *encarnado*.
- *Extrafísico*. Ambiente “típico” ou condição da Consciência desprovida do corpo físico, cuja manifestação mais “flagrante” ocorrerá basicamente pelo psicossoma, também conhecido como corpo emocional, carro sutil da alma, perispírito e corpo viajante, entre inúmeras designações e cujo estudo mais detalhado faremos no capítulo seguinte, sob o título *Holosomaticidade e Pensenidade*.
- *Projetado*. Interessante e polêmica condição em que a Consciência encontra-se vinculada ao corpo físico por ligações energéticas, mas o psicossoma descoincide do soma em situação otimizada para vivência da dimensão chamada de extrafísica. Vale mencionar o postulado da projeção de mentalsoma, na qual o corpo mental aloca-se em situação ainda mais peculiar da qual possuo parco conhecimento teórico.
- *Livre*. Condição da Consciência que descartou os três corpos a saber: soma,³⁹² energossoma³⁹³ e psicossoma,³⁹⁴ manifestando-se exclusivamente com o veículo mentalsomático, em tese, pelo amadurecimento suficiente e desnecessidade das sondas consideradas mais grosseiras.

Imortalidade da Consciência

Uma vez vivenciada, compreendida ou apenas admitida como hipótese a existência da multidimensionalidade, o indivíduo curioso perscrutará as consequências desse postulado. Confesso que possuo a curiosidade citada e estudei inúmeras vertentes filosóficas e teorias que se interessam pelo tema ora focado e validaram a condição da imortalidade da nossa essência inteligente. A Conscienciologia, por sua vez, além de apontar para a sobrevivência da Consciência após a morte biológica, também oferece téc-

392 Corpo físico.

393 Corpo energético.

394 Corpo emocional.

nicas e ferramentas para que o próprio pesquisador verifique a realidade extrafísica através da mencionada projeção consciencial lúcida e outras possibilidades parapsíquicas, temática na qual o leitor terá oportunidade de se aprofundar em capítulo posterior.³⁹⁵

Poderíamos discorrer sobre a imortalidade da Consciência, em abordagem atualmente em moda na Medicina, no tocante ao fenômeno conhecido pela sigla EQM (experiência de quase morte),³⁹⁶ pesquisado ao redor do mundo por inúmeros cientistas sérios como é o caso do Dr. Sam Parnia,³⁹⁷ um dos maiores especialistas do mundo no estudo científico da morte, dos estados da mente humana, do cérebro e das experiências de quase morte, que dividiu sua pesquisa entre os hospitais do Reino Unido e a Cornell University, em Nova York, em parceria com outros centros de estudos inovadores. Contudo, embora reconheça os fenômenos de quase morte, o norte conscienciológico apresenta técnicas para vivenciar fenômeno semelhante de forma mais tranquila ou menos traumática.

Outra vertente que estive tentado a seguir neste capítulo é a descrita na obra *A República*, de Platão,³⁹⁸ que conta a história de um suposto soldado armênio, de nome “Er”, que fora dado como morto em combate, mas na verdade vivenciara o fenômeno da EQM, do qual trouxe informações que sugerem uma vivência extrafísica, relatada pelo linguajar típico da época e do famoso autor e expoente da Filosofia. Neste momento, o leitor poderá novamente questionar-se: *diante de duas vertentes, uma científica e outra filosófica, porque a Conscienciologia insiste no aspecto vivencial?* Esta é a pergunta central e a base do seu valorizado princípio da descrença, pois a busca por, de fato, experimentar os postulados conscienciológicos, diferenciará o cidadão meramente teórico daquele que está muito além de ensinamentos doutrinários. A vivência supera a crença e delega ao pesquisador a auto-comprovação, que obviamente deve ser interpretada com racionalidade e prudência, em contundente distanciamento do fundamentalismo étnico, religioso, ideológico e dos temores reverenciais ou sociais.

395 Capítulo 14.

396 EQM: experiência de quase morte.

397 PARNIA, Sam. O que acontece quando morremos. Lumen: 2008.

398 PLATÃO. A República. Edipro: 2018, p. 313-319.

Estamos diante de um *nó górdio* que ocupou a mente de filósofos, cientistas e religiosos: *sobreviveremos à morte biológica?* Aos olhos de muitos, inclusive dos meus, um dos caminhos para uma resposta consistente e distante das infantis credulidades humanas está no estudo minucioso e na experimentação de fenômenos parapsíquicos e projetivos. Solicito ao leitor um pouco mais de paciência e que mantenha esta questão em mente até o término da leitura deste segundo bloco, onde os conceitos de *holossoma*³⁹⁹ e *projeção lúcida*⁴⁰⁰ ajudar-nos-ão na edificação de nossas próprias conclusões, cada qual consoante nossas respectivas vivências, cosmovisões e interpretações.⁴⁰¹

Multiexistencialidade

Destacarei a sequência lógica das decorrências do pressuposto multidimensional, evidentemente condicionada ao aspecto vivencial ou à aceitação desta premissa, ao menos como hipótese. Assim, adentraremos o conceito da *multisserialidade*, ou seja, consideraremos a possibilidade de existência objetiva de várias séries existenciais em oscilação *intra e extrafísica*, fenômeno que a Conscienciologia denomina *ciclo de ressomas e dessomas*, conhecido por inúmeras doutrinas ou tradições esotéricas como *reencarnação*, *roda de samsara*, em suma, morte e renascimento.

Diante de todo o vasto histórico, antigo e atual, ao redor da temática, tive o cuidado de acionar uma série de filtros para eliminação dos conteúdos míticos ou simplesmente imaturos. Encontrei esse garimpo racional tanto em experimentos da Conscienciologia quanto na Filosofia Integral e, na hipótese das minhas conclusões não estarem equivocadas (sugiro ao leitor que mantenha essa possibilidade sempre em mente), a *multiexistencialidade* poderá ser concebida como uma realidade objetiva, motivo pelo qual questiono enfaticamente nossas “certezas científicas” em relação à *unidimensionalidade* material. Aliás, nesse sentido, uma infinidade de pesquisadores trouxeram-nos robustos argumentos dignos de reflexão mais profunda, alguns totalmente desconhecidos do público leigo, como Charles Tart e sua obra *The End of Materialism* e o já mencionado Dr. Sam Parnia, além de famosos filósofos da antiguidade, grandes tradições de sabedoria, infinidades de relatos dignos

399 Capítulo 14.

400 Capítulo 15.

401 Vide conexões paradigmáticas expostas no capítulo quinto e perspectivas do capítulo sexto.

de credibilidade e hipóteses de rara felicidade, que questionam seriamente a redução de todas as instâncias dimensionais ao plano material.

As ferramentas vivenciais

O desafio conscienciológico e seu diferencial em relação às religiões parecem-me estar no equilíbrio entre a descrença cética e a abertura mental em busca de vivências transcendentais. Portanto, ao validar as dimensões que direcionam o foco de seus estudos, a Conscienciologia propõe ferramentas e técnicas vivenciais, a fim de que o próprio pesquisador – ou seja, eu ou você – possa não apenas observar, mas, efetivamente, participar do experimento. A conclusão segue o perfil impactante e nada ortodoxo desta vertente do conhecimento: *somos os pesquisadores e, concomitantemente, os objetos da pesquisa.*

Considero prudente seguir esta linha de raciocínio para algumas digressões sobre a base de que não somos apenas os cientistas, mas também o experimento e o próprio laboratório. Nesse sentido, nossas relações interpessoais, ações, reações, enfim, tudo, passará a conter preciosas informações para nossa autopesquisa e, com essa reflexão, chegaremos à compreensão de que todas as pessoas e o próprio universo são nossos professores. O biotério cósmico multidimensional pode ser comparado a uma gigantesca escola onde inexitem ilhas de isolamento, justamente por um aspecto absolutamente notório em minhas divagações mais íntimas: *a evolução ocorre nas conexões.*

Nesse momento de *insight* e escrita mais fluida, lembro-me do tema deste tópico – *ferramentas vivenciais* – que, por sua vez, está inserido em um bloco principal que porta o título *Postulados da Conscienciologia*. Diante disso, embora reitere e valide as divagações esposadas, obrigo-me a retornar para a questão autoprobatória ou autoconfirmatória sobre a existência da multidimensionalidade. Assim, recomendo ao leitor que leia atentamente o próximo capítulo, cujo foco são nossos corpos de manifestação que, entre outras utilidades, atuam como ferramentas ao mesmo tempo investigativas e investigáveis à nossa disposição. O estudo dessas ferramentas pela comunidade científica clássica deveria entrar na pauta do mundo atual, com o objetivo de facilitar as respostas para algumas problemáticas modernas. Ao leitor que ainda não conheça tais corpos, apresentarei as teorias do *holossoma* e do *pensene* e a possibilidade de aplicação de técnicas para experimentos pessoais.

Holossomaticidade e pensenidade

Ao pensar neste texto introdutório, resisti à vontade de colocar o presente capítulo na abertura do terceiro bloco desta obra, eis que considero tais conceitos basilares para a compreensão dos demais, além de facilitadores da proposta vivencial conscienciológica. *Holossoma*⁴⁰² é o conjunto de corpos, instrumentos ou veículos de manifestação da Consciência; *holossomaticidade*, por sua vez, representa a faculdade das Consciências manifestarem-se por estas sondas. Retornaremos às questões de temas pretéritos referentes ao complexo probatório: *como provar o holossoma? Afinal, quantos e quais corpos possuímos?* A partir destas perguntas, faremos o mapa deste capítulo, que contém as seguintes subdivisões didáticas:

- O protagonista.
- Os quatro veículos.
- Onde entram os chacras?
- As ferramentas vivenciais.
- As três dessomas.
- Posso pensar em quarta dessoma?
- Pensenidade.

O protagonista

O condutor ou protagonista de nossa existência pode ser explicado como aquele que pensa, sente e age, mas não se confunde com pensamento,

402 O prefixo *holo*, do grego *holos*, significa “todo ou conjunto”. O sufixo *soma*, também do grego, significa corpo.

sentimento ou ação. No linguajar conscienciológico, este protagonista, ou aquilo que somos em essência, é designado pelo termo Consciência, enquanto um dos elementos organizadores da matéria física, cuja complexidade penso estar além das minhas limitações temporais e espaciais e no âmbito da qual a compreensão da frase “eu sou Consciência” torna-se ainda mais desafiadora. Muitos segmentos filosóficos e religiosos admitem a existência da Consciência, mas por significantes distintos, ora lembrados: *atman*, *essência*, *individualidade*, *sujeito*, *testemunha*, *self*, *ser*, *alma*, *espírito*, *causa da vida psíquica*, *controlador*, *corpo causal*, *eu central*, *eu maior*, *eu real*, *verdadeiro eu*, *princípio espiritual*, *jiva*, *mônada* e *condutor do soma*, entre outras denominações.

Os quatro veículos⁴⁰³

O presente tópico responde questão referente ao número de corpos validados pelo postulado conscienciológico, ou seja, possuímos quatro veículos de manifestação da Consciência (VMC), a saber: *soma*, *energossoma*, *psicossoma* e *mentalsoma*. Esta estrutura foi bastante explorada, com algumas variações, por *teosofistas*, *rosacruzes*, *hindus*, *tibetanos*, *yogues* e muitos outros povos, linhas do conhecimento humano e tradições milenares. O Quadro 12.1 sintetiza e compara algumas terminologias no âmbito de três correntes distintas.

Quadro 12.1
Resumo comparativo das terminologias empregadas pela proposta conscienciológica, a filosofia hindu e outras linhas

Conscienciologia	Hindus ⁴⁰⁴	Outras linhas
Consciência	<i>Anandamayakosha</i>	Corpo causal
Mentalsoma	<i>Vijnanamakosha</i>	Corpo mental
Psicossoma	<i>Manomayakosha</i>	Corpo emocional
Energossoma	<i>Pranamayakosha</i>	Corpo energético
Soma	<i>Annamayokosha</i>	Corpo material

403 Grande parte das informações deste subtítulo foram extraídas do tratado Projeciologia e da obra Retrocognições, respectivamente dos autores Waldo Vieira e Wagner Alegretti.

404 SILVA, Roberto. Ativando o corpo energético. Instituto: 1991, p. 19.

Entendo serem desnecessários esclarecimentos suplementares a respeito do soma ou corpo físico no presente contexto, tarefa que não se coaduna com o propósito desta obra, motivo pelo qual apenas registrarei que o corpo biológico ou celular é nossa sonda mais densa, que permite à Consciência uma interação mais perceptível, rústica ou primária com a dimensão que se nos apresenta como material, ordinária ou “intrafísica”.

O energossoma, por outro lado, traz um primeiro aspecto relativamente incomum para a cultura ocidental e consideravelmente desconhecido pela Medicina convencional alopática, porém com maior aceitação na Medicina Chinesa para explicar o funcionamento da Homeopatia, da Acupuntura, do *Do-in*, da Digitopressura e do *Shiatzu*. Na definição do tratado *Projeciologia*,⁴⁰⁵ energossoma é o “invólucro vibratório, energético, luminoso, vaporoso e provisório que coexiste estruturalmente e circunvolve o corpo humano”.

Antes de adentrarmos às demais sondas ou veículos de manifestação da Consciência, entendo pertinente elencar outros significantes sinônimos de energossoma: *corpo energético*, *holochakra*, *corpo Bardo* (tibetanos), *corpo de vitalidade*, *corpo ou duplo etérico* (espíritas), *corpo prânico*, *corpo unificador*, *corpo vital* (rosacruzianos), *grande fantasma*, *lastro do psicossoma*, *paracorpo energético*, *véu etérico*, *veículo do prana*, *veículo da vitalidade* e *veículo semifísico*, entre outras denominações.

O veículo ou sonda de manifestação que atua, digamos, “vocacionalmente”, na dimensão extrafísica,⁴⁰⁶ com forma assemelhada ao corpo físico, foi denominado pela Conscienciologia de psicossoma, cujo estudo sinónimo⁴⁰⁷ considero dos mais interessantes, motivo pelo qual apontarei como esta sonda foi representada terminologicamente em outras linhas do conhecimento humano, desde a mais remota antiguidade: *alma viajante* (Apaches), *astroeidê* (neoplatônicos da Escola de Alexandria), *manomayakosha* ou *kosha* (Vedanta), *carne sutil da alma* (Pitágoras), *carro sutil da*

405 VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*. Editares: 2019, p. 257.

406 Dimensão extrafísica: aprofundamento no capítulo seguinte; no momento, ficaremos com a explicação simplista, como a jurisdição além da dimensão que conhecemos como material ou intrafísica.

407 VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*. Editares: 2019, p. 282.

alma (Platão), *segundo corpo* (Parapsicologia), *sexta consciência* (budismo), *kama-rupa* (budismo esotérico), *ka ou duplo* (hermetismo egípcio), *ruach* (cabala hebraica), *nephesh* (antigos hebreus), *eidolon* (gregos), *enormon* (Hipócrates: 460-356 a.C.), *corpo sutil ou etéreo* (Aristóteles), *corpo vital* (rosacruzianos), *corpo vital da alma* (Tertuliano, escola apologética), *corpo espiritual* (apóstolo Paulo), *aerossoma II* (experimentadores contemporâneos), *corpo astral ou evestrum* (Paracelso: 1490-1541), *corpo das emoções*, *corpo ou pequeno fantasma*, *hambarnan* (Indonésia), *hóspede oculto* (Maurice Maeterlinck, Nobel de literatura em 1911: 1861-1949), *hóspede desconhecido*⁴⁰⁸ (Brian Inglis), *larva* (romanos), *umbra* (Roma antiga), *kha* (Egito), *khi* (vietnamitas), *luz cintilante* (chineses), *perispírito* (Allan Kardec)⁴⁰⁹, *suckshuma upadhi* (Raja Ioga) e *utai* (Japão), além de muitas outras nomenclaturas ao redor do planeta, cujo registro dispensarei por mero temor à prolixidade.

Finalmente, abordarei o veículo mental ou mentalsoma, consoante terminologia conscienciológica. Encontrei pouca literatura a respeito, mesmo no tratado *Projeciologia*, onde constatei a existência de uma maior riqueza de conteúdo sobre os demais veículos. Apesar disso, o referido autor Wagner Alegretti afirmou que este corpo do discernimento, “em nosso nível evolutivo, confunde-se com a própria consciência, já que até hoje não foi observada nenhuma forma de projeção em que a consciência abandonasse o mentalsoma ou nenhuma forma de percepção ou manifestação que fosse além da dimensão mental”.⁴¹⁰

Particularmente, valido a segurança argumentativa de Alegretti, que está inserido em jurisdição portadora do prestígio vivencial, porém não resisto à aventura de arriscado vôo mateológico e flutuação que se descola de qualquer vivência, a fim de elaborar livremente questionamentos e ponderações nesta interface entre veículo mental e Consciência, distanciando-me de uma margem de segurança empírica. Assim, entrego-me à pergunta: *mentalsoma seria a própria Consciência?*

408 INGLIS, Brian; WEST, Ruth. The Unknown Guest. White Crow Books: 2018 (título mal traduzido como O mistério da intuição).

409 Pseudônimo escolhido pelo codificador do Espiritismo, professor Hippolyte Léon Denizard Rivail.

410 ALEGRETTI, Wagner. Retrocognições. Ipic: 2000. p. 55-56.

Ousarei uma resposta negativa no campo das possibilidades filosóficas, mesmo sob o custo de estar desprovido da segurança científica. Esclareço que esta última linha de raciocínio distancia-se da exigência vivencial conscienciológica, mas não consigo evitar pensamentos em torno da ontologia⁴¹¹ dos conceitos e também questiono se a experiência de projeção *mentalsomática* ou de *cosmoconsciência* confunde-se com as experiências conhecidas como *samadhi*, *satori* ou *nirvana*. Lido diariamente com tais inquietantes e infindáveis dúvidas.

Gosto da hipótese em que nossa Essência não se confunde com seus veículos de manifestação e que talvez seja realmente possível uma experiência transcendente de radical aquietação – e até mesmo descarte – de nossas ações físicas, sentimentos e pensamentos para uma jurisdição *transmental*, *transracional*, exclusivamente consciencial ou qualquer nomenclatura que entendamos mais adequada para significar o conceito de uma manifestação “original, pura ou direita” da Consciência, sem intermediários corpóreos, nem mesmo o mentalsoma.

Esclareço que, neste momento, não pretendo advogar uma tese específica, mas sim fomentar a dúvida, a reflexão e o questionamento, não apenas pela multiplicidade de “coincidências” em toda história conhecida da humanidade em torno destes “outros corpos”, mas também por mera investigação curiosa e impetuosidade filosófica para perguntar: *por quê não?*

Onde entram os chacras?

Os chacras podem ser conceituados como núcleos concentradores de energia ou vórtices energéticos, de anatomia sutil, que constituem a base interativa do energossoma e são os grandes responsáveis pelos fluxos energéticos entre o soma (corpo físico) e os demais veículos de manifestação da Consciência, em especial o psicossoma. A tradição oriental, o Budismo tibetano e uma infinidade de segmentos considerados espirituais ou espiritualistas estão familiarizados ao conceito de *lótus*,⁴¹² *padmas* ou *chacras*,

411 Mesmo em prejuízo da epistemologia vivencial ou empírica.

412 Lótus: flor exótica que floresce na água, cujas raízes estão enterradas no lodo abaixo da superfície. Metaforicamente, pode representar a condição humana, enraizada no lodo, mas sob a luz do sol.

de origem sânscrita (*chakras* ou *tchakra*),⁴¹³ cujo significado literal é roda ou disco, interligados por condutos conhecidos como meridianos ou *nadhis*, e estudados por diferentes ângulos e tradições metafísicas como “as energias do Tantra, as hierarquias dos Neo-Confucianos, os intervalos keni-kou dos taoístas, as kosas do Vedanta, o sefirot da Cabala e as séries de transmutação dos Alquimistas”.⁴¹⁴

Convido o leitor interessado em aprofundar-se no conceito e teoria dos chacras a buscar uma triagem técnica e mais próxima possível do rigor científico, portadora de bom senso e razoável credibilidade, apesar das divergências e de algum nível de desinformação ao redor de qualquer temática nos limites da ciência. Nesse sentido, uma das obras de minha preferência é o tratado *Projeciologia*, que trouxe uma leitura ocidental dos sete chacras considerados maiores ou magnos: *coronochakra*, *frontochakra*, *larin-gochakra*, *cardiochakra*, *umbilicochakra*, *esplenicochakra* e *sexochakra*.

Todavia, solicito licença aos meus colegas conscienciólogos para trazer ao debate uma vertente conectada aos antigos clarividentes indianos, que além de identificar os sete chacras mais reluzentes, associaram-nos as sete glândulas do sistema endócrino. Portanto, os hindus passaram a considerar os principais centros vitais energéticos aqueles conectados com as referidas glândulas produtoras de hormônios, o que gerou um proposta diferente sobre os principais centros de força, com a exclusão do *esplenicochakra*⁴¹⁵ dentre os sete principais e diferenciação entre chacras sexual e básico. Procuro demonstrar essa diferença conceitual no Quadro 12.2.

413 BLAVATSKY, Helena. Glossário teosófico. Ground: 1991, p. 105.

414 VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*. Editares: 2019, p. 300-301.

415 Chakra esplênico, ligado ao baço.

Quadro 12.2**Os chacras segundo as propostas conscienciológica, ocidental e oriental**

Chacras maiores	Conscienciologia ⁴¹⁶	Proposta ocidental	Proposta oriental
7º chakra magno Diferença apenas terminológica	Coronochakra	Coronário	Chakra coronário
6º chakra magno Diferença apenas terminológica	Frontochakra	Frontal	Chakra frontal
5º chakra magno Diferença apenas terminológica	Laringochakra	Laríngeo	Chakra laríngeo
4º chakra magno Diferença apenas terminológica	Cardiochakra	Cardíaco	Chakra cardíaco
3º chakra magno Diferença conceitual	Esplenicochakra	Umbilical	Chakra umbilical
2º chakra magno Diferença conceitual	Umbilicochakra	Esplênico	Chakra sexual
1º chakra magno Diferença conceitual	Sexochakra	Básico	Chakra básico

Embora a proposta desta obra esteja limitada à apresentação genérica dos controvertidos chacras e sua conexão com os temas aqui tratados, decidi pela investigação aprofundada desta aparente divergência conceitual, em especial sobre a questão da improcedência da inclusão do *esplenicochakra* no rol dos principais centros de força e a diferenciação entre *chakra sexual* e *básico*, que algumas linhas do conhecimento tratam como um único centro de força (Conscienciologia e pesquisadores ocidentais) e outras vertentes como vórtices distintos (linha oriental).

A despeito de ter cursado a faculdade de Direito, onde os ensinamentos da anatomia humana estão limitados às aulas da cadeira de Medicina legal, parece-me lógica e portadora de coerência a associação dos centros energéticos com as sete glândulas do sistema endócrino, motivo pelo qual, após

416 VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Editares: 2019, p. 301-302.

pesquisa em variadas fontes como vídeos, internet e obras que apresentam certa divergência com o postulado ocidental, elaborei o Quadro 12.3.

Quadro 12.3
Principais chakras segundo linhas orientais e conexões com as glândulas endócrinas⁴¹⁷

Nome e sinóníma	Região que energiza por diferentes linhas	Sistema endócrino ⁴¹⁸	Relação corpórea ⁴¹⁹ e funções básicas
Primeiro chakra ⁴²⁰ Chakra básico Chakra raiz Lótus de 4 pétalas Sede da <i>kundalini</i> <i>Muladhara</i>	Plexo coccígeo Plexo pélvico Base da coluna dorsal Períneo	Suprarrenais	Ânus Adrenalina Instintos
Segundo chakra Chakra sexual Chakra do sacro Lótus de 6 pétalas <i>Swadhistana</i> ⁴²¹	Plexo do sacro Plexo hipogástrico Abaixo do umbigo Região urinária	Cônadas (testículos e ovários)	Genitais Reprodução
Terceiro chakra Chakra umbilical Chakra do plexo solar Lótus de 10 pétalas <i>Manipura</i> ⁴²²	Plexo solar Plexo epigástrico Umbigo	Pâncreas	Pés e pernas Região gástrica Digestão

417 AVALON, Manville. O poder dos chackras. Martin Claret, 1995. p. 16.

418 AVALON, Manville. O poder dos chackras. Martin Claret, 1995. p. 9-27.

419 AVALON, Manville. O poder dos chackras. Martin Claret, 1995. p. 28-62.

420 Nas linhas ocidentais, confunde-se com o chakra sexual.

421 Swadhistana ou Svadhishtana: divergências terminológicas e conceituais sobre sua ligação com o chakra esplênico ou sexual. Particularmente, penso que represente o chakra sexual.

422 Manipura: apontado como o segundo grande chakra pelo tratado Projeciologia e como o terceiro chakra pelas linhas orientais, entre elas a do autor Harish Johari.

Chakra esplênico ⁴²³ Esplenicochakra ⁴²⁴ Polêmica: considerado secundário por alguns pesquisadores ⁴²⁵	Baço	Não está ligado às glândulas endócrinas	Distribuição energética Conhecido como “chakra astral” em algumas linhas
Quarto chakra Chakra cardíaco Lótus de 12 pétalas <i>Anahata</i>	Plexo cardíaco Região torácica Pulmões Coração	Timo	Mãos Cardiorrespiratório Emoções Manifestações artísticas
Quinto chakra Chakra laríngeo Lótus de 16 pétalas <i>Vishuda</i>	Plexo faríngeo Garganta Laringe Faringe Traqueia	Tireoide	Boca Comunicação Respiração Expressão Mastigação
Sexto chakra Chakra frontal Lótus de 2 pétalas Terceiro olho Terceira visão <i>Ajna</i>	Plexo carótico Entre as sobrancelhas Olhos Região nasal	Hipófise	Aprendizado Clarividência Observação Intuição
Sétimo chakra Chakra coronário Lótus das 1000 pétalas Auréola luminosa Chakra da coroa <i>Sahasrara</i>	Plexo meridiano Crânio Parte superior	Pineal	Expansão consciencial Serenidade Ideias elevadas Aponta para cima

Desconfiei que o *chakra esplênico* não fazia parte dos grandes chakras ligados ao sistema endócrino, mormente quando Hiroshi Motoyama⁴²⁶ afirmou que o *swadhistana* (chakra sexual) estava localizado “de três a cinco

423 Motoyama aponta-o como único sem referência em sânscrito (MOTOYAMA, Hiroshi . Teoria dos chakras. Pensamento: 2012. p. 186).

424 Esplênico: do grego splén, ‘baço’; + sufixo íco, ‘relativo a’.

425 Chakra secundário: assim considerado por Wagner Borges, Harish Johari e algumas linhas orientais.

426 MOTOYAMA, Hiroshi . Teoria dos chakras. Pensamento: 2012. p. 21 e 186.

centímetros abaixo do umbigo e relaciona-se com o sistema gênito-urinário”. Os vinte e cinco anos de atuação na área jurídica apuraram meu nível de observação das palavras e algo estava confuso em relação ao *esplenicochakra*: *seria ele o swadhistana como apontado no tratado Projeciologia?*⁴²⁷ Motoyama apontava localização distinta entre o chacra do baço⁴²⁸ e o *swadhistana* e sinalizava expressamente suas diferenças com a proposta do reverendo Charles Webster Leadbeater; Naomi Ozaniec citava-o como o chacra sexual com atuação principal nas gônadas; Satyananda afirmou que o *swadhistana* (*svadhisathana*, em muitas traduções) “está localizado no cóccix, ao lado do *muladhara* (chacra básico) e ambos estão ligados aos plexos nervosos sacral e cóccigeo”⁴²⁹ e as autoras Shafica Karagulla e Dora van Gelder Kunz também os diferenciavam.⁴³⁰

Consultei outras duas obras para confirmar que o chacra *swadhistana* ou *svadhisathana* era considerado o segundo dos grandes sete chakras principais; de fato, a literatura majoritária apontava tais significantes sânscritos para o chacra sexual, também chamado de sacral e não o chacra do baço. Harish Johari⁴³¹ e John R. Cross⁴³² assim afirmam expressamente em suas respectivas obras, o que reforçou minha suspeita de que o chacra do baço era importante, mas secundário em relação aos sete considerados magnos pela linhagem oriental. Cross chega a listar alguns chakras secundários, onde inclui o chacra do baço ou esplênico.

Neste momento, posso imaginar que o leitor questione porque a presente obra deva entrar em tal nível de detalhamento e enviar-me a seguinte indagação: *o autor não poderia limitar-se a apresentar o sistema de chakras e passar para o próximo tema?* A resposta é absolutamente positiva e talvez eu devesse fazer exatamente isso. Todavia, solicito paciência para enfrentarmos essa questão em definitivo e comprometo-me a compensar o leitor com meu posicionamento franco em relação à polêmica lançada.

427 VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Editares: 2019, p. 302.

428 Chacra esplênico ou esplenicochakra.

429 MOTOYAMA, Hiroshi. Teoria dos chakras. Pensamento: 2012, p. 213.

430 KARAGULLA, Shafica; KUNZ, Dora. Os chakras e os campos de energia humanos. Pensamento: 1991, p. 85.

431 JOHARI, Harish. Chakras: centros de energia de transformação. Pensamento: 2001, p. 117.

432 CROSS, John. Acupuntura e o sistema de energia dos chakras: tratando a causa das doenças. Manole: 2010, p. 11-12 e 30-31.

Estava decidido a ingressar no estudo da obra de Charles Webster Leadbeater (1847-1934) e entender o motivo da exclusão do chacra sexual no rol dos principais e magnos centros de força e sua substituição pelo chacra esplênico. No momento em que tomei ciência de que esta marcante personalidade londrina fora sacerdote, maçom e influente membro da Sociedade Teosófica, suspeitei que o *chakra sexual*⁴³³ sofrera exclusão por motivação religiosa. Todavia, carecia de certeza e levei anos para esclarecer o tema, mas justamente na obra do notável Leadbeater, numa nota de rodapé,⁴³⁴ encontrei a chave para decifrar este enigma conceitual que transcrevo textualmente: “o *chakra* do baço não está indicado nos livros da Índia, e em seu lugar aparece um centro chamado de *Swadhisthana*, situado na vizinhança dos órgãos genitais, ao qual se assinalam as mesmas seis pétalas. Em nosso entender⁴³⁵ o despertar deste centro deve considerar-se como uma desgraça pelos graves perigos com ele relacionados. No plano egípcio de desenvolvimento se tomavam esquisitas precauções para evitar tal despertar”.

Com as palavras do próprio Leadbeater e diante de todas as considerações aqui expostas detalhadamente, havia chegado ao final de minha pesquisa para validar a corrente oriental, particularmente a indiana, além de três importantes argumentos a seguir expostos: o primeiro afirma que os chacras magnos estão vinculados energeticamente às principais glândulas endócrinas; o segundo no sentido da nomenclatura sânscrita *swadhistana*⁴³⁶ referir-se ao chacra sexual; finalmente o terceiro: que o chacra esplênico é importante, mas não estaria no rol dos sete magnos, como fora apontado pela perspectiva ocidental.⁴³⁷

Outra argumentação interessante está no pressuposto de que os centros de força principais emergem do encontro dos meridianos ou canais energéticos conhecidos como *sushumna*, *ida* e *pingala*, no processo de ascensão

433 Reforço que não se confunde com chacra básico.

434 LEADBEATER, Charles. Os chakras: os centros magnéticos vitais do ser humano. Pensamento: 1960, p. 30.

435 Trata-se da opinião pessoal de Leadbeater, em relação à qual respeitosamente apresento minha divergência.

436 Swadhistana: existem variações terminológicas como swadhisthana ou svadisthana, conforme a tradução ou fonte consultada.

437 VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Editares: 2019, p. 257.

energética vertical, denominada de elevação da *kundaline* ou “poder da serpente”. Fica a questão em aberto para o debate mais robusto, porém deixo ao leitor minha convicção íntima de que o tema, embora controvertido, seja uma excelente porta de entrada para os estudos transcendentais e rico em analogias, interconexões e infinitas possibilidades para quem deseja romper barreiras em busca de conhecimentos mais amplos, incomuns e ousados.

Encerrarei minhas considerações sobre essa polêmica com uma possibilidade integrativa entre as propostas de vários autores e a contida no tratado Projeciologia. Novamente, ousei elaborar uma propositura sintetizada no Quadro 12.4, onde tento unificar as três vertentes estudadas, a ocidental, a oriental e a conscienciológica. Espero que a concentração centrípeta adotada atinja minha intenção assistencial, além de encontrar a meta de elucidar essa intrincada confusão conceitual e propor uma solução harmônica e portadora de rigor, tanto terminológico⁴³⁸ quanto conceitual.

Quadro 12.4
Proposta integrativa sobre os chakras considerados magnos

Chakras magnos e esplênico	Nome em sânscrito	Sistema endócrino	Localização aproximada
Chakra básico ⁴³⁹	<i>Muladhara</i>	Suprarrenais	Base da espinha dorsal
Chakra sexual ⁴⁴⁰	<i>Swadhistana</i>	Gônadas	Abaixo do umbigo
Chakra umbilical ⁴⁴¹	<i>Manipura</i>	Pâncreas	Umbigo
Chakra esplênico ⁴⁴²	-	-	Baço
Chakra cardíaco ⁴⁴³	<i>Anahata</i>	Timo	Coração
Quinto laríngeo ⁴⁴⁴	<i>Vishuda</i>	Tireoide	Garganta
Chakra frontal ⁴⁴⁵	<i>Ajna</i>	Hipófise	Testa
Chakra coronário ⁴⁴⁶	<i>Sahasrara</i>	Pineal	Topo da cabeça

438 Lembro apenas das variações das traduções dos termos sânscritos.

439 Primeiro chakra magno.

440 Segundo chakra magno.

441 Terceiro chakra magno.

442 Importante chakra secundário.

443 Quarto chakra magno.

444 Quinto chakra magno.

445 Sexto chakra magno.

446 Sétimo chakra magno.

As ferramentas vivenciais

Após questionamentos motivadores e transcendentais, urge adentrarmos nas ferramentas vivenciais e autocomprobatórias dos quatro veículos de manifestação da Consciência validados pela Conscienciologia. Dispensarei a abordagem da vivência material ou do corpo físico, como fiz no início deste capítulo, em razão de sua obviedade, a fim de focar na autoexperimentação das dimensões energética, emocional e mental. *Afinal, como podemos vivenciá-las?*

Iniciarei pela ferramenta de minha preferência sob o prisma da praticidade: a Oscilação Longitudinal Voluntária de Energias (OLVE)⁴⁴⁷ e sua interessantíssima possibilidade de atingimento do Estado Vibracional ou EV.⁴⁴⁸ Trata-se de técnica eminentemente homeostática, energética e substanciada, como o próprio nome sugere, na *oscilação longitudinal* das energias pelo atributo da vontade, por meio da qual a percepção do energossoma tomará cautelosa distância da mera teoria para tornar-se uma vivência prática. Particularmente, aprecio a prática da OLVE com o corpo retilíneo, em estado de acalmia física, emocional e mental, momento em que concentro minha atenção da cabeça aos pés e vice-versa, num crescendo em direção à máxima vibração energética.⁴⁴⁹

Do energossoma para a vivência do psicossoma e do mentalsoma como corpos objetivos, considero a projeção lúcida do corpo emocional e, supostamente, do mental, o grande divisor de águas para abandono da crença e entrada no universo vivencial conscienciológico. As técnicas projetivas foram esmiuçadas detalhadamente, à exaustão, na obra *Projeciologia*, que respeita e sugere, em todos os seus postulados, o princípio da descrença, cuja síntese reitero: *não acredite em nada, vivencie*.

Paralelamente às possibilidades vivenciais específicas acima tratadas, gostaria de destacar um termo abrangente que, em sua rica diversidade de

447 OLVE: expressão cunhada por Nanci Trivellato, em proposta substitutiva à Circulação Fechada de Energias ou CFE (In: TRIVELLATO, Nanci. Measurable attributes of the vibrational state technique Journal of Conscienciology. 2008;11 (42):163-251).

448 Estado vibracional: expressão cunhada por Waldo Vieira para designar o resultado da técnica da OLVE, em oscilação longitudinal voluntária de energias, entre outros objetivos para a autodefesa ou assepsia energética, expansão das “parapercepções” e assistência interconsciencial.

449 Para maior aprofundamento, sugiro a entrevista com a especialista Nanci Trivellato, disponibilizada pelo canal tvcomplexis, do portal de vídeos Youtube.

episódios, emerge como maiúscula ferramenta autocomprobatória dos conceitos aqui tratados: o *parapsiquismo*. A presente obra não tem o condão de classificar todo o cenário parapsíquico, mas destaca, a título de exemplo, dois importantes e polêmicos fenômenos: a *projeção da Consciência* para fora do corpo humano (tratada em capítulo próprio) e a *clarividência*, temas carentes de esclarecimentos técnicos e rodeados de muita desinformação e crendices populares.

As três dessomas

Primeiramente, um vital esclarecimento sobre o acrônimo conscienciológico *dessoma*, originado da síntese conceitual de “descarte do soma”, fenômeno popularmente conhecido como *morte*, *passagem*, *primotanatose*, *via de mutação*, *desencarne*, *trespasse*, *última projeção*, *libertação* e *perecimento*, entre outros. Todavia, essa desativação do veículo que chamamos de corpo físico ou material não consiste no único descarte das respectivas sondas de manifestação da Consciência, mas apenas na primeira consequência do fenômeno de desativação biológica. A *primeira dessoma*, portanto, consiste na desativação do corpo humano, pela ruptura das ligações energéticas, aniquilação das células, caos orgânico e retorno do foco consciencial ao ambiente *extrafísico*⁴⁵⁰ e manifestação desprovida do corpo biológico.

A *segunda dessoma* envolve o descarte do corpo energético ou energossoma e constitui a depuração de todas as emanações ectoplásmicas da Consciência que deixou a matéria condensada, o que ocorreria, consoante teorias e postulados, em um tempo médio estimado entre dois e três dias após a *primeira dessoma*,⁴⁵¹ muito embora as particularidades dos casos envolvam a impossibilidade de uma generalização, ainda que imprecisa. A análise sinonímica, também neste caso, é extremamente esclarecedora, a saber: *morte do terceiro dia*, *bitanatose*, *pós-desencarnação*, *pós-morte*, *segunda desencarnação*, *segunda morte* e *separação do duplo composto*, dentre inúmeras outras expressões.

Finalmente, a *terceira dessoma*, pelo postulado da Conscienciologia, implica na desativação do psicossoma ou terceiro corpo e manifestação conscien-

450 Em linguagem consciencial, retorno ao ambiente extrafísico, diferentemente do abandono completo da existência e manifestação, pelo exemplar materialista.

451 VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Editares: 2019, p. 331.

cial na condição de *Consciência Livre*, ou seja, em atuação exclusivamente pelo mentalsoma, desprovida dos demais corpos (soma, energossoma e psicossoma). Também neste contexto, vale o estudo dos sinônimos: *tritana-tose*, *moksha*, *morte extrafísica*, *terceira morte*, *fim das vidas sucessivas* e *libertação consciencial*, entre outros.

Posso pensar em quarta dessoma?

Obviamente, somos livres para pensar e levantar hipóteses, especialmente em ambiente não dogmático, filosófico ou científico. Todavia, antes de aprofundar nesta especulação, ressalto enfaticamente que coloco tal ponderação por mero amor ao argumento, sem nenhum histórico conscienciológico ou pretensão probatória. Espero, firmemente, deixar transparente que o postulado da Conscienciologia limita-se às *três dessomas* e que a presente suposição de uma eventual *quarta dessoma* é personalíssima e absolutamente hipotética. Isso posto, lançarei argumentos favoráveis a tal possibilidade.

O primeiro deles baseia-se na própria conceituação conscienciológica do mentalsoma como “apenas” um veículo ou sonda de manifestação da Consciência. No contexto vivencial ou de maior cientificidade, a humanidade ainda não consolidou um arcabouço empírico ou autoprobatório sobre a diferenciação entre *mente* e *Essência*, motivo pelo qual compreendo e aplaudo todas as precauções e reservas de vários autores ao redor da temática. Todavia, atrevo-me a pensar *out of the box*⁴⁵² ou “fora da casinha”⁴⁵³ e outorgarei asas aos meus mais livres pensamentos, sem nenhuma preocupação científica (ao menos neste momento), cujo fio lógico esforço-me para manter.

Seguirei o raciocínio em tangência mateológica para provocar positivamente a intelectualidade dos leitores com a seguinte indagação: *se o paradigma consciencial considerou o mentalsoma um veículo, seu Condutor poderia dispensá-lo? Em sentido contrário, se a Consciência não puder dispensá-lo, seria ele um veículo ou parte integrante da própria Consciência?* Na absoluta carência de certezas, proponho a reflexão eminentemente filosófica do descarte do

452 “Fora da caixa”, em tradução literal. Expressão coloquial que significa “além do ordinário”.

453 Linguagem coloquial do meu contexto pessoal.

mentalsoma como corolário lógico das premissas estudadas, além de deixar outra pergunta não menos desafiadora: *poderíamos, futuramente ou neste exato momento, cunhar o termo “quarta dessoma”, como possibilidade de descarte do corpo mental?* Assim ousou fazer.

Pensenidade

O neologismo *pensene* é outro acrônimo conscienciológico, oriundo dos termos pensamento, sentimento e energia. É dele que deriva o termo *pensenidade*, que utilizei para ressaltar a nossa capacidade de pensar, sentir e agir. Convido o leitor a refletir sobre isso, ou seja, quanto ao fato de que toda a manifestação humana que conhecemos até o presente momento evolutivo tem um aspecto ou predomínio mental, emocional ou atitudinal.

Antes de avançarmos em nossas considerações, mister se faz esclarecer os motivos pelos quais concentrei em um mesmo capítulo temas tão ricos como *holossomaticidade e pensenidade*. No momento em que compreendermos a proposta conscienciológica do *holossoma*, consubstanciada em quatro veículos de manifestação, poderemos estabelecer uma primeira ligação facilitadora do entendimento do conceito *pensene*, o que pode ser alcançado em consulta ao Quadro 12.5.

Quadro 12.5
Proposta simplificada das conexões entre os veículos de manifestação conscienciológicos e *pensene*

Veículos de manifestação	Pensene
Mentalsoma	Pensamento
Psicossoma	Sentimento
Energossoma	Energia
Soma	Ação (energia concentrada)

Um atributo do *pensene* que demorei para compreender foi sua unidade indissociável. Emanamos todo o tempo um padrão *pensênico* para o ambiente, que se vê impactado não apenas por nossas ações, mas também pelos nossos sentimentos e pensamentos. Tal reflexão endossa a conclusão exposta no capítulo *Multidimensionalidade e Multiexistencialidade*, pois, pela teoria do *pensene*, um pensamento ou sentimento patológico, mesmo dissi-

mulado, pode contaminar e prejudicar terceiros e gerar responsabilidades e comprometimentos que muitas vertentes de estudos transcendentais denominam como *karma* ou carma.

Aprecio momentos como este, quando emergem possibilidades mais extensivas de compreensão da riqueza das conexões, como entre os conceitos de *holossoma* e *pensene*, destes com a multidimensionalidade, desta com a multiexistencialidade e de todos com os futuros capítulos desta obra. Tudo parece estar conectado a uma teia interdimensional que nutre positivas e negativas relações, interferências e interligações entre pessoas, locais, situações e múltiplos contextos e dimensões. A magnitude deste pensamento levou-me, em última instância, a questionar se existe “coincidência” ou se poderíamos estar sincrônica e inteligentemente vinculados uns aos outros, no estilo do filme de ficção científica *Efeito Borboleta*, *mutatis mutandis* e guardadas as distâncias entre o mundo que chamamos de “real” e as romantizações artísticas do drama hollywoodiano e sua máxima: *change one thing, change everything*.⁴⁵⁴

O leitor poderá concluir que o raciocínio estava caminhando bem, mas que a analogia cinematográfica foi exagerada. Valido tal reflexão, pois apesar “da arte imitar a vida”,⁴⁵⁵ muitas vezes aquela guarda distância de representar esta última com precisão. Todavia, deliberadamente optei pela comparação até certo ponto extremada, a fim de destacar a responsabilidade por nossas ações, sentimentos e pensamentos, pois as ligações desta teia multidimensional podem reverberar consequências de difícil mensuração e reparação, com pequenos atos podendo fazer grandes diferenças.

Impactante? Arriscarei a resposta afirmativa, mesmo antes da análise do conceito de *holopensene*,⁴⁵⁶ alusivo ao conjunto dos pensamentos, sentimentos e energias que formam uma cultura, seus costumes ou ações massificadas. A ideia em estudo pode ser compreendida pela somatória da dissipação das energias individuais, cujo resultado formará o que os alemães nomeiam de *zeitgeist*, que poderíamos traduzir sinteticamente por espírito da época ou sinal dos tempos.

454 Mude uma coisa, mude tudo.

455 Alusão jocosa à conhecida questão: a arte imita a vida ou a vida imita a arte?

456 Conhecido também como “*égrégora*”.

Não bastassem as polêmicas e tormentosas reflexões ora propostas, outros questionamentos bastante desafiadores surgiram em minha mente: *a Consciência pode simplesmente não pensar? Pensamento é realmente a base da existência humana?* Particularmente, acredito que tais respostas estejam intimamente conectadas com a questão da *quarta dessoma* e também com minha proposta de ampliação da máxima cartesiana “penso, logo existo”, tema que explorarei em capítulo próprio, mormente pela magnitude das conclusões envolvidas.

Terminarei o presente capítulo em ação preparatória para a compreensão do próximo desafio. Aliás, é provável que o leitor tenha notado que todos os capítulos desta obra estão estreitamente interligados, evidenciando a presença implícita do fenômeno-título *Conexões* nos conceitos e contextos explicitados. Assim, recomendo uma consulta ao Quadro 12.6, cuja proposta é facilitar a compreensão do elo existente entre os postulados em estudo.

Quadro 12.6
Conexão consciencial dos VMC e analogias possíveis

Veículos de manifestação	Analogias possíveis
Soma	Ferramenta ou sonda material ⁴⁵⁷
Energossoma	Ferramenta ou sonda energética ⁴⁵⁸
Psicossoma	Ferramenta ou sonda emocional ⁴⁵⁹
Mentalsoma	Ferramenta ou sonda mental ⁴⁶⁰
Consciência	Ferramenteiro

Por derradeiro, perguntará o leitor, após analisar as notas de rodapé do quadro acima: *afinal, o que é projeção do psicossoma ou mentalsoma? Podemos realizar a projeção lúcida da Consciência com discernimento e comando de nossas ações extrafísicas? Seria verdadeiro esse conhecimento tão antigo? Qual o papel das bioenergias nesse processo? Existem técnicas para isso?* Bem-vindo ao próximo capítulo, *Projetabilidade e Bioenergeticidade*.

457 Ação física.
458 Ação energética e possibilidade de balonamento ou expansão.
459 Ação psicossomática e possibilidade de projeção.
460 Ação mentalsomática e possibilidade de projeção.

Projetabilidade e bioenergeticidade

Estamos prestes a adentrar no estudo da ferramenta que possibilitou a construção do tratado *Projeciologia* que, juntamente com posterior obra de referência *700 Experimentos da Conscienciologia*, foi o grande manancial das informações deste capítulo. A projeção lúcida da Consciência para fora do corpo físico já foi descrita como a responsável por maravilhosas epifanias e tenebrosos equívocos históricos, com envolvimento direto na política, filosofia, ciência e estarrecedora desinformação de muitas vertentes de estudos transcendentais.

Enfim, muitos alegam serem capazes de vivenciar satisfatoriamente a condição projetiva e outros ridicularizam-na como fruto da fértil imaginação humana, divergências que geram muitos questionamentos, entre eles:

- *O fenômeno realmente existe?*
- *Há, pelo menos, sérios indícios para sua existência?*
- *Se positiva a resposta, porque não foi profundamente estudado e pesquisado, salvo raríssimas exceções, pela comunidade científica?*

Porto a pretensão de iniciar uma construção reflexiva para essas e outras questões que surgirão no decorrer do presente capítulo e proponho ao leitor que mantenha em mente os conceitos dos capítulos anteriores, que estão relacionados a todas as questões ora destacadas. Desenvolvi os seguintes subtítulos com a finalidade de facilitar a compreensão dos polêmicos temas aqui tratados:

- Conceito.
- Classificações.
- Resistência científica.
- Histórico da bioenergia.
- Bioenergeticidade.
- Energia imanente e consciencial.

Lembro ao leitor dos nossos estudos sobre a *Dinâmica da Espiral*,⁴⁶¹ de Claire Graves, e posterior digressão sobre os *estados da consciência*,⁴⁶² que trouxeram a reflexão da possibilidade de diferentes interpretações fenomênicas condicionadas às diversas cosmovisões dos intérpretes, para que percebamos o tamanho do problema comprobatório. Todavia, comecemos por explicitar o objeto de nossa análise, ou seja: *o que é projeção da Consciência?*

Conceito

Um conceito simples e eficaz para compreensão elementar do fenômeno da projeção da Consciência considerará o prévio conhecimento dos veículos de manifestação da Consciência, em especial o psicossoma, assunto apresentado no capítulo anterior. Trata-se do descolamento, soltura ou descoincidência do corpo emocional (psicossoma) em *projeção* para além do corpo material (soma), levando consigo parte do corpo energético (energossoma), o corpo mental (mentalsoma) e, teoricamente, a própria Consciência. Dá-se naturalmente pela estrutura humana *holossomática* e poderá ocorrer com ou sem lucidez.

O detalhamento do fenômeno e suas técnicas foram exaustivamente compilados na obra *Projeciologia*, motivo pelo qual reitero a importância de sua leitura, que certamente contribuirá para a compreensão mais aprofundada do fenômeno da projeção da Consciência para fora do corpo físico. Na referida obra, pode-se encontrar, entre outras informações relevantes, o estudo sinonímico a seguir: “OBE (*out-of-the-body experience*); experiência fora do corpo; desdobramento; emancipação da alma; viagem espiritual; separação astral, excursão parapsíquica; desprendimento de pessoa viva; escape perispiritual, experiência do outro mundo; extrusão do duplo psí-

461 Segundo elemento da Filosofia Integral: linhas (capítulo 8).

462 Terceiro elemento da Filosofia Integral: estados (capítulo 9).

quico; extrusão do psicossoma; jornada da alma; libertação da consciência; morte provisória; projeção da alma; projeção do segundo corpo; projeção espiritual; viagem multidimensional ou astral; *videha* (Índia), visita interdimensional, vôo anímico; vôo xamânico e viagem *in spirito* (Benandanti; Lorena; Século XVI e XVII), entre outras”.

Classificações

Dentre os fenômenos parapsíquicos, muitas classificações merecem aprofundamento, a exemplo da categorização por sua leitura (telepatia, intuição, psicomетria), pela ampliação dos sentidos físicos (clarividência, clariaudiência, autoscopia, heteroscopia), pela cronologia (retrocognição, precognição, dejaismo), pelo transe (psicografia, psicofonia) e até mesmo pelos efeitos físicos (ectoplasma, telecinesia, raps, *poltergeist*, cosmoconsciência), além de muitas outras catalogações possíveis. Entretanto, focarei o presente subtítulo na separação entre a projeção do psicossoma e a do mentalsoma.

A primeira espécie de projeção é a mais divulgada, que ousarei chamar de clássica. Como visto, trata-se do “descolamento” do psicossoma para fora do corpo biológico, com a possível manutenção de nossa capacidade decisória, racionalidade e percepções conscienciais. Estou seguro em afirmar que, dentre os leitores mais familiarizados com as pesquisas desses fenômenos transcendentais, essa modalidade de “desdobramento” do corpo emocional será a mais conhecida. A projeção do mentalsoma, além de mais rara em termos literários, extrapola em demasia meus parques conhecimentos, o que me obriga a reiterar minha assumida ignorância, motivo pelo qual deixo apenas este registro para um maior aprofundamento do próprio leitor que, na qualidade de pesquisador interessado, provavelmente notará as conexões com os postulados do *holossoma*, *pensene* e *multidimensionalidade*, tratados nos capítulos anteriores.

A resistência científica

Conceituado o fenômeno da projeção da Consciência e apresentados os termos análogos e classificações, retomarei alguns questionamentos iniciais deste capítulo: *por que não investigamos profundamente tal condição? Por que tamanha resistência?* Dentre vários prismas de observação, focarei na questão histórica entre religião e ciência, até chegarmos na divisão cartesiana entre mente e matéria.

Pois bem, vimos nos capítulos pretéritos que Pitágoras, Platão e outros grandes pensadores tinham esse tema como objeto de interesse e admitiam o fenômeno, ao menos como hipótese. Posteriormente, adentramos num tumultuado período que chamamos de Idade Média, cujo domínio religioso excessivamente controlador provocou um repertório de imaturidades e fanatismos que me entristecem enquanto integrante da espécie humana. A simples menção aos fenômenos naturais e humanos, considerados “inexplicáveis”, era vista como heresia, blasfêmia, feitiçaria ou coisas do gênero e pessoas eram torturadas ou queimadas pela “Santa Inquisição” e por guardiões do “sagrado”. Diante da abjeta violência medieval e implementação do terror, nada mais compreensível que as questões transcendentais ou que denotassem alguma divergência com os dogmas religiosos da época fossem retiradas dos diálogos científicos e arrastadas para o interior das sociedades fechadas, secretas e dissimuladamente instaladas. Naquele contexto, tratava-se da única possibilidade de manter tais conhecimentos e respectivo estudo, mesmo assim, sob constante risco das mais hediondas barbáries perpetradas pelos detentores do poder eclesiástico da época.

A despeito e independentemente da divergência sobre qual o início do que chamamos de “Modernidade”, se na Renascença ou no Iluminismo, considero o movimento moderno como o grande marco ou divisor de águas do que nossa sociedade entende como liberdade científica, cuja ideia central baseia-se na interpretação atual da concepção de René Descartes, que teria delegado as “coisas” do espírito, da dimensão extrafísica e dos fenômenos parapsíquicos, entre eles a projeção da Consciência, para a esfera religiosa e limitara a jurisdição científica ao aspecto material da “representação dualista de mundo”.⁴⁶³ Eis o surgimento do materialismo.

Desconheço e questiono se esta era a real intenção de Descartes, porém atualmente conhecemos a expressão “paradigma newtoniano-cartesiano” como sinônimo ou algo próximo do materialismo científico. Reconheço o desgaste dos termos *paradigma* e *cartesiano*, a meu ver fruto da equivocada leitura hodierna do autor Thomas Kuhn e do difícil contexto de Descartes, mas arriscarei compartilhar um de meus pensamentos, que responde à pergunta elaborada no preâmbulo deste capítulo: *considerou-se ciência ape-*

463 Existência da Consciência e da matéria, mas sem conexão alguma entre elas.

nas a “representatividade” material do universo, a natureza, o espelho d’água, o mecanismo, dentre as diversas nomenclaturas existentes para designar que a jurisdição científica seria exclusivamente o mundo perceptível por nossos cinco sentidos físicos.

Todos os demais fenômenos projetivos, dimensões sutis e temas transcendentais receberam o estigma pejorativo de “não científico, mítica popular ou idiotismo cultural”. Obviamente, todo cidadão com bom senso e “pés no chão” identifica oceanos de credices imaturas em torno desta temática, mas reitero o questionamento: *jogamos o “bebê”⁴⁶⁴ com a “água do banho”⁴⁶⁵ Haveria excesso materialista? Existiria um espaço moderno para uma religiosidade ou espiritualidade positiva? Existiriam fenômenos transcendentais legítimos e dignos de um olhar científico? A quem não interessa tal pesquisa?*

O complemento deste aspecto histórico ligado à projeção da Consciência, bem como a compreensão do impacto do materialismo moderno, está magistralmente colocado na obra wilberiana *A União da Alma e dos Sentidos*⁴⁶⁶ e no tratado *Projeciologia*,⁴⁶⁷ que traz quatro períodos referentes à história do fenômeno em estudo: antigo,⁴⁶⁸ esotérico,⁴⁶⁹ exotérico⁴⁷⁰ e laboratorial.⁴⁷¹ Sobre os termos esotérico e exotérico, recomendo especial atenção do leitor para seus significados absolutamente distintos nos contextos conscienciológico e integral.

A Conscienciologia considera o período esotérico da projeção consciencial como aquele pré-científico do século XV ao XIX, quando o conhecimento do fenômeno projetivo, como visto, ficava restrito aos círculos elitistas e corporativistas que buscavam motivadamente a proteção e preferiam ter

464 Transcendência legítima.

465 Mistificações embusteadas.

466 WILBER, Ken. A união da alma e dos sentidos. Cultrix: 2001, p. 111-137.

467 VIEIRA, Waldo. Projeciologia. Editares: 2019, p. 58-62.

468 Período antigo: lendas que citam homens sábios cujas almas deixavam seus corpos e se comunicavam com deuses; rituais são praticados para sair do corpo desde as culturas mais primitivas. No Antigo Egito (5004-3064 a.C.) prestava-se culto aos mortos através do kha, o duplo.

469 Esotérico: compreendido na Conscienciologia como ligado à superstição, opostamente à Filosofia Integral, que o concebe como vivência interior de alto nível.

470 Período exotérico: em Conscienciologia, o termo refere-se a quando o fenômeno e o conhecimento a ele correspondente podem ser divulgados junto ao público geral.

471 Período laboratorial: observação desapaixonada, técnica e metodológica do fenômeno projetivo, que contou com o pioneirismo de Charles Theodore Tart (1937-) que, em 1966, pesquisou, nos Estados Unidos da América, uma jovem desconhecida sob o pseudônimo de Miss Z.

a garganta cortada a revelar os perigosos segredos, repletos de palavras secretas, métodos rebuscados (circunlóquios), práticas escondidas, rituais e terminologia confusa (jargão primitivo). Lembro que, no contexto integral, o termo *esotérico* está ligado a uma sadia religiosidade vivenciada e voltada à virtude, em nada ligado ao significado do ambiente conscienciológico. Remeto o leitor à introdução desta obra, onde comentei que tais dificuldades terminológicas apareceriam, porém, o importante é mantermos a mente lúcida para realizar tais diferenciações e não confundirmos um significante com seus diferentes significados em múltiplos contextos.

O termo *exotérico*, por sua vez e pela perspectiva integral, parece significar a característica de uma espiritualidade “por fora” ou proselitista, no sentido de não alinhar-se ao discurso, a autoridade moral da correspondente vivência interior. Na vertente conscienciológica, o mesmo significante adquire o sentido do período histórico em que houve possibilidade contextual da divulgação da espiritualidade ou certos assuntos transcendentais, momento este em que podemos destacar as seguintes personalidades: Vincent Newton Turvey (1873-1912), cujas experiências projetivas foram reveladas publicamente na Inglaterra; Hugh Callaway (1886-1949) sob o pseudônimo de Oliver Fox, com obra publicada em 1920, também na Inglaterra; Sylvan Joseph Muldoon (1903-1971) a começar de 1929, nos Estados Unidos; a obra de Marcel Louis Fohan, na França, e Robert Crookall, entre 1960 e 1965, também na Inglaterra, entre outros.

Independentemente da utilização dos termos estudados no contexto conscienciológico ou integral, aprecio a argumentação favorável ao estudo deste fenômeno por cidadãos, céticos ou não, desde personalidades como Hermótimo de Clazomene, filósofo da Escola Jônica, Gautama Buda (563-483 a.C), Heródoto (485-425 a.C) e Platão (428-347 a.C), até o caso do primeiro ministro americano Thomas Say (1709-1796); do filósofo e teólogo sueco Emanuel Swedenborg (1688-1772) e do escritor francês Honoré de Balzac (1799-1850); de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), codificador do Espiritismo na França e conhecido como Allan Kardec; de personalidades brasileiras, como Francisco de Paula Cândido Xavier (1910-2002) e o próprio Waldo Vieira (1932-), além de inúmeros outros nomes não menos conhecidos, dentre outras testemunhas anônimas e uma legião de pessoas que alegaram a vivência do fenômeno.

Em conclusão, considero a violência das históricas disputas pelo domínio da transcendência, mormente no mundo ocidental – período da idade média – um dos grandes responsáveis pela desinformação mítica ao redor do fenômeno projetivo, que originou o afastamento científico e obrigou-me a retomar questionamentos ligados a ética humana, que aprofundarei no próximo capítulo, sob o título *Assistencialidade, Cosmoeticidade, Maxifraternidade e Universalidade*. Desde logo, afirmo que esta perspectiva da religiosidade ou espiritualidade humana parece-me estar entre as grandes ferramentas carecedoras de pesquisas científicas mais profundas em nosso tempo. Neste momento, julgo importante compartilhar alguns conhecimentos que objetivam, em tese, a otimização da nossa *projetabilidade* e também nosso equilíbrio ou homeostase *holossomática*, de forma prática e à luz do princípio da descrença, o que farei através do estudo de algumas estruturas *bioenergéticas*.

Histórico da bioenergia

Desde tempos imemoriais, sacerdotes ou líderes de diversas religiões e culturas primitivas interessaram-se pelo tema das energias sutis e suas conexões com o corpo ou a existência humana. Após tratarmos da resistência científica ao fenômeno projetivo, cujas restrições também são bastante contundentes com o tema bioenergético, urge colocar a lanterna na popa e aventurarmo-nos na pesquisa de nosso passado remoto, onde encontraremos certamente lamentáveis atrocidades, mas também tesouros informacionais que a modernidade negligenciou.

Estou consciente de que o tema foi abordado por inúmeras linhas, sob a égide de escolas místicas, esotéricas, exotéricas e também algumas tentativas científicas. A título ilustrativo, vale destacar que, embora milenarmente integrada à Medicina tradicional chinesa, a acupuntura obteve aceitação na Medicina ocidental⁴⁷² apenas recentemente. Em 19 de novembro de 2010, essa técnica foi declarada Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade pela *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (Unesco). Registros e algumas obras apontam como verdadeira a história que, “por volta do ano 3.200 a.C., sob o comando do Imperador Chin-Nong, o povo

472 Acupuntura no Brasil: ainda sob discussão parlamentar, imbróglia legal e mixórdia legislativa (projeto de lei 1549/2003, Classificação Brasileira de Ocupações – CBO e protegida por alguns sindicatos registrados no Ministério do Trabalho).

chinês desenvolveu as bases de sua Medicina tradicional, com o surgimento da acupuntura, cujo objetivo principal consistia em estimular o fluxo de energias (chi), através de canais energéticos (*nadhis* ou meridianos)”.⁴⁷³

Diante da macro-visão que pretendo explorar nesta obra, não houve tempo para um aprofundamento em fantásticas personalidades dignas de estudo, como Hipócrates, da ilha de Cós, ou o admirado Jesus Cristo, de Nazaré, sobre quem uma pesquisa mais detalhada e desapaixonada poderia ser útil para o tema aqui abordado. Optei, todavia, por dar um salto histórico para o século XVIII, quando o austríaco Franz Anton Mesmer (1733-1815) revelava a capacidade do magnetismo humano, sob mordazes críticas científicas, e Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), que interessou-se pela cura da malária e acabou por comprovar a máxima de Hipócrates (cura pelo semelhante), lançando o princípio básico da Homeopatia, segundo o qual as dinamizações aumentam a potência do produto por seu aumento energético e diminuição medicamentosa, informações ainda recebidas com enormes incompreensões e restrições por muitos médicos alopatas.

No século XIX, apesar dos holofotes estarem mais voltados para as maravilhas do progresso oriundo da revolução industrial, o aspecto energético esteve presente nas mentes de influentes e polêmicas personalidades, como os austríacos Sigmund Freud (1856-1939), propositor da psicanálise e da teoria sobre a libido, e seu discípulo dissidente Wilhelm Reich (1897-1957), radical propositor da natureza essencialmente sexual das energias, às quais chamou de *orgônio*, posteriormente acusado de charlatanismo.⁴⁷⁴ Constatava-se a consolidação dos fundamentos do que futuramente chamaríamos de Medicina psicossomática, base intelectual dos trabalhos de Alexander Lowen, propositor da *Bioenergética*.⁴⁷⁵

Encerraremos nossa microscópica passagem pela história da bioenergia conscientes de que inúmeras outras intrigantes personalidades e fatos relevantes poderiam fazer parte deste relato, apesar de todo o bolor informacional agregado ao tema. Todavia, antes de trabalharmos o conceito

473 SILVA, Roberto. Ativando o corpo energético. Instituto: 1991, p. 15.

474 Acusado de charlatanismo pela FDA – Food and Drugs Association.

475 LOWEN, Alexander. Bioenergética. Summus: 1975.

propriamente dito, mencionarei o casal Kirlian e relatos das fotografias eletrônicas popularizadas especialmente na Itália e Inglaterra.

Bioenergeticidade

Como explicado, o sufixo *-dade*, neste contexto, significa a capacidade da Consciência vivenciar informações oriundas das bioenergias, mormente via corpo energético, chamado na Conscienciologia de *energossoma*, que é justamente uma ferramenta adequada para tais pesquisas. Bioenergia também merece um estudo sinonímico aprofundado, como profilaxia da confusão generalizada, inoportuna, prejudicial e foco de muita desinformação oriunda do antigo problema da mistura entre significantes e significados.

Isso posto, saberemos tratar-se de tema ao menos coligado ao bioenergético, em determinados contextos, quando nosso interlocutor utilizar as expressões *energia orgânica, sutil, primária ou cósmica*. A seguir seguem algumas expressões correlatas: *ki* (Japão), *chi* (China), *prana* (Índia, Teosofia), *orgônio* (Wilhelm Reich 1897-1957), *luz astral* (Cabala), *telesma* (*creditado à tradição hermética de Hermes Trismegisto*), *energia vital*, *energia mesmérica* (Franz Anton Mesmer), *libido* (Sigmund Freud), e *sopro ou fluido vital* (Kardec, Espiritismo), *dentre outras designações*.

A Conscienciologia identifica uma dimensão específica para a atuação do *energossoma* e interação bioenergética: a chamada *dimener*, acrônimo de dimensão energética. Em outras palavras, na hipótese de considerarmos a superfície que chamamos de material como a terceira dimensão e a perspectiva “extrafísica” como a quarta dimensão, eu não hesitaria em ecoar Vieira⁴⁷⁶ e numerar a dimensão energética ou a chamada *dimener*, com a fração dimensional três e meio (três vírgula cinco).

Digressões e sutilezas à parte, sabemos que “bio” possui origem grega (*bios*) e significa “vida”. Como prefixo ou sufixo, o vocábulo é utilizado para expressar conceitos relacionados à vida, a exemplo de: *biodiversidade* ou variedade da natureza viva; *Biologia*, a ciência que estuda os seres vivos, sua estrutura, composição, evolução e relação com o meio ambiente, entre outros

476 VIEIRA, Waldo. 700 Experimentos da Conscienciologia. Instituto: 1994, p. 159.

fatores; *biotecnologia* ou tecnologia empregada sobre processos biológicos. Portanto, *bioenergia* não é sinônimo de *energossoma*, mas sim um padrão de energia vital que permeia nosso mundo, concentra-se de forma abundante na natureza,⁴⁷⁷ atua em nossa saúde e pode ser modelada de várias maneiras e utilizada para inúmeras finalidades. A situação bioenergética ora descrita está diretamente ligada ao padrão energético denominado “primário ou puro” e dá-me oportunidade de tratar de outra classificação energética: *imanente e consciencial*.

Energia imanente e energia consciencial

À primeira vista, trata-se de uma conceituação simples: energia imanente é aquela não manipulada pela Consciência, ou seja, em seu estado virgem, ainda não codificada, programada ou destinada a um propósito específico. No momento em que produzirmos emoções, pensamentos, ideias, imagens, palavras ou qualquer ação, passaremos a utilizar ou programar esta matéria prima impoluta para uma determinada finalidade.

Reconheço o cuidado com a expressão “nós criamos o mundo”, tendo em vista as mais bizarras e imaturas interpretações que tive a oportunidade de ouvir, mas não posso negligenciar ou negar a força do atributo consciencial da *vontade*, para o que as poderosas ferramentas mental, emocional e atitudinal devem ser utilizadas com responsabilidade, mormente quando adquirimos lucidez quanto ao seu imenso poder.

Não é por mero acaso que inúmeros rituais religiosos associam os componentes da vontade humana, firmeza de pensamento e locais de abundância energética. Lamentavelmente, não raro, tais práticas são acompanhadas de emoções desajustadas, visão etnocêntrica ou egocêntrica, além de agentes mitigadores de uma otimização evolutiva equilibrada. Sugiro respeitosamente a desnecessidade de qualquer ritualística desta natureza, pois o diferencial evolutivo está em nossa Consciência e seus reflexos mais perceptíveis,⁴⁷⁸ ou seja, valorizo sobremaneira os aspectos interiores positivos em contato direto com a energia exterior, o que dispensa intermediários litúrgicos.

477 Exemplos: floresta amazônica, cachoeiras de Foz do Iguaçu, serra do Japi (Jundiá-SP), Ilha Grande, em Angra dos Reis-RJ, enfim, rios, florestas, praias, cachoeiras etc.

478 Pensamentos, sentimentos e componente atitudinal.

Diante disso, importa redobrar a atenção quando estivermos diante de exuberância energética, seja uma caminhada na mata, um futebol na praia com os amigos ou uma visita às cataratas da cidade de Foz do Iguaçu, onde o bom encaminhamento dos nossos *pensenes* – pensamentos, sentimentos e ações – pode conduzir este notável potencial energético para as mais nobres finalidades. O mais incrível é a simplicidade deste processo, para cujo bom resultado basta o nosso sorriso, a palavra edificante, a serenidade da compreensão, enfim, o exercício em torno do altruísmo, do perdão, da bondade, do companheirismo, da generosidade, da ética, da fraternidade e, principalmente, do respeito aos assuntos que extrapolam a nossa competência intelectual.

A energia consciencial, como o leitor poderá notar, é justamente o agente modelador, transformador ou destinatário da energia imanente, plasmando-a consoante nossos pensamentos e sentimentos. Face ao exposto e diante da consciência de nosso potencial criativo e responsabilidade transcendente, convido o leitor a tornarmo-nos “agentes incorruptos da evolução”.⁴⁷⁹ Para tanto, entendo necessário o estudo aprofundado de quatro princípios fundamentais para o enfrentamento das nossas imaturidades, sejam elas ainda rudimentares ou mais sutis, tarefa em que mais importante que a identificação de nosso nível ou padrão ético-evolutivo é o esforço pessoal em movimento evolucionário. Esses prestigiados valores – *Assistencialidade, Cosmoeticidade, Maxifraternidade e Universalidade* – serão objetos do próximo capítulo.

479 “Agentes incorruptos da evolução”: expressão cunhada pelo pesquisador brasileiro Wagner Alegretti, presidente da International Academy of Consciousness (ano base: 2014).

Assistencialidade, cosmoeticidade, maxifraternidade e universalidade

No presente capítulo, farei uma leitura dos valores que considero essenciais após a análise dos postulados conscienciológicos, sejam eles vivenciados, aceitos, refutados ou apenas tidos como mera possibilidade filosófica pelo leitor. Entendo que somente após toda esta carga informacional tenhamos condição para compreender a resposta à pergunta que talvez muitos imaginem que devesse estar na primeira linha deste terceiro bloco: *afinal, o que é Conscienciologia?*

No intuito de esclarecer e responder à questão, valho-me do conceito exposto publicamente por estudiosos do tema: “Conscienciologia é a ciência dedicada ao estudo da consciência ‘inteira’, constituída por todos os seus corpos (holossoma), atuando a partir de diversas dimensões (multidimensionalidade), considerando as suas múltiplas existências (multiexistencialidade), sob influência das energias (bioenergias) e das manifestações parapsíquicas (parapsiquismo)”. A Conscienciologia foi proposta em 1986 pelo médico e pesquisador Waldo Vieira, no tratado *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano*, e ratificada com publicação da obra *700 Experimentos da Conscienciologia*, em 1994. Desnecessário frisar que os temas são polêmicos e regados com momentos de tranquilidade, mas também com acalorados debates e divergências.

Finalmente, uma vez compreendidos, vivenciados ou apenas considerados como meras possibilidades e hipóteses filosóficas, os pressupostos basilares da *multidimensionalidade*, da *multiexistencialidade*, da *holossomaticidade*,

da *pensenidade*, da *projetabilidade* e da *bionergeticidade* poderão incentivar o leitor, como ocorreu comigo, a desenvolver seu próprio código de ética,⁴⁸⁰ cujo constructo lógico passará por quatro valores fundamentais, que constituirão a ordem sequencial deste capítulo:

1. Assistencialidade
2. Cosmoeticidade
3. Maxifraternidade
4. Universalidade

Importante destacar que tais valores ou princípios norteadores estão absolutamente interligados, ou seja, foram divididos por questões meramente didáticas e serão analisados sob minha perspectiva individual. Passarei, sem mais delongas, ao estudo e ponderações sobre tais atributos, mas antes destaco que as observações e comentários não devem ser atribuídos exclusivamente aos estudos conscienciológicos ou integrais, pois, além da bissociação de conceitos pertinentes a tais vertentes, utilizei-me suplementarmente de edificações intelectuais com nascedouro exterior a ambas.

Assistencialidade

À medida em que amadureci com o passar dos anos, com os erros e os acertos e, evidentemente, com as dores e as delícias da vida, alcancei a cosmovisão de que a existência humana ou o indivíduo não estão hermeticamente isolados daquilo que os cerca, mas, justamente o contrário, estamos contundentemente conectados a tudo e todos, numa teia interdimensional profunda, similar à explicação poética de um antigo texto hindu chamado *Avatamsaka Sutra*, cujo conceito restou conhecido por “Rede de Indra”;⁴⁸¹ para o mesmo conceito, a Conscienciologia prefere a analogia da “mini-peça no maximecanismo”. Percebi claramente não apenas a necessidade

480 Em Conscienciologia, utiliza-se o termo “cosmoética”.

481 “Rede de Indra” descreve e representa a interconexão de todas as coisas, como a imagem de uma rede ou teia em que em cada conexão esteja uma joia infinitamente facetada que reflète, em cada uma de suas faces, todas as facetas de todas as outras. Vale dizer, quando qualquer desses diamantes é alterado, todas as outras modificam-se de alguma forma. Trata-se de explicação poética da divindade hindu (Indra) para as conexões cósmicas. A ciência procura tais conexões em teorias do *big bang* e ligações cármicas que mitigam o conceito de “coincidência”, mas, apesar de apreciar os conceitos e atuar consoante tal teoria, considero tudo ainda demasiadamente carente de validação científica.

de assistir,⁴⁸² mas também a utilidade e efeito bumerangue desta proposta assistencial extrema e radicalmente paradoxal, pois quando saímos de nós mesmos em movimento altruísta, descobrimos a nossa própria felicidade, donde emerge indigesta questão ambivalente e supostamente incoerente: *se o altruísmo traz benefícios ao altruísta, poderíamos cultivar o altruísmo por egoísmo?* Eis o paradoxo desses conceitos antagônicos, mas que encontraram uma conexão pelo raciocínio exposto. Neste contexto de citações paradoxais, relembro o trecho da música de Jorge Ben Jor, “se malandro soubesse como é bom ser honesto, seria honesto só por malandragem”;⁴⁸³ e também a citação contida na oração atribuída a São Francisco de Assis, “é dando que se recebe”; seguido de um conselho jocoso e irreverente de minha autoria: *seja altruísta, ainda que por mero egoísmo*.

O leitor poderá estar confuso e questionar-se: *o que ele quis dizer com isso?* Concluí que, para responder a esta indagação, devemos transcender – e até mesmo questionar – o conceito dicionarizado de altruísmo a seguir transcrito: “segundo o pensamento de Comte (1798-1857), é a tendência ou inclinação de natureza instintiva⁴⁸⁴ que incita o ser humano à preocupação com o outro e que, não obstante sua atuação espontânea, deve ser aprimorada pela educação positivista, evitando-se assim a ação antagônica dos instintos naturais do egoísmo; amor desinteressado ao próximo; filantropia; abnegação”.⁴⁸⁵ Colocar-me-ei novamente como um crítico ao reducionismo da filosofia *comteana* aos fatores instituais e concentração exógena do altruísmo, para incluir e considerar a destinação endógena de cada indivíduo. Parece-me inexistir uma via assistencial de mão única, o que validaria a generalização do conceito de que toda a assistência mantém um padrão de reciprocidade, configurando-se numa *interassistência*.

Todavia, cabe-me sugerir a todos os bem intencionados que desejarem auxiliar aos outros e a si, para redobramos a atenção e terem cuidado, honestidade e franqueza ao responder às perguntas básicas a seguir: *minha atitude*

482 Assistir: no sentido de ajudar “o outro”, que está entre aspas porque tudo ao seu redor passará a fazer parte de você mesmo em algum nível.

483 BEN JOR, Jorge. Caramba... Galileu da Galileia, 1972.

484 Natureza instintiva: contesto tal natureza, por acreditar na natureza consciencial em estágios evolutivos mais avançados que o instintual, mas fica o registro dicionarizado.

485 HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Objetiva: 2009, p. 104.

*ajudará a longo prazo?*⁴⁸⁶ *O assistido em questão deseja ser ajudado?*⁴⁸⁷ *Tenho o gabarito e a competência necessários para tal assistência?*⁴⁸⁸ *Será que minha real motivação não é apenas egóica?*⁴⁸⁹ Estas indagações e uma dezena de outras descendem de três questões-chave, ora simplificadas: *o que é ajudar? Posso ajudar? Como ajudar?*

Reputo importante, neste contexto, abordar dois conceitos bastante comuns no universo conscienciológico: *tacon e tares*. Tratam-se de dois acrônimos, o primeiro oriundo da expressão *tarefa da consolação*, em que o agente assistencial conforta ou simplesmente anima o receptor de maneira perfunctória, superficial e passageira e o segundo – *tares* ou *tarefa do esclarecimento* – designa ação mais profunda e, definitivamente, busca a autonomia do assistido pela transmissão de ensinamentos libertadores, para que o necessitado consiga superar, por si mesmo, os problemas evolutivos que ele próprio atraiu por ignorância ou imaturidade. Imagino que todos nós tenhamos ouvido o provérbio que prioriza o ensinamento confuciano da pesca ao conforto de receber o peixe, o que nos oportuniza uma associação de ideias simples: *o consolo conecta-se ao ato de dar o peixe; o esclarecimento, por sua vez, liga-se ao ensinamento da pesca*.

Levantarei uma terceira condição menos óbvia, mais profunda e extraída da mesma analogia utilizada: *entre o peixe e a pesca, o prioritário é criar o lago*. Diante dessa nova perspectiva, proponho a *tarefa da criação*, na qual o agente assistencial cria as condições necessárias para que a evolução ocorra. Tenho especial predileção por exemplos do mundo empresarial, onde a citada criação estaria vinculada à estruturação de ambiente facilitador para que as próprias Consciências encontrem seus respectivos espaços profissionais e fluam *meritocraticamente* por caminhos próprios e padrões assistenciais bem adaptados e úteis a todo o contexto evolutivo e demandas pragmáticas cotidianas. Para meus amigos conscienciólogos que apreciam acrônimos,

486 Vale o dito popular: “muito ajuda quem não atrapalha”. Na dúvida, abstenha-se.

487 Respeito ao livre-arbítrio é ética primária. Pergunte-se sempre: ele pediu ajuda?

488 Modéstia para compreender que nem sempre somos os detentores da solução para os problemas alheios. Vale outra sabedoria popular: “cada um sabe onde aperta o sapato”.

489 E se for, não vejo problema nisso, desde que você não prejudique o terceiro. Endosso o conceito do utilitarismo do interesse próprio, de Adam Smith, e a virtude na sua busca, de Ayn Rand.

sugiro a expressão *tacri*,⁴⁹⁰ cuja analogia ou estilo assemelha-se ao filme de ficção científica *Campo dos Sonhos*,⁴⁹¹ estrelado por Kevin Costner. No chamado “mundo real”, poderia ofertar como exemplo a criação do projeto *TV Complexis*,⁴⁹² programas *Ciência e Consciência*⁴⁹³ e *VideoDebate*,⁴⁹⁴ os primeiros destinados aos temas transcendentais, e o último aos interessados em filosofia política. Essas ferramentas oportunizam o “comércio de ideias” franco e debate desapassionado. Considero a criação desses veículos de comunicação uma etapa focada no longo prazo, ao contrário do curtíssimo prazo consolatório. Poderia classificar as três tarefas ou oportunidades existenciais numa escala valorativa, da menos para a mais duradoura:

1. Tarefa do consolo ou “dar o peixe”.⁴⁹⁵
2. Tarefa do esclarecimento ou “ensinar a pescar”.⁴⁹⁶
3. Tarefa da criação ou “criar o lago”.⁴⁹⁷

Antes de encerrar meus comentários sob o presente tópico, sinto-me no dever de esclarecer aos leitores não habituados com essa complexa terminologia que as tarefas do consolo (*tacon*) e do esclarecimento (*tares*) estão incorporadas pela Conscienciologia, com farta leitura suplementar à disposição. A tarefa da criação é epifania pessoal e sujeita a críticas e refutações mais agudas, sem nenhuma validação conscienciológica até o momento. Aliás, como ocorreu em muitos *insights* expostos no decorrer desta obra, em processo que lembra a *Gestalt*, esforço-me para deixar claro ao leitor – seja ele conscienciólogo, integral ou leigo – o caráter absolutamente hipotético de minhas propostas, por meio do qual tráfego pelo território das suposições, no estilo de escrita “solta e desprentensiva”, com foco na fluidez dos textos, dos pensamentos e das reflexões. Portanto, desejo cumprir minha responsabilidade ética e “cosmoética” de reiterar que esta obra utiliza-se de pressupostos conscienciológicos, integrais e de muitas outras vertentes, mas sob perspectiva irremediavelmente individual. Diante da citação do termo “cosmoética”, o leitor poderá questionar-me: *afinal, o que é isso?*

490 Tacri: acrônimo de “tarefa da criação”.

491 Título original: Field of Dreams.

492 Sítio eletrônico: www.portalcomplexis.com.br

493 Sítio eletrônico: www.youtube.com/tvcomplexis

494 Sítio eletrônico: www.youtube.com/videodebate

495 Política do “pão e circo” (bolsa família e estádios de futebol).

496 Política focada na manutenção e desenvolvimento do conhecimento.

497 Política focada na criação da infraestrutura para o desenvolvimento individual meritocrático e personalíssimo.

Cosmoeticidade

O neologismo “cosmoética” obviamente é formado pelos termos *cosmo* e *ética*. Cosmo, neste contexto, traz a noção de ampliação, maior abrangência, transcendência e inclusão de todas as dimensões; ética, pelo significado tradicional, estaria ligada aos assuntos morais oriundos ou pertencentes ao caráter. Entendo desnecessário o aprofundamento das nuances e particularidades entre ética e moral, o primeiro conceito geralmente entendido como o costume ou hábito ligado ao comportamento exterior e o segundo, destinado a buscar a fundamentação teórica para encontrar o melhor modo de viver, o que abrange interesses da antropologia, direito, psicologia, sociologia, economia, pedagogia e praticamente tudo que envolva uma conexão com valores interiores.

Quando penso em ética e cosmoética, inundam minha mente associações entre conceitos jurídicos e transcendentais como *legitimidade assistencial*, conectados ao universo onde nossa atuação seja válida e não intrusiva, jamais em espaço onde o efeito “cosmoético” reste mitigado. Portanto, podemos abordar o tema sob o prisma individual, coletivo, privado, público, pessoal, familiar, profissional, social, religioso, científico, legal, histórico, factual, contextual e outras infinitudes classificatórias.

Os ângulos de visão de minha preferência são o tributário e o político, com suas borbulhantes divergências ideológicas que deixarei para reflexão do leitor em forma de tormentosas perguntas: *será ético obrigarmos nosso semelhante a ser altruísta, consoante as nossas prioridades “altruístas”? Podemos levar uma “ética obrigatória” até as últimas consequências? A pesada carga tributária obrigatória ao redor do mundo,⁴⁹⁸ cobrada através dos impostos, taxas ou contribuições de melhoria, que, teoricamente, ajudaria os mais necessitados, baseada no modelo europeu do *welfare state*,⁴⁹⁹ representa o ícone do “altruísmo-obrigatório”, coercitivamente imposto ao cidadão e que retira do indivíduo a liberdade de escolha ou destinação daquilo que lhe pertence.*

498 Em especial no Brasil, onde o custo-benefício entre tributação-serviços é escandalosamente desfavorável ao contribuinte.

499 “Estado de bem-estar social” que, para muitos, é agente provocador do caos econômico. Particularmente, válido e compartilho tal raciocínio, mormente se não houver equilíbrio com o chamado livre mercado.

O oposto desse raciocínio configura a base do liberalismo e do chamado *estado minimalista*.⁵⁰⁰ Entre as ideologias liberais e sociais, o desafio da pós-modernidade, no meu entender e a despeito de minha tendência confes-sadamente liberal,⁵⁰¹ é abandonar as posturas de radicais ideológicos de lado a lado e encontrar uma via inclusiva *dos direitos e deveres, coletividade e individualidade*, em suma, *liberdade com responsabilidade*.

Vivo numa sociedade em que está em moda uma “ética intrusiva”, uma ditadura do “politicamente correto” e falácias que abusam da expressão “tudo pelo social”, sobre a qual o filósofo contemporâneo Luiz Felipe Pondé elaborou contundentes críticas espalhadas por seus artigos e obras com títulos provocativos como *Contra um Mundo Melhor* e *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia*. Aliás, frise-se que o suposto “politicamente correto”, a moda, o pensamento coletivista grupal, os governantes que pensam deter a grande orientação para a população⁵⁰² e esta generosidade sócio-igualitária onde o “altruísmo é *meu*, mas o esforço é *seu*”, não me parecem posturas alinhadas com os princípios cosmoéticos. Distorções éticas em *achatamento valorativo*⁵⁰³ dos iludidos *românticos-igualitários* de sempre e, na outra ponta, os *insensíveis-durões* que não conseguem estender suas mãos para além de seus umbigos,⁵⁰⁴ estão na gênese de muito sofrimento e movimentos racistas,⁵⁰⁵ classistas,⁵⁰⁶ nacionalistas,⁵⁰⁷ machistas,⁵⁰⁸ feministas,⁵⁰⁹ e etnocêntricos.⁵¹⁰ Eventuais privilégios delegados

500 Um estado minimalista é uma forma de governo em que as funções do Estado são residuais, de forma a interferir o menos possível na liberdade e nas ações dos indivíduos. Os adeptos da minarquia afirmam que a função do Estado será justamente garantir livres relações entre os indivíduos.

501 No sentido europeu do termo. Nos EUA o termo possui conotação oposta, circunstância em que meu pêndulo político caminharia na direção republicana.

502 Considerada arrogantemente pelos governantes de mentalidade anti-libertária, como um grupo de mentecaptos carentes de um líder com a panaceia salvacionista.

503 Wilber possui um bom nome para isso: *flatland*.

504 Embora providos de condições suficientes para tanto.

505 Geralmente baseados na cor da pele (ex.: cotas raciais).

506 Baseado na luta de classes (ex.: marxismo).

507 Baseado na nacionalidade (*slogans*: “o petróleo é nosso”; “Brasil: ame-o ou deixe-o” ou a ridícula e tirânica obrigatoriedade do serviço militar).

508 Sociedade patriarcal. Confundem-se as habilidades naturalmente mais bem desenvolvidas pelos homens como superioridade masculina.

509 Sociedade matriarcal. Confundem-se as habilidades naturalmente mais bem desenvolvidas pelas mulheres como superioridade feminina.

510 Baseado na responsabilidade “deles” e nos “nossos” direitos.

ao arrepio da meritocracia, salvo raríssimas exceções,⁵¹¹ a um grupo de indivíduos classificado por suas características semelhantes, poderemos adjetivar de preconceituosos.

Portanto, qualquer seita, governo ou ideologia que apregoe a demonização de um grupo qualquer, seja ele de *empresários, patrões, empregados, brancos, negros, amarelos, vermelhos, mestiços, religiosos, ateus, judeus, alemães, brasileiros, argentinos etc.*, para alguma finalidade ou qualquer bandeira falaciosa de anti-dominância ou de “justiça social”, causará efeito contrário, justamente o oposto do ostentado em seus enganosos tótemes, ou seja, terminará por encontrar a injustiça, a miséria, a escravização, a tirania e a manipulação ditatorial pelo poder, explicada contundentemente pelas obras do economista contemporâneo Rodrigo Constantino⁵¹² e por consagrados autores como Adam Smith, Ayn Rand,⁵¹³ Karl Raimund Popper,⁵¹⁴ dentre os opositores ideológicos dos pensamentos de Rousseau, Hegel e Marx.

Embora extremamente polêmica, essa questão ético-político-ideológica, sobre a qual possuo opinião assemelhada ao sistema *laissez-faire*, ao ceticismo político e antagônica à tendência coletivista atual,⁵¹⁵ reconheço a importância de algumas provisões consolatórias, além de parciais acertos e equívocos de qualquer ideologia política,⁵¹⁶ mas clamo pela compreensão de que os chamados direitos sociais não deveriam colidir com os chamados direitos individuais, meritocráticos e personalíssimos.

Insisto, como fiz inúmeras vezes nesta obra, que abandonemos o “isso *versus* aquilo”, ou seja, não se trata de uma escolha dicotômica do tipo “indivíduo *versus* coletivo”, mas do tipo *indivíduo e coletivo, eu e você, nós e eles, privado e público*, cada qual na sua jurisdição específica de atuação ou, em linguagem coloquial, “cada um no seu quadrado”. No momento em que o

511 Exemplo: ocupação do cargo de presidente da república por brasileiro.

512 Economia do indivíduo, Liberal com orgulho, Uma Luz na Escuridão e Privatize Já.

513 Romancista e autora da obra A revolta de Atlas. Random House: 1957.

514 Neste contexto, citarei a obra A sociedade aberta e seus inimigos. Routledge: 1945.

515 “Pão e circo para o povo” (bolsa família, carnaval e futebol).

516 Inexiste panaceia salvacionista (política da fé *versus* política do ceticismo).

público invade a área do privado⁵¹⁷ (ou vice-versa)⁵¹⁸ ou o indivíduo invade o terreno de outro indivíduo,⁵¹⁹ encontraremos a carência ética.

Abandonarei a linha política e abordarei a questão ética sob o prisma familiar, onde outras provocativas perguntas poderiam ser objeto de análise: *até onde podemos interferir no livre arbítrio de nossos filhos, pais, cônjuges e parentes mais distantes? Por outro lado, se adotarmos a postura da inércia radical, não cairemos na indiferença, ou até mesmo na negligência?* Coloquei tais questões com o intuito de demonstrar que o nosso conceito de ética pode ser ilusório e autocorrupto, cujos valores mais arraigados e tidos como “os verdadeiros” podem tanto prejudicar certos ambientes como ajudar em outros.

Todavia, o que fazer quando a abstenção representa a opção prejudicial? Vejamos um exemplo dramático e hipotético que escutei em cursos sobre ética e que adaptei para os propósitos deste texto, segundo o qual inexistiria uma hipótese assistencial para todos, mas apenas soluções em busca do mal menor: após um naufrágio em alto mar, você é o capitão responsável para escolher, entre sete seres, os quatro que irão compor a tripulação do bote salva-vidas com esta capacidade máxima. Na hipótese de você tentar a salvação de todos, o bote afundará e todos morrerão, ou seja, você somente poderá salvar quatro dos sete indivíduos. Segue a questão prioritária: *qual o critério que você usará?*

Dentre os sete naufragos, você é o capitão; seu filho e um amigo perfazem o número dos três primeiros desafortunados; Mahatma Gandhi é o quarto; um cão perdigueiro é o quinto; um prisioneiro condenado e perito em sobrevivência é o sexto; e uma mulher grávida é a sétima. Está feita a confusão e você é o responsável por estabelecer um critério de escolha. No Quadro 14.1 a seguir, veremos, dentre muitas possibilidades, quatro critérios de escolha, baseados em quatro valores diferentes, todos com suas razões e motivações.

517 Ditadura do “nós”, tirania coletivista, ou ainda ditadura da maioria.

518 Ditadura do “eu” ou tirania individualista.

519 Manipulação consciencial.

Quadro 14.1
Conexões entre valores éticos, justificativas, critérios e possíveis problemas oriundos das soluções diversas

Valor ético	Justificativa	Critério	Possíveis problemas
Essencial	Todos tem igual direito Visão socioigualitária	Sorteio	O cão e o condenado podem ocupar o lugar do seu filho, da mulher grávida, de Mahatma Gandhi, de seu amigo e do seu assento no bote.
Intrínseco	Moral O valor de cada um Visão meritocrática	Julgamento	Mahatma Gandhi, em tese, terá presença garantida e talvez seu amigo, você e a mulher grávida sejam mais valiosos que seu filho.
Relativo	Valor contextual O melhor para a ocasião	Técnico	Neste caso, indiscutível o valor do perito em sobrevivência no contexto do naufrágio. O condenado passa a ter lugar garantido e eventualmente até mesmo o cão perdigueiro.
Etnocêntrico	O melhor para o clã	Apontamento	Você, seu filho e seu amigo terão lugares garantidos e, para garantir a sobrevivência "dos seus", talvez seja melhor destinar o quarto assento para o perito em sobrevivência.

Se houver resposta certa, desconheço-a. O objetivo do exercício foi externalizar a complexidade do problema ético e outorgar uma noção do gigantesco desafio para ampliarmos um único critério para incluir aspectos *multiexistenciais* e *multidimensionais*. Consequentemente, passemos da ética sob o prisma horizontal⁵²⁰ para o vertical,⁵²¹ onde camadas ou dimensões possam sobrepor-se umas às outras para níveis superiores e inferiores em múltiplas dimensões; junte-se a isso as diversas linhas do desenvolvimento humano e não humano, todos os estados possíveis e todos os tipos de possibilidades existenciais e estaremos diante da complexidade e da magnitude do desafiador conceito do neologismo *cosmoética*, mas,

520 Intra-hólon. Wilber utiliza o termo *flatland* para designar o achatamento dos vários níveis em um único hólon.

521 Vertical: aqui representa a multidimensionalidade tratada pelo primeiro elemento wilberiano (níveis).

confrontando-se com todos esses argumentos, alguém poderia elaborar a seguinte questão: *diante de tamanha dificuldade, onde buscar motivação para ajudar alguém?*

Maxifraternidade

O amor, sem dúvida, permanece como robusto manancial motivacional que consigo identificar a favor da assistência fraterna e cosmoética.⁵²² Esse motor atitudinal, cujo significante está muito desgastado pela modernidade e por valores lineares ligados ao consumo, ainda mantém significado poderoso e impulsiona diferenciados cidadãos em suas mais diversas modalidades altruístas: a generosidade, a bondade, a dignidade, a honestidade, a autenticidade, o companheirismo e tantas outras qualidades que relacionamos com a fraternidade que, por sua vez, pode ser elevada aos mais nobres níveis de compreensão. Neste momento sutil de empatia com tudo e todos ao nosso redor, imagino que estaremos próximos de vivenciar esse magno conceito.

Com sua firmeza característica, Waldo Vieira, em sua obra *Nossa Evolução*, trouxe-nos o conceito de *maxifraternidade* como “a condição interconscien- cial, universalista, mais evoluída, fundamentada na fraternidade pura da consciência autoimperdoadora e heteroperdoadora, meta inevitável na evolução de todas as consciências”.⁵²³ Pessoalmente, questiono a eficácia da condição de “autoimperdoador” e prefiro a inserção de todas as Consciências na mesma possibilidade do autoperdão, obviamente desde que o agente causador de qualquer dano evolutivo por ato doloso⁵²⁴ ou culpos- so⁵²⁵ passe a ter consciência de seus erros, repare-os em toda sua extensão e evite efetivamente sua reincidência. Outra curiosidade que conquistou minha atenção na análise das palavras de Vieira foi a introdução do termo “universalista” na conceituação de “maxifraternidade”, conexão com a qual estou em absoluta concordância, mas poderá restar a seguinte questão na mente do leitor: *enfim, o que é universalismo?*

522 Embora o termo cosmoética seja um neologismo e de uso técnico, podendo ser grafado entre aspas ou em itálico, passarei a grafá-lo normalmente a partir de agora.

523 VIEIRA, Waldo. *Nossa evolução*. Editares: 2010, p. 112.

524 Ato doloso ou dano comissivo ou intencional, é aquele em que o delinquente ético prevê o resultado lesivo da sua conduta.

525 Modalidades de culpa: imprudência, negligência ou imperícia.

Universalidade

Colocadas algumas questões éticas e um esboço dos conceitos de *assistencialidade*, *cosmoeticidade* e *maxifraternidade*, emergem reflexões sobre o conceito tratado em Conscienciologia como *universalismo*, aqui sob o título de *universalidade*, significante que utilizei para representar a capacidade humana para desenvolver perspectivas cada vez mais amplas e inclusivas, a fim de evitarmos a assimetria ética. Para facilitar tal processo, adaptarei conceitos wilberianos ligados às diferentes cosmovisões e tratados preteritamente nesta obra e que, no momento, pretendo explorar com maior profundidade: *pré-egocêntrica*⁵²⁶ ou *tribal*, *egocêntrica*, *etnocêntrica*, *globocêntrica*, *cosmocêntrica*⁵²⁷ e *kosmocêntrica*.⁵²⁸

O cidadão que se encontra momentaneamente na visão *pré-egocêntrica* está relacionado ao nível mais primário ou aquém de uma unidade pensante por si mesma. Trata-se do conceito que José Ortega y Gasset chamou de “homem-massa” e que Luiz Felipe Pondé talvez chamasse de genuflexão ao “politicamente correto” – também me lembra das críticas de Rodrigo Constantino ao “coletivismo”; a cultura regional e popular na qual estou inserido firmou a expressão pejorativa “vaquinha de presépio” e os mais técnicos proporião o tema sob o título de “fanatismo ideológico”. *Mutatis mutandis*, prefiro a expressão “mentalidade de rebanho” ou “pensamento tribal”, em que o indivíduo não consegue diferenciar as respectivas individualidades do meio em que vive, numa espécie de fusão inapropriada e forçada entre sua genuflexão idealizada ao social e a realidade da diversidade individual.⁵²⁹

Um passo à frente do romântico e ingênuo “pensamento tribal”, encontra-se a visão egocêntrica, que limita seu universo (cosmovisão) a si mesmo. O indivíduo reconhece-se como alguém digno de ser ouvido e começa a desenvolver as primeiras condições de autonomia em relação aos ordenamentos exteriores, mas ainda é escravo das limitações do egoísmo e porta-

526 Proponho a inserção da visão pré-egocêntrica ao modelo wilberiano.

527 Centrada no cosmos material e energético (capítulo 2).

528 Centrada em todas as dimensões cósmicas (capítulo 2).

529 Em geral, ingênuos eleitores que se encantam com discursos assistencialistas, seduzidos pela política do “pão e circo”, pelas falácias do “tudo pelo social” e pelas ilusórias benesses típicas dos excessos do intervencionismo estatal.

dor de uma certa agressividade ou maquiavelismo tirânico, que expõe sua imaturidade flagrante.⁵³⁰

Diante de uma certa obviedade das mentalidades em patamares *pré-egocêntrico* e *egocêntrico*, passarei a tratar da visão *etnocêntrica*, extremamente focada nos códigos de comportamento, em geral *excessivamente* conectada ao clã,⁵³¹ à profissão,⁵³² à família,⁵³³ às sociedades fechadas,⁵³⁴ a esta ou aquela ideologia,⁵³⁵ às disputas religiosas,⁵³⁶ ao nacionalismo,⁵³⁷ a uma determinada classe social,⁵³⁸ a uma raça⁵³⁹ ou etnia. Trata-se da visão majoritária dos líderes hodiernos⁵⁴⁰ do planeta Terra, cuja aplicação moderada considero aceitável, mas cujo extremo causará entropia e acobertará lamentáveis injustiças meritocráticas.

O formidável passo evolutivo do raciocínio ou cosmovisão etnocêntrica para a globocêntrica (ou mundocêntrica) dependerá da conscientização de massa crítica ainda carente deste avanço em direção à simetria ética universalista, que eu prefiro denominar *universalismo meritocrático*, como profilaxia da possível confusão com o nefasto nivelamento qualitativo dos indivíduos, que Wilber nominou como *flatland*. Nesse âmbito, identifico embriões em esparsas iniciativas privadas, como algumas ferramentas inseridas na rede *mundial* de computadores no estilo *Google*, *Youtube*, redes sociais, Wikipédia, entre sítios e portais menos conhecidos, mas com princípios similares.⁵⁴¹

530 Característica típica de líderes egoicos portadores do demagogo discurso social-coletivista (exemplo típico: políticos brasileiros) ou ideologias selvagens do tipo “salve-se quem puder”.

531 Em geral definido por unidades de parentesco e linhagem.

532 Exemplos: corporativismo dos advogados; dos juízes; dos médicos; dos funcionários públicos etc.

533 Exemplos: os Fittipaldi; os Orleans e Bragança; os Matarazzo Suplicy etc.

534 Exemplos: os maçons, os rosacruz etc.

535 Exemplos típicos: os marxistas; os comunistas; as ideologias esquerdistas etc.

536 Felizmente com exemplos atuais de tolerância entre os católicos; os crentes; os budistas; os protestantes; os espíritas etc.

537 Exemplos: os brasileiros; os argentinos; os estadunidenses; os árabes; os japoneses; os franceses; os chineses; os portugueses etc.

538 Exemplos: os ricos; os pobres; a classe média; os trabalhadores; os empregadores; a burguesia; os explorados; os exploradores; os empresários etc.

539 Exemplos: os mongoloides (raça amarela); os caucasoides (raça branca); os negroides (raça negra).

540 Ano base: 2014.

541 Exemplos: portalcomplexis.com.br, portaldebateliberal.com.br, youtube.com/tvcomplexis, youtube.com/videodebate.

É-me evidente que a compreensão do conceito de universalismo pressupõe a ação que inclua a tudo e todos – o que não significa equiparar ou nivelar os indivíduos –, vale dizer, estabelecer uma política receptiva e assistencial⁵⁴² aos envolvidos e toda sua diversidade ética, além da natureza e dos outros seres humanos e não-humanos. Tudo parece simples até aqui e talvez o seja; porém, proporei uma classificação do componente atitudinal em relação ao *universalismo meritocrático*, a fim de compartilhar reflexões pessoais, cuja conexão com o valor *assistencial*, *cosmoético* e a *maxifraterno* considero profunda e, neste caso, penso ser indissociável. Na síntese classificatória a seguir (Figuras 14.1, 14.2 e 14.3), denominarei de *assistência interior* a postura benéfica concentrada no próprio agente e *assistência exterior*, a atitude centrada no outro. Por meio desses recursos, pretendo esclarecer gigantesca confusão entre conceitos antagônicos como *bondade e maldade*, *altruísmo e egoísmo* e *ética e anti-ética*.



Figura 14.1 – *Assistência interior* ou “foco em si”, com e sem prejuízo.

542 O que não significa “passar a mão na cabeça” ou a prática do “assistencialismo de sarjeta”. Aliás, não raro, os princípios assistenciais do esclarecimento pressupõem o que chamamos popularmente de “remédio amargo”.



Figura 14.2 – *Assistência exterior* ou "alheia", com e sem prejuízo.

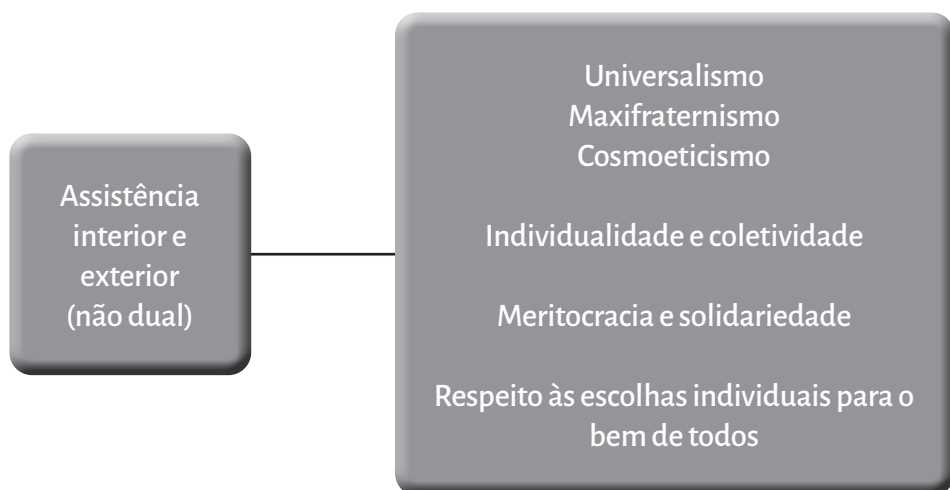


Figura 14.3 – Assistência com a cosmovisão "não dual", onde a ajuda a si afeta positivamente o outro e vice-versa.

Não consigo imaginar melhor fechamento desta terceira etapa, que considero exagerado chamar de conscienciológica, já que a abordagem impregnou-se de filtros e reflexões de cunho pessoal. De fato, as proposituras e hipóteses sobre os quatro conceitos analisados passaram por meus valores e reflexões no que tange à ética (respeito ao indivíduo) e à justiça (meritocracia). Não obstante, convido o leitor a embarcar comigo no quarto e último bloco desta obra, onde apresentarei as conclusões desta aventura intelectual e resumo geral das emergências criativas a partir de vertentes aparentemente tão distintas.

Quarto bloco

Epifanias



Sou, logo existo

Dedicarei este capítulo para externar diversas epifanias pessoais que, à primeira vista, pareceram-me ligeiramente desconectadas com os argumentos e as exposições pretéritas, mas, ao longo do desenvolvimento desta obra, provarem-se produto emergente desse percurso. O título deste capítulo faz alusão, obviamente, à tradução da frase cartesiana⁵⁴³ “penso, logo existo” e mantém pretensão de aplaudir, mas, ousadamente, sugerir outra tradução ou até mesmo transcender esse postulado, motivo pelo qual lembrarei a frase de Isaac Newton, em carta para Robert Hooke datada de 15 de fevereiro de 1676: “se vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes”.

Nos ombros de gigantes

Considero Descartes digno de estar entre os pensadores mais importantes, influentes e precursores da transição para a era moderna. Todavia, suas proposições encontraram oposições em futuras interpretações, nem sempre precisas de seu raciocínio, creditando-lhe a paternidade do materialismo “científico” grosseiro,⁵⁴⁴ que teve origem no desvirtuamento do dualismo absoluto entre mente (*res cogitans*) e matéria (*res extensa*).

543 René Descartes (1596-1650).

544 Materialismo grosseiro: postulado onde nada mais exista além da matéria, ou seja, tudo é matéria. Basicamente, este “fiscalismo rudimentar” sustenta que mente (entendida como Consciência) é igual ao corpo e que tudo se reduz ao processo físico, onde tudo pode ser descrito na linguagem da Física e nada mais existe além dela.

Parece-me razoável deduzir que o dualismo cartesiano resultou na crença de que *todo* o mundo material pode ser descrito sem referência ao observador, mas considero equivocada a conclusão exageradamente reducionista de uma espécie de “cartesianismo-pop”, que afirma que seu pensamento advogaria nada existir além da matéria. Alguns respeitáveis estudiosos, inclusive, afirmam que Descartes postula este *fisicalismo rudimentar*, crítica que considero aceitável apenas em parte, por tratar-se, salvo melhor juízo, de uma má leitura dos textos do filósofo, físico e matemático francês.

Outro aspecto que me causa estranheza reside na dificuldade que enfrentei para encontrar um conceito contextualizado e minimamente preciso do vocábulo “mente”. Inoculei-me uma indigesta suspeita de que Descartes tenha considerado o significante “mente” com significado diferente do moderno. Trabalho a hipótese de que a contextualização do vocábulo poderia conduzir à possibilidade especulativa da adaptação da *res cogitans* cartesiana ao moderno conceito de Consciência.

Apesar das lacunas informacionais confiáveis, o dualismo, a dicotomia e o isolamento material depreendido do método cartesiano levou-me não somente ao estudo das vertentes que aceitam a conexão “Consciência-matéria” como hipótese, mas também ao movimento no sentido de transcender (e incluir) a relação entre “existência” e “pensamento”, valendo-me de ensinamentos e esforços de pensadores atuais e pretéritos. Reafirmo o presente tópico no sentido de que parto dos ombros de gigantes intelectuais e também reconheço um oceano de deficiências empíricas e vivenciais na estruturação do que proponho. Mesmo assim, insistirei na incompletude, ao menos gramatical, da histórica tradução do postulado que vincula o pensamento à existência: “penso, logo existo”.

Independentemente das especulações sobre a contextualização e interpretação do conceito ontológico de pensamento, analisarei a frase citada desde o sentido literal de seus termos até suas relações lógicas com alguns postulados wilberianos, conscienciológicos e filosóficos. Em suma, resumirei abaixo minhas reflexões pelos seguintes prismas:

- *Cartesius versus Cartesius.*
- Anatomia gramatical.
- Conexão entre *pensamento* e *existência*.

- Confronto com a Filosofia Integral.
- Confronto com a Conscienciologia.
- Confronto com a lógica.
- Confronto com a teoria dos sete corpos.
- Confronto com a ciência convencional.
- Emergências reflexivas.

Cartesius versus Cartesius

Descartes preocupou-se com as certezas absolutas e a busca metódica da verdade, tendo a razão como força motriz, num contexto hostil e com problemas ligados à tirania ideológica, cujo ambiente político exigia sutis habilidades diplomáticas. A obra *Discurso do Método*, publicada no século XVII, precisamente em 1637, trouxe para a humanidade ideias transformadoras da Europa e de todo o mundo ocidental. A provável origem matemática do método cartesiano, onde “um mais um é igual a dois”, parece ser a base da argumentação de seus críticos, que afirmam, a meu ver acertadamente, que o “todo não pode ser compreendido, avaliado, enfim reduzido à mera soma das partes”. Neste panorama específico, surgiram-me dúvidas e desconfiei que estaria diante de paradoxos, pois Descartes validou conceitos como “Deus”,⁵⁴⁵ “alma”⁵⁴⁶ e “intuição intelectual”, o que não se coaduna com o absolutismo materialista.

A unidade de seu método é outro aspecto importante e foi defendida como essencial para todas as demais áreas do saber e pode ser analisada pela imagem de uma “árvore do conhecimento científico”, onde as raízes representam a metafísica, os troncos a física e os galhos as demais ciências, que podem ser reduzidas à Medicina, à mecânica e à moral. Identifico um problema nesse aspecto, pois, se levarmos o pensamento cartesiano às últimas consequências, discutiremos a possibilidade de usar o mesmo método para todas as ciências, já que descendem de um mesmo tronco. Obtive tal informação nos comentários prévios do audiolivro *Discurso do Método*,⁵⁴⁷ o que denota um certo tipo de reducionismo da filosofia cartesiana, mas a partir disso não podemos atribuir a Descartes o “achatamento” do universo mul-

⁵⁴⁵ Descarta sua primeira hipótese de um “Deus enganador” e modifica seu raciocínio para um “Deus perfeito”, para validar a existência do mundo material.

⁵⁴⁶ A “coisa pensante” que compôs parte do raciocínio para a expressão “penso, logo existo”.

⁵⁴⁷ Universidade Falada, *Discurso do Método*.

tidimensional em unidimensional, onde existiriam apenas elementos materiais. Portanto, considero um certo exagero e severidade interpretativa em relação a sua proposta original.

Em outras palavras, reitero o explanado no Capítulo 5, no sentido de que René Descartes, juntamente com o cientista inglês Isaac Newton, foram “vendidos” pela modernidade, genericamente, como os pais do materialismo, do fisicalismo, do determinismo, do dualismo e do mecanicismo, sem que uma investigação profunda das diferenciações desses pensamentos fosse conduzida, resultando na desconsideração da Consciência e num universo exclusivamente material.

Diante do cenário sinteticamente descrito e algumas premissas em que o pensamento cartesiano desenvolveu-se, além das críticas e interpretações posteriores, analisarei a expressão “penso, logo existo” de forma livre e comparativa, desprovido da contaminação de duas correntes extremadas, a primeira materialista, onde *tudo é matéria, o resto seria ilusão*, e seu oposto, onde a tremulante bandeira idealista reina absoluta e o excesso subjetivo culmina naquilo que considero o exagero contrário, ou seja, *tudo é espírito, o resto seria ilusão*.⁵⁴⁸

Anatomia gramatical

Lembro-me de minha formação acadêmica na área jurídica concluída em 1988, quando, nas aulas de Hermenêutica, meus colegas e eu admirávamos a grandeza das interpretações históricas, teleológicas e sistêmicas, para, ao final, concluirmos pela insuficiência da interpretação meramente gramatical. Apesar dos limites da literalidade terminológica e sua anatomização (remeto à crítica ao próprio método cartesiano), considero-a um excelente início para o desenvolvimento do presente tema, motivo pelo qual lanço mão do Quadro 15.1, onde tento demonstrar que “a ordem dos fatores altera o produto”.⁵⁴⁹

548 Alusão ao conceito de **maya**, em que a ilusão consistiria a natureza do mundo objetivo, numa espécie de Matrix, produção cinematográfica de inspiração hollywoodiana.

549 Alusão jocosa ao postulado de Giuseppe Peano, matemático italiano do século XIX: “a ordem dos fatores não altera o produto”.

Quadro 15.1
Interpretação gramatical da expressão “penso, logo existo” e sua inversão

Significantes	Penso	Logo	Existo
Significados	Ato de raciocinar	Sintetiza ou conclui	Existência ou essência
Função	Pensar	Conector gramatical	Conjugação verbal
Inversão	Existo	Logo	Penso

Descartes passou a duvidar de tudo, menos da existência daquele que duvida e, portanto, pensa. Esse fato provocou a associação cartesiana “penso, logo existo”. Portanto, no presente contexto, vale destacar a construção do raciocínio de Descartes em suas próprias palavras: “Finalmente, considerando que os mesmos pensamentos que temos quando acordados podem ocorrer-nos quando dormimos, sem que haja então um só verdadeiro, resolvi fingir que todas as coisas que outrora me entraram no espírito não eram mais verdadeiras do que as ilusões dos meus sonhos. Mas, logo depois, observei que enquanto pretendia assim considerar tudo como falso, era forçoso que eu, que pensava, fosse alguma coisa”.⁵⁵⁰

Todavia, resistiria seu pensamento à característica da comutatividade⁵⁵¹ ou completude⁵⁵² Nesse caso, suponho que a ordem dos fatores altera a validade da proposição, pois se o ato de pensar leva-me à conclusão existencial, esta última prescinde do pensamento, conforme depreendo dos postulados expostos nesta obra e inúmeras linhas de estudos transcendentais, algumas delas comentadas nos tópicos a seguir.

Conexão entre pensamento e existência

Inúmeros pesquisadores da transcendência humana recepcionam a possibilidade de estados “supra” ou “trans” mentais. Admito que as obras desses estudiosos e inúmeros postulados de tradições milenares que também apontam no mesmo sentido não gozam – ainda – de credibilidade científica.⁵⁵³ Assim ocorre com inúmeros fenômenos da literatura adjetivados

550 DESCARTES, René. Discurso do método: regras para a direção do espírito. Martins Fontes: 1999, p. 41.

551 Comutatividade: “existo, logo penso”.

552 Completude: imprescindibilidade do pensamento como condição existencial.

553 Ano base: 2014.

de “espiritualistas”, que sugerem estados de “silêncio, vazio ou ausência de pensamento”, que permanecem como figuras desconhecidas e até desacreditadas. Contudo, apresento uma questão incômoda: *estariam totalmente equivocados esses indivíduos e todas as tradições de sabedoria? Estados de acalmia mental, meditativos, de sono profundo, coma ou ausência de pensamentos por limitações físicas congênitas, acidentais, cirúrgicas, medicamentosas ou relacionados à transcendência “mentalsomática”⁵⁵⁴ implicariam em negação existencial?*

Trabalho a hipótese de que tais respostas sejam negativas, ainda que reconheça uma infinidade de credices infantis na maioria dos segmentos pretensamente transcendentos e uma legião de fanáticos ideológicos entre os que desfilam com estandartes dos supostos paradigmas da nova era.⁵⁵⁵ Diante disso, mantenho um certo acolhimento para estudar as mais exóticas fontes informacionais e, concomitantemente, preservo meu juízo crítico ereto, aguçado e independente, a fim de movimentar esforços para distinguir entre “o joio e o trigo” com o devido cuidado para conter os exageros e “não jogar o bebê com a água do banho”, em delicada combinação harmônica dos seguintes componentes: *abertura mental*,⁵⁵⁶ *flexibilidade*⁵⁵⁷ e *criticidade*.⁵⁵⁸

A presente reflexão associativa entre *pensamento e existência*, que envolve conhecimentos milenares e modernos, sob a égide de meu crivo e certo juízo de razoabilidade, sugere-me a proposta de que os conceitos estão intimamente relacionados, mas não de forma irremovível.

Confronto com a Filosofia Integral

A Filosofia Integral aborda aspectos da “transcendência do ego” e mapeia estágios “superiores” ao mental; em outras palavras, propõe módulos centrais como *corpo, mente e espírito*. Wilber expõe interessante escala em sua obra *Uma Breve História do Universo*,⁵⁵⁹ que podemos resumir em cinco elementos centrais: *matéria, vida, mente, alma e espírito*. Depreendo do postula-

554 Mentalsomático: termo ligado ao veículo de manifestação da Consciência, denominado pela Conscienciologia como “mentalsoma”, vinculado ao discernimento, ao raciocínio lógico e, prioritariamente, ao pensamento.

555 Movimentos conhecidos como *new age*, humanistas ou holísticos.

556 No sentido de manter a mente desprovida de preconceitos intelectuais.

557 Característica para discernir entre as verdades parciais e equívocos, numa espécie de “garimpo” intelectual.

558 Manutenção da racionalidade e lógica através do juízo crítico.

559 WILBER, Ken. *Uma breve história do Universo*. Via Optima: 2004, p. 56.

do integral que existem bases reflexivas interessantes para a formulação de uma argumentação crítica, em sentido kantiano,⁵⁶⁰ ao postulado representado pela frase “penso, logo existo”.

Pois bem, as inúmeras obras wilberianas com que tive contato trouxeram-me a clara percepção de que existem estágios além do mental, do racional ou do pensamento. Especialmente para os seres identificados com o próprio ato de pensar, julgo interessante ressaltar que, para atingir esses patamares “transcendentais”,⁵⁶¹ o pressuposto seria justamente o “não pensar” ou o “esvaziamento” mental, ou seja, uma espécie de acalmia ou supressão pacífica dos raciocínios reflexivos e quietude da “loquacidade interior”. A leitura das obras da Filosofia Integral reforçou minha suspeita de que a existência transcende a condição mental e seu produto típico do animal humano: *o pensamento*.

Confronto com a Conscienciologia

Do ponto de vista didático e conceitual, a Conscienciologia diferencia a Consciência dos seus veículos de manifestação, motivo pelo qual relembro o ensinamento do Capítulo 12 desta obra, no sentido de apontar os veículos de manifestação de nossa essência: soma, energossoma, psicossoma e mentalsoma. A proposta conscienciológica levou-me à conclusão de que *somos* Consciências e *manifestamo-nos* na condição atual por meio de sondas que reverberam *pensenes* – unidades indissociáveis resultantes da interação de pensamentos, sentimentos e energia.

Relembro que, pelo postulado conscienciológico, nossa essência ou Consciência poderá intensificar sua manifestação em um dos veículos através de sua prevalência mais específica. Assim, conforme abordado em capítulo específico,⁵⁶² um esportista em ação não deixa de pensar ou sentir, mas sua manifestação está focada e, portanto, lastreada, pelo conceito conscienciológico de “energia”; ao assistir aos dramas novelescos ou ao futebol, o telespectador ou torcedor fanático carrega sua manifestação de sentimentos

560 Segundo Carlos Eduardo Matheus, Kant utilizou o termo “crítica” para separar os acertos e equívocos de determinada teoria, distante da conotação atual no sentido de negação integral da tese criticada (Universidade Falada, Kant: vida e obra).

561 Transcendentais: “transmentais”, espirituais ou outro significante da preferência do leitor.

562 Capítulo 12.

ou emoções; e o filósofo ou intelectual, ao aprofundar seus estudos, lastreia sua manifestação pelo pensamento, pela razão, pela lógica e pelo discernimento, considerando a intensidade da “atuação” do veículo mental.

No contexto deste trabalho, chamo a atenção para o fato de que somos “algo além” das nossas sondas de manifestação ou seus respectivos produtos, ainda que intensificados e ilusoriamente identificados como “nós mesmos”, afirmação que faço por dedução lógica do próprio conceito de “sonda” ou “veículo”. Imagino que eventuais conscienciólogos que se aventurem na leitura desta obra possam percorrer a linha de raciocínio ora proposta, em que um dos objetivos explícitos está na consequente ponderação sobre a diferenciação do conceito ontológico de *Existência*⁵⁶³ de quaisquer *veículos de manifestação*⁵⁶⁴ ou respectivos *produtos*.⁵⁶⁵

Ainda dentro dessa vertente reflexiva, resta evidente a associação do veículo do discernimento⁵⁶⁶ com o pensamento. Todavia, diante do postulado de que *somos* Consciências e que o *mentalsoma* é “somente” um veículo ou sonda de manifestação, reforço minha conclusão, desta vez pelos postulados conscienciológicos, de que a condição existencial transcende o pensamento. Logo, valido intimamente minhas próprias suposições de que a existência prescinde do pensamento e de que a tradução do postulado cartesiano “penso, logo existo” mereça melhor tradução e transcendência para a expressão: *sou, logo existo*.

Não bastasse a magnitude dessas reflexões e minha confessada incerteza sobre este atrevimento intelectual, levei esse raciocínio filosófico às últimas e extremas consequências para os próprios postulados da Conscienciologia. Na hipótese da minha reflexão estar correta, suposição que admito por mero amor ao argumento, não consegui evitar o método dedutivo para elaborar a proposta de um quarto *descarte corpóreo* ou *quarta dessoma*, tratada em capítulo próprio, a qual certamente receberá as críticas de meus colegas ligados aos estudos da Consciência, o que analisarei com a devida atenção para futuras ponderações e revisões.

563 Consciência.

564 *Mentalsoma*, *psicossoma*, *energossoma* e *soma*.

565 Pensamento, sentimento e energia (pensar, sentir e agir).

566 *Mentalsoma*.

Confronto com a lógica

Lógica é um tema complexo e conectado à estruturação coerente e organizada do pensamento. Trabalhei com a hipótese da validação da lógica aristotélica e seus dois princípios centrais – a lei da não contradição⁵⁶⁷ e a lei do terceiro excluído⁵⁶⁸ – sobre os postulados da Conscienciologia e concluí que, se adotarmos a premissa conscienciológica de que o mentalsoma seja um “mero” veículo de manifestação da nossa essência e não a própria condição existencial, este “instrumento” mental, por sua própria conceituação, não deverá confundir-se com o “Instrumentista”, raciocínio que favorece as suposições tratadas neste capítulo.

A utilização da lógica está diretamente relacionada às premissas que admitimos como verdadeiras. Portanto, se admitirmos as premissas conscienciológicas,⁵⁶⁹ integrais ou a estrutura de tradições orientais, estaremos intimamente convictos – salvo melhor juízo – de que existe um caminho racional para a superação da famigerada frase cartesiana em estudo e uma razoável estrutura argumentativa para expor as consequências desse passo filosófico e sua validação pelo atributo da lógica.

Confronto com a teoria dos sete corpos

No decorrer desta existência, deparei-me com inúmeras teorias familiarizadas com o orientalismo e Tradições de Sabedoria, todas desprovidas dos padrões exigidos pela ciência clássica e também pelo método conscienciológico. Um pesquisador rigoroso tomaria cuidado ao citar tais linhas do conhecimento humano, mas decidi despir-me dessas precauções e confrontar minhas reflexões com a teoria dos sete corpos, em razão da forma reiterada que tal postulado metafísico apareceu-me “acidentalmente”.

Antes de uma abordagem direta, gostaria de compartilhar com o leitor alguns sentimentos a princípio paradoxais. Concomitantemente a um ligeiro incômodo por essas vertentes do conhecimento humano, generi-

567 Lei da não contradição: nenhuma afirmação pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

568 Lei do terceiro excluído: aplica-se quando excluímos a terceira hipótese. Por exemplo: este homem é Aristóteles ou não é Aristóteles; ou ainda pelo questionamento se mentalsoma é um veículo ou a própria Consciência.

569 Mentalsoma como “mero” veículo de manifestação da Consciência e não a própria “essência”.

camente denominadas de “Tradições de Sabedoria”, estarem demasiadamente impregnadas com terminologias pouco precisas, mantenho notória gratidão interior pelos indivíduos que possibilitaram nosso acesso a tais teorias, pois considero algumas daquelas personalidades genuínos heróis anônimos que resistiram às barbáries históricas como perseguições, condenações por heresia, queima de livros – e pessoas – além de outras lamentáveis manifestações de ignorância e intolerância.

Isso posto, adentraremos na teoria dos sete corpos para comentários e avaliações posteriores. Iniciarei por listar estes corpos, optando pela manutenção do linguajar místico, muito diferente e distante da linguagem conscienciológica e daquela a que o público científico está acostumado. Os corpos recebem os nomes de físico, etérico, astral, mental, causal, búdico e átmico. Os quatro primeiros possuem incrível similaridade com a proposta do *holossoma*,⁵⁷⁰ mas os demais não são validados pela Consciencilogia. A ciência materialista, por sua vez, valida somente um deles: o corpo físico (Quadro 15.2).

Quadro 15.2
Resumo comparativo das propostas materialista e conscienciológica e das Tradições de Sabedoria

Tradições de Sabedoria	Consciencilogia	Ciência materialista
Corpo átmico	Não valida	Não valida
Corpo búdico	Não valida	Não valida
Corpo causal	Consciência	Não valida
Corpo mental	Mentalsoma	Não valida
Corpo astral	Psicossoma	Não valida
Corpo etérico	Energossoma	Não valida
Corpo físico	Soma	Corpo físico

Essas diferenças conceituais geram importantes consequências, como no particular exemplo da memória, que, em linguagem técnico-conscienciológica, poderemos denominar *holomemória* ou “memória integral”, esta considerada por Alegretti como sediada no mentalsoma ou corpo men-

⁵⁷⁰ Soma, energossoma, psicossoma e mentalsoma.

tal.⁵⁷¹ *Não estaria sediada na própria Consciência ou “corpo causal”?* As tradições de sabedoria milenar permanecem na tese de que o corpo causal, também conhecido pela terminologia mística e religiosa como *alma*,⁵⁷² detém os registros memoriais dos corpos mais densos. Pelo materialismo científico, toda nossa memória estaria estruturada no cérebro físico, o que inviabiliza o diálogo entre tais vertentes do conhecimento e consolida uma dificuldade abissal de aproximação.

Todavia, o ponto central desta comparação está na superação do postulado cartesiano e na reflexão sobre a hipótese de uma *quarta dessoma*, a partir da teoria dos sete corpos. A existência dos chamados *corpos superiores*⁵⁷³ após uma suposta “quarta transcendência”, tese esposada por muitas Tradições de Sabedoria, está em sintonia com a lógica do meu raciocínio e possibilitou-me a conclusão de que, pelos preceitos sustentados por inúmeros segmentos ditos “espirituais” ou “espiritualistas”, a tese da “quarta morte” ou “descarte do corpo mental” e a frase proposta *sou, logo existo* sobrevivem ao confronto.

Confronto com a ciência clássica

Tudo caminhava relativamente bem até a confrontação com as demandas empíricas, onde a *replicabilidade* em laboratório físico é absolutamente necessária. Adianto ao leitor que, na jurisdição científica, infelizmente, não consegui validar a tese que advogo com entusiástica sensação positiva, já que sensações, motivações ou intuições não são apenas insuficientes, como também impertinentes para a chamada *hard Science*⁵⁷⁴ e também para o ceticismo e a descrença conscienciológica, esta última baseada na condição vivencial.

O rigor da ciência e seus reconhecidamente brilhantes cientistas, não raro, ultrapassa o saudável ceticismo e adentra no que chamo de *fanatismo da negativa*, ao invés de caminhar pelo território da modéstia representada

571 ALEGRETTI, Wagner. Retrocognições. Ipiric: 2000, p. 50.

572 Particularmente, prefiro não usar este termo por existir enorme confusão conceitual ao redor da terminologia religiosa.

573 Corpo causal, búdico e átomico.

574 *Hard Science* ou “ciência dura” é uma expressão utilizada para descrever as ciências naturais de aspecto experimental, com foco na exatidão e objetividade.

pela utilização da singela expressão: “isso ainda não sabemos” ou, mais tecnicamente, “inexiste validação científica neste sentido”.

Em outras palavras, diante de um postulado que ultrapasse a capacidade probatória ou vivencial de sua época, alguns cientistas materialistas preferem intensas negativas ao recomendável e sereno posicionamento da simples “não validação”, o que difere ontologicamente de uma “declaração de inexistência”, ou seja, invalidar por falta de provas mantém uma distância galáctica da negação peremptória.⁵⁷⁵

O lado positivo desta rigidez científica está na maior credibilidade da ciência clássica, além de métodos mais rigorosos e objetivos para evitar o gigantesco oceano de ingenuidades humanas que, mesmo após as maravilhas informacionais do século XXI, ainda contaminam a imatura condição da nossa espécie. Todavia, se analisarmos a questão sob outro prisma, o rigor científico poderá “cristalizar ou engessar” a mente do cientista, cuja postura hermética em seu próprio exemplar de ciência impedirá os desejáveis avanços e escravizará qualquer emergência criativa aos grilhões de seu próprio condicionamento mental.

No mesmo sentido, encontrei um texto do próprio René Descartes: “Penetramos o reino da física e da metafísica com espírito pesquisador. Nem acreditamos nem deixamos de acreditar. Somos, apenas, neutros”.⁵⁷⁶ Isso posto, somado ao esboço didático do Quadro 15.2, reconheço que as propostas da *quarta dessoma* e da transcendência da histórica frase cartesiana “penso, logo existo” não poderiam ser objetos nem de validação, tampouco de negação peremptória, da comunidade científica hodierna e daquilo que chamamos de “ciência clássica, ortodoxa ou convencional”, apesar de alguma imprecisão dessas terminologias.

Diante dessa incômoda e franca digressão, devo restringir minha proposição de uma *quarta dessoma* e transcendência ao pensamento cartesiano ao campo das possibilidades filosóficas e confessar minha incapacidade argumentativa para o ingresso dessas reflexões no universo científico. Portan-

575 O Direito também diferencia julgamentos com ou sem suficiência probatória.

576 DESCARTES, René. Discurso do método: regras para a direção do espírito. Martins Fontes: 1999, p. 13.

to, face à diferenciação entre lógica, convicção e ciência, defendo teses nas quais a lógica convence-me, mas considero-a insuficiente para um enfrentamento popperiano⁵⁷⁷ e seu conhecido caminho da falseabilidade, ou ainda alguma possibilidade de teste por algum sistema empírico-científico de comprovação pela objetividade da experiência sensível. Em suma e para o meu lamento, tal proposta não encontra validação científica.⁵⁷⁸

Emergência reflexiva

Sabemos que os notórios Isaac Newton e René Descartes foram considerados os precursores do materialismo, cujo exemplar quis a história homenagear com seus nomes, através da expressão “paradigma newtoniano-cartesiano”. Todavia, antes de encerrar meus comentários, gostaria de compartilhar uma antiga perturbação intelectual: *aqueles que foram considerados os pais do materialismo científico foram, de fato, materialistas?*

Porto uma incômoda e surpreendente negativa como resposta. Exemplificarei com trechos de uma das obras de maior expressão de Descartes, selecionados e comentados no Quadro 15.3 na página seguinte. O título da obra, por si só, chamou minha atenção para lançar dúvidas sobre o suposto materialismo de seu autor: *Discurso do método: regras para a direção do espírito*.

Nota-se que a palavra *espírito* não sugere reducionismo material, mas, justamente, o contrário. Entretanto, reconheço sua ruptura com a escolástica medieval e elaboração de uma nova doutrina que edificou os pilares reducionistas das questões centrais da filosofia ocidental, sendo o autor em análise meritoriamente considerado um dos fundadores do pensamento moderno.

577 Referente ao célebre autor Karl Popper, detentor de meu profundo respeito intelectual.

578 Pelo menos, até a presente data – ano base 2014.

Quadro 15.3
Trechos selecionados da obra cartesiana *Discurso do Método* e refutação de seu perfil materialista científico

Trechos da obra “Discurso do Método” ⁵⁷⁹	Refutação da ligação cartesiana ao materialismo
“Porque súbita torrente de luz depara-se de improviso em 1619... ‘Neste ano fui visitado por um sonho que veio de cima... Ouvi o estrondo de um trovão... Era o Espírito da Verdade que descia para assenhorar-se de mim’. Na manhã seguinte, orou a Deus para que lhe concedesse a luz. Pois a sua vida, a partir de então, deveria ser dedicada à investigação da Verdade”.	A obra contempla um perfil de René Descartes (1596-1650), que ingressou na escola dos jesuítas, aos oito anos, onde os mestres encorajavam-no à prática de exercícios “espirituais”. A seguir, o jovem Descartes vivenciou uma experiência militar cujo abandono descreveu pelo trecho em destaque, donde concluo que Descartes distancia-se do que entendemos por materialismo, notoriamente por admitir conceitos como “Deus” e “espírito”.
“O fato de eu pensar revela-me a existência de algo que pensa. Que é esse algo? Sou eu. <i>Cogito, ergo sum</i> . Penso, logo existo. A minha própria dúvida demonstra minha existência de ‘duidador’. De outra maneira, nem a própria dúvida poderia existir”.	Considero marcante este trecho da obra onde Descartes deixa claro seu movimento em descortinar “algo” além do mero corpo físico para designar de “existência”. Enfim, poderemos considerá-lo materialista ou contrário à admissão da própria Consciência?
“Mas quem sou eu? Que sou eu? A essa pergunta dá Descartes uma resposta simples e lógica. ‘Sou aquilo que duvida. Em outras palavras, sou uma coisa pensante, ou um Espírito. Posso duvidar que eu seja um corpo ou que exista um mundo material onde vivo’. Não posso, contudo, duvidar de minha dúvida nem da existência do meu pensamento.”	Descartes parte de perguntas filosóficas notoriamente transcendentais e chega a colocar em dúvida o mundo material, em validação ousada de um universo existencial ligado ao pensamento. Novamente, seu discurso não apresenta sintonia com o materialismo radical.
“Disso infiro que sou uma substância cuja natureza toda consiste em pensar e para cuja existência não há necessidade de lugar nenhum, nem ele depende de nenhuma coisa material; de sorte que esse ‘eu’, isto é, a alma pela qual sou o que sou, é <i>inteiramente distinta do meu corpo</i> e é até mais fácil de ser conhecida do que este último; e mesmo se o corpo não existisse, não deixaria a alma de ser o que é.”	Isto é <i>materialismo científico</i> ? Penso que não e questiono se conotação atribuída à nomenclatura “paradigma newtoniano-cartesiano” esteja adequada a uma concepção que exclua a Consciência do mundo. Parece-me equivocado atribuir a Descartes a paternidade da coisificação da alma. No máximo, a frase em itálico demonstra mera desconexão cartesiana entre corpo e mente.
“E assim, pelo simples processo de pesquisar tudo, inclusive a existência do corpo, alcança Descartes (pelo menos a seu juízo) estabelecer uma coisa: a existência da alma”.	Dispensam-se maiores considerações, pois interpreto a validação do conceito de “alma”, por Descartes, contrária a sua fama materialista.

579 DESCARTES, René. Discurso do método: regras para a direção do espírito. Martins Fontes: 1999, p. 12, 14, 15 e 44.

“Meu corpo, como posso ver claramente, é uma substância. É uma substância material, assim como minha <i>alma é uma substância pensante</i>. A coisa chamada eu, conseqüentemente, consiste de duas partes distintas — a máquina que se move, ou corpo, e a mecânica que pensa, ou alma”.	Aqui temos duas pistas: a primeira, a distinção cartesiana entre pensamento (corpo mental) e alma (Consciência); a segunda, ligada ao chamado dualismo cartesiano que, em minha opinião, não se coaduna ao materialismo extremo, que reduz tudo à matéria e sua consequente negativa da Consciência.⁵⁸⁰
“Mas o que leva tantos se persuadirem que há dificuldade em conhecer Deus e em conhecer também o que é a alma, é o fato de não elevarem nunca o espírito acima das coisas sensíveis...”	Descartes valida a existência da alma humana e de Deus, ou seja, coleciono também este argumento para contrapor ao materialismo grosseiro, onde somente existe matéria.

Percebi que muitas interpretações e teorias atribuídas a Descartes estão equivocadas, motivo pelo qual explorarei uma terceira via. Antes porém, considero interessante analisar os supostos rebentos do que ficou conhecido como sistema dualístico que, supostamente, baseou duas teorias filosóficas divergentes: *o materialismo e o idealismo*.

O materialismo está associado à ciência materialista, foi compreendido e disseminado popularmente como excludente da Consciência e seus aspectos transcendentos. Segundo essa corrente de pensamento, o *espírito* seria parte da “máquina” corpórea e, obviamente, degeneraria com a referida “coisa”, fato que originou o pensamento moderno de um “mundo sem alma”, o que me parece incoerente com o postulado cartesiano.

Os idealistas, por sua vez, afirmam que o corpo é parte do espírito, inclusive com a negação da matéria pelos mais extremados, *mutatis mutandis*, conectado ao antigo conceito de *maya*, em que a ilusão seria a verdadeira natureza do universo objetivo, o que nos levaria ao extremo oposto do “mundo sem corpo”.

Parece-me que a questão mereceria uma postura equidistante em relação às concepções extremadas, mais bem colocada pela perspectiva das *conexões*. A ausência reducionista dessas mesmas ligações justifica o título escolhido para esta obra e enaltece a sua importância. Convido o leitor para um cuidadoso exame do Quadro 15.4, no qual apresento a minha visão do dualismo cartesiano e seu posterior desvirtuamento pelos materialistas e idealistas radicais.

⁵⁸⁰ No sentido de alma, essência ou espírito.

Quadro 15.4
Comparativo entre materialismo, idealismo, dualismo cartesiano e posicionamento pessoal

	Materialismo	Idealismo	Dualismo cartesiano	Posição pessoal
Espírito	Negação	Validação	Validação	Validação
Conexão	Negação	Negação	Negação	Validação
Matéria	Validação	Negação	Validação	Validação

Resta-nos perguntar: *que reducionismo é esse?* Reitero que o reducionismo cartesiano, ordinariamente, foi interpretado e utilizado de forma excessivamente generalista e para designar situações diferentes, em flagrante confusão com o reducionismo materialista que concentrou todos os aspectos da transcendência humana ao meio exclusivamente material. Em suma, reconheço a proposta de Descartes como, de fato, reducionista, mas um tanto diferente do senso comum,⁵⁸¹ notadamente pela desconsideração da emergência multiplicadora das conexões, já que a excessiva ênfase nas partes individualizadas – e não no todo – trouxe o equivocado raciocínio de que a simples análise dessas “peças” seria suficiente para conhecer o sistema formado por elas, o que também ficou conhecido através das expressões *meccanicismo e atomismo*. Citarei como exemplo dessa afirmação uma das principais regras do método de Descartes: “... dividir cada uma das dificuldades que devesse examinar em tantas partes quanto possível e necessário para resolvê-las”.⁵⁸²

Nesse momento, o cidadão que teve a paciência de chegar neste ponto da leitura poderá compreender a importância do conceito dos quatro quadrantes (Capítulo 11), na qualidade de pré-requisitos para qualquer teoria que pretenda, legitimamente, portar o *status* de *holística, integral ou transcendente*, nomenclaturas utilizadas erroneamente por tantos indivíduos que, apesar da boa intenção, desgastaram-nas e não perceberam que combatem o *reducionismo cartesiano* (matéria e espírito desconectados) como se fosse o *reducionismo grosseiro* (tudo é matéria) para afirmar a terceira modalidade também *reducionista* (tudo é espírito).

581 Notei que a discussão sofreu um certo sucateamento.
582 DESCARTES, René. Discurso do método: regras para a direção do espírito. Martins Fontes: 1999, p. 31..

Em suma, enxergo razoabilidade nos postulados filosóficos propostos nesta obra e respectivas emergências reflexivas para consolidar intimamente a expressão *sou, logo existo*. Finalizo este capítulo com a revelação de minha intenção no sentido de tratar da questão *quarta dessoma* separadamente da abordagem e do questionamento da frase cartesiana em foco. O próximo capítulo atenderá a este anseio pessoal, apesar da antecipação de muitas ponderações, elaboradas prematuramente em razão do difícil trato isolado desses desafiadores temas.

A quarta “dessoma”

Argumentos sobre o conceito do neologismo *dessoma* e todo o postulado que sustenta sua proposta foram debatidos nesta obra e, para a compreensão das próximas considerações, merecem leitura preliminar, especialmente o Capítulo 13, onde encontra-se toda a explicação conceitual e comentários introdutórios. Abaixo uma concentrada síntese para relembrar os aspectos mais importantes e alguns argumentos suplementares.

As três dessomas

Dessoma é um acrônimo oriundo da expressão “descarte do soma”; como visto preteritamente, aplica-se ao que chamamos de *morte do corpo biológico* e estende-se para o descarte de outros veículos de manifestação da Consciência, tudo à luz do postulado do *holossoma*, de acordo com a propositura validada pela Conscienciologia (Quadro 16.1).

Quadro 16.1

Síntese do postulado da Conscienciologia referente aos veículos de manifestação da Consciência e sua possibilidade de descarte

Consciência e seus veículos	Descarte	Visão conscienciológica
Consciência	Perenidade	Validação
Mentalsoma	4ª Dessoma	Não validação
Psicossoma	3ª Dessoma	Validação
Energossoma	2ª Dessoma	Validação
Soma	1ª Dessoma	Validação

Diante disso, para advogar a tese da *quarta dessoma*, solicitarei licença ao leitor menos familiarizado com a Conscienciologia para concentrar-me nas suas premissas, pois somente a partir da convicção íntima desses postulados, poderei desenvolver um raciocínio lógico no sentido de lançar a ousada proposta de um quarto descarte veicular. Preliminarmente, porém, ressalto a distinção entre os conceitos de crença, convicção racional e ciência.

Crença, convicção e ciência

Julgo fundamental a diferenciação entre a crença, a convicção filosófica – ainda desprovida do cumprimento das etapas de validação científica – e aquilo que nominarei de *hipótese vivenciada* ou sua repercussão empírica. O objetivo dessa classificação visa estabelecer a jurisdição pertinente a cada assunto ou proposta lançada nesta obra, mormente como profilaxia dos ataques de incautos indivíduos, ainda que bem intencionados, mas com a balda de criticar sem a devida atenção ao ambiente em que se encontra o debate. Reitero, pois, que estarei diante da área específica da convicção filosófica, que não se confunde com crença, dogma e hipótese vivencial, científica ou empírica.

O que chamamos de *fé dogmática* nada mais é do que a faculdade do indivíduo em acreditar na literalidade de determinados textos considerados “sagrados” ou propostas míticas, cuja fragilidade argumentativa obriga-me a avançar e dispensar considerações suplementares. A ciência que nominarei de empírica-exterior (muitos chamariam apenas de empírica, materialista ou ortodoxa) está ligada aos quadrantes direitos da proposta wilberiana, em sítio do “isso”, da “verdade nua e crua”, objetiva ou “interobjetiva”.

A expressão *ciência vivencial* interpreto em conexão com a proposta conscienciológica e seus requisitos próprios de validação, incluído aqui o *princípio conscienciológico da descrença*.⁵⁸³ Face ao exposto, gostaria de posicionar este debate na zona intermediária, nem científica e tampouco dogmática, mas ligada aos aspectos que nomino de *convicção razoável ou possibilidade plausível*, circunstância em que muitos optariam pela expressão jurisdição filosófica.

583 Suma do Princípio da Descrença: não acredite em nada, vivencie.

Finalmente, aproveitarei estas últimas linhas do presente tópico para compartilhar meu desejo de estender o método científico clássico para além dos componentes exteriores ou materiais, a fim de que possamos verificar uma espécie de “ciência integral”, empírica e vivencial, material e consciencial, em que tudo seja objeto de debate sério e investigação profunda.

Nesse cenário, a subjetividade legítima e a intersubjetividade interpretativa manteriam sua independência moderna (diferenciação dos três grandes),⁵⁸⁴ mas não estariam totalmente dissociadas, a fim de possibilitar uma aproximação respeitosa, interdependente e assistencial (diálogo dos três grandes), totalmente distinta do monopólio dogmático da “virtude” (patologia típica da jurisdição do “nós”⁵⁸⁵ ou “coletivista”) imposta ao espaço individual e científico (território do “eu”⁵⁸⁶ e do “isso”⁵⁸⁷).

Esse autoritarismo atualmente ocupado pelos “neo-genuflexores” da hodierna divindade laica chamado Estado, em que o “governo-babá” assumiu o papel de papai protetor e provedor, transforma os existencialmente imaturos num grande rebanho ideológico, onde o indivíduo resta sufocado pela vigília “politicamente correta”.

Não se trata de edificar templos à modernidade individualista, muito menos apreciar um infantil saudosismo romântico de um “bondoso passado naturalista”, mas de lançar um olhar visionário focado na conservação dos ganhos modernos e eliminação de suas mazelas, com soluções criativas, libertárias e adequadas às demandas pela emancipação do indivíduo que, somente com os respectivos ônus e bônus da responsabilidade por seus atos, aprenderá a caminhar com autonomia.

Poderá perguntar o leitor: *afinal, qual a relação do exagero ideológico-coletivista com a quarta dessoma?* O tema político-ideológico está fortemente impregnado em minhas teses, pois, para cogitarmos⁵⁸⁸ um pensamento novo, ainda que como mera hipótese, devemos primeiramente estar alforriados de nos-

584 Capítulo 11.

585 Ética, coletividade, intersubjetividade.

586 Estética, arte, individualidade, subjetividade.

587 Verdade, objetividade e interobjetividade.

588 Importante diferenciar, neste contexto, o significado de “cogitar” e “provar”.

sos próprios condicionamentos, mormente aqueles oriundos de qualquer *co-ativismo ideológico*, por meio do qual um grupo, um clã, o próprio Estado, uma instituição, uma comunidade ou um pensamento relativamente homogêneo que sufoca a liberdade criativa e personalíssima. Vale dizer, para inserir tal reflexão voltada a eventual diálogo lógico e racional, necessitarei de interlocutores despidos de verdades absolutas ou do citado ranço da negação peremptória de qualquer tese – ainda como mera suposição – e de tudo que não estiver rigorosamente demonstrado em algum “tubo de ensaio”.⁵⁸⁹

Quarta dessoma

Apresentar argumentos para dedução lógica da *quarta dessoma* parece-me absolutamente factível e, como visto, está distante do conceito de “fé cega” ou algum tipo de crença religiosa. Ao contrário, trata-se de convicção baseada em interpretação sistêmica de inúmeros postulados, segmentos e vertentes aqui analisados. Assim, mesmo diante da carência empírica e vivencial do tema lançado para o debate, patrocino o postulado sintetizado no Quadro 16.2, limitando-me ao território da mera convicção dedutiva aos preceitos conscienciológicos, presumindo-os verdadeiros.

Quadro 16.2
Síntese da proposta da *quarta dessoma*

Consciência e seus veículos	Descarte	Convicção dedutiva
Consciência	Perenidade	Aceitação
Mentalsoma	4ª Dessoma	Aceitação
Psicossoma	3ª Dessoma	Aceitação
Energossoma	2ª Dessoma	Aceitação
Soma	1ª Dessoma	Aceitação

Mateologia

O estudo de assuntos abstratos ou altamente complexos e inalcançáveis diante dos recursos disponíveis pela humanidade é chamado de *Mateologia* e, não raro, considerado inútil. Mantenho contundente ceticismo em relação a negar toda e qualquer utilidade ao exercício “mateológico”, pois o ato de “navegar por estes mares” e dinâmicas do tipo *brainstorm* ou “tempestade

⁵⁸⁹ “Tubo de ensaio”: alusão ao materialismo científico.

de ideias”, na mais conservadora das hipóteses, outorgaram-me prazer reflexivo, associações criativas e outros componentes que não posso aceitar como inúteis, apesar de considerados não científicos.

Por outro lado, ou na expressão estadunidense *on the other hand*, parece-me coerente a alegação de perda de tempo quanto à insistente permanência em debates inconclusivos e totalmente desprovidos de lógica e racionalidade. Quanto a esse aspecto, a expressão idiomática “discutir o sexo dos anjos” elucida e vivifica a informação que desejo comunicar. Nesta linha de argumentação, o bom senso emerge como importante ingrediente e, para manter o estilo jocoso ligado à sabedoria popular que tanto respeito, destacarei a frase “nem tanto ao mar, nem tanto à terra”, numa avaliação individualizada do que tem lógica e daquilo que é tolice ou teoria “sem pé nem cabeça” e desprovida de mínima capacidade argumentativa racional.

Isso posto, interpretei prazerosamente as premissas analisadas nesta obra e proponho que não somos mentalsoma ou nosso pensamento, mas “algo que pensa” e apenas utiliza o veículo adequado para este fim, motivo pelo qual apresentarei uma adaptação e complementação do Capítulo 13 com uma analogia exposta no Quadro 16.3.

Quadro 16.3

Conexões entre a Consciência, seus veículos de manifestação e uma analogia possível

Consciência e seus veículos	Analogia possível	Conexão
Consciência	Ferramenteiro	Existência
Mentalsoma	Ferramenta mental	Pensamento
Psicossoma	Ferramenta emocional	Sentimento
Energossoma	Ferramenta energética	Energia sutil
Soma	Ferramenta material	Energia densa

As questões multiplicam-se a partir desta exposição, cujo destaque passou a ser a própria Consciência, analogamente apresentada como “o ferramenteiro”, que não se confunde com suas ferramentas, mas sim as transcende pelo postulado conscienciológico e também as inclui, no universo “não dual” wilberiano. Uma questão para reflexão: *não estaria “cartesiano demais” o quadro supra?*

Respondo negativamente até o presente momento, principalmente por considerar justamente aquilo que falta no *reducionismo cartesiano*, explorado e exposto no capítulo precedente, ou seja, as *conexões* entre todas as partes que compõem as respectivas totalidades. Outras questões supostamente mais óbvias podem surgir, com respostas que poderão variar conforme o prisma abordado e ficarão para a reflexão do leitor: *somos a ferramenta ou o ferramenteiro? Somos nosso pensamento? Se negativa a resposta, porque não concluirmos pela possibilidade de descarte do mentalsoma? Podemos responder a tais questionamentos além do “sim” ou do “não”?*

Impacto na representação do mentalsoma

Nos cursos, palestras e entrevistas sobre Conscienciologia de que participei, o mentalsoma foi representado desprovido da forma humana, por um círculo ligeiramente difuso, em geral da cor branca ou amarelada e um pequeno ponto em seu interior, de coloração um pouco diferente ou intensificada, para representar a Consciência. Considero a possibilidade de futura validação da proposição da hipotética *quarta dessoma* que, se ocorrer um dia, demandará a modificação da representação da Consciência e seus veículos de manifestação, conforme comparativo exposto no Quadro 16.4.

Quadro 16.4
Comparativo entre a representação clássica da Conscienciologia e a proposta pessoal em investigação

Representação conscienciológica	Hipótese pessoal
	 Consciência
Consciência e Mentalsoma	 Mentalsoma

Face ao exposto neste e em outros capítulos, encerro minhas ponderações e convido o leitor ao ingresso nas próximas propostas de reflexões representadas por máximas que envolverão uma pluralidade de conhecimentos interpenetrados, numa cadeia complexa e bastante dependente do estudo e compreensão de todos os ingredientes integrais e valores conscienciológicos ligados à demanda pragmática da evolução. Assim, valendo-me de uma empolgante efervescência de princípios, proporei uma técnica que vivenciei e observei com o devido cuidado e que representa sugestão altamente desafiadora de elevação do nosso estágio de desenvolvimento moral.

O autor modela a obra ou vice-versa?

Como é fácil cometer equívocos nos limites da Ciência, em especial nos temas que envolvam a transcendência humana! Poucos autores têm o necessário desprendimento e frieza, no melhor sentido desta palavra, para admitir suas incompletudes e naturais equívocos no decorrer do processo de exposição de seu pensamento, circunstância em que é preferível “ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”, nas palavras da bela composição musical interpretada pelo falecido cantor Raul Seixas.⁵⁹⁰

O estadunidense Ken Wilber e o brasileiro Waldo Vieira são figuras públicas e personalidades consideradas polêmicas, ao menos por mim. Ambos ousaram pensar o universo em suas diferentes vertentes e sobre eles apresentarei sinteticamente minhas impressões, além de explicitar como seus respectivos e abrangentes interesses a respeito de assuntos transcendentais atraíram minha atenção. Tal objetivo ocupou-me na construção dos tópicos que compõem este capítulo:

- Wilber I – romântico.
- Wilber II – evolucionista linear.
- Wilber III – evolucionista não-linear.
- Wilber IV – integral.
- Wilber V – perspectivas.

⁵⁹⁰ SEIXAS, Raul. *Metamorfose ambulante*, 1973.

- Waldo I – espírita.
- Waldo II – conscienciólogo.

- Ton Martins I – buscador.
- Ton Martins II – hermético.
- Ton Martins III – integrativo.
- Ton Martins IV – autônomo.

Wilber I – romântico

A obra de Ken Wilber apresenta cinco fases, todas admitidas pelo próprio autor. A primeira delas, como o título deste tópico sugere, foi marcada pela visão romântica, que, sinteticamente, apregoa: um passado melhor ou mais glorioso que o presente; uma idade de ouro; uma inocência esquecida; uma bondade ou paraíso perdido; o mito do selvagem nobre; a pureza da criança ou o exagero que leva à conclusão de que o homem nasce bom e a sociedade deve suportar o ônus por corrompê-lo. O maior ícone do equívoco romântico foi o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, considerado pai do movimento político coletivista, e sua teoria do *Contrato Social*, da qual sou um crítico mordaz e conservo distanciamento ideológico.

Wilber identificou sua fase romântica e, posteriormente, considerou corajosamente o romantismo como o movimento inserido no que denominou de “falácia pré-trans 2”, exposta no capítulo 7 da presente obra e ora sintetizada no Quadro 17.1. Tais falácias não invalidam, mas comprometem algumas interpretações das informações contidas nas obras *O Espectro da Consciência* (1977) e *A Consciência sem Fronteiras* (1979).

Quadro 17.1
Reapresentação das falácias “pré-trans 1 e 2”, ambas reducionistas por indevida exclusão de um nível de consciência

Níveis de consciência	Falácia pré-trans n. 1	Falácia pré-trans n. 2
Pré-pessoal	Aceitação	Negação
Pessoal	Aceitação	Aceitação
Transpessoal	Negação	Aceitação

Agradeço publicamente ao especialista wilberiano Ari Raynsford pela fantástica didática que utilizei em muitos momentos nesta obra, não apenas para ilustrar o conceito em torno da “falácia pré-trans 2”, mas também por seus aspectos mnemônicos, como o da evolução em “U”, que parte de um fantasioso “paraíso inconsciente”, seguido de um “inferno consciente” para um “paraíso consciente”, flagrantemente associado ao movimento romântico (Figura 17.1).

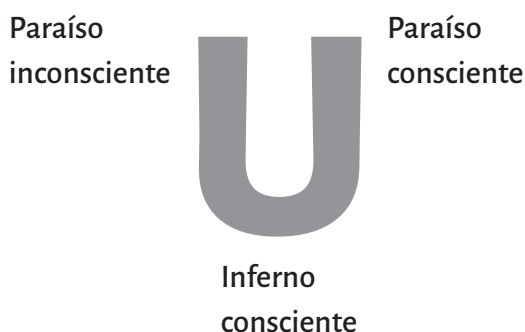


Figura 17.1 – Falso movimento evolutivo denominado por Wilber de “falácia pré-trans n. 2”

Associo este ilusório “paraíso inconsciente” à fantasiosa pureza perdida representada pelo mito do “selvagem nobre”, ao princípio do nascimento humano como *tabula rasa* e a uma difusa abstração social vilificada como a hostil transformadora da vida coletiva no “inferno consciente” do indivíduo. Esse, por sua vez, teria o direito de reivindicar e portar-se como legítimo credor deste hipotético “paraíso perdido” que lhe fora supostamente usurpado por essa coletividade, posteriormente personificada no conceito de Estado, o que deveria satisfazer às demandas destes “prejudicados” como forma de reparação. Esse equivocado pensamento, testado e reprovado em todos os cantos do mundo, está na base das ideologias político-românticas e fez parte desta fase wilberiana.

Wilber II – evolucionista linear

Wilber caminha positivamente na direção certa e ganha progressivamente maior maturidade intelectual com o abandono da visão romântica, rous-

seauniana e das falácias igualitárias para incluir em sua obra a visão evolucionista linear, sob a influência do Grande Ninho do Ser e suas ondas ou níveis de consciência. Na mente de Wilber, surgiu com maior clareza o primeiro elemento da teoria integral e a preparação para os passos seguintes. A Figura 17.2 traz uma representação da segunda fase do pensamento wilberiano, período que foi o marco da obra *Up from Eden* (1981).⁵⁹¹

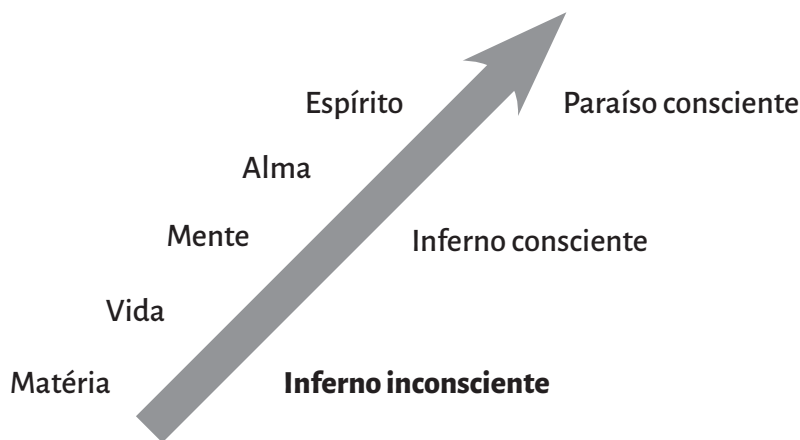


Figura 17.2 - Representação da visão evolucionista linear wilberiana

Wilber III – evolucionista não-linear

Wilber percebe que a evolução ocorre em diferentes linhas e não apenas num único nível de consciência linearmente delimitado, o que valida a hipótese de um desenvolvimento não linear, ou seja, alguém poderá estar de fato desenvolvido na linha cognitiva e usar seus conhecimentos sem nenhum envolvimento ético ou inteligência interpessoal, por exemplo. Nesta fase, os quatro primeiros elementos da Filosofia Integral – níveis, linhas, estados e tipos – foram estruturados e sobre eles caberia o seguinte questionamento final: como integrar tudo isso?

Wilber IV – fase integral

A fantástica integração de *tudo*, numa espécie de “tudologia” ou, como o nome de uma de suas obras sugere, *Uma Teoria de Tudo*, ocorreu na fase

⁵⁹¹ Traduzido por Raynsford sob o título *Éden: queda ou ascensão?*

identificada como “Wilber IV”, marcada pela apresentação magistral do modelo integral e suas quatro perspectivas, iniciada no ano de 1995, com a obra *Sexo, Ecologia e Espiritualidade*. A partir dos quatro primeiros componentes da fase Wilber III – níveis, linhas, estados e tipos – e seu impulso integrativo, emergiu o *insight* que considero brilhante: os quatro quadrantes. A partir desta integração, surgiram as obras *Uma Breve História do Universo* (1996), *A União da Alma e dos Sentidos* (1998), *Psicologia Integral* (2000), a referida *Uma Teoria de Tudo* (2000) e *A Visão Integral* (2007), entre outras. Para a compreensão desta fase wilberiana, considero fundamentais os conceitos tratados no bloco introdutório deste livro.

Wilber V – perspectivas

Reputo a fase mais complexa da obra wilberiana, na qual cada um dos quatro quadrantes foi impactado por mais duas perspectivas, uma interior e outra exterior. A obra *Espiritualidade Integral* (2006) será nosso grande desafio para a compreensão destes prismas *endógenos* e *exógenos*, na falta de melhores termos.

Waldo I – espírita

Waldo Vieira declara-se um dissidente⁵⁹² do Espiritismo e sua história pessoal está coerente com suas palavras. Pela minha percepção, talvez não muito qualificada – pois observo apenas externamente o processo deste autor – concluí que a fase espírita do professor Waldo Vieira foi produtiva e de riquíssimo aprendizado pessoal. Conheço apenas perfunctoriamente o propositor da Conscienciologia, mas reconheço sua perspicácia evolutiva e aguçada inteligência para usufruir positivamente das experiências e vivências pretéritas, ainda que em contexto ainda ligado a uma estrutura religiosa, que combateria futuramente.

Waldo II – conscienciólogo

Apesar de uma existência repleta de outras atividades, o médico, odontólogo, escritor, empreendedor e lexicógrafo mineiro tem como grande feito a proposição da Conscienciologia. Face à magnitude dessa realização e à grandiosidade da proposta wilberiana, nominada de Filosofia Integral, passei a respeitar intelectualmente ambos os autores (embora não comun-

⁵⁹² Para ser preciso, o termo ordinariamente utilizado por este autor é “maxidissidente”.

gue com tudo, especialmente em relação à terminologia⁵⁹³ e tendências políticas)⁵⁹⁴ e busquei experimentar as práticas conscienciológicas e suas longas dinâmicas e eventos assistenciais, sempre relacionados com a dimensão extrafísica.

Embora a fase “Waldo I” contenha obras e parcerias com o parapsíquico brasileiro Chico Xavier, optei por listar apenas a bibliografia conscienciológica ligada à fase “Waldo II”: *Projeções da Consciência: Diário de Experiências Fora do Corpo Humano* (1979); *Projeciologia: Panorama das Experiências da Consciência Fora do Corpo Humano* (1986); *700 Experimentos da Conscienciologia* (1994); *O que é a Conscienciologia* (1994); *Manual da Tenepes: Tarefa Energética Pessoal* (1995); *A Natureza Ensina* (1996); *Máximas da Conscienciologia* (1996); *Minidefinições Conscienciais* (1996); *Nossa Evolução* (1996); *Conscienciograma: Técnica de Avaliação da Consciência Integral* (1996); *100 Testes da Conscienciometria* (1997); *200 Teáticas da Conscienciologia* (1997); *Manual da Dupla Evolutiva* (1997); *Manual de Redação da Conscienciologia* (1997); *Manual da Proéxis: Programação Existencial* (1997); *Temas da Conscienciologia* (1997); *Homo sapiens reurbanisatus* (2003); *Enciclopédia da Conscienciologia* (2006); *Homo sapiens pacificus* (2007) e *Manual dos Megapenses Trivocabulares* (2009).

Ton Martins I – eclético

Possuo memórias e lembranças, da infância à fase adulta, marcadas pela curiosidade sobre assuntos transcendentais e bastante complexos. Procurei respostas em vários segmentos, sociedades fechadas, filosofias e entidades assistenciais, onde encontrei apoio, edificantes leituras e suporte intelectual dignos de minha gratidão e reconhecimento, mas ainda estava distante da completude ou, ao menos, de uma serenidade em sintonia com minhas convicções mais profundas.

Esse ecletismo intelectual marcou esta fase inicial e meu interesse difuso, desde Maçonaria, Teosofia, Psicanálise, Psicologia, Movimento Transpessoal e Espiritismo até a doutrina conhecida como Racionalismo Cristão, com a qual encontrei afinidade por seus próprios postulados e também

593 Perturbam-me alguns significantes, como o termo “místico”, utilizados com significados opostos entre Conscienciologia e Filosofia Integral, o que poderá causar muita confusão.

594 Em termos políticos, incomodam-me as visões distributivistas ou sócio-coletivistas.

através da prática altruísta de minha saudosa avó materna⁵⁹⁵ por esta vertente. Todas essas linhas do conhecimento humano, de certa forma, preencheram-me positivamente nos contextos respectivos e agregaram-me valor.

Ton Martins II – hermético

Aproximadamente na virada do milênio, entrei em contato com conceitos e valores conscienciológicos e manifestei imediata afinidade, especialmente com o estilo técnico da obra *Projeciologia*, que considero um significativo marco de elucidação e esclarecimento sobre assuntos transcendentais. Tornei-me um conscienciólogo hermético, um praticante aplicado, estudante dedicado e leitor das obras e tratados de Conscienciologia, fato que posteriormente levou-me a idealizar programas e promover o debate destas pesquisas.

Ton Matins III - integrativo

Paulatinamente, senti necessidade de comparar, associar e integrar os conhecimentos da Conscienciologia com outras propostas, em especial com a Filosofia Integral e seu propositor, Ken Wilber, cujos ideais faziam sentido para mim, apesar de alguma dificuldade com a terminologia utilizada.

Estava em ebulição a fase que adjectivei de *fase integrativa*, bastante influenciada por posturas saudavelmente abertas e reflexões pessoais sobre diálogos com alguns amigos do paradigma conscienciológico e outros ligados à perspectiva integral.

Esta obra consiste na tentativa de viabilizar um diálogo entre propostas diferentes ou, como diria o grupo de estudos ligados à Filosofia Integral, “extrair o parcialmente correto de cada segmento e integrá-los” ou, ainda, na linguagem mais conscienciológica, “buscar as verdades relativas de ponta pela fricção de ideias”.

Reputo merecedor de destaque o fato de que esta obra extrapolou sua proposta, pois emergiram associações com os autores mais variados, processo em que identifiquei totalidades e foquei nas *conexões* identificadas. Estava consolidada essa fase de minha vivência e formação intelectual, quando a

595 Ida Bergamasco Schiavi.

vontade de integrar, transcender e incluir emergiu com destaque e representou cada linha desta franca atividade comunicativa, em atrevida exposição de algumas propostas.

Ton Martins IV – autônomo

Durante o processo criativo para a confecção da presente obra e pesquisa dos mais diversos autores, da Filosofia à Metafísica, das Tradições de Sabedoria à Conscienciologia, notei-me absolutamente independente de qualquer proposta e concomitantemente *conectado* a todas elas, além de grato aos esforços dos indivíduos que, no passado, tanto fizeram para que toda a humanidade pudesse acessar todo um universo de informações transcendentais, repletas de opiniões e teorias sobre temas como parapsiquismo, multidimensionalidade e outros que ainda são considerados pela esmagadora maioria do contingente humano como misteriosos e, pela ciência convencional, como inexistentes. Registro meu profundo reconhecimento aos que enfrentaram as barbáries humanas e mantiveram artefatos do saber a nossa disposição para livre acesso, avaliação e crítica.

Nascera o pesquisador autônomo comprometido com as várias vertentes, teses e cidadãos pesquisados, mas, acima de tudo, conectado e fiel a sua própria consciência e valores personalíssimos, numa serena simbiose entre *autonomia e pertencimento, totalidade e partição, meritocracia e solidariedade, individualidade e coletividade, independência e conectividade*, a fim de observar a hierarquia evolutiva de cada Consciência e conciliar valores como bondade, solidariedade, fraternidade, compreensão, acolhimento, liberdade, autonomia, justiça e validação meritocrática. Em suma, aplaudo veementemente e outorgo suporte vivencial para a integração harmônica entre *ser e participar* e superação definitiva do conflito representado pela expressão “isso *versus* aquilo”.

Posfácio

Teoria e prática



Estágios do desenvolvimento moral

Considereei a presente obra concluída no capítulo pretérito, porém, percebi que faltava “algo” que convidasse a mim e a cada leitor a atuar positiva e eficazmente em seu próprio ser e também em seu respectivo ambiente existencial, preferencialmente na direção do bom senso, do justo, enfim, do bom, do belo e do verdadeiro. Concluí que este referido “algo” tratava-se justamente da conexão entre a teoria e a prática.

Este encerramento deixará o estilo mais teórico desta obra e versará sobre a ação executiva do estudo axiológico, conectado a uma reflexão sobre os valores em seu sentido moral e uma proposta eminentemente funcional e classificatória dos princípios pertencentes ao caráter e à dignidade individual ou coletiva, com destaque e hierarquização ética. Indispensável reiterar, como fiz na abertura destes estudos, minha autonomia em relação aos postulados conscienciológicos, integrais, filosóficos, político-ideológicos ou a qualquer conceito aqui tratado, mormente por meu norteammento demasiadamente centrado em meus próprios valores pessoais.

Os contatos entre as técnicas de autoconscientização do estágio ético personalíssimo, a seguir apresentadas, baseiam-se em diversos estudos e uma série de conclusões íntimas e vivenciadas em amplo laboratório social, profissional, familiar e institucional, algumas delas ligeiramente indigestas, mas altamente didáticas e fruto de conhecimentos experimentados, interpretados e associados livremente, visando a contextualização mesológica e a automensuração ética. Portanto, se todas as proposições pretéritas desta obra

estiverem equivocadas, ainda estarei feliz se o leitor refletir sobre o conteúdo dos quadros cuidadosamente elaborados que apresentarei a seguir.

Proponho uma técnica, nem sempre agradável, de autopesquisa sob a égide desta hierarquia moral e valorativa, testada pessoalmente e concentrada no entendimento do termo “convencional”, bastante utilizado em algumas obras wilberianas, fato que gerará, no mínimo, três possibilidades ou perspectivas, ou seja, o pensamento atual, seu antecessor e seu sucessor. Associo o conhecimento teórico e prático ao desafio individual de localizar nosso nível moral em relação ao ambiente em que vivemos, a partir do qual todos os conceitos ligados à ética, sem exceção, poderão ter aplicação imediata.

A leitura desta obra, em especial das linhas futuras, exigirá a habilidade de trabalhar com desconfortos, crises, prováveis arrependimentos e demandará contundente autoenfrentamento. Portanto, não recomendo o avanço para indivíduos tíbios, acomodados ou refratários à mudança interior, postura típica dos que se arrogam na condição de “sábios” ou “monopolistas da virtude” e concebem “o outro” como o grande problema. Recordo-me do filósofo parisiense Jean-Paul Charles Aymard Sartre, sobre cuja ideologia política tenho gigantescas restrições, mas em quem reconheço o toque de um humor provocativo em sua famosa fala: “o inferno são os outros”.

Conceito e contextualização

Estágios do desenvolvimento moral são as fases de amadurecimento existencial, processo em que a “adultidade”⁵⁹⁶ e a tomada de consciência norteiam o indivíduo evolutivamente proativo rumo a patamares e cosmovisões transcendentais e inclusivos. A contextualização mesológica do nosso desenvolvimento moral é condição notória para a utilização desta técnica de pesquisa individual. Aquele que portar maturidade evolutiva para aplicar esta técnica estará habilitado para diferenciar graus éticos de indivíduos, famílias, clãs ou sociedades, sempre focado no contraste com sua ação cotidiana, ou seja, seus costumes ou atos reiterados, já que os hábitos apontarão para alguém ou além de modismos situados no eixo “certo-errado” ou “politicamente correto” regional e temporal. A com-

⁵⁹⁶ No sentido de maturidade evolutiva, que se distingue do conceito meramente cronológico.

preensão deste conceito e sua aplicação na “auto e heteropesquisa” possibilitará o mapeamento, diagnóstico e tratamento evolutivo-existencial, além de apontar indicativos importantes para classificação hierárquico-evolutiva.

Origem do modelo

A Filosofia Integral utilizou-se dos conceitos flagrantemente hierárquicos através dos termos “pré-convencional, convencional e pós-convencional”, inspirado em inúmeros autores,⁵⁹⁷ cujos postulados foram genialmente relacionados em conexões valorativas e escalonadas.⁵⁹⁸ Contudo, cabe-me esclarecer que o modelo que apresentarei abaixo não é idêntico ao das obras wilberianas, nem representa um perfeito alinhamento conscienciológico, pois adjectivei de *convencional* a visão majoritária da unidade geopolítica do pesquisador. Trata-se, portanto, de um conceito móvel, de construção adaptada ao contexto, moralmente categorizado, eticamente classificatório, confrontador e comparativo,⁵⁹⁹ no qual o componente atitudinal contextualizado do indivíduo será a referência de si mesmo.

Haverá a demanda específica do atributo da *coragem* para os autopesquisadores que, além do despojamento das respectivas armaduras ego e etnocêntricas, enfrentarão o maior obstáculo de suas vidas para a evolução de suas Consciências: *seus próprios mecanismos de defesa*. Isso posto, explorarei ideias e posicionamentos sob o modelo classificatório de mensuração do desenvolvimento moral, adaptado ao primeiro elemento integral (Capítulo 7), segundo o qual o conceito de desenvolvimento humano passa por quatro grandes estágios, o último deles adjectivado de “pós-pós-convencional”:

- **Pré-convencional:** neste exercício de autoenfrentamento ético, considerarei pré-convencional a “cosmovisão” ultrapassada e atrasada em face da existente e dominante na unidade geo-econômico-política do

597 WILBER, Ken. O olho do espírito. Cultrix: 2001, p. 160-162.

598 WILBER, Ken. Psicologia Integral: Consciência, Espírito, Psicologia, Terapia. Cultrix: 2002, p. 44, 219-237.

599 Considerado “politicamente incorretíssimo” para os dias atuais, quando existe a ilusão da igualdade, mormente dentre os que alocam externamente suas próprias mazelas e frustrações para que “o outro” (Estado, entidade divina, governo etc.) seja o grande responsável por seu alento, em esquecimento de si próprio neste processo reconhecidamente complexo.

cidadão-pesquisador. No plano individual, poderá tratar de seres destrutivos ainda não socializados, de adaptação deficitária e carente do que chamamos de urbanidade. Podem manifestar-se em tendências tirânicas, dissimuladas ou mecanismos mais rústicos de interação, no estilo *viva la revolución*.⁶⁰⁰ Analisado sob o prisma social, verifica-se uma teia entre valores e costumes retrógrados e justificadamente não incorporados pelos padrões sociais convencionais.

- **Convencional:** perspectiva bem adaptada aos costumes, hábitos ou cultura majoritários. Representa a interiorização positiva dos valores sociais básicos e cultura predominante, mas sob o risco da negativa robotização existencial coletiva. Os padrões éticos convencionais comumente resistem às forças contrárias “pré e pós-convencionais”.
- **Pós-convencional:** representação inovadora e transcendente ao exemplar convencional. O indivíduo pós-convencional dos nossos tempos é autogestor, reflexivo e aberto ao novo, porém distante de imposições pretensiosas das panaceias político-salvacionistas. A cidadania pós-convencional apresenta-se mais madura em comparação com a exercida pela massa “democraticamente” conduzida pelo modelo considerado “politicamente correto”. Ao conservar sua criticidade sadia e isenta, o indivíduo pós-convencional demonstra valores invulgares e está capacitado para proteger o que funciona e propor avanços construtivos em questões ainda deficitárias – diferentemente da cultura revolucionária pré-pessoal, que deseja derrubar *todos* os valores e costumes pré-estabelecidos.
- **Pós-pós-convencional:** conceito que supera o binômio espaço-tempo e outorga perspectiva visionária, de aplicação futurista e além da capacidade interpretativa excessivamente tendente aos convencionalismos e suas derivações pós-convencionais. O cidadão pós-pós-convencional portará excentricidades aos olhos dos demais, mas saberá ir além das demandas ordinárias, com o devido respeito e contextualização temporal. Trata-se do que chamamos de genialidade, superdotação ou inteligência invulgar.

⁶⁰⁰ “Viva a revolução”.

Enfrentamento pragmático

Escolhi temas do cotidiano mesológico de minha unidade geo-econômico-política temporal,⁶⁰¹ alguns vivenciados e outros apenas fruto de observação, lançados em ordem alfabética no Quadro 18.1. Em referência aos termos pré-convencional, convencional e pós-convencional, chamarei tal sistema de “pré-con-pós”, obviamente passível de acréscimo de visões precedentes “pré-pré-convencionais” ou sucessoras “pós-pós-convencionais”.

Quadro 18.1

Comparativo de posturas “pré-con-pós” e extrapolações hipotéticas “pós-pós-convencionais”.

Temas	Pré-convencional	Convencional	Pós-convencional	Pós-pós-convencional
Apêndice moral	Crescendo invertebrado moral-exoesqueleto moral ⁶⁰²	Crescendo exoesqueleto moral-endoesqueleto moral ⁶⁰³	Crescendo endoesqueleto moral-integração holoesquelética moral ⁶⁰⁴	Holoesqueleto moral ⁶⁰⁵
Autonomia	Dependência	Independência	Interdependência	Inter-assistência
Batizado	Malignidade do recém-nascido	Adesão ao costume sócio-familiar	Coerência entre a crença e o componente atitudinal	Contextualização e avaliação da situação
Casamento ritualístico	Crença ritualística	Adesão ou manipulação para sua realização	Coerência entre valores convicções e ações	Contextualização das macro necessidades
Classificação	Pré-modernidade	Modernidade	Pós-modernidade	Pós-pós-modernidade

601 Cidade de Jundiaí, interior do Estado de São Paulo, Brasil, ano base 2014.

602 Indivíduo desprovido de moral interior que busca legitimamente uma “muleta” ou “apêndice” externo como apoio assistencial (instituições, códigos de conduta, religiões, alcoólicos anônimos e demais positivos instrumentos de apoio).

603 Indivíduo que já caminha por suas próprias pernas e mantém razoável equilíbrio ético.

604 Indivíduo agradecido às ajudas recebidas, que passa a apoiar em relação contributiva de alguma espécie.

605 Indivíduo que desenvolve a fluidez macro para inter-relações assistenciais, cujas ferramentas são próprias e personalíssimas, com adaptação assistencial a cada contexto e suas conexões. Sugiro a releitura do capítulo 7, particularmente do conceito da “espiral do desenvolvimento humano”, de Claire Graves.

Conflito de interesses	Coletivismo tirânico e falácias em nome: 1. "de Deus". 2. "do povo"	Individualismo: "ninguém manda em mim"	"Individual e coletivo" em harmonia. Valores meritórios e assistenciais	Contextualização das ferramentas a serem utilizadas
Cosmovisão	Visão mítica	Racional	Humanista	Universal ou <i>kósmica</i> ⁶⁰⁶
Crítica	Crítica emocional	Crítica lógica e racional	Crítica lógica, racional, e "exemplarista"	Crítica "exemplarista translógica" ⁶⁰⁷
Criticidade	Crítica ilógica, vazia, com jargões ingênuos e utópicos	Satisfação sistêmica. Comodismo	Capacidade auto e heterocrítica e resultados fundamentados	Auto e heterocrítica focada na macro gestão
Demanda	Diga-me o que fazer ⁶⁰⁸	Não me diga o que fazer	Juntos faremos mais	Juntos faremos mais para todos
Estágios	Egocentrismo ⁶⁰⁹	Etnocentrismo ⁶¹⁰	"Mundocentrismo" ⁶¹¹	"Kosmocentrismo" ⁶¹²
Ética	Assimetria ética	Assimetria e muleta ética	Simetria ética individual	Simetria ética integral
Fenômenos parapsíquicos	Poderes míticos ou mágicos	Fértil imaginação humana	Diferenciação entre mistificações embusteiras e fenômenos legítimos	Diferenciação <i>entre</i> e compreensão dos embustes e dos fenômenos legítimos
Jogo político	Jogo do "perde-perde"	Jogo do "perde-ganha"	Jogo do "ganha-ganha"	Jogo da otimização
Livre arbítrio	Rebeldia marginal	Robotização existencial	Reciclagem ou inversão existencial	Autogestão lúcida ⁶¹³ e contextualizada
LOC⁶¹⁴	LOC ausente	LOC externo	LOC interno	LOC interno e externo

606 Kosmos (com "k"): vide resgate conceitual pitagórico exposto no capítulo 2.

607 As atitudes virtuosas e exemplos personalíssimos, ainda que mal compreendidos racionalmente, transcenderão as palavras ou a lógica por seus próprios resultados funcionais e assistenciais contextualizados.

608 O "coletivo" ou o "social" deverá ditar a conduta. Exemplos: a moda, o "politicamente correto", a "moral em voga", as ideologias supostamente "boazinhas" etc.

609 Narcisismo infantil.

610 A conduta determinada pelo clã, família ou sociedade e visão de mundo baseada nestes valores. Exemplo: expressão popular "aos amigos, tudo; aos inimigos, a lei"; desinteligência ética do dito popular "se não pode com eles, junte-se a eles".

611 Visão de mundo focada no planeta em que o indivíduo vive, no caso, o planeta Terra.

612 "Kosmocentrismo" (Filosofia Integral) e Universalismo (Conscienciologia). Cosmovisões transcendentais e inclusivas das múltiplas dimensões e complexidades.

613 O indivíduo transcende a técnica aplicada.

614 LOC: *Locus of control* (local de controle).

Moral política	Ideais coletivistas, comunistas ou ditas socialistas, em que o altruísmo é próprio e o ônus alheio	Ideais individualistas, do capitalismo de Estado, onde “quem pode mais, chora menos”	Associação de valores cooperativos, liberais e empreendedores às demandas grupais. Capitalismo de mercado	Contextualização e integração dos valores meritórios, fraternos e suas respectivas conexões
Natalidade	Ideal do ocidente, da década de 1960: 4 filhos. No início do século XX: “quantos Deus mandar”	No contexto social do autor, convencionou-se o número de dois filhos como ideal	O aumento dos casais sem filhos ou com filho único sinaliza uma tendência pós-convencional	Da grande família ao casal sem filhos, admito miríades de possibilidades
Serenidade	Agitação interior e exterior ⁶¹⁵	Agitação interior e certo controle exterior ⁶¹⁶	Boa serenidade externa e pacificação interior ⁶¹⁷	Serenidade plena ⁶¹⁸
Sexualidade	Instintos reprodutivos	Instintos reprodutivos e busca de um clã	Integração do conceito de família assistencial	Integração e prática do conceito de família assistencial
Transcendência	Impositiva: “tem que acreditar” ⁶¹⁹	Emocional: crença fanática	Lógica: convicção racional	Transcendência vivenciada ⁶²⁰

Influências

Thomas Kuhn⁶²¹ afirmou que existem “períodos pré e pós-paradigmáticos” no âmbito da estrutura das revoluções científicas e apontou para um período de “ciência ordinária” e a possibilidade de uma fase “extraordinária”, jurisdição fértil para emersão de novos exemplares para solução de anomalias onde o sistema anterior encontrou seu limite. Em apertada síntese, alguns dados podem ser “filtrados ou limitados” por exemplares científicos que Kuhn assemelhou ao conceito de “paradigmas” que, posteriormente, seus intérpretes estenderam para contextos culturais e convencionalismos.

615 Componente atitudinal conhecido em termos populares como “rebelde sem causa” ou pela expressão *hay gobierno soy contra*.

616 Possui atitudes externas controladas e bem adaptadas, mas com interior carregado de emoções imaturas e conflitos de toda ordem.

617 O indivíduo compreende e inicia o processo em busca da serenidade madura, sem abafamento evolutivo ou boicotes estagnadores.

618 Pondero como hipótese a condição de permanência em estado sereno sem solução da continuidade. Os constantes avanços gerariam movimentos fluidos e proativos ao invés de crises de crescimento.

619 Sob ameaças físicas (tortura e morte na fogueira) ou psíquicas (eternidade no inferno etc.).

620 Possibilidade de várias interpretações sobre uma mesma vivência (vide capítulo 9, quadro 9.3).

621 KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. Perspectiva: 2010, p. 14.

Edgar Morin,⁶²² ao estruturar o conceito de “pensamento complexo”, apontou para a necessidade de sucessivos “macroconceitos” ou “meta-sistemas” para explicar o sistema precedente e suas interações, já que o inesperado, as novidades e as emergências das conexões estão em constante interação face ao sistema aberto existencial. Nesta mistura de ingredientes quantitativos e qualitativos, o termo *hierarquia* surge em inúmeros contextos, inclusive o existencial, e traz suas consequências morais e fenômenos sociais, bem como seus nervosos combatentes. Em suma, o assistencialismo linear não se sustenta em termos absolutos, mormente quando se opõe à *meritocracia*. Novamente, podemos abandonar o “isso versus aquilo” e adotar a integração: *todo e parte*,⁶²³ *maximecanismo e mini-peça*⁶²⁴ ou *isso e aquilo*.⁶²⁵

Na hipótese do leitor considerar indigestas as palavras *hierarquia* e *meritocracia*, basta a integração com outras virtudes que tudo parece fazer sentido. Teremos, então, a associação do mérito com a generosidade; da justiça com a compaixão; do individual com o coletivo; da liberdade com a responsabilidade e assim por diante. A obtenção deste equilíbrio é fundamental como profilaxia do individualismo exagerado e tendente ao culto narcísico, bem como das tiranias coletivistas, onde o indivíduo torna-se um *meio sacrificável pelo “todo” opressor*, raciocínio causador de tristes passagens históricas repletas de sofrimento. Inúmeros filmes hollywoodianos retrataram o lado patológico de cidadãos acrílicos “bem ajustados”⁶²⁶ ao modelo coletivo-convencional. Vejamos no Quadro 18.2 a seguir.

622 MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Editora Sulina: 2005, p. 47, 72.

623 Linguagem wilberiana.

624 Linguagem conscienciológica.

625 Linguagem escolhida por este autor.

626 Afinal, o que significa estar “bem ajustado” ao nacional socialismo (nazismo) ou posturas baseadas na exclusão pelo nível de melanina do cidadão (cotas ou qualquer segregação racial)?

Quadro 18.2 - Conexões entre a arte hollywoodiana e contextos etnocêntricos patológicos

Filme	Contexto
A Lista de Schindler (<i>Schindler's List</i>) ⁶²⁷ Vencedor de sete Oscar, incluindo melhor filme	No contexto da segunda guerra mundial e perseguição racial, a partir de 1943, Oscar Schindler toma atitudes contrárias ao modelo coletivista de seu partido Nacional Socialista e auxilia no salvamento de mais de mil vidas judias
O Artista ⁶²⁸ Dez indicações ao Oscar Oscar de melhor ator para Jean Dujardin	Nos anos entre 1927 a 1932, o personagem George Valentin enfrenta dificuldades na readaptação para o estágio do cinema falado, após a queda do até então convencional cinema mudo Analiso este filme pelo contexto e isolamento dos intérpretes considerados "mudos-decadentes" frente ao glamour dos "falantes-ascendentes"
O Menino do Pijama Listrado ⁶²⁹	Retrato dramático de uma amizade entre grades de duas crianças, no interior da Alemanha dos anos 40, durante o contexto da Segunda Guerra Mundial
O Poderoso Chefão ⁶³⁰ Vinte e oito indicações ao Oscar Vencedor de nove Oscar, incluindo melhor filme	Trilogia que narra a ascensão e queda da família Corleone, marcada pela visão etnocêntrica ligada as regras e tradições familiares, aos negócios escusos e ao poder

Na visão wilberiana, o binômio “transcendência-inclusão” é de vital importância para a superação da visão etnocêntrica predominante em, praticamente, todas as áreas, da política à religião, pois o todo não se sustenta sem as partes. Além disso, para aumentar a complexidade do assunto e diante do pressuposto de que somos Consciências poliédricas, com múltiplas características,⁶³¹ em diferenciados estágios ou níveis⁶³² evolutivos, listo outra série de posturas que considero desnecessárias e ainda existentes no planeta Terra, a fim de provocar reflexões e questionamentos de hábitos convencionais em diferentes sociedades.

627 Schindler's List. Universal Pictures, 1993.
628 The Artist. Warner Bros, 2011.
629 The Boy in the Striped Pyjamas. Miramax Films, 20008.
630 The Godfather. Paramount Pictures, 1972.
631 Linhas ou segundo elemento da Filosofia Integral (capítulo 8).
632 Níveis ou primeiro elemento da Filosofia Integral (capítulo 7).

Posturas com mutilações físicas:

- Adornos invasivos⁶³³
- Alargamento de orelhas⁶³⁴
- Alargamento dos lábios⁶³⁵
- Alongamento do pescoço⁶³⁶
- Atrofia “estética” de pés
- Circuncisão
- Infibulação
- Tatuagens⁶³⁷

Posturas com mutilações argumentativas ou falaciosas:

- Apelo à autoridade ou *magister dixit*⁶³⁸
- Apelo à causa diminuta⁶³⁹
- Apelo à consequência⁶⁴⁰
- Apelo a Deus⁶⁴¹
- Apelo à distorção dos fatos⁶⁴²
- Apelo à emoção⁶⁴³
- Apelo à ênfase indevida⁶⁴⁴
- Apelo à exceção⁶⁴⁵
- Apelo à falsa vitória ou bravata intimidadora⁶⁴⁶
- Apelo à força⁶⁴⁷
- Apelo à ignorância⁶⁴⁸

633 *Piercings*, brincos, espetos tribais, furos na língua etc.

634 Hábito social recente (ano base 2013).

635 Comuns entre os índios botocudos.

636 Costume adotado por tribos exóticas.

637 Destaque para a prática em adolescentes e até mesmo em crianças.

638 Recorrer à autoridade moral de alguém para validar o argumento. Exemplo: 1. Fulano disse.

639 Supervalorizar uma causa de um problema complexo.

640 Validar uma premissa por sua consequência. Ex.: “Deus quis assim”.

641 Associar fatos à vontade de Deus, suprimindo lacunas ou falta de explicações.

642 Adequar os fatos à conclusão desejada.

643 Utilizar argumentos emocionais manipuladores. Chantagem emocional.

644 Enfatizar uma face do problema, gerando insinuações ou focando demasiadamente na questão.

645 Tentar desqualificar a regra geral, apontando suas exceções.

646 Afirmar falsamente uma vitória argumentativa intimidadora.

647 Utilizar privilégios ou poder para a manipulação argumentativa. Ex.: “eu sou o chefe aqui”.

648 Combater o argumento pela inexistência (até o momento) de sua prova. Exemplo: se ninguém provou, não existe.

- Apelo à inversão do ônus da prova⁶⁴⁹
- Apelo à maioria⁶⁵⁰
- Apelo à misericórdia⁶⁵¹
- Apelo à novidade⁶⁵²
- Apelo à pobreza⁶⁵³
- Apelo à prolixidade ou *Argumentum verbosium*⁶⁵⁴
- Apelo à repetição⁶⁵⁵
- Apelo à riqueza⁶⁵⁶
- Apelo à técnica do “espantalho”⁶⁵⁷
- Apelo à temperança⁶⁵⁸
- Apelo à tradição⁶⁵⁹
- Apelo à vaidade⁶⁶⁰
- Apelo ao argumentador⁶⁶¹
- Apelo ao egocentrismo ideológico⁶⁶²
- Apelo ao lucro⁶⁶³
- Apelo ao preconceito⁶⁶⁴
- Apelo ao ridículo⁶⁶⁵

649 Atribuir ao oponente o ônus da prova. Exemplo: 1. Prova da inocência.

650 Condicionar a veracidade do argumento à maioria. Exemplos: 1. Dito popular “a voz do povo é a voz de Deus”. 2. Sangrentos regimes tirânicos com apoio popular majoritário.

651 Confundir compaixão e solidariedade com concordância.

652 Utilizar a falsa generalização que o novo é sempre melhor.

653 Vincular o acerto ou erro do argumento à condição de pobreza.

654 Dominar por verbosidade ou vencer pelo cansaço. Exemplos: 1. Verborragia. 2. Verborreia.

655 Convencimento pela saturação mental. Ex.: propaganda, técnicas de marketing.

656 Vincular o acerto ou erro do argumento à condição de prosperidade.

657 Atribuir ideias reprováveis ou fracas à proposição do oponente.

658 Recorrer ao “meio-termo”. Exemplos: 1. Dividir igualmente um bem não é o mesmo que dar a cada um o que é seu. 2. Na hipótese de uma pessoa afirmar que são duas horas e outra quatro, não significa que são três horas.

659 Utilizar a falsa generalização que o tradicional é sempre melhor.

660 Provocar a vaidade do oponente para vencê-lo. Exemplo: “com a sua cultura, você deveria...”.

661 Atacar o argumentador para derrubar seu argumento. *Argumentum ad hominem*.

662 Utilizar argumentos de forma tendenciosamente ideológica. Exemplo: 1. Comunismo é bom porque Trotsky disse.

663 Condicionar o sucesso material como justificativa para qualquer ato.

664 Associar valores morais a uma pessoa para derrubar seu argumento.

665 Ridicularizar o argumento sem confrontação lógica.

Posturas com mutilações político-ideológicas:

- Falácias atentatórias à liberdade de expressão⁶⁶⁶
- Falácias atentatórias à liberdade individual⁶⁶⁷
- Falácia da melhor profissão⁶⁶⁸
- Falácia do respeito religioso⁶⁶⁹
- Falácias ideológicas “em nome da classe social”⁶⁷⁰
- Falácias ideológicas etnocêntricas “em nome do clã”⁶⁷¹
- Falácias ideológicas “em nome do bem-estar social”⁶⁷²
- Falácias políticas “em nome do povo”⁶⁷³
- Falácias fundamentalistas “em nome de Deus”⁶⁷⁴
- Monopólios estatais (“cabides de empregos”)⁶⁷⁵
- Monopólios privados⁶⁷⁶
- Monopólios de economia mista⁶⁷⁷
- Padronização do indivíduo⁶⁷⁸
- Preconceitos etnocêntricos
- Condenação ao uso de preservativos⁶⁷⁹

666 Argumentar em prol da segurança nacional ou agressão a eventual direito para justificar a exclusão de outros legítimos direitos de seus indivíduos. Exemplos: sistema de concessões estatais de rádio e televisão; tentativa de restrições à internet pelos projetos de leis norte-americanos PIPA, SOPA e ACTA — “*Protect IP Act, Stop Online Piracy Act e Anti-Counterfeiting Trade Agreement*”. No Brasil tivemos a tentativa que julgo ditatorial do “marco civil da internet”, pelo governo petista (projeto de Lei do Poder Executivo n. 2.2126/2011).

667 Argumentar em prol da proteção econômica nacional para justificar a exclusão do direito de escolha de seus indivíduos ou sua espoliação. Exemplos: 1. Limite de U\$ 500,00 (ano base 2013) para compras no exterior. 2. Nível da carga tributária acima do razoável patamar de 10% (dez por cento).

668 Determinismo profissional pelos pais. Modalidade atentatória à liberdade individual, causada pela arrogância do pseudo saber e tratada isoladamente por sua importância.

669 Afirmção da veracidade de um argumento por “respeito” religioso.

670 Exemplos: 1) Marxismo; 2) Socialismo; 3) Comunismo.

671 Exemplos: preconceito racial (cotas raciais), classista (contra pobres ou ricos), familiar (nepotismo), nacionalista (patriotismos), desportivo (briga entre torcidas), ideológicos (ortodoxia), regionais (cidade, estado ou região).

672 Exemplos: 1) Estado de “bem-estar social”; 2) ideologias conhecidas como “coletivistas”.

673 Exemplos: ideologias conhecidas como “esquerda”.

674 Exemplos: presentes em algumas religiões, obviamente com honrosas exceções.

675 Exemplo: Petrobras, em águas fundas.

676 Exemplo: Extração de petróleo em águas rasas.

677 Exemplo: RFFSA — Rede Ferroviária Federal S.A. (estatizada pelo governo petista em 2007).

678 Exemplos: modismos, grifes ideológicas ou “politicamente correto”.

679 Postura preocupante mormente após o aumento epidêmico da “Aids”, em especial nas décadas de 80 e 90.

Posturas com mutilação existencial:

- Alcoolismo⁶⁸⁰
- Combates entre animais incentivados por humanos⁶⁸¹
- Combates entre homens e animais⁶⁸²
- Combates entre humanos⁶⁸³
- Caçadas esportivas⁶⁸⁴
- Consumo de drogas
- Culto à adrenalina⁶⁸⁵
- Diversões imaturas⁶⁸⁶
- Fervor fundamentalista⁶⁸⁷
- Festividades insalubres⁶⁸⁸
- Tabagismo⁶⁸⁹

Posturas com mutilação político-universalista, em defesa do:

- Clã⁶⁹⁰
- Classe social⁶⁹¹
- Ideologia tirânica⁶⁹²
- Nação⁶⁹³
- Preferência desportiva⁶⁹⁴
- Raça⁶⁹⁵
- Território⁶⁹⁶
- Planetário⁶⁹⁷

680 Modalidade por alcoolismo.

681 Indução à morte de animais. Exemplo: Briga de galos.

682 Exemplo: Touradas.

683 Exemplos: 1. Guerras. 2. Evento de lutas “Vale Tudo”.

684 Exemplo: Caça à raposa.

685 Colocar em risco a existência humana. Exemplos: 1. Esportes radicais. 2. Morte de Ayrton Sena.

686 Exemplo: Farra do boi.

687 Exemplos: 1. Inquisição católica. 2. Guerras santas. 3. Atentado de 11 de setembro contra as Torres Gêmeas.

688 Exemplos: 1. Festas rave. 2. Carnaval.

689 Modalidade suicida por tabagismo.

690 Exemplo: Expressão popular: “para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei”.

691 Exemplos: 1. Comunismo. 2. Elitismo. 3. Sindicalismo. 4. Marxismo.

692 Exemplos: 1. Coletivismo tirânico. 2. Ditadura da maioria. 3. Indivíduo opressor.

693 Exemplos: 1. Patriotismo exacerbado. 2. Xenofobia.

694 Exemplos: 1. Torcidas organizadas.

695 Preconceitos raciais. Exemplos: 1. *Apartheid*. 2. Processo seletivo baseado em cotas raciais (universidades). 3. Proibição ou arrocho do acesso por raça.

696 Exemplos: 1. Barreiras comerciais. 2. Barreiras tributárias. 3. Boicote econômico. 4. Mercosul (pelo prisma excludente). 5. União Europeia (pelo prisma excludente).

697 Exemplo: Filmes de ficção científica com estereótipos maléficos alienígenas.

Conclusão profilática

Incontáveis temas podem ser objeto de pesquisa por este método, mormente se o leitor mantiver em mente a magnitude dos conceitos estudados nos capítulos pretéritos. A classificação e localização do padrão social que parte do reconhecimento do que seja convencional traz a possibilidade concreta de comparação contextualizada do seu patamar evolutivo e oportuniza o desenvolvimento da autenticidade existencial para verificação de sua condição individual em relação à mesologia, além do norteammento evolutivo para estágios superiores.

A ideia principal está na busca da verdade e da postura “exemplarista”, que supera a mera crítica verbal, seguida da contextualização da situação avaliada e suas conexões com os demais cidadãos e estruturas. No campo da ovação ao exemplo pessoal, cabe-me relembrar a frase creditada a Mahatma Gandhi, reconhecido como um líder mundial que deixou o seguinte legado: *“seja a mudança que você deseja ver no mundo”*.

Compartilho com o indivíduo que teve a coragem e resistência para chegar até este momento da leitura, que a notável frase do líder indiano poderia ser o grande fechamento desta obra, embora mantenha distanciamento ideológico, no campo político, desta eminente personalidade.

Todavia, apesar de valorizar e priorizar o exemplo ao mero discurso vazio, se quisermos realmente compreender todas as nuances de nossa época e transcendê-las, julgo necessário a união de nossa intenção às habilidades do discernimento, da justiça, do reconhecimento meritório e da aceitação de nossa realidade existencial baseada em positiva diversidade e existencial desigualdade evolutiva.

Além de qualquer desejo igualitário, a diversidade trata-se de uma questão fática, ou seja, não temos os mesmos talentos, nem somos merecedores do mesmo quinhão dos bens da vida, por mais dolorida que seja tal informação para alguns. A boa notícia é que este fato não impede o exercício das virtudes da solidariedade e amabilidade, além da constatação que nossa força e resiliência às vicissitudes da vida residem justamente em nossas diferenças, motivo pelo qual exclamo: viva nossa exitosa pluralidade!

Assim sendo, outorgo-me licença para a ousadia de complementar a elogiada e reconhecida postura ética fincada no exemplo pessoal, para agregar a não menos prestigiada lucidez sobre o que seja altruísmo, justiça e liberdade.

Somente assim, teremos capacidade para considerar e compreender os diversos níveis de consciência,⁶⁹⁸ com sua consequente necessidade de conservação de todas as estruturas;⁶⁹⁹ as linhas e capacidades personalíssimas;⁷⁰⁰ os diferentes estados incomuns;⁷⁰¹ as tipologias específicas⁷⁰² e finalmente a devida contextualização assistencial e suas diferentes perspectivas e jurisdições,⁷⁰³ donde o social não exclua o individual e vice-versa, o público não domine o privado, o grande “nós” não seja a desculpa para eliminar o isolado “eu”.

Finalmente, veremos o triunfo da epopeia existencial sobre a ignorância, através da prestimosa compreensão de nossa legítima área de atuação e que cada indivíduo possua o direito de atuar em seu território personalíssimo, mas também o dever de respeitar os sítios compartilhados, numa épica delimitação de jurisdições para, ao final, preservarem-se, transcendem-se e interpenetrem-se por visíveis e invisíveis conexões.

698 Compreensão do “Grande Ninho do Ser” e seus patamares hierárquicos e evolutivos.

699 Preservação de todas as estruturas do “Grande Ninho”, incluindo-as e conservando-as para a harmonia e a própria manutenção do todo e suas partes integrantes, ao invés de revoluções e patologias meramente destrutivas.

700 Onde o esforço, o mérito, a vocação e outras questões individuais emergem.

701 Compreensão da riqueza e infinitas possibilidades do psiquismo ao parapsiquismo consciencial, ainda carente de muita pesquisa e aprofundamento científico.

702 De onde podemos afirmar que nossas diferenças, além de qualitativas, são também quantitativas.

703 Territórios específicos dos “três grandes” e dos “quatro quadrantes”, onde “eu, nós e isso” possam conviver em diálogo conectivo e sem a inoportuna dominação tirânica.

ÍNDICE DETALHADO

Introdução	O problema da ambivalência	19
Isso <i>versus</i> aquilo	O que é Consciência?	20
	A Conscienciologia	22
	A Filosofia Integral	23
	Os propositores	25
	Linguagens e bissociações	26
	A jurisdição religiosa	28
	A jornada do autor	29
	Beba na fonte	31

PRIMEIRO BLOCO: CONCEITOS PRELIMINARES

Cosmos e Kosmos	Qual o alcance do conceito cosmos?	35
	$E = m.c^2$	36
	Escola pitagórica (século IV a.C)	37
	Cosmologia ou “Kosmologia”?	39
Hólon e holarquia	Os conceitos-chave	42
	Individualidade e coletividade	43
	Autotranscendência e autoimania	45
	Emersão criativa	46
	Conexões hierárquicas	47
	O que está em cima está embaixo?	49
	Epifania mateológica	50
O método da Ciência clássica, na Filosofia Integral e na Conscienciologia	Método científico clássico	53
	• Navalha de Ockham	56
	• Indução e dedução	58
	Método integrativo wilberiano	59
	• Primeira etapa: recuo ao abstrato	60
	• Segunda etapa: incorporação sistêmica	61
	• Terceira etapa: teoria crítica	62
	Método conscienciológico	62
	Posicionamento pessoal	64
Paradigmas materialista, consciencial e integral	Limites paradigmáticos e interpretação kuhniana	65
	Desgaste ou desvirtuamento do exemplar newtoniano-cartesiano?	68
	Um ponto de contato	70
	Darwin: a nota dissonante?	70
	Casuísticas cartesianas, newtonianas e darwinianas	72
	Paradigmas: materialista, consciencial e integral	74

Os três olhos do pluralismo epistemológico integral	O que é “isso”? Como conheço “isso”?	78
	Os três olhos do conhecimento de São Boaventura	79
	Do passado ao moderno método científico	80
	John Locke, Thomas Kuhn e Karl Popper	81
	Epifania wilberiana	82
	O olho “abelhudo” da razão	86
	Os erros de categoria	87
	Bissociação integral-conscienciológica	89
	Conclusões	91

SEGUNDO BLOCO: ELEMENTOS DA FILOSOFIA INTEGRAL

Primeiro elemento: níveis	A Filosofia Perene	98
	O Grande Ninho do Ser	99
	Impacto da modernidade	103
	Grande Ninho e os três olhos	104
	Como percorrer o caminho?	105
	Patologias “ascendentes”	106
	Reação “descendente”	107
	Solução integrativa	110
	Falácia pré-trans	115
Segundo elemento: linhas	Espiras do desenvolvimento	120
	Conexões entre níveis e linhas	121
	Conexões entre níveis, linhas e contextos	125
	A linha de valores de Graves	126
	As cores dos conflitos	140
	Processo 1-2-3	143
	Gerações e contextos	145
Terceiro elemento: estados	Estados naturais de consciência	148
	Estados incomuns (ou alterados) de consciência	149
	Matriz Wilber-Combs	151
	A visão conscienciológica	154
Quarto elemento: tipos	Carol Gilligan: masculino e feminino	158
	Patologia e saúde dos gêneros	159
	Outras tipologias	161
Quinto elem: quadrantes	Como conectar tudo?	166
	Como vivenciar os quadrantes?	167
	Os três grandes	171
	A maravilha da diferenciação dos três grandes	173
	O desastre da dissociação dos três grandes	175
	Absolutismo político-ideológico de quadrante	178
	Os elementos integrais nos quadrantes	183
	As conexões entre os quadrantes	188

TERCEIRO BLOCO: POSTULADOS DA CONSCIENCIOLOGIA

Multidimensionalidade e multiexistencialidade	Dimensões da Conscienciologia	194
	Imortalidade da Consciência	196
	Multiexistencialidade	198
	As ferramentas vivenciais	199
Holossomaticidade e pensenidade	O protagonista	201
	Os quatro veículos	202
	Onde entram os chacras?	205
	As ferramentas vivenciais	213
	As três dessomas	214
	Posso pensar em quarta dessoma?	215
	Pensenidade	216
Projetabilidade e bionergeticidade	Conceito	220
	Classificações	221
	A resistência científica	221
	Histórico da bioenergia	225
	Bioenergeticidade	227
	Energia imanente e energia consciencial	228
Assistencialidade, cosmoeticidade, maxifraternidade e universalidade	Assistencialidade	232
	Cosmoeticidade	236
	Maxifraternidade	241
	Universalidade	242

QUARTO BLOCO: EPIFANIAS

Sou, logo existo	Nos ombros de gigantes	249
	Cartesius versus Cartesius	251
	Anatomia gramatical	252
	Conexão entre pensamento e existência	253
	Confronto com a Filosofia Integral	254
	Confronto com a Conscienciologia	255
	Confronto com a lógica	257
	Confronto com a teoria dos sete corpos	257
	Confronto com a ciência clássica	259
	Emergência reflexiva	261
A quarta “dessoma”	As três dessomas	267
	Crença, convicção e ciência	268
	Quarta dessoma	270
	Mateologia	270
	Impacto na representação do mentalsoma	272

O autor modela a obra ou vice-versa?	Wilber I – romântico	276
	Wilber II – evolucionista linear	277
	Wilber III – evolucionista não-linear	278
	Wilber IV – fase integral	278
	Wilber V – perspectivas	279
	Waldo I – espírita	279
	Waldo II – conscienciólogo	279
	Tom Martins I – eclético	280
	Tom Martins II – hermético	281
	Tom Martins III - integrativo	281
	Tom Martins IV – autônomo	282

POSFÁCIO: TEORIA E PRÁTICA

Estágios do desenvolvimento moral	Conceito e contextualização	286
	Origem do modelo	287
	Enfrentamento pragmático	289
	Influências	291
	Conclusão profilática	298



TON MARTINS

Wellington Martins Junior nasceu em 1966, num Brasil envolto em turbulências políticas. Graduou-se em Direito em 1988, ano da promulgação da “Constituição Cidadã”, da qual é crítico mordaz.

Manteve estudos sobre Justiça, Psicologia, Psicanálise, Conscienciologia, Filosofia Integral, Racionalismo Cristão, Espiral Evolutiva, Espiritismo Cristão e diversas perspectivas transcendentais ao materialismo.

Como ativista, acentuadamente nos anos de 2015 e 2016, apadrinhou movimentos contra a tirania sistêmica instalada nas instituições brasileiras.

Em 2017, retomou sua vocação acadêmica e, em 2020, concluiu sua formação em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. No mesmo ano, intensificou seus estudos sobre as grandes perspectivas políticas, além de ter aprofundado sua pesquisa sobre o eixo materialismo-espiritualismo e sobre a retórica em torno da suposta igualdade meritória em detrimento da ética e do talento.

Adentrou em 2022 envolvido com a criação de texto constitucional com notáveis juristas e preciosos amigos, com quem construiu um histórico de irmandade e confiança, resultando na publicação da obra “A Libertadora: uma constituição para o Brasil”.



Conexões:

perspectivas transcendentas comparadas

Eis aqui um relato franco confessional e poderoso, no qual o leitor encontrará novos horizontes para desconcertantes contemplações capazes de auxiliá-lo na expansão – ou resignificação – de posicionamentos personalíssimos.

Entre o “bom”, o “belo” e o “verdadeiro”, esta obra pretende demonstrar que podemos ficar com tudo, em uma efusiva integração de vertentes científicas, espirituais e filosóficas.

Munido de coragem e fôlego, quem ousar navegar por estas linhas será recompensado com o descortinar de níveis sutis e inclusivos. Se o leitor deseja reflexões impactantes pelas diferentes vias da veracidade subjetiva, da justiça coletiva, da verdade objetiva e seu ajuste funcional através de redes e teorias de sistemas, deve ler este livro.

Boa jornada!

Ton Martins